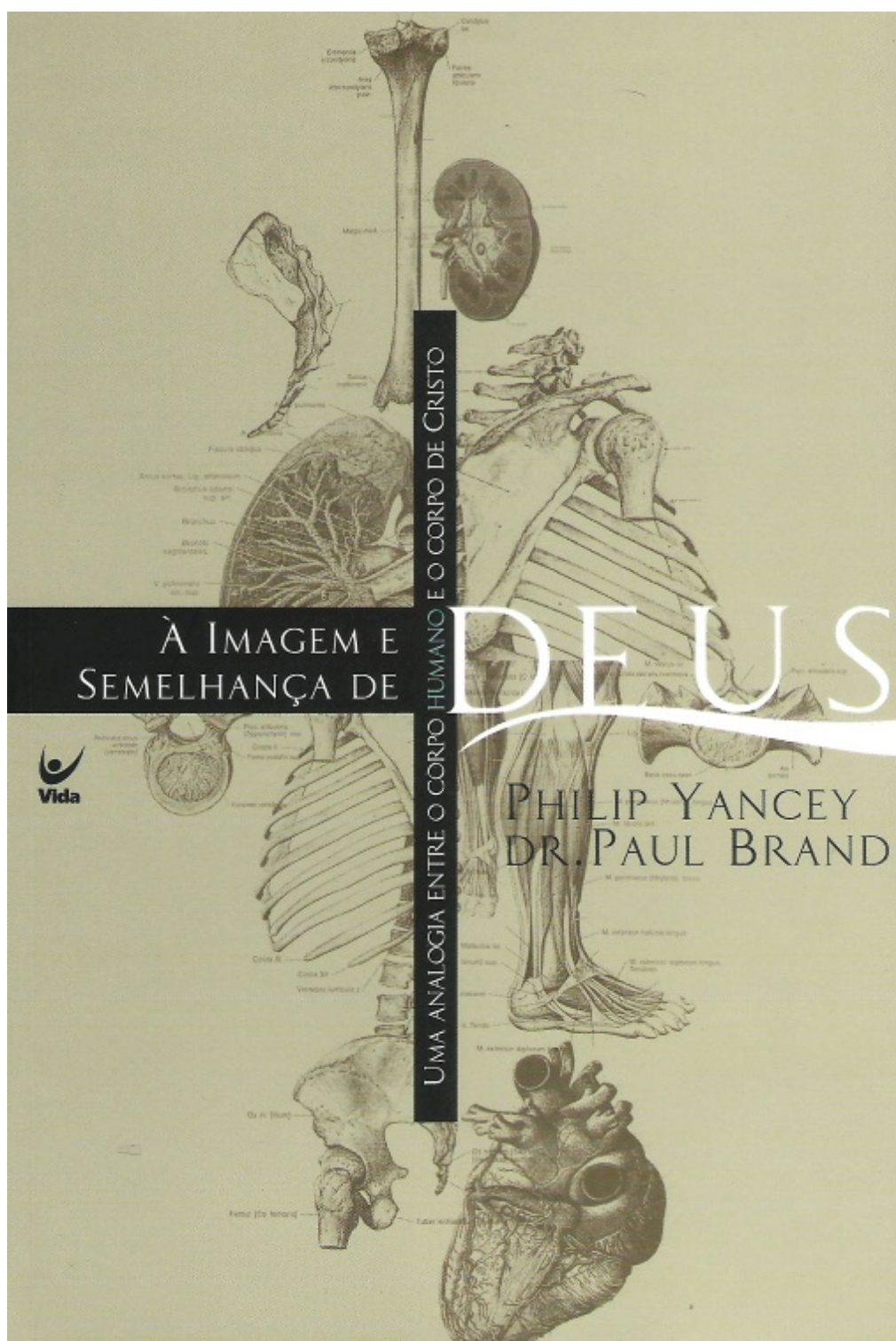




Digitalizado por valadaobatistoni

www.portaldetonando.com.br/forumnovo/





EDITORA DO GRUPO
ZONDERVAN
HARPERCOLLINS

(c) 1984, e Paul Brand e Philip Yancey

Título do original - *In his image*

edição publicada pela ZONDERVAN PUBLISHING HOUSE, (Grand Rapids, Michigan, EUA)

Filiada a

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDITORES CRISTÃOS
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE LIVRARIAS
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE LIVRARIAS EVANGÉLICAS

EDITORA VIDA

Rua Júlio de Castilhos, 280 Belenzinho
CEP 03059-000 São Paulo, SP
Tel.: 0xx 11 6618 7000 Fax: 0 xx 11 6618 7050
www.editoravida.com.br

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Nova Versão Internacional* (NVI), ©2001, publicada por Editora Vida, salvo indicação em contrário.

Coordenação editorial: Fabiani Medeiros

Edição: Gibson James

Revisão: Jefferson Rodrigues

Capa: Marcelo Moscheta

Diagramação: Efanet Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Yancey, Philip

À imagem e semelhança de Deus: uma analogia entre o corpo humano e o corpo de Cristo / Philip Yancey, Paul Brand;
tradução: James Monteiro dos Reis — São Paulo : Editora Vida, 2003.

Título original: In his image

ISBN 85-7367-7034

1. Corpo humano - aspectos religiosos - Cristianismo 2. Igreja 3. Jesus Cristo - Corpo místico I. Brand, Paul W.. II. Título.
III. Título: Uma analogia entre o corpo humano e o corpo de Cristo.

03-2707

CDD 262.77

Índice para catálogo sistemático:

1. Corpo humano e corpo de Cristo : Analogia: Religião: Cristianismo 262.77

Agradecimentos

GILBERT KEITH CHESTERTON¹ certa vez dedicou um de seus livros a sua secretária, "sem cuja ajuda este livro teria sido publicado de cabeça para baixo". Nosso editor provavelmente acharia um jeito de publicá-lo corretamente, apesar das condições do nosso manuscrito; mas temos certeza de que o resultado ficaria prejudicado, não fossem as contribuições de algumas pessoas. Os doutores Christopher Fung e Kenneth Phillips revisaram os detalhes médicos, e John Skillen, Tim Stafford e Harold Fickett deram sugestões editoriais imensamente úteis. A digitadora Harriet Long organizou os rascunhos irremediavelmente bagunçados do livro. E nossa editora na Zondervan, Judith Markham, exerceu sua função de forma primorosa, como sempre, ao nos guiar por todo o processo de harmonização. Somos gratos a todos.

¹ Escritor inglês (1874-1936). De estilo satírico, atacou o racionalismo, o cientificismo, o imperialismo, os revolucionários etc. É autor de *Histórias do padre Brown*. (N. do E.)

Sumário

Conteúdo

Agradecimentos.....	3
Prefácio.....	5
Primeira parte:	
Imagem.....	8
1 Semelhança.....	8
2 Espelhos.....	11
3 Restauração.....	16
Segunda parte	
Sangue.....	22
4 Poder.....	22
5 Vida.....	27
6 Purificação.....	31
7 Superação.....	35
8 Transfusão.....	42
Terceira Parte	
Cabeça.....	46
9 Caminhos.....	46
10 A fonte.....	52
11 Confinamento.....	57
12 A saída.....	61
13 A entrada.....	66
Quarta parte	
Espírito.....	71
14 Respiração.....	71
15 Entrosamento.....	77
16 Mediador.....	80
17 Escutando.....	85
18 O motivador.....	90
19 Proteção.....	95
20 Conexão.....	99
21 Adaptações.....	105
22 Dor crônica.....	111
23 Dor de Deus.....	115

Prefácio

A menos que toda a existência seja um meio de revelação, nenhuma revelação em particular será possível.

WILLIAM TEMPLE

QUANDO *AS MARAVILHAS DO CORPO* [*Fearfully & Wonderfully Made*] foi publicado nos Estados Unidos, em 1980, o dr. Brand e eu, assim como nosso editor, esperávamos os resultados com algum receio. Era um livro difícil de descrever e apresentar e, como existem pouquíssimos livros de analogia, não podíamos prever a reação do público.

Enquanto eu o escrevia, tive a sensação de estar trabalhando ao mesmo tempo em três livros distintos. Eu queria captar a essência da vida do dr. Brand e contar biograficamente algumas de suas notáveis experiências na Índia e na Inglaterra. Além disso, também esperava transmitir uma valorização do corpo humano, apresentando fatos médicos de modo atraente. E é claro que a essência do livro residia em um terceiro tipo de abordagem: um apelo espiritual extraído da analogia, que às vezes exprimia admiração ou glorificação e outras vezes, um desafio profético.

Em cada capítulo, em quase todas as páginas, esforcei-me por manter esses três tipos de abordagem em harmonia, mas muitas vezes tinha a impressão de que cada um estava crescendo desproporcionalmente; então eu lutava para transformá-los em um. Insisti porque reconhecia que o dr. Brand oferecia uma combinação singular de talentos. Mesmo depois de quarenta anos praticando a medicina, ele ainda conserva um entusiasmo infantil pela grandeza do corpo humano. Em duas décadas de trabalhos missionários na Índia, ele ganhou novas e profundas percepções sobre a verdade cristã. Ao longo do caminho, experimentou situações e contatos com pacientes que foram mais dramáticos e pungentes que qualquer um que eu tenha experimentado.

Este *A imagem e semelhança de Deus* dá continuidade à abordagem iniciada em *As maravilhas do corpo*. Não se trata de uma seqüência no sentido estrito da palavra, pois tínhamos ambos os livros em mente desde o começo. Enquanto aquele enfatizava as células individualmente e seus diferentes papéis no corpo, este se concentra nos vínculos, nas forças que unem e guiam o corpo e no envolvimento do próprio Deus.

Começamos cada seção com uma visão geral de como o corpo humano funciona. Desde que Sófocles² declarou que o corpo humano é a mais assombrosa de todas as maravilhas do mundo, alguns milhares de anos de descobertas científicas apenas serviram para ressaltar suas palavras. O corpo humano é muito mais maravilhoso do que Sófocles poderia imaginar.

Acreditamos que estudar o corpo humano, empreendimento digno de mérito por si só, produz uma gratificação inesperada. Traz luz a uma metáfora usada por mais de trinta vezes no Novo Testamento: o corpo de Cristo. Os cristãos são comparados a membros individuais de um corpo universal, no qual Jesus Cristo é o cabeça. E claro que não queremos dizer que Deus tenha criado as células do corpo humano com um objetivo espiritual ou que os fatos biológicos espelhem de forma precisa a verdade espiritual. Mas certamente existe uma semelhança entre o corpo humano e o corpo espiritual, semelhança que provém de uma mesma autoria.

Um grande artista pode utilizar vários meios de expressão, mas acharemos em todos os seus trabalhos a mesma temática, estilo, conteúdo e abordagem. Logo, não nos devemos surpreender com o fato de o Artista Supremo ter deixado sua assinatura de várias formas. Se você observar com um telescópio galáxias, estrelas e planetas e depois observar com um poderoso microscópio as minúsculas moléculas, os átomos e os elétrons, notará uma similaridade inconfundível em suas estruturas e padrões. O mesmo Criador projetou ambos os níveis de realidade. Logo, da mesma forma, o mesmo Criador desenhou o corpo humano e então inspirou os autores do Novo Testamento a procurar um modelo de verdade espiritual em sua estrutura. .

A palavra *símbolo* vem de duas palavras gregas que significam "lançar através". Neste livro, tentamos

² Poeta trágico grego (Colona, perto de Atenas, entre 496 e 494 a.C.-Atenas, 406 a.C.). Autor de *Antígona*, *Edipo rei*, *Electra*, entre outras. (N. do E.)

criar uma ponte entre um mundo visível e natural e um mundo invisível e espiritual. Se formos longe demais e abusarmos da simbologia além do tolerável, perdoe-nos. Não temos a intenção de estabelecer nova teologia; em vez disso, esperamos esclarecer a que conhecemos por meio de uma analogia com o corpo humano.

Até o fim do século XVIII, a ciência era vista como uma busca direta por Deus. Quando Copérnico, Kepler, Galileu e Newton³ fizeram suas descobertas, acreditavam que elas também instruíam a humanidade sobre Deus. Acreditavam que o mundo criado revelava a natureza de Deus; mas já não existem muitas pessoas que abordem a ciência dessa maneira. Esperamos que este livro permaneça como uma exceção. William Blake⁴ disse bem: "Se as portas da percepção estiverem desobstruídas, tudo parecerá ao homem como é: infinito".

PHILIP YANCEY **MINHA PARCERIA COM PHILIP YANCEY** resultou em dois livros muito diferentes do que eu poderia ter escrito sozinho. Os conceitos originais e a maioria das histórias vieram de minhas experiências como cirurgião e biólogo. Começaram a tomar forma na Índia, enquanto eu tentava ajudar meus alunos, futuros médicos, a integrar sua fé cristã aos novos conhecimentos da medicina e enriquecê-la com tais conteúdos. Esses ensinamentos, primeiramente entregues na forma de mensagens, na capela da Christian Medical College [Faculdade Cristã de Medicina], em Vellore, ficaram na gaveta durante anos. Enfim, senti que havia chegado o momento de dividir essas idéias com um público maior, e foi nesse instante que Philip e eu nos reunimos.

Eu tinha esperanças de que Philip usasse suas habilidades de escritor para transformar meu material em algo mais legível do que eu poderia escrever sozinho. Ele fez isso. Mas também fez muito mais. Muito antes de nos conhecermos, Philip já pensava e escrevia acerca da dor, do sofrimento e do impacto dessas experiências nas pessoas e na fé delas. Agora, munido com minhas anotações e gravações de nossas conversas, ele se lançou a uma pesquisa mais detalhada em trabalhos de outros autores, sobre a anatomia do corpo e sobre o funcionamento das células. Quando começou a escrever, era então um especialista em muitos aspectos da biologia e da teologia.

Rapidamente o material se tornou não o "meu" livro, mas o nosso livro. Ele poliu e aprimorou alguns de meus toscos conceitos e contestou outros. Quando os primeiros rascunhos chegaram a minha mesa, percebi que tinha de parar e considerar idéias no campo da biologia e das interpretações da teologia cristã que não tinham de modo algum partido de mim. O material começou a se encaixar como um óbvio aprimoramento do que eu havia inicialmente expressado. Algumas idéias eram absolutamente novas para mim, o que nos levou a novos e mais profundos debates e, portanto, a uma reelaboração. Nós dois crescemos com essa experiência dinâmica e criativa.

Philip insistiu em que, por coerência, os livros fossem escritos em primeira pessoa do singular ("eu") em vez do "nós" de uma autoria conjunta. Por isso, todas as idéias são vistas a partir da minha perspectiva como médico nessa parceria. Porém, incomodou-me o fato de a maioria dos leitores de *As maravilhas do corpo* que me escreveram ter presumido que todas as idéias eram minhas, e que Philip as havia apenas registrado em um estilo legível. Nada está mais longe da verdade. Algumas composições são minhas, genuínas e sem nenhuma alteração. Outras são correções e novas elaborações dele em relação ao que eu escrevera. Mas algumas são inteiramente oriundas dos estudos e interpretações de Philip. Existem até algumas passagens nas quais invertemos os papéis e eu revisei seus textos.

Neste prefácio, Philip já escreveu sobre a dificuldade de harmonizar três tipos de livros. O processo também incluiu misturar dois autores diferentes. Ainda utilizamos o formato "eu", como se o livro fosse só meu, mas na prática trata-se de uma verdadeira co-autoria. Além disso, nós dois sentíamos cada vez mais que não estávamos sozinhos. Este livro foi escrito para a glória de Deus; e o Espírito Santo, o Deus intermediário, juntou-se ao processo. Que o mesmo Espírito Santo seja seu conselheiro enquanto você ler este livro, para que assim as palavras se tornem vivas e falem com você; não como minha voz ou a de Philip,

³ Inseridos no humanismo dos séculos XIV a XVI, o racionalismo e a preocupação com o homem e com a natureza estimularam a pesquisa científica. Johannes Kepler, astrônomo alemão (1571-1630) e criador do telescópio, descobriu que as órbitas não eram circulares, mas, sim, elípticas; Nicolau Copérnico, astrônomo polonês (1473-1543), foi responsável pela descrição do sistema heliocêntrico, afirmando que a Terra se move em torno do Sol; Galileu Galilei, físico, matemático e astrônomo italiano (1564-1642), foi responsável pela fundamentação científica da Teoria Heliocêntrica de Copérnico e da sistematização da mecânica como ciência; Isaac Newton, matemático e físico inglês (1642-1727), é o formulador da Lei da Gravidade. (N. do E.)

⁴ Poeta inglês (1757-1827), autor de *Cantos* e *inocência* (1789), marco inicial da literatura romântica. (N. do E.)

mas como a voz dos membros do corpo de Cristo, sob o controle do Cabeça.

DR. PAUL BRAND

À imagem e semelhança de Deus

*Inúmeras são as maravilhas do mundo,
mas nenhuma, nenhuma é mais
incrível que o corpo do homem.*

SÓFOCLES

*Para ser naturalista, o homem não pode se dispor
a olhar para a natureza diretamente,
mas apenas com o canto dos olhos.
Ele deve olhar através e além dela.*

HENRY DAVID THOREAU

Primeira parte: Imagem

1 Semelhança

*Que obra de arte é o homem! Tão nobre no raciocínio!
Tão diversificado em suas capacidades! Tão preciso e admirável
em sua forma e movimento! Na ação é como um anjo;
no entendimento, como um deus!*

WILLIAM SHAKESPEARE

*O homem não é um balão subindo ao céu nem uma toupeira
que apenas escava a terra; mas, sim, algo como uma árvore,
cujas raízes são alimentadas pela terra, enquanto seus galhos
mais altos parecem crescer quase até as estrelas.*

G. K. CHESTERTON

O que é de fato a Terra senão um ninho de cuja beirada estamos todos caindo?

EMILY DICKINSON

As CORTINAS OCULTAVAM meu grupo de dez internos e estudantes de medicina, separando-os do resto dos quarenta leitos da enfermaria. Externamente, o Hospital da Faculdade Cristã de Medicina [Christian Medical College Hospital], em Vellore, lembrava uma moderna instalação ocidental, mas por dentro era completamente indiano. Do outro lado de nossa cortina, o ambiente fervilhava: parentes de pacientes trazendo comida caseira e enfermeiras enxotando os abutres que vinham atrás, bem como os corvos e, vez por outra, um macaco.

Entretanto, nós que estávamos do lado de dentro da cortina prestávamos total atenção ao novo jovem colega que apresentava seu diagnóstico. Ele estava semi-ajoelhado, a postura que eu havia ensinado, com a mão quente estendida sob o lençol e repousando no abdome nu da paciente. Enquanto seus dedos procuravam delicadamente sintomas de dor, ele dava continuidade a uma linha de investigação que o levava a ponderar entre a possibilidade de apendicite e uma infecção no ovário.

De repente, algo chamou minha atenção — um leve estremecimento no rosto do médico residente. Seria a sobrancelha se arqueando? Uma vaga lembrança surgiu em minha mente, mas algo que eu não conseguia recordar completamente. Suas perguntas estavam levando-o a uma área delicada, especialmente para a discreta sociedade indiana. Já teria a mulher sido exposta a uma infecção venérea? Os músculos faciais do médico residente se contraíram numa expressão que combinava comiseração, curiosidade e uma cordialidade encantadora, quando ele olhou diretamente para o rosto da paciente e lhe fez as perguntas. Seu próprio semblante persuadiu a mulher a relaxar, resistir ao constrangimento e dizer a verdade.

Nesse momento, minha memória estalou. É claro! A sobrancelha esquerda arqueada para cima com a direita puxada para baixo, o sorriso irônico e envolvente, a cabeça inclinada para um lado, os olhos cintilantes — eram claramente as características de meu antigo cirurgião-chefe em [Londres](#), o professor Robin Pilcher. Puxei o fôlego e soltei uma exclamação. Os estudantes levantaram a cabeça, assustados com minha reação. Não pude evitar: parecia que o residente tinha estudado a fisionomia do professor Pilcher para uma apresentação e agora a tirava de seu repertório para me impressionar.

Respondendo aos olhares de indagação, eu me expliquei: "Essa é a fisionomia de meu antigo chefe! Que coincidência — você tem *exatamente* a mesma expressão, ainda que nunca tenha ido à Inglaterra, e Pilcher certamente nunca visitou a Índia".

De início, os estudantes me olharam com um silêncio confuso. Até que, por fim, dois ou três deles

começaram a rir. "Nós não conhecemos nenhum professor Pilcher", disse um deles, "mas, dr. Brand, era a *sua* expressão que ele estava fazendo".

Mais tarde naquela noite, sozinho em meu escritório, eu recordava os meus dias sob o comando de Pilcher. Eu pensava que estava aprendendo com ele técnicas cirúrgicas e procedimentos de diagnóstico. Mas ele também me passou seus instintos, suas expressões e seu sorriso, que então seriam passados de geração em geração, numa inquebrável corrente humana. Era um sorriso amável, perfeito para romper as trevas da timidez e estimular a sinceridade de um paciente. Que livro ou programa de computador poderia ter representado as expressões faciais necessárias naquele exato momento atrás das cortinas? Agora eu, um aluno de Pilcher, tinha me tornado um elo da corrente, um portador de sua sabedoria para estudantes que estavam a cerca de 15 mil quilômetros de distância dele. O médico indiano, jovem e de pele morena, falando tâmil,⁵ partilhava algumas semelhanças óbvias com Pilcher ou comigo. Ainda assim, de alguma forma, ele transmitiu a imagem de meu antigo chefe com tanto primor, que me levou prontamente de volta aos tempos da universidade. A lembrança me deu uma percepção cristalina do conceito de "imagem".

A PALAVRA *IMAGEM* É HOJE conhecida de todos nós, mas o significado se perdeu de tal forma que agora significa praticamente o oposto do significado original, "semelhança". Hoje, um político contrata um consultor de imagem, um candidato a emprego se veste para ter uma boa imagem, uma empresa procura a imagem certa. Em todos esses casos, o termo "imagem" significa a ilusão de algo que aparenta ser, em lugar da essência do que realmente é.⁶

Neste livro intitulado *A imagem e semelhança de Deus* eu quero reforçar o significado original de imagem como uma semelhança exata, e não uma ilusão enganadora. Devemos voltar ao conceito de semelhança para compreender a "imagem de Deus" que temos intenção de transmitir. Relances daquele significado ainda permanecem.

Por exemplo, quando observo uma célula nervosa por meio de um microscópio eletrônico, estou estudando a imagem do neurônio. Estou olhando não para o neurônio em si — seu tamanho ínfimo impede que se faça isso —, mas para uma imagem reorganizada que o reproduz fielmente para meus olhos. Nesse caso a imagem aumenta, em vez de distorcer a essência da célula.

Da mesma forma, os fotógrafos usam a palavra *imagem* para descrever seu produto final. A imagem de um bosque de sequóias achatado em um pequeno retângulo preto e branco certamente não expressa perfeitamente o original, mas, quando elaborada por um mestre como Ansel Adams,⁷ pode transmitir a essência do original com grande eficácia.

Ou então imagine um punhado de quatro quilos de protoplasma se contorcendo esporadicamente em um cobertor. O pai do bebê pesa quinze vezes mais, tem uma quantidade muito maior de aptidões e personalidade. Ainda assim, a mãe diz orgulhosamente que o bebê é "a cara" do pai. Um visitante olha de perto. Sim, existe uma semelhança evidente agora por uma covinha, narinas levemente alargadas, um lóbulo peculiar da orelha. Em pouco tempo a maneira de falar, as atitudes e centenas de outras características lembrarão o pai de forma inconfundível.

Tais usos do termo "imagem", relativos ao microscópio, à fotografia e aos filhos possuem significado similar ao da "imagem" do professor Pilcher que inconscientemente passei a muitos estudantes indianos. Todas são imagens verdadeiras, uma representação de um objeto expressa de forma visível por intermédio de outro. E todas esclarecem a grande e misteriosa frase bíblica: *à imagem de Deus*. Essa frase aparece bem no primeiro capítulo do Gênesis, e seu autor parece gaguejar de tão agitado, afirmando duas vezes um conceito que tinha acabado de mencionar no versículo anterior: "Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou" (1.27). A imagem de Deus — o primeiro homem na terra a recebeu, e de alguma forma distorcida cada um de nós possui essa qualidade "maravilhosamente estranha".

⁵ Língua dravídica falada por cerca de quarenta milhões de pessoas na Índia (estado de Tamil Nadu), três milhões em Sri Lanka, bem como por comunidades de emigrantes (sudeste asiático, África do Sul, oceano Índico e Antilhas). Dados da década de 1990, Grande Enciclopédia Larousse Cultural. (N. do E.)

⁶ Um exemplo da mudança no significado: agências de publicidade se reúnem diariamente e debatem sobre a reposição da "imagem" dos produtos de seus clientes. Vinte anos atrás, uma marca de cigarro com o nome bastante elegante de Marlborough estava passando por uma queda em suas vendas; os homens evitavam a marca por causa de sua imagem feminina. Uma enorme campanha de publicidade reformulou a imagem do cigarro, mudando a pronúncia da marca e criando "O homem de Marlboro". Agora, evoca-se a imagem de um vaqueiro rude, sozinho no campo, acendendo um cigarro durante um providencial descanso de suas ocupações diárias. A realidade básica não mudou: o mesmo e velho cigarro. Apenas a ilusão — a imagem — do cigarro mudou. Em razão disso, Marlboro se tornou a marca mais vendida nos Estados Unidos.

⁷ Fotógrafo americano (1902-1984). Co-fundador do grupo F-64 (1932) com Edward Weston. (N. do E.)

Quantos seres humanos podem expressar a imagem de Deus? Certamente não nos podemos parecer com ele, partilhando traços fisionômicos característicos como sobrelance ou lóbulo da orelha, pois Deus é um espírito invisível. Filósofos e teólogos têm especulado bastante sobre tudo que pode estar incluído no mistério dessa única frase. Previsivelmente, eles tendem a projetar em suas definições as principais preocupações de sua época. A era do Iluminismo nos assegura que a imagem de Deus é a capacidade de raciocinar, os pietistas a identificam com a capacidade espiritual, os vitorianos afirmam que se trata da capacidade de fazer julgamentos morais e os pensadores renascentistas situam a imagem de Deus na criatividade artística. E em nossa própria época, dominada pela psicologia? O que mais ela poderia ser, fazem questão de sabermos, senão a capacidade de nos relacionar com outras pessoas e com Deus?

Visto que até teólogos profissionais falharam em chegar a um consenso ao longo dos séculos, não tentarei apresentar uma definição completa, dizendo que a imagem de Deus é *isso* ou *aquilo*. Mas, como todos concordam que ela se refere exclusivamente ao gênero humano entre todas as criações de Deus, a frase merece alguns momentos de reflexão.

Na narrativa do Gênesis, o conceito de "imagem de Deus" aparece na consumação de toda a criação. A cada estágio do progresso, o Gênesis registra meticulosamente que Deus olha para sua criação e diz que ela é "boa". Mas ainda falta uma criatura que contenha a própria imagem de Deus. E é somente após toda essa preparação que Deus anuncia o ápice da vida na terra:

Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão (1.26).

Entre todas as criaturas de Deus, somente a humanidade recebe a imagem de Deus, e essa característica nos distingue de todo o resto. Detemos o que nenhum outro animal detém; somos ligados a Deus em nossa essência. (Mais tarde, quando Deus trata com Noé a respeito da extensão da dominação humana sobre os animais, essa característica da imagem de Deus surge mais uma vez, como uma linha divisória contundente e maravilhosa entre o homem e as outras criaturas. Matar um animal significa uma coisa; matar um ser humano é uma questão totalmente diferente: "Porque à imagem de Deus foi o homem criado" (Gn 9.6).

UM DOS MAIORES ARTISTAS DA humanidade representou a sequência da Criação na abóbada da Capela Sistina, em Roma. Michelangelo⁸ escolheu como destaque em seu trabalho o exato momento em que Deus despertou o homem a sua imagem.

Visitei a Capela Sistina em seu cenário contemporâneo muito diferente do que Michelangelo provavelmente tinha em mente como ambiente para sua arte. Turistas são admitidos em grupos que alcançam algumas centenas de pessoas; muitos deles apertando fones de ouvido de plástico branco sobre as orelhas, como se fossem tumores dolorosos. Eles ouvem uma gravação que os guia pela capela. Em vez de olhar para cima enquanto passam por aquele esplêndido salão, olham para baixo, seguindo a fita vermelha que delimita a área onde a gravação é transmitida.

Nada pode preparar os visitantes para o que eles vêem quando, no momento certo, erguem a cabeça. Magníficas obras de arte cobrem cada centímetro daquela sala enorme: a divisão entre luz e trevas, a criação do Sol e dos planetas, a época de Noé, o Juízo Final. E no centro focai, no tranqüilo olho de um redemoinho de pinturas, Michelangelo pintou a criação do homem.

O corpo musculoso de Adão inclina-se no chão na posição clássica dos antigos deuses-rio.⁹ Sonolento, ele levanta a mão, esticando-a em direção ao céu, de onde o próprio Deus estende a mão para baixo. As mãos de Deus e de Adão não chegam a se tocar. Uma brecha separa os dedos de ambos, como uma sinapse por meio da qual flui a energia de Deus.

Em alguns aspectos, Michelangelo captou a criação do homem como nenhum artista jamais o fez. A própria palavra *Adão*, em hebraico, diz respeito à terra ou ao pó, e Adão se encontra na terra física. Além disso, Michelangelo também expressou a natureza dual de Adão, ao retratar o momento em que Deus o alcança atravessando o vazio para transmitir vida espiritual. O segundo relato da criação do homem, no Gênesis, acrescenta mais detalhes:

⁸ Pintor, escultor, poeta e arquiteto italiano (1475-1564). É considerado o maior nome do Renascimento, ao lado de Leonardo da Vinci. Em 1508, depois de protestar que não era pintor, cede aos pedidos de Júlio II e, durante quatro anos, pinta sozinho o teto da Capela Sistina com cenas do Antigo Testamento. Entre 1536 e 1541, faz o afresco *Juízo Final* na parede dos fundos da capela. (N. do E.)

⁹ Nas religiões politeístas, muitos deuses se confundem com a natureza e fenômenos naturais, onde mantêm seus domínios. Exemplo disso é o deus-rio Peneu, da mitologia grega, que também dá nome a um rio da Grécia que nasce no Pindo, banha a Tessália e alcança o mar Egeu. (N. do E.)

Então o SENHOR Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente (2.7).

Quando eu ouvia esse versículo na minha infância, imaginava Adão deitado no chão, perfeitamente formado, mas ainda sem vida, com Deus se inclinando sobre ele e fazendo um tipo de ressuscitação boca a boca. Atualmente imagino essa cena de forma diferente. Presumo que Adão já estava biologicamente vivo — se os outros animais não precisavam de nenhum sopro especial de oxigênio, nitrogênio ou dióxido de carbono para começar a respirar, então por que o homem precisaria? O sopro de Deus hoje simboliza para mim uma realidade espiritual. Vejo Adão vivo, mas dispondo apenas de uma vitalidade animal. Então, Deus expira para dentro dele um novo espírito, incutindo-lhe sua própria imagem. Adão se torna uma alma viva, e não apenas um corpo com vida. A imagem de Deus não é uma combinação de células epiteliais ou uma forma física, mas um espírito inspirado.

Esse simples ato da criação especial, Deus soprando no homem "o sopro da vida", distinguiu a humanidade de todas as outras criaturas. Partilhamos com os animais uma concha biológica composta, no nosso caso, de ossos, órgãos, músculos, gordura e pele. Na verdade, somos inferiores se compararmos diretamente nossas características especificamente biológicas com as de alguns animais. Quem competiria em beleza com uma sensacional arara ou até mesmo com uma humilde mariposa? Um cavalo facilmente nos deixa para trás, um falcão enxerga muito melhor, um cachorro detecta odores e sons imperceptíveis para nós. A soma total de nossas meras qualidades físicas não é mais parecida com Deus do que seria a de um gato.

Ainda assim, *nós* somos feitos à imagem de Deus. Para nós, o revestimento de pele, músculos e ossos serve de recipiente, um local de armazenamento para sua imagem. Podemos compreender e até carregar algo do Criador. Nossas estruturas celulares de proteínas controladas pelo DNA podem tornar-se templos do Espírito Santo. Não somos "meros mortais". Somos, todos nós, imortais.

ERA DISSO QUE EU ESTAVA tratando no início deste capítulo ao recordar a imagem do professor Robin Pilcher, meu antigo chefe cirúrgico de Londres. Estudante e jovem, absorvi algo de sua imagem que carreguei por quase 15 mil quilômetros para a Índia e agora transferei a muitos indianos. Hoje, esses ex-estudantes trabalham em hospitais por todo o mundo. Uma cópia exata da expressão de Pilcher pode vir a aparecer em momentos críticos em Bornéu, nas Filipinas ou na África. Pilcher morreu alguns anos atrás, mas esse pequeno aspecto dele — uma suave configuração de músculos faciais apropriada a uma situação médica específica — mantém-se vivo e visível em meu rosto e no rosto de meus alunos.

O que Deus tem em mente para nós é parecido, só que muito melhor. Ele nos pede que sejamos no mundo os principais portadores de sua semelhança. Como um espírito, ele se mantém invisível neste planeta. Conta conosco para darmos corpo a esse espírito, para levarmos a imagem de Deus.

2 Espelhos

Os materialistas cometem erros que restringem a vida pela própria vida.

LEON TOLSTOI

*Conhececi a ti mesmo, visto que és minha imagem.
Então conhecerás a mim, a cuja imagem és feito,
e me acharás em ti mesmo.*

WILLIAM DE ST. THIERRY

EM QUARENTA ANOS DE CIRURGIA, já deparei com minha cota de dramas humanos, mas nada superou minhas primeiras experiências de quando eu ainda estudava para ser cirurgião, durante os bombardeios alemães em Londres, na Segunda Guerra Mundial. Diariamente, aqueles sinistros esquadrões, corpulentos bombardeiros da Luftwaffe,¹⁰ cobriam o céu. Seus motores rugiam como um trovão contido, enquanto seus compartimentos de bombas vomitavam cargas de destruição.

¹⁰ Denominação da aeronáutica militar alemã desde sua criação, em 1935. (N. do E.)

Diversas cenas deixaram marcas em minha memória, de tal forma que quarenta anos depois elas ainda são nítidas. Lembro-me de um impacto direto nas instalações de banho turco no Hotel Imperial. O ataque ocorreu quase sem o alerta das sirenes, e o local ainda estava cheio quando as bombas explodiram. Quando cheguei, encontrei um cenário à altura das obras de Dante. As divisórias das banheiras eram todas feitas de vidro, e naquele instante as ruas estavam praticamente pavimentadas de vidro estilhaçado. Homens extremamente gordos, completamente nus, arrastavam-se para fora dos escombros em chamas e tropeçavam caindo sobre o vidro espalhado pela rua. O sangue de dezenas de pequenos cortes lhes cobria os corpos e, em alguns, jorrava de feridas profundas. Ao fundo, as sirenes de ataque aéreo uivavam em um lamento queixoso e tardio. Tudo estava cintilante: o sangue, as pessoas despidas, a carne ensebada, o brilho lúgubre das ruas. As equipes de socorro faziam o máximo para acalmar os feridos, retirando cuidadosamente os fragmentos de vidro de seus corpos e cobrindo com ataduras os ferimentos mais graves. Ao mesmo tempo, nós, os médicos-residentes, corríamos para o hospital a fim de nos preparar para o atendimento.

Em outra noite, eu estava observando do telhado do hospital quando uma bomba caiu na ala infantil do Royal Free Hospital, próximo ao meu, fazendo com que os pisos superiores desmoronassem e se tornassem uma montanha de escombros em brasa. Corri até o local. Lá, voluntários escavavam à procura de recém-nascidos, a maioria deles com menos de uma semana de vida, e encontravam tanto sobreviventes quanto acidentados cobertos de sangue, sujeira e vidro. As pessoas envolvidas no resgate formaram uma corrente humana, semelhante às de brigadas de incêndio, a fim de passar rapidamente as crianças retiradas dos escombros do hospital para as ambulâncias que as aguardavam. O choro fraco dos bebês parecia uma reação pateticamente insuficiente diante do horror daquela situação. Ao lado, as mães em roupões observavam a cena com medo e desespero estampados no rosto. Tinham os seus bebês sobrevivido? Todos pareciam iguais no meio da fumaça e da escuridão.

Até hoje, quando ouço o soar trêmulo de uma sirene que alerta sobre ataques aéreos em Londres, a adrenalina corre pelo meu corpo, fazendo ressurgir o medo e a tensão.

Nesse período, a Luftwaffe atacou nossa cidade por 57 noites seguidas, com os ataques durando até oito horas sem intervalo. A cada noite vinham 1 500 aviões, em ondas de 250. Naqueles dias sombrios, não conseguíamos deixar de pensar que tudo aquilo que prezávamos — a liberdade, a nação, a família, a civilização — seria enterrado sob a devastação criada por aqueles odiosos bombardeiros. Somente uma coisa nos dava esperança: a coragem dos pilotos da Royal Air Force [Força Aérea Real] (RAF) que subiam aos céus a cada dia para enfrentar os alemães.

Podíamos ver o confronto aéreo do chão. Os Hurricanes e os Spitfires da RAF, pequenos e manobráveis, lembravam mosquitos importunando os gigantes bombardeiros alemães. Embora sua causa parecesse perdida e mais da metade de seus aviões fosse rapidamente derrubada, os pilotos da RAF jamais desistiam. A cada dia derrubavam mais alguns dos terríveis bombardeiros, que giravam em chamas até o chão, ao que todos assistíamos vibrando e aos gritos. Por fim, a Alemanha não pôde suportar as baixas constantes causadas pelos cada vez mais precisos pilotos de caça, e Hitler cancelou os ataques. Londres dormia novamente.

Talvez não possamos acrescentar nada à adoração que o povo de Londres dedicava àqueles bravos pilotos da RAF. Winston Churchill,¹¹ em todo caso, conseguiu expressar nosso sentimento de gratidão quando disse: "E, em toda a história do conflito humano, nunca tantos deveram tanto a tão poucos". Duvido que já tenha vivido um grupo de jovens tão bajulado. Eles eram a nata da Inglaterra, os mais brilhantes, saudáveis, confiantes e dedicados e, muitas vezes, os mais belos homens de todo o país. Quando caminhavam pelas ruas com seus uniformes cobertos de medalhas, as pessoas os tratavam como deuses. Todos os olhares se viravam para eles. Os garotos corriam para tocá-los e vê-los mais de perto. Todas as outras garotas invejavam aquelas que eram felizardas por andar ao lado de um homem com o uniforme da RAF.

Eu vim a conhecer alguns desses jovens, mas em circunstâncias menos idílicas. Os Hurricanes, ágeis e eficientes como eram, tinham todavia um pequeno erro de projeto. O único motor era montado na frente, a cerca de trinta centímetros da cabina do piloto, e os dutos de combustível passavam pela cabina em direção ao motor. Com um tiro direto, a cabina poderia se transformar em uma bola de fogo. O piloto podia se ejetar, mas em um ou dois segundos que ele levava para achar a alavanca o calor lhe derreteria partes do rosto: o nariz, as pálpebras, os lábios e muitas vezes as bochechas. Conheci os heróis da RAF envolvidos em

¹¹ Estadista inglês (1874-1965). Um dos mais importantes chefes de Estado do século XX. É nomeado primeiro-ministro em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), sendo um dos líderes aliados. Em 1951, volta ao cargo de primeiro-ministro e, dois anos depois, recebe o título de *sir* e o Prêmio Nobel de Literatura. (N. do E.)

bandagens, quando iniciavam a torturante série de cirurgias necessárias ao reparo do rosto. Ajudei a tratar das mãos e pés feridos dos aviadores que foram derrubados, ao mesmo tempo que um time de cirurgias plásticas passava a trabalhar nas faces queimadas.

Sir Archibald McIndoe e seu time de cirurgias plásticas executavam milagres de reconstituição facial, inventando diversas técnicas novas durante as operações. Para as cirurgias faciais geralmente usavam o enxerto de pele do abdome ou do tórax. Nos dias que antecediam a cirurgia microvascular, as grossas fatias de pele e gordura não poderiam ser simplesmente retiradas de uma parte do corpo e costuradas em outra. As faixas de pele eram removidas ainda com uma extremidade presa no antigo suprimento de sangue, enquanto a outra extremidade era ligada à área do enxerto, até que novos vasos crescessem para nutri-lo. Os cirurgias freqüentemente usavam um processo de duas etapas, temporariamente conectando uma extremidade da borda da pele do abdome do paciente ao braço, até que o suprimento de sangue se desenvolvesse na região. Eles então cortavam as bordas da pele do abdome, de maneira que ficasse dependurada só pelo braço e utilizavam a outra ponta na testa, bochecha ou nariz. Com o tempo, o suprimento de sangue se desenvolvia na área do enxerto facial, e a pele podia ser separada de seu hospedeiro provisório, o braço.

Em razão dessas complexas técnicas, surgiam visões bizarras nas enfermarias: braços crescendo nas cabeças, um longo tubo de pele se estendendo da cavidade nasal como se fosse a tromba de um elefante e pálpebras feitas de abas de peles tão grossas que não podiam se abrir. Em meio a tantas visões, um aviador geralmente enfrentava de vinte a quarenta procedimentos cirúrgicos antes de ser liberado.

Ao longo dos enfadonhos procedimentos cirúrgicos, o moral permanecia surpreendentemente elevado entre os pilotos, os quais estavam plenamente conscientes de suas contribuições patrióticas. Enfermeiras maravilhosas davam o melhor de si para criar uma atmosfera agradável e aconchegante, e os pilotos descontavam a dor zombando um do outro, de seus traços de homem-elefante. Eles eram pacientes ideais.

Mas gradativamente, com as últimas semanas de recuperação chegando ao fim, uma mudança se manifestava. Percebíamos que muitos pilotos continuavam pedindo pequenas alterações: uma narina um pouco fechada, uma boca um pouco elevada em um dos lados, um sutil afinamento da pálpebra direita. Logo, todos notávamos, incluindo os pacientes, que eles estavam apenas ganhando tempo. Eles não podiam encarar o mundo exterior.

Apesar dos milagres executados por McIndoe com suas maravilhosas técnicas, cada face havia sofrido danos irreparáveis. Nenhum cirurgião tinha condições de restaurar a variada gama de expressões do rosto de um belo jovem. Embora fosse tecnicamente uma obra de arte, a nova face era essencialmente uma cicatriz. Você não consegue admirar a flexibilidade e a delicadeza quase transparente da pálpebra antes de tentar criar uma a partir da pele áspera do abdome. Aquele tecido protuberante e rígido protegerá o olho de maneira adequada, mas sem nenhuma beleza.

Lembro-me especialmente de um piloto da RAF, chamado Peter Foster, que me descreveu sua crescente ansiedade com a chegada do dia em que teria alta. Seus temores e preocupações, dizia ele, incluíam uma olhada no espelho. Por alguns meses você usa o espelho diariamente, como um instrumento de medida, para examinar minuciosamente os progressos realizados por nossos cirurgias. Você estuda o tecido das cicatrizes, as estranhas rugas da pele, a grossura dos lábios e a forma do nariz. Depois dessa pesquisa, você pede ajustes para a melhora da aparência, e os médicos lhe dizem se o seu pedido é cabível.

Mas, conforme se aproxima o dia de ter alta, a sua visão do espelho se altera. Agora, à medida que você contempla o reflexo de uma nova face, não aquela com a qual você nascera, mas uma imitação inferior, você tenta se enxergar como os outros o verão. No hospital, as pessoas sentiam orgulho de você; lá, você era apoiado pela camaradagem de seus amigos e pelo auxílio dos funcionários. Já no mundo exterior, você será uma aberração. O medo lhe causa arrepios. Seria possível que alguma garota ousasse se casar com esse rosto? Será que alguém me dará um emprego?

Foster concluía que nesse momento crítico, quando cada aviador contemplava a nova imagem de si mesmo como o resto do mundo a veria, só uma coisa importava: a reação da família e dos amigos mais íntimos. O relativo sucesso dos cirurgias na reconstituição do rosto contava pouco. O futuro dependia da reação dos familiares à notícia de que os cirurgias já tinham feito tudo o que era possível e o seu rosto jamais seria aprimorado. O que seria notado pelo aviador, uma calorosa aceitação ou certa hesitação?

Tais reações claramente distintas dividiam os aviadores em dois grupos — separados de uma forma que

eu nunca havia visto —, cujos progressos eram acompanhados por psicólogos. Em um grupo estavam aqueles cujas namoradas e mulheres não conseguiam aceitar seus novos rostos. Essas mulheres, que já haviam idolatrado seus heróicos amantes, calmamente se afastavam ou entravam com pedido de divórcio. Os aviadores que deparavam com essa reação mudavam de personalidade. Tornavam-se reclusos, evitando aventurar-se fora de casa, exceto à noite, e procuravam por algum tipo de trabalho que pudesse ser feito em casa. Em contrapartida, aqueles cujas mulheres e namoradas ficaram firmes ao seu lado foram extremamente bem-sucedidos — afinal, eles eram a elite da Inglaterra. Muitos se tornaram executivos e profissionais de sucesso, líderes de suas comunidades.

Peter Foster com gratidão admitia pertencer ao grupo dos felizardos. Sua namorada lhe assegurou que nada se havia alterado, além de uma pele alguns milímetros mais espessa. Ela disse que o seu amor era por ele, e não por sua membrana facial. Os dois se casaram um pouco antes de Peter deixar o hospital.

Como era esperado, Peter deparou com algumas dolorosas rejeições. Muitos rapidamente desviavam o olhar quando ele se aproximava. As crianças, cruéis em sua honestidade, faziam caretas, riam e zombavam dele.

Peter tinha vontade de gritar: "Por dentro, eu sou a mesma pessoa que você já conhecia! Você não consegue me reconhecer?". Em vez disso, ele aprendeu a se voltar para sua mulher. "Ela se tornou o meu espelho. Deu-me uma nova imagem de mim mesmo", ele dizia agradecido. "Mesmo agora, independentemente de como me sinto, quando olho para ela, recebo um sorriso amoroso e caloroso, que me diz que estou bem."

Vários anos após ter trabalhado com pilotos, li um artigo profundamente perturbador intitulado "O complexo de Quasímodo", na *British Journal of Plastic Surgery* [Revista Britânica de Cirurgia Plástica]. Nele, dois médicos relataram seu estudo feito com onze mil presidiários condenados por assassinato, prostituição, estupro e outros crimes graves. Eles cuidadosamente documentaram uma tendência que irei resumir com uma comparação genérica. Em uma população adulta normal, pode-se dizer que 20,2% das pessoas portam deformações faciais passíveis de correção cirúrgica (orelhas protuberantes, nariz deformado, bochechas profundas, marcas de acne, marcas de nascença, deformações oculares). Mas a pesquisa revelou que, dentre os onze mil criminosos, 60% apresentavam essas características.

Os autores, que chamaram o fenômeno de Quasímodo,¹² o "cor-cunda de Notre-Dame", da obra de Victor Hugo, terminaram o artigo com algumas questões preocupantes. Não teriam esses criminosos deparado com hostilidades ou rejeição por parte de seus colegas de escola, tanto no ensino fundamental quanto secundário, por causa de suas deformidades? Seria possível que o cruel deboche das outras crianças os tivesse lançado ao estado de desequilíbrio emocional, que os acabou levando à prática de atos criminosos?

Os médicos chegaram a propor um programa de cirurgia plástica corretiva para presidiários voluntários.¹³ Imaginavam que, se a aparência externa fez a sociedade rejeitá-los, possivelmente levando-os ao crime, quiçá a alteração dessa aparência pudesse ajudá-los na reabilitação, ao alterar sua auto-estima. Seja um assassino no corredor da morte, seja um piloto de elite da RAF, uma pessoa forma sua auto-estima baseada, principalmente, no tipo de imagem que outras pessoas têm dela.

O relatório sobre o complexo de Quasímodo transforma em estatísticas uma verdade que assombra todas as vítimas de queimaduras, invalidez e lepra. Nós, humanos, nos preocupamos excessivamente com o corpo físico, ou a casca na qual vivemos. É preciso uma pessoa verdadeiramente especial, como a mulher de Peter Foster, para olhar através dessa casca e reconhecer o valor essencial do ser humano, a intrínseca imagem de Deus.

Ao refletir sobre o complexo de Quasímodo, compreendi que de uma forma sutil, e às vezes não tão sutil, eu também julguei e rotulei pessoas com base na aparência. Recordo-me de urna antiga tradição familiar que eu costumava pôr em prática com meus filhos. A cada ano nas férias de verão, eu inventava uma série de histórias de aventuras em que cada membro da família era representado por nome e personagem. Todas as noites na hora de dormir, eu prosseguia com a narração, tentando entremear algumas mensagens proveitosas: as crianças escutavam histórias nas quais elas mesmas davam inesperadas demonstrações de coragem e altruísmo, que mais tarde talvez pudessem ser praticados na vida real.

¹² Personagem de *Notre-Dame de Paris* (O corcunda de Notre-Dame), de Victor Hugo. Sineiro da catedral de Notre-Dame, tem oculta sob o aspecto grosseiro de suas deformações físicas a mais sublime delicadeza de sentimento. (N. do E.)

¹³ Graças, em parte, às descobertas dos autores (F. W. Masters e D. C. Greaves), vários Estados americanos estabeleceram programas abrangentes para a oferta de cirurgias plásticas gratuitas aos prisioneiros com deformidades.

Todavia, as histórias continham vilões também. Eu aumentava a tensão e o entusiasmo dia após dia com os vilões atraindo as crianças para situações impossíveis, das quais elas deviam desvencilhar-se por si mesmas. Hoje, ao me lembrar dessas histórias, recordo com remorso que meus principais vilões, que tornavam a aparecer todos os anos nas narrativas, traziam os nomes de Cicatriz e Corcunda. Um tinha uma medonha cicatriz que lhe atravessava o rosto; o outro era baixo e tinha uma corcunda nas costas. No decorrer do enredo, os dois tentavam disfarçar essas características, mas cedo ou tarde as crianças percebiam os disfarces e desmascaravam os vilões.

Por que, eu me pergunto hoje em dia, fui dar aos homens maus das minhas histórias esses nomes e características? Sem dúvida alguma, segui o estereótipo universal de qualificar o feio como o mau e o bonito como o bom. Será que inadvertidamente encorajei meus filhos a identificar a feiúra com a maldade, fazendo com que possivelmente lhes fosse mais difícil amar aquelas pessoas que carregam deformações e cicatrizes?

PRÍNCIPES MEDIEVAIS COSTUMAVAM colecionar anões, monstros e corcundas para a própria diversão. Nossa sofisticação não permite esse tipo de prática, mas não deslizamos em rejeições sutis com o mesmo efeito?

Após entender o complexo de Quasímodo e reconhecer características de rotulação e julgamento em meus próprios contos, comecei a observar mais atentamente as influências culturais que determinam os padrões de valor e receptividade humana. Nos Estados Unidos, o ideal nacional é o macho alto, bonito e confiante, ou a fêmea sorridente e com curvas, porém esbelta. Anúncios de programas de musculação, dietas, remodelagem facial e roupas para "a imagem correta" revelam nosso compromisso cultural com a beleza física. Se avaliássemos a população americana pelas imagens que aparecem em revistas ou na televisão, poderíamos chegar à conclusão de que vivemos em uma sociedade de deuses e deusas.

Tenho visto o efeito de longo prazo que nossa devoção à perfeição física exerce sobre meus pacientes com lepra, que nunca terão a aparência de um atleta olímpico ou de uma *miss* Universo. Pude observar mais influências sutis agirem em meus filhos, logo que passaram a freqüentar a escola pública. De certo modo, nossos conceitos culturais nos aprisionaram de tal forma, que não conseguimos admitir que uma criança seja desajeitada, tímida ou sem atrativos. Essas crianças deparam com uma rejeição constante e sem amparo. Os "espelhos" ao redor determinam a imagem que elas devem ter, mas não conseguem alcançar. Quantos Salks¹⁴ ou Pasteurs¹⁵ foram perdidos por causa desse terrível processo de rejeição pelos companheiros? Nós também temos muito a aprender sobre sermos espelhos.

PASSEI TODA A VIDA NA medicina, tentando melhorar as "cascas" de meus pacientes. Eu me empenhei para restaurar mãos, pés e faces deformadas, em relação às formas originais. Senti-me profundamente satisfeito ao ver aqueles pacientes reaprendendo a andar e a usar os dedos, podendo assim retornar para suas comunidades e famílias com a oportunidade de ter uma vida normal.

Ainda assim, cada vez mais percebo que a casca física à qual dediquei tanto esforço é a pessoa por inteiro. Meus pacientes não são apenas conjuntos de tendões, músculos, folículos capilares, células nervosas e epiteliais. Cada um deles, apesar da aparência deformada e das lesões físicas, contém um espírito imortal que é um vaso da imagem de Deus. Suas células físicas um dia se reunirão aos elementos básicos da terra, o húmus que constitui a parte material da humanidade. Mas suas almas permanecerão, e meu efeito sobre essas almas deve ser muito mais valorizado que meus esforços de melhorar seus corpos físicos.

Embora eu viva em uma sociedade que venera a força, a riqueza e a beleza, Deus me enviou aos pacientes de lepra, que são geralmente fracos, pobres e sem atrativos. Nesse ambiente, aprendi que todos nós somos espelhos, tal qual a mulher de Peter Foster. Cada um de nós tem a capacidade de evocar nas pessoas que conhecemos a imagem de Deus, a faísca da semelhança de Deus no espírito humano. Ou, em vez disso, podemos ignorar ou apagar essa imagem e julgar somente pela aparência. Oro para que, ao ver uma pessoa, eu veja a imagem de Deus dentro dela, seu valor fundamental, e não apenas a "imagem" cultural que todos nos esforçamos para conquistar.¹⁶

Madre Teresa¹⁷ dizia que, quando olhava para a face de um mendigo moribundo em Calcutá, orava para ver a face de Jesus e assim poder servir ao mendigo como ela serviria a Cristo. Em uma passagem citada com freqüência, C. S.

¹⁴ Jonas EDWARD SALK, bacteriologista americano. Desenvolveu a primeira vacina injetável contra a poliomielite, chamada vacina Salk, em meados da década de cinquenta. (N. do E.)

¹⁵ Louis PASTEUR, químico e microbiologista francês (1822-1895). É o descobridor da vacina anti-rábica. (N. do E.)

¹⁶ O autor de Provérbios indica o valor inerente a cada pessoa nesta curiosa afirmação: "Oprimir o pobre é ultrajar o seu Criador, mas tratar com bondade o necessitado é honrar a Deus" (14.31).

¹⁷ Freira católica de origem iugoslava (1910-1997). Em Calcutá, na Índia, fundou a Ordem das Missionárias da Caridade que, em 1965, tornou-se congregação pontifical (sujeita apenas ao Papa). (N. do E.)

Lewis expressou um pensamento análogo:

É uma grande responsabilidade viver em uma sociedade de possíveis deuses e deusas, sem esquecer que a mais aborrecida e desinteressante pessoa com quem você fala hoje pode algum dia se tornar uma criatura que, se você a visse agora, se sentiria fortemente tentado a adorar. Ou poderia talvez se transformar em algo horrível ou deformado, que você atualmente conhece, quando muito, somente em pesadelos. Durante todo o dia, em maior ou menor grau, nós nos ajudamos a chegar a um desses dois destinos.

3 Restauração

*O próprio Adão está agora disperso por toda a superfície da terra.
Antes concentrado em um único lugar, ele caiu;
tendo sido quebrado em pedaços, por assim dizer, ele
preencheu o universo com seus fragmentos. Entretanto, a
misericórdia de Deus juntou seus pedaços espalhados
por toda parte e, fundindo-os no fogo de sua caridade,
reconstituiu sua unidade quebrada.*

AGOSTINHO, DOUTOR DA IGREJA LATINA *CIDADE DE DEUS*

*O ideal cristão mudou e inverteu tudo, de forma que, como é dito
no evangelho: "Aquilo que tem muito valor entre os homens é
detestável aos olhos de Deus". O ideal já não é a grandeza de um
faraó ou de um imperador romano, nem a beleza de um grego ou
a riqueza da Fenícia, mas a humildade, a pureza, a compaixão e
o amor. O herói não é o rico, mas o mendigo Lázaro; não Maria
Madalena em seus dias de beleza, mas no dia de seu
arrependimento; não os que adquirem riquezas,
mas os que as abandonam; não os que moram em palácios,
mas os que vivem em catacumbas e cabanas; não os
que dominam sobre os outros, mas os que não admitem
nenhuma autoridade além da de Deus.*

LEON TOLSTOI, *WHAT IS ART [O QUE É ARTE]*

ENCONTRO-ME DE PÉ NA fantástica Capela Sistina. A maioria dos turistas já se foi, o crepúsculo se aproxima e a luz amadureceu em um belo tom dourado. Já sinto uma leve dor no pescoço por manter a cabeça nas mais estranhas posições e imagino rapidamente como Michelangelo deveria se sentir após um dia de trabalho naquelas pinturas no teto.

Meus olhos ficam se voltando para a cena principal, na qual se vê Deus concedendo vida ao homem. A imagem de Deus simboliza tudo aquilo que valoriza e dignifica o homem e a mulher, e nada poderia demonstrar melhor esse poder intrínseco do que as pinturas que me cercam. Entretanto, mesmo enquanto admiro a cena da criação, algo me incomoda. Michelangelo foi maravilhosamente bem-sucedido na representação da dualidade humana e do drama da Criação. Porém, ele nitidamente falhou, como deve acontecer com todos os artistas, na representação do próprio Deus. O Deus de Michelangelo não é um espírito, mas um Deus feito à imagem do homem.

Seis séculos antes de Cristo, o filósofo grego Xenófanes¹⁸ observou que:

Se touros, cavalos e leões tivessem mãos ou pudessem desenhar com as patas e criassem obras de arte como as feitas pelo homem, os cavalos desenhariam imagens de deuses como cavalos, e os touros, de deuses como touros [...] os etíopes possuem deuses com narizes chatos e cabelos pretos; os trácios têm deuses ruivos e de olhos cinzentos.

O Deus de Michelangelo tem a forma e a estrutura de um ser humano — e até mesmo o nariz adunco dos romanos, tal qual o de Adão. O artista retratou a semelhança entre Deus e o homem em seu aspecto literal e físico, não espiritualmente. Realmente, se você pegasse o rosto de Adão na pintura, envelhecesse ao redor dos olhos e o coroasse com cabelos brancos e soltos e uma barba, teria a representação que Michelangelo fez de Deus-Pai.

¹⁸ Fundador da escola Eléia. Dedicou-se a demonstrar a unidade e a perfeição de Deus. Sua filosofia é um panteísmo idealista. (N. do E.)

Como seria possível a um artista representar um Deus que é espírito? E, se não podemos vê-lo, como poderemos contemplar sua imagem? Nosso vocabulário, requintado e preciso na descrição do mundo material, silencia diante da profundidade do espírito. A própria palavra "espírito" significa em muitas línguas tão-somente um sopro ou um vento. Mas todo o Antigo Testamento insiste na verdade fundamental de que Deus é espírito, e nenhuma imagem física pode captar sua essência.

O segundo dos Dez Mandamentos proíbe que se desenhe ou faça uma imagem de escultura com o objetivo de representar Deus. Todas as vezes que os judeus tentaram, Deus viu esse ato como profanação. Depois de viver em um país onde imagens de ídolos são abundantes, bem posso entender essa proibição.

O hinduísmo¹⁹ tem mais de mil imagens diferentes, e eu mal podia atravessar um quarteirão de uma cidade indiana sem ver um ídolo ou uma imagem. À medida que observava os efeitos daquelas imagens no indiano comum, percebia dois efeitos mais freqüentes. Para a maioria, as imagens vulgarizavam os deuses, que perdem qualquer aura de santidade e mistério e se transformam em mascotes ou amuletos de boa sorte. Um motorista de táxi coloca a estátua de uma deusa em seu carro e oferece a ela flores e incenso como oração para a segurança dele. Para outros, os deuses podem tornar-se símbolos grotescos que provocam uma postura de medo e servidão. Kali,²⁰ por exemplo, deusa violenta de Calcutá,²¹ tem uma língua flamejante e usa um adorno de cabeças ensangüentadas ao redor de sua cintura. Os hindus podem adorar cobras, ratos, um símbolo fálico e até mesmo uma deusa da varíola; imagens como essas lotam os ornamentados templos.

Com sabedoria, a Bíblia adverte para não reduzirmos a imagem de Deus ao nível da matéria física; uma imagem desse tipo limita muito facilmente nossos conceitos da verdadeira natureza de Deus, e poderíamos pensar nele como um velho homem barbado no céu, tal qual a figura da pintura de Michelangelo. Sendo espírito e onipresente, Deus não pode ter uma forma limitada. "Com quem vocês compararão Deus?", pergunta Isaías; "Como poderão representá-lo?" (40.18).²²

PORTANTO, TEMOS UM DEUS que não pode ser captado em uma imagem visível. Mas qual é a aparência de Deus? Como posso achá-lo?

Onde está a imagem dele? De alguma forma, a essência de Deus entrou nos corpos dos primeiros humanos criados, e *eles* trouxeram em si a imagem de Deus sobre este planeta. Durante algum tempo, as duas naturezas, a natureza física, com órgãos, sangue e ossos, e a natureza espiritual, puderam ter uma comunicação direta com Deus, integrar-se em harmonia. Infelizmente, essa situação não durou muito tempo.

O relato da Queda, registrado em Gênesis 3, rompeu a harmonia existente entre as duas naturezas. A desobediência de Adão e de Eva arruinou para sempre a imagem de Deus que eles traziam, e naquele instante um enorme abismo se abriu, destruindo a união entre Deus e a humanidade. Agora, quando olhamos para os seres humanos, encontramos misturada entre eles gente como Gêngis Khan,²³ Josef Stalin²⁴ e Adolf Hitler.²⁵ E é correto afirmar que evidências dramáticas dessa imagem quebrada transbordam de cada um de nós. As pessoas já não podem expressar satisfatoriamente sua semelhança com Deus; a história prova de forma sombria quanto somos diferentes dele.

Não nos é suficiente refletir o pouco que restou de espírito e de valor dentro de cada pessoa. Precisamos de algo maior, muito maior, para saber como Deus se parece. Precisamos de nova imagem, nova demonstração da semelhança de Deus em nosso planeta.

Os cristãos acreditam que temos essa imagem na pessoa de Jesus Cristo, o segundo Adão, cuja vinda se mostrou tão revolucionária que se tornou centro de uma nova religião. Deus, sendo espírito, concordou em

¹⁹ Termo que designa a corrente religiosa majoritária na Índia. É organizado em torno de um corpo de textos sânscritos considerados como "a revelação" (*sruti*), que compreendem principalmente os *Vedas* e os *Upanishads*, compilados entre 2000 e 600 a.C. (N.doE.)

²⁰ Nome de uma deusa do panteão hindu que representa a destruição e a morte. (N. do E.)

²¹ Cidade da Índia, capital do Estado de Bengala Ocidental. (N. do E.)

²² V Isaías 44, discurso de Deus que nos dá um resumo convincente, porém brilhante da tolice de fazer ídolos.

²³ Fundador do império mongol. Foi eleito *khan* (chefe) de sua tribo em 1196, provavelmente sob o nome de Tchingiz Kagan (ou Gêngis, Chinghis ou Jênghis, palavra que significa "oceano"; a expressão Gêngis Khan significa, assim, "chefe oceânico" ou "soberano universal"). (N. do E.)

²⁴ O político soviético e líder revolucionário (1879-1953) nasceu Josef Vissarionovitch Djugachvili, em Gori, na Geórgia, e adotou o nome de Stalin (homem de aço). Em 1917, participa da Revolução Russa. Foi secretário-geral do Partido Comunista e sucedeu a Lenin depois de sua morte (1924), derrotando Leon Trotski e os maiores líderes do partido bolchevique. (N. do E.)

²⁵ Líder político alemão nascido na Áustria (1889-1945). Em 1919, filia-se ao Partido Operário Alemão (DAP), rebatizado no final de 1920 como Partido Operário Nacional-Socialista Alemão (NSDAP), que ganha o apelido de *nazi*. No ano seguinte, passa a chefiar o partido e em 1930 ganha a cidadania alemã. Nomeado chanceler, assume o poder na Alemanha em janeiro de 1933. Foi desencadeador da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), responsável por um dos maiores genocídios da história e mandante direto do extermínio de cerca de seis milhões de judeus. (N. do E.)

se tornar homem, encarnando seu próprio espírito. Dentro de um corpo de pele, ossos e sangue, Deus viveu na matéria como se fora um microcosmo; como o sol em uma gota d'água. E nas palavras concisas de G. K. Chesterton: "Deus, que tinha sido apenas uma circunferência, foi visto como o centro".

O Novo Testamento aplica a palavra "imagem" a Jesus Cristo em três lugares (Cl 1.15; 2Co 4.4; Hb 1.3). A passagem em Hebreus diz que ele é o "resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser". Cristo veio à terra nos oferecer uma imagem no sentido mais puro da palavra: um reflexo preciso de como é o Pai, em forma corpórea. "No Pai", diz Michael Ramsey,²⁶ "não há nenhuma dessemelhança com Cristo".

Os médicos nos alertam quanto a olharmos para o céu e vermos o brilho do sol, mesmo que por um instante. Isso sobrecarregaria as células fotorreceptoras, de forma que mesmo com os olhos fechados a imagem dessa estrela ainda apareceria marcada em nossas retinas como um ferro em brasa. O mesmo acontece com Jesus Cristo: em uma forma que nós podemos visualizar, ele marca nossa percepção com a imagem de Deus.

Aqui temos uma estranha verdade: a imagem de Jesus se revelou surpreendente para quase todo o mundo. A maioria de nós ouviu e viu a história de Jesus ser contada com tanta frequência, que decoramos noções preconcebidas de como Jesus era. Nunca seremos capazes de compreender o choque, o terrível choque da forma incógnita que Deus tomou para si mesmo. Em sua entrada, ele desconsiderou Roma, é claro, e até mesmo Jerusalém; escolhendo, em vez disso, uma cidade minúscula e sem valor. Ele estava tão espetacularmente fora das expectativas das pessoas quanto à divindade, que alguns perguntaram, incrédulos: "Esse não é o filho do carpinteiro?". A inevitável calúnia étnica veio a seguir: "Nazaré! Pode algo bom vir de lá?". Nem mesmo os seus irmãos acreditavam nele e pelo menos uma vez o consideraram louco. João Batista, que havia predito a vinda de Cristo e que o tinha batizado, balançou em sua fé já próximo do fim. O seguidor mais íntimo de Jesus o amaldiçoou.

Jesus afirmou ser um rei maior que Davi, mas havia pouca coisa nele que condizia com a imagem da realeza. Jesus não carregava armas, não agitava bandeiras e, a única vez que permitiu uma procissão, montou num burro, com os pés arrastando pelo chão. É evidente que Jesus não se mostrava à altura da imagem que se esperava de um rei ou de um Deus.

Instintivamente imaginamos Jesus como fisicamente perfeito, e, na arte, ele é retratado como alto, com cabelos longos e soltos, com belas feições físicas, modeladas de acordo com os ideais aceitos pela cultura artística. Mas com base em quê?⁷ Pelas evidências da Bíblia, nada em Jesus o fazia fisicamente especial.

Certa vez em minha infância, a gentil tia Eunice chegou de um estudo bíblico absolutamente furiosa. Alguém havia lido uma descrição de Jesus, escrita por Josefo ou outro historiador, que o caracterizava como corcunda. Tia Eunice tremia de vergonha e raiva, e seu rosto ficou vermelho. "Isso é uma blasfêmia", dizia ela. "Uma absoluta blasfêmia! Aquilo é uma caricatura horrenda e não uma descrição do meu Senhor!" Sendo uma criança impressionável, não pude evitar de concordar com a cabeça, solidariamente indignado.

Apesar de a idéia ter me chocado muito à época, hoje não me chocaria nem um pouco descobrir que Jesus não era bem-apegoado nem tinha aparência ou o físico ideal. Embora a Bíblia não inclua uma descrição do rosto e do corpo de Jesus, há uma espécie de descrição na profecia do Servo sofredor em Isaías:

Assim como houve muitos que ficaram pasmados diante dele; sua aparência estava tão desfigurada, que ele se tornou irreconhecível como homem; não parecia um ser humano [...] Ele não tinha qualquer beleza ou majestade que nos atraísse, nada havia em sua aparência para que o desejássemos. Foi desprezado e rejeitado pelos homens, um homem de dores e experimentado no sofrimento. Como alguém de quem os homens escondem o rosto, foi desprezado, e nós não o tínhamos em estima (52.14; 53.2,3).

Socialmente, em seus ensinamentos sobre si mesmo, Jesus se identificou com o faminto, o doente, o rejeitado, o nu e o encarcerado tão completamente, que ele nos diz que qualquer coisa que façamos pela menor dessas pessoas também faremos por ele (Mt 25.40). Não encontramos o Filho de Deus nos corredores do poder e da riqueza, mas nos desvios da necessidade e do sofrimento humano. Cristo escolheu identificar-se principalmente com aqueles que parecem repulsivos e inúteis aos olhos do mundo.

É esse aspecto da identificação pessoal de Jesus com o humilde, mais que qualquer outro, que me ensinou sobre as enormes diferenças entre as diversas utilizações da palavra "imagem". Na imagem do mundo — a imagem que exploramos hoje nas competições por prestígio, concursos de beleza, campanhas publicitárias —, Deus não deixou nenhuma marca especial na terra. Todavia, até mesmo uma pessoa da

²⁶ Prelado anglicano (1904-1988). Arcebispo da Cantuária (1961-1974), batalhou arduamente para reaproximar as igrejas cristãs. (N. do E.)

insignificante cidade de Nazaré, o filho de um carpinteiro, um corpo ferido contorcendo-se numa cruz, até ele poderia expressar a imagem, a exata semelhança de Deus.

Não tenho como lhe passar o impacto que essa única verdade pode ter quando ela começa a manifestar-se plenamente em uma pessoa que nunca alcançará o padrão da sociedade, como, por exemplo, uma vítima da lepra, incrivelmente pobre e fisicamente deformada. Para uma pessoa dessas, Jesus se torna a única esperança de recuperação.

JESUS, A EXATA SEMELHANÇA DE Deus em carne, expressou a imagem do Pai na forma humana. Mas desde o começo ele nos alertou de que a sua presença física seria temporária. O objetivo dele estava mais além: restaurar a arruinada imagem de Deus na humanidade.

A atividade de Deus na terra não teve fim com Jesus, e sua imagem não desapareceu quando partiu. Os autores do Novo Testamento estendem o sentido do termo a um novo corpo que Deus está criando a partir dos "membros" — homens e mulheres reunindo-se para realizar o trabalho de Deus. Ao se referirem a esse corpo, tais escritores se utilizam claramente da mesma palavra que antes descrevia a fagulha do divino no homem e que, mais tarde, descreveu Cristo. Segundo Paulo, somos chamados para sermos "conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos" (Rm 8.29).

Este livro, *À imagem e semelhança de Deus*, não é essencialmente um tratado sobre a natureza do homem e da mulher como indivíduos. Não vamos analisar os atributos psicológicos e mentais de cada um de nós que podem refletir a imagem de Deus. Em vez disso, vamos nos concentrar em uma comunidade, no grupo de homens e mulheres de Deus que são chamados, por mais de vinte vezes no Novo Testamento, de o corpo de Cristo. Todos os que estamos associados a ele somos uma extensão da encarnação. A imagem de Deus sobrevive e se multiplica em milhões de pessoas comuns, assim como nós. Trata-se de um mistério divino.

Somos chamados a levar essa imagem como um corpo, porque qualquer um de nós, individualmente, apresentaria uma imagem incompleta. Essa imagem seria em parte falsa e invariavelmente distorcida, como uma única lasca cortada de um espelho. Mas, juntos, com toda a nossa diversidade, podemos formar uma comunidade de crentes para recuperar a imagem de Deus no mundo.

Para termos um padrão a seguir, basta voltar os olhos para Jesus, aquela divina imagem marcada em nossa consciência. As qualidades surpreendentes que Jesus demonstrou — humildade, dom de servir, amor — também se tornam modelo para seu corpo. Já não precisamos lutar para construir nossas imagens, para provar algo a nós mesmos. Em vez disso, podemos concentrar nossa vida em anunciar sua imagem. E o que conta para um grande sucesso na cultura popular — força, inteligência, riqueza, beleza, poder — significa muito pouco para essa imagem.²⁷

Eu nunca havia entendido o padrão revolucionário que Jesus estabeleceu até começar a trabalhar com pacientes leprosos na Índia. Eu repetidamente via essas pessoas, tão cruelmente banidas da sociedade, de alguma forma irradiarem o amor e a bondade de Deus muito melhor do que alguns cristãos ricos, bonitos e prósperos que conheci. Assim como o próprio Deus assumiu uma imagem humilde, também parecia que seus mais fiéis seguidores geralmente revelavam essa mesma característica simplória. Eles tinham um direito mais do que natural de sentir raiva e amargura, todavia o grau de dedicação e maturidade espiritual entre os pacientes que chegaram a conhecer Jesus era tal que deixava médicos e missionários envergonhados. Enfrentei o paradoxo pelo qual aqueles que tinham menos motivos para ser gratos a Deus eram os que demonstravam melhor seu amor.

Essa tendência apareceu com tamanha força e constância, que me levou a examinar passagens bíblicas as quais eu nunca levava a sério e que, confesso, me constrangeram. Ao descrever a igreja de Corinto, Paulo disse:

Irmãos, pensem no que vocês eram quando foram chamados. Poucos eram sábios segundo os padrões humanos; poucos eram poderosos; poucos eram de nobre nascimento. Mas Deus escolheu o que para o mundo é loucura para envergonhar os sábios, e escolheu o que para o mundo é fraqueza para envergonhar o que é forte. Ele escolheu o que para o mundo é insignificante, desprezado e o que nada é, para reduzir a nada o que é, a fim de que ninguém se vanglorie diante dele (I Co 1.26-29).

As afirmações de Jesus também vieram à mente: o Sermão do Monte, em que ele misteriosamente abençoa o pobre, o que chora, o perseguido; seus comentários de quanto é difícil para o rico entrar no reino

²⁷ "Não se glorie o sábio em sua sabedoria nem o forte em sua força nem o rico em sua riqueza, mas quem se gloriar, glorie-se nisto: em compreender-me e conhecer-me, pois eu sou o SENHOR e ajo com lealdade, com justiça e com retidão sobre a terra, pois é dessas coisas que me agrado" (Jr 9.23,24).

dos céus; sua repulsa ao orgulho e à auto-suficiência.

É inevitável que, ao ler essas passagens agora, meus pensamentos fiquem dando voltas naquela palavra específica que temos discutido: imagem. Esforço-me ao máximo por melhorar a auto-imagem danificada dos pacientes de que trato. Mas, quando leio as Escrituras, encontro novo tipo de imagem; uma imagem em que não se aplicam as mesmas regras. Em todo caso, o princípio oposto é válido; um tipo de complexo de Quasimodo às avessas.

A auto-imagem humana alimenta-se de atração física, habilidade atlética, ocupação digna. Trabalhei para dar essas dádivas a pilotos feridos na Inglaterra e pacientes leprosos na Índia e agora nos Estados Unidos. Mas, paradoxalmente, qualquer uma dessas qualidades desejáveis pode erguer uma barreira contra a imagem de Deus; pois praticamente qualquer qualidade que possa apoiar uma pessoa torna mais difícil a ela confiar no espírito de Deus. O belo, o forte, o politicamente poderoso e o rico dificilmente representam a imagem de Deus. Em vez disso, o espírito de Deus brilha com mais força por meio da debilidade do fraco, da impotência do pobre, da deformidade do corcunda. Mesmo que os corpos estejam destruídos, a imagem pode crescer mais radiante.

A princípio, achei esse discernimento na natureza do corpo de Cristo desagradável. Talvez porque me tivesse trazido a incômoda consciência de que, no mais das vezes busquei me cercar do bem-sucedido, do inteligente e do belo. Com demasiada frequência julguei pela imagem das pessoas em vez de julgar pela imagem de Deus. Mas, quando refleti sobre minha vida e sobre as pessoas que melhor representaram a imagem de Deus para mim, minha mente fixou-se especialmente em três pessoas. E nenhuma delas alcançara o padrão humano de sucesso.

QUANDO CRIANÇA, FREQUENTEMENTE ia a grandes igrejas e retiros, onde pude ouvir alguns dos mais famosos oradores cristãos da Inglaterra; muitos deles demonstravam grande eloquência e erudição. Mas outro tipo de orador tem um lugar especial em minha memória: Willie Long, homem que encontrei na Igreja Metodista Primitiva de uma estância de veraneio. Willie subiu ao púlpito com seu agasalho azul de pescador, com as escamas de peixe ainda presas em suas laterais, trazendo um aroma salgado para o salão da igreja. Todavia, esse homem sem educação, com um forte sotaque de Norfolk, pouca noção de gramática, de fé simples, provavelmente fez mais para estimular minha fé naqueles anos de formação do que todos os famosos oradores juntos. Quando ele se pôs a falar de Cristo, falava de um amigo pessoal e irradiava o amor de Deus com suas lágrimas. Willie Long, que tinha pouca importância para a imagem do homem, mostrou-me a imagem de Deus.

Mais tarde, na Índia, observei, espantado, a harmonia espiritual que ligava os pacientes à cirurgia Mary Verghese. E ela era incomparável: uma cirurgiã parapléica.

Mary havia sofrido um grave acidente de carro, que a deixou paralisada da cintura para baixo; era uma das minhas alunas mais promissoras. Durante meses ficou deitada em uma cama de hospital, resistindo à recuperação. Mary depositava suas esperanças em uma cura divina, dizia ela, e exercícios de reabilitação para paraplegia seriam apenas perda de tempo. Algum dia, Deus restauraria completamente o uso de suas pernas.

Por fim, Mary conseguiu a coragem para desistir daquela exigência de cura milagrosa, em troca da compreensão de que o poder do Espírito Santo se revelava melhor em sua fraqueza. Indo contra todas as probabilidades, ela completou o curso de cirurgia e se tornou uma poderosa força espiritual no hospital da Christian Medical College [Faculdade Cristã de Medicina].

Além da paraplegia, Mary sofreu várias lesões faciais. Após uma série de operações para reconstruir a estrutura óssea do rosto dela, o cirurgião plástico não teve escolha a não ser deixar uma enorme e desleigante cicatriz atravessando seu rosto. Em razão disso, ela tinha um sorriso estranho e assimétrico. Pelos padrões da perfeição física, não teria uma avaliação muito alta. Ainda assim, ela tinha um profundo impacto sobre os pacientes em Vellore.

Os deprimidos pacientes de lepra vagavam pelos corredores da enfermaria (naquela época seu trânsito na maioria dos hospitais era limitado). De repente, eles ouviam um rangido baixo que significava a aproximação da cadeira de rodas de Mary. De uma só vez, toda a fileira de rostos se iluminava com sorrisos radiantes, como se alguém tivesse acabado de dizer que estavam todos curados. Mary tinha o poder de renovar a fé e a esperança daquelas pessoas. Assim, quando penso em Mary Verghese, não vejo sua face, mas seu reflexo nos rostos sorridentes de tantos outros; não a imagem dela, mas a imagem de Deus derramada por seu imperfeito corpo humano.

Uma última pessoa se sobressai entre todas as outras que influenciaram minha vida: minha mãe, conhecida como Granny Brand. Digo isso com carinho e amor, mas na velhice restava pouca beleza física

em minha mãe. Ela tivera uma beleza clássica quando jovem — tenho fotografias para provar — mas não em sua velhice. As severas condições de vida na Índia, associadas a quedas traumatizantes e sua luta contra a febre tifóide, disenteria e malária, fizeram dela uma senhora magra e corcunda. Anos de exposição ao vento e ao sol curtiram a pele de seu rosto como couro e fizeram rugas profundas e extensas como eu nunca tinha visto em um rosto humano. Ela sabia melhor do que ninguém que a sua bela aparência física a abandonara havia muito tempo — por essa razão ela se recusava obstinadamente a manter um espelho dentro de casa.

Já com a idade de 75 anos, enquanto trabalhava nas montanhas do sul da Índia, minha mãe caiu e quebrou o quadril. Ela passou toda a noite deitada no chão sentindo dores, até que um trabalhador a encontrou na manhã seguinte. Quatro homens a carregaram montanha abaixo, em uma maca feita de cordas e madeira, até a planície e a colocaram em um jipe, que percorreu agonizantes 240 quilômetros de estrada de terra. (Ela já havia feito esse trajeto, após cair de cabeça para baixo de um cavalo em uma montanha rochosa, e tinha experimentado alguma paralisia abaixo dos joelhos.)

Logo marquei uma visita a minha mãe em sua casa de barro nas montanhas, com a intenção de convencê-la a se aposentar. Naquela época, só conseguia andar com a ajuda de duas varas de bambu mais altas que ela. Minha mãe apoiava-se nas varas e levantava suas pernas, evitando a cada passo doloroso que seus pés paralisados se arrastassem pelo chão. Ainda assim, ela continuava viajando a cavalo e acampando nas vilas afastadas para pregar o evangelho, tratar os doentes e arrancar os dentes podres dos aldeões.

Apresentei argumentos irrefutáveis para sua aposentadoria. Não era seguro para ela continuar vivendo sozinha em um lugar tão distante, a alguns dias de viagem de uma assistência decente. Com seu senso de equilíbrio danificado e pernas paralisadas, minha mãe se colocava em perigo constante. Ela já havia suportado fraturas das vértebras e das costelas, pressão na raiz do nervo espinhal, um traumatismo craniano, um fêmur fraturado e graves infecções nas mãos. "Até mesmo as melhores pessoas às vezes se aposentam quando chegam aos setenta anos", eu disse sorrindo. "Por que não vir para Vellore e morar perto de nós?"

Granny livrou-se de meus argumentos como se fossem uma grande besteira e me deu uma bronca. Quem iria continuar aquele trabalho? Não havia mais ninguém em toda a cadeia de montanhas que pregasse, tratasse das enfermidades e arrancasse dentes. "De qualquer forma", ela concluiu, "para que preservar meu corpo velho se não será usado onde Deus precisa de mim?"

E então ela ficou. Dezoito anos depois, aos 93 anos, ela de má vontade desistiu de montar em seu jumento porque estava caindo com frequência. Os dedicados aldeões indianos começaram a levá-la em uma rede de cidade em cidade. Após mais dois anos de trabalho missionário, ela finalmente faleceu, aos 95 anos de idade. Foi enterrada, como havia pedido, em um simples e usado lençol aberto sobre o chão — sem nenhum caixão. Ela odiava a ideia de desperdiçar boa madeira em caixões. Além disso, gostava do simbolismo de devolver o corpo físico a seu húmus original enquanto o espírito era liberto.

Uma das minhas últimas e mais fortes lembranças de minha mãe se passa em uma vila, nas montanhas que ela tanto amava; talvez a última vez que a vi em seu ambiente. Ela está sentada em um muro baixo de pedras que cerca a aldeia, com pessoas que a comprimem de todos os lados. Eles estão prestando atenção a tudo o que ela tem a dizer sobre Jesus. As cabeças se inclinam concordando, e profundas e penetrantes perguntas vêm da multidão. Os próprios olhos embotados de Granny estão brilhando, e, estando eu ao seu lado, posso ver o que ela deve enxergar pelos olhos que já começam a falhar: rostos concentrados, olhando fixamente com absoluta confiança e afeição aquela pessoa que eles passaram a amar.

Sei que mesmo com minha relativa juventude, força e toda a minha especialidade na área de saúde e em técnicas agrícolas, eu jamais poderia merecer aquele tipo de amor e dedicação por parte daquelas pessoas. Elas miram um rosto velho e enrugado, mas de alguma forma sua pele contraída se torna transparente, e ela toda é um espírito brilhante. Para essas pessoas, ela é bonita.

Granny Brand não precisava de um espelho feito de vidro e cromo polido; tinha os rostos brilhantes de milhares de aldeões indianos. Sua imagem física desgastada teve apenas o efeito de acentuar a imagem de Deus, que brilhava por intermédio dela como um farol.

WILLIE LONG, MARY VERGHESE, Granny Brand — são as três pessoas nas quais vi a imagem de Deus mais claramente. Não estou dizendo que uma *miss* Universo ou um belo atleta olímpico jamais comunicaria o amor e o poder de Deus, mas acredito que essas pessoas estão, de certa forma, em desvantagem. O talento, uma aparência física agradável e a bajulação das multidões tendem a deixar de lado qualidades como

humildade, abnegação e amor, as quais Cristo procura naqueles que poderiam carregar sua imagem. A mensagem é clara:

Deus estruturou o corpo dando maior honra aos membros que dela tinham falta, a fim de que não haja divisão no corpo, mas, sim, que todos os membros tenham igual cuidado uns pelos outros (1Co 12.24,25).

Paulo assinala que em nosso corpo físico aquelas partes que parecem ser as mais fracas se mostram indispensáveis, e as partes que são indecorosas exigem um recato especial. Também no corpo de Cristo a analogia se mantém. Quando nos juntamos a seu corpo, é a imagem de Deus que devemos achar, e não a nossa. Não a achamos em um processo de auto-afirmação, mas, sim, ao nos libertar dessa desesperada dependência da nossa auto-imagem, a fim de tomarmos sobre nós a imagem gloriosa de Deus.

Eu, Paul Brand, já me aproximando de meus setenta anos, com mais rugas e menos cabelo do que gostaria, posso desistir de minha ansiedade em relação a saúde, aparência e habilidades, que estão se esvaindo. A dependência dolorosa e competitiva de minha auto-imagem abre espaço para uma libertadora e agradável dependência da imagem de Deus.

Tenho de admitir que perco alguma autonomia e a oportunidade de acalantar meu ego. Mas a oferta de pertencer ao corpo de Cristo também é recompensadora. Do ponto de vista de Deus, nós, os membros, somos realmente tragados e cercados pelo corpo de Cristo, "em Cristo", como Paulo fica repetindo. Os autores do Novo Testamento se estendem por metáforas que expressam a realidade. Vivemos ou permanecemos nele, eles dizem (v. 1Jo 2.6). Somos o aroma de Cristo para Deus (v. 2Co 2.15). Brilhamos como estrelas no universo (v. Fp 2.15) e somos santos e irrepreensíveis em sua presença (v. Ef 1.4). Isso é apenas uma amostra; a mensagem ressoa por todas as epístolas. Somos o deleite de Deus, seu orgulho, sua experiência na terra, cujo propósito é mostrar sua sabedoria até mesmo para os poderes e autoridades nas regiões celestiais (v. Ef 3.10). Uma restauração de sua imagem sobre a terra está a caminho, por intermédio de nós.

Para ser membro de seu corpo, Deus atraiu pessoas de todas as raças e grupos, tendo em vista que nele não há gregos ou judeus, escravos ou libertos. Um simples pescador, um piloto com uma cicatriz no rosto, uma paraplégica e uma velha encarquilhada podem alegremente assumir suas posições. É a glória de Deus que tomamos sobre nós, e não a nossa. O custo pode ser maior àqueles que possuem riquezas, atrativos físicos e segurança. Mas para todos nós a recompensa é a mesma: a oportunidade de sermos julgados não pelo que somos, mas pelo que Cristo é. Quando Deus olha para nós, ele vê seu amado Filho.

E todos nós, que com a face descoberta, contemplamos a glória do Senhor, segundo a sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito (2Co 3.18).

Segunda parte Sangue

4 Poder

Uma mosca é uma criatura mais nobre do que o sol, pois uma mosca possui vida e o sol, não.

AGOSTINHO

MINHA CARREIRA COMO médico tem origem em uma noite sombria no Hospital Connaught, no lado leste de Londres. Até aquela noite, eu vinha resistindo, teimoso, a todas as pressões para ingressar na escola de medicina. Minha família já tentava me influenciar, a ponto de um tio se prontificar a pagar todas as minhas despesas de curso. E, pouco antes de eu terminar o ensino médio, o retorno de minha mãe da Índia nos deu oportunidade de conversarmos seriamente sobre meu futuro.

Sentamo-nos juntos em seu quarto, diante de um sibilante aquecedor a gás. Após ficarmos separados por seis anos, eu estava chocado com a mudança em sua aparência. Vinte anos na zona rural da Índia tinham

desgastado seu suave semblante da aristocracia britânica e deixado traços de uma inequívoca determinação nas linhas de seu rosto. A tristeza cobria sua face como uma máscara — meu pai tinha falecido por consequência da malária naquele mesmo ano. Ela havia voltado para casa terrivelmente prostrada, procurando um local de refúgio.

Parecia estranho para mim estar repentinamente planejando meu futuro com alguém que não via fazia seis anos. "Você sabe quanto seu pai amava o serviço de saúde nas montanhas", ela começou gentilmente. "Ele sempre teve o desejo de se tornar médico com uma formação adequada, em vez de ter de contar com um rápido curso de capacitação da Livingstone College [Faculdade de Livingstone]. Se isso tivesse acontecido... quem sabe, ele ainda poderia estar entre nós. Ele saberia como tratar da febre."

Seus olhos se encheram de lágrimas, e ela parou por alguns minutos, soluçando repetidamente. Ela continuou e falou-me das novas leis da Índia, que proibiam a prática da medicina a quem não estivesse devidamente qualificado como médico. Em seguida, olhou diretamente em meus olhos e disse em tom grave:

—Paul, seu pai sempre sonhou que você pudesse retomar de onde ele parou e se tornar um médico de verdade...

—Não, mãe! — eu a interrompi no meio da frase. — Não quero ser médico. Não gosto do trabalho médico. Prefiro ser um construtor. Eu poderia construir casas, escolas e até mesmo hospitais. De qualquer forma, não quero ser médico.

Ainda que ela não argumentasse, eu pude sentir que uma barreira havia se erguido entre nós. Murmurei algumas desculpas e saí com a consciência pesada, sabendo que decepcionara minha mãe, meu pai e meu generoso tio, por não querer estudar medicina. Não podia contar a ela, e provavelmente nem admitisse a mim mesmo naquele tempo, a verdadeira razão: uma visceral repulsa por sangue e pus. As lembranças vinham me enojando desde a infância.

Quando éramos crianças na Índia, minha irmã e eu participávamos de tudo que meus pais faziam. Às vezes, chegava um paciente para tratar de um furúnculo infeccionado, e, enquanto papai tratava da ferida, segurávamos as ataduras. Se estávamos no campo, meu pai levava rapidamente seu esterilizador para a sombra de uma árvore, fervia os instrumentos e se preparava para lancetar o abscesso. Ele não usava nenhum anestésico, então o paciente se agarrava firmemente em um parente durante a incisão e a drenagem. Minha irmã virava a cabeça no instante em que via o brilho da lâmina. Eu ria dela e me gabava, dizendo que os garotos não tinham medo.

Mas eu tinha medo, sim, e também repulsa por ver sangue e pus. Eu odiava aquelas cenas e a difícil limpeza que vinha em seguida. Anos depois, essas lembranças continuavam nítidas e ainda me impediam de me tornar médico. Eu não poderia enfrentar toda uma vida lidando com sangue, pus e náuseas.

CINCO ANOS APÓS O DIFÍCIL diálogo com minha mãe, eu me encontrava trabalhando precisamente no Connaught, um pequeno hospital no lado leste de Londres. Tinha mantido a promessa de aprender o ofício de construções, tendo sido aprendiz de carpinteiro, construtor, pintor e pedreiro. Eu adorava isso. As aulas noturnas de engenharia civil tinham me mostrado as teorias da construção, e eu estava ansioso para voltar à Índia e praticar minha profissão. Porém, a missão religiosa recomendou que eu me matriculasse no curso de higiene e medicina tropical na Faculdade de Livingstone, o mesmo no qual meu pai se formara. Fui designado para um hospital local, a fim de fazer curativos nas enfermarias e aprender os princípios de diagnóstico e tratamento.

Foi em uma noite, durante o expediente no Connaught, que toda a minha visão da medicina — e do sangue — foi completamente transformada. Naquela noite, uma bela jovem foi trazida em uma maca pelas atendentes do hospital até minha enfermaria. A perda de sangue havia lhe dado uma palidez cadavérica, e, em contraposição, seu cabelo ligeiramente castanho parecia profundamente negro. A falta de oxigênio no cérebro a levou a um estado de inconsciência.

A equipe do hospital falhou ao tentar controlar o pânico, em sua reação a um paciente de trauma. Uma enfermeira disparou por um corredor para buscar uma bolsa de sangue, enquanto um médico manipulava nervosamente a aparelhagem de transfusão. Outro médico, vendo de relance meu jaleco branco, jogou um aparelho de pressão em minhas mãos. Felizmente, eu já havia aprendido a ler o pulso e a pressão sanguínea. Eu não conseguia detectar sequer o mais leve palpite no pulso úmido e gelado daquela mulher.

Sob a claridade das luzes do hospital, ela parecia uma madona de cera, ou um santo de alabastro de alguma catedral. Até mesmo seus lábios estavam pálidos, e enquanto o médico vasculhava o peito da garota com seu estetoscópio, eu notei que os mamilos dos pequenos seios dela estavam esbranquiçados. Somente algumas sardas se destacavam na palidez. Ela não parecia estar respirando. Tinha certeza de que ela estava

morta.

A enfermeira chegou com uma bolsa de sangue e a prendeu em um suporte de metal, ao mesmo tempo que o médico perfurava a veia da mulher com uma agulha grossa. Eles posicionaram o recipiente no alto e usaram um tubo extralongo, para que o aumento na pressão empurrasse o sangue para seu corpo o mais rápido possível. A equipe me pediu para vigiar a bolsa, que se esvaziava, enquanto eles corriam para conseguir mais sangue.

Nada de que me lembre pode se comparar à emoção do que aconteceu em seguida. Seguramente, mesmo agora os detalhes daquele momento me sobrevêm, trazendo alguma palpitação. Quando todos saíram, segurei apreensivo o pulso da mulher. De súbito, pude perceber uma débil pressão em seu pulso. Ou seria a pulsação do meu dedo? Procurei mais uma vez, e estava lá; era um tremor quase imperceptível, mas regular. A segunda bolsa de sangue chegou e foi rapidamente conectada. Um ponto rosado apareceu como uma gota de aquarela em sua bochecha e começou a se ampliar em um belo rubor. Seus lábios ficaram rosados, depois vermelhos, e seu corpo se agitou com um tipo de suspiro.

Então suas pálpebras tremeram levemente e se abriram. Ela a princípio apertou os olhos, e suas pupilas se contraíram, reagindo à luz do ambiente. Por fim, ela olhou diretamente para mim, e para minha enorme surpresa, ela falou, pedindo-me água.

Aquela jovem entrou em minha vida somente por cerca de uma hora, mas a experiência me deixou completamente transformado. Presenciei um milagre: um cadáver ressurreto, a criação de Eva quando um sopro entrou em seu corpo e lhe deu vida. Se a medicina, se o sangue podiam fazer isso...

Peguei o recipiente de vidro, com vestígios de sangue ainda escorrendo em seu interior, e li o rótulo. Quem tinha doado aquele meio litro de vida? Eu quis formar uma imagem mental do doador que tornara aquele milagre possível. Em nossos registros descobri que o doador morava em Seven Kings, Essex, cidade onde eu tinha trabalhado para uma empreiteira. Com os olhos fechados visualizei um daqueles robustos trabalhadores dessa comunidade de operários. Naquele momento ele poderia estar subindo uma escada ou assentando tijolos, exibindo força e vigor, ignorando o fato de que aquela delicada jovem revivera por meio de suas células sanguíneas, a vários quilômetros dali.

Ao terminar o ano na faculdade de Livingstone, eu estava incuravelmente apaixonado pela medicina. Pouco tempo depois, sentindo alguma vergonha por meu deslize, mas forçado por um sentimento profundo, voltei atrás e aceitei a oferta de meu tio para o sustento de meus estudos na escola de medicina. A lembrança do sangue derramado me manteve afastado da medicina, e o poder do sangue compartilhado acabou me trazendo para ela.

PARA A MAIORIA DE NÓS, O *órgão* sangue, se é que se pode chamar essa massa líquida de órgão, só nos vem à lembrança quando começamos a perdê-lo. Então, a visão dele na urina escurecida, em um sangramento nasal ou em uma ferida nos deixa preocupados. Perdemos a compreensão do impressionante poder do sangue, cuja manifestação naquela paciente em Connaught eu presenciei — o poder que sustenta nossa vida a cada momento.

"O que meu sangue *faz* o dia inteiro?", perguntou uma criança de cinco anos, olhando desconfiada para o joelho esfolado. Embora os antigos tivessem respondido com elegantes referências ao éter²⁸ e ao humor²⁹ transportado naquele "puro, claro, adorável e agradável fluido", talvez uma metáfora tecnológica pudesse nos servir melhor nos dias de hoje. Imagine um enorme tubo serpenteando em direção ao sul, indo do Canadá até o delta do Amazonas, mergulhando nos oceanos apenas para emergir em cada ilha habitada, correndo em direção ao leste através de cada selva, planície e deserto da África, bifurcando-se próximo ao Egito para se integrar à Europa, à Rússia, ao Oriente Médio e à Ásia — uma rede de dutos tão global e difundida, que se conecta a cada pessoa pelo mundo afora. Dentro desse tubo, flutua em balsas uma infindável quantidade de riquezas: mangas, cocos, aspargos e produtos de todos os continentes; relógios, calculadoras e câmeras; gemas e minerais; 49 marcas de cereais; todos os estilos e tamanhos de roupas — o conteúdo de *shoppings* inteiros. Quatro bilhões de pessoas têm acesso: no instante em que querem ou necessitam, simplesmente estendem a mão para dentro do tubo e pegam o que lhes convier. Em algum lugar ao longo do tubo, é fabricada e realizada uma reposição.

Uma rede de tubos assim existe dentro de cada um de nós, não atendendo apenas a quatro bilhões, mas a cem trilhões de células do corpo humano. Um infindável suprimento de oxigênio, aminoácidos, nitrogênio,

²⁸ Em alusão ao hipotético fluido cósmico condutor de energia. (N. do E.)

²⁹ Líquido secretado pelo corpo e que era tido na Antiguidade como determinante das condições físicas e mentais do indivíduo. (N. do T.)

sódio, potássio, cálcio, magnésio, açúcares, lipídios, colesterol e hormônios surge próximo de nossas células, levado nas balsas das células sangüíneas ou flutuando em seu fluido. Cada célula tem privilégios especiais de coleta para reunir os recursos necessários ao abastecimento de um minúsculo motor que realiza complexas reações químicas.

Além disso, a mesma rede de tubos retira o lixo, os gases de descarga e os produtos químicos usados. A fim de garantir um transporte barato, o corpo dissolve suas substâncias vitais em um líquido (como o carvão é mais eficientemente transportado por cano, misturado em um líquido, do que por caminhão ou trem). Cinco ou seis litros desse fluido multiuso são suficientes para as centenas de trilhões de células espalhadas pelo corpo.

Quando perdemos sangue, ele tem a aparência de um xarope uniforme de uma cor que varia do vermelho brilhante ao roxo escuro. O falecido Loren Eiseley, naturalista e antropólogo, reconheceu-o de forma mais correta como uma aglomeração populacional. Já próximo do fim da vida, ele tropeçou enquanto caminhava para seu escritório numa tarde. Caiu com o rosto virado para o chão, e o sangue escorreu de um corte em sua testa. Um tanto atordoado, Eiseley sentou-se e ficou olhando a mancha de sangue na calçada. Mais tarde, ele escreveu:

Confuso e com dor, murmurei: "Ah, não se vá. Me desculpe". Essas palavras não foram ditas a alguém, mas a uma parte de mim mesmo. Eu estava bastante lúcido; fora somente uma curiosa sanidade alienada do que estava ao meu redor, pois eu me dirigia a células sangüíneas, fagócitos, plaquetas — a todas aquelas maravilhas rastejantes e auto-sustentáveis que tinham sido parte de mim e agora, graças a minha estupidez e falta de cuidado, morriam como peixes encalhados sobre a calçada quente. Eu era feito de milhões dessas minúsculas criaturas, bem como de seu trabalho e sacrifícios, quando se apressavam para selar e reparar algum tecido rompido neste vasto ser, de quem tinham inconsciente, mas apaixonadamente, feito parte. Eu era sua galáxia, sua criação. Pela primeira vez, eu os amei de forma consciente. Pareceu-me naquele momento, como ainda sinto em retrospecto, que no universo em que habito já causei tantas mortes como a explosão cósmica de uma supernova.

Uma simples experiência confirma a natureza composta do sangue. Derrame uma quantidade desse líquido em qualquer copo transparente e simplesmente espere. Faixas de cores horizontais aparecerão à medida que as células vão se assentando de acordo com o peso, até formar uma substância com muitas camadas que lembra um exótico coquetel. Os vermelhos mais profundos, compostos de conglomerados de glóbulos vermelhos, precipitam-se para o fundo; o plasma, um fluido amarelo ralo, preenche o topo do frasco; as plaquetas e os glóbulos brancos se reúnem em uma faixa acinzentada entre as outras duas.

Do mesmo modo que o telescópio em relação às galáxias mais próximas, o microscópio descortina uma gota de sangue: ele revela a assombrosa realidade. Um pontinho de sangue do tamanho da letra "o" contém cinco milhões de glóbulos vermelhos, 300 mil plaquetas e 7 mil glóbulos brancos. O fluido é na verdade um oceano carregado de matéria viva. Apenas os glóbulos vermelhos, se retirados de uma pessoa e colocados lado a lado, poderiam ocupar, aproximadamente, uma área de três mil metros quadrados.

O tema glóbulos vermelhos e glóbulos brancos aparece em outras partes deste livro e será examinado em detalhes mais adiante.

A sobrevivência do corpo seguramente depende das células que possuem a forma de uma delicada flor, as plaquetas. Suas funções não eram conhecidas até recentemente. Hoje, os cientistas reconhecem que as plaquetas, que circulam somente de seis a 12 dias no sangue, possuem papel crucial no salvador processo da coagulação; elas atuam como caixas móveis de primeiros socorros, detectando vazamentos, consertando-os e pondo em ordem os escombros.

Quando um vaso sangüíneo é seccionado, o fluido que sustenta a vida começa a vazar. Em resposta, as minúsculas plaquetas se derretem como flocos de neve, formando uma teia de fibrinogênio. Os glóbulos vermelhos são recolhidos por essa teia, como em um engavetamento de carros quando a rua está interrompida. Logo, a delgada parede de glóbulos vermelhos fica suficientemente grossa para deter o fluxo de sangue.

As plaquetas têm uma margem de erro muito pequena. Qualquer coágulo que se prolongue além das paredes de um vaso e ameace obstruir o próprio vaso impedirá a circulação do sangue, podendo causar um derrame ou uma trombose coronária e possivelmente a morte. Mas há pessoas cujo sangue é incapaz de gerar coagulação, o que possibilita risco de morte: até mesmo a extração de um dente pode ser fatal. O corpo avalia de forma brilhante quando um coágulo é grande o suficiente para parar a perda de sangue, mas não a ponto de impedir o fluxo dentro do vaso.³⁰

³⁰ A Índia possui uma espécie de cobra muito temida, a *eleven-step adder* [serpente-dos-onze-passos], que possui esse nome porque se diz que a sua

UMA OLHADA ATRAVÉS DO microscópio esmiuça os diversos componentes do sangue, mas não dá nenhuma idéia do frenesi diário enfrentado por uma célula. Os glóbulos vermelhos, por exemplo, nunca ficam parados. Desde que entram pela primeira vez na corrente sanguínea, são empurrados e impulsionados em um tráfego digno da hora de pico. Começando seu ciclo no coração, fazem uma rápida viagem até os pulmões, para pegar uma grande quantidade de oxigênio. Imediatamente retornam ao coração, que os lança violentamente sobre as "Cataratas do Niágara"³¹ do arco da aorta. Desse ponto, estendem-se rodovias congestionadas com bilhões de células para o cérebro, os membros e os órgãos internos vitais.

Cem mil quilômetros de vasos sanguíneos se concentram a cada célula viva; até mesmo os próprios vasos sanguíneos são alimentados por vasos sanguíneos. Rodovias se estreitam formando estradas de mão única; em seguida formam ciclovias, então trilhas, até que finalmente os glóbulos vermelhos podem sair de soslaio e avançar lentamente por um vaso capilar com um décimo da espessura de um fio de cabelo humano. Em um local tão estreito, os glóbulos são despojados de sua comida e oxigênio, sendo carregados com dióxido de carbono e uréia. Se encolhêssemos ao seu tamanho, veríamos os glóbulos vermelhos como sacos inchados de gelatina e ferro, à deriva em um rio até alcançarem o menor dos vasos capilares, onde gases borbulham e assobiam para dentro e para fora das membranas celulares. De lá, os glóbulos vermelhos correm em direção aos rins para uma limpeza meticulosa, voltando então aos pulmões para reabastecer. E a jornada começa novamente.

Uma pessoa pode viver um dia ou dois sem água e algumas semanas sem comida, mas somente alguns minutos sem oxigênio, o principal combustível de nossas centenas de trilhões de células. Exercícios pesados podem aumentar a demanda dos normais 18 litros para 340 litros de oxigênio por hora, fazendo com que o coração duplique ou até triplique as suas batidas, para acelerar os glóbulos vermelhos em direção aos oscilantes pulmões. Se os pulmões por si sós não puderem superar o déficit de oxigênio, os glóbulos vermelhos chamam reforço. Em vez de cinco milhões de glóbulos vermelhos em uma gota de sangue, pouco a pouco aparecerão sete ou oito milhões. Depois de alguns meses na atmosfera rarefeita das montanhas do Colorado, por exemplo, acharemos até dez milhões de glóbulos vermelhos em uma única gota de sangue, a fim de compensar a baixa densidade do ar.

Essa atribulada jornada, mesmo até a extremidade do dedão, demora meros vinte segundos. Um glóbulo vermelho comum suporta o ciclo de carga e descarga se acotovelando por todo o corpo por cerca de meio milhão de ciclos, ao longo de quatro meses. Em uma jornada final para o baço, a célula danificada é desmanchada por células que a devoram, sendo reciclada para formar novas células. Trezentos bilhões de células como os glóbulos vermelhos morrem e são substituídos todos os dias, deixando para trás várias partes que serão reutilizadas em um folículo capilar ou em uma papila gustativa.³²

Os componentes desse sistema circulatório cooperam para realizar um simples objetivo: nutrir e limpar cada célula viva. Se alguma parte da cadeia for interrompida — o coração tira um inesperado descanso, um coágulo aumenta demais e bloqueia uma artéria, um defeito diminui a capacidade de oxigenação dos glóbulos vermelhos —, a vida se dissipa. O cérebro, mestre do corpo, pode sobreviver intacto por apenas cinco minutos sem o devido reabastecimento.

O sangue já me causou enjôo. Eu o via como a parte mais desagradável do tratamento médico. No entanto, agora, partilho os sentimentos de gratidão de Loren Eiseley. Gostaria de reunir todas as minhas células sanguíneas e cantar para elas um hino de louvor. O drama da ressurreição representado diante de mim no Hospital Connaught ocorre, sem nenhum estardalhaço, em cada batimento cardíaco de um ser

picada só permite que a vítima ande mais onze passos. Como todas as víboras, ela mata com uma toxina coagulante. Se suas presas penetrarem uma veia principal, digamos, na perna, todo o sangue entre o coração e a perna coagula de uma só vez. Se a toxina alcançar apenas uma veia secundária, acontece algo incrível: o veneno atrai as plaquetas para o tecido tal como um ímã. Em todas as outras partes do corpo, as plaquetas simplesmente desaparecem, fazendo com que o sangue não possa coagular em lugar algum. Então, o menor arranhão irá matar a vítima, ou ela poderá sangrar internamente no cérebro ou no intestino. O sangramento não pode ser interrompido. Assim, a toxina de uma víbora pode matar de duas formas opostas: uma devastadora coagulação ou uma igualmente devastadora incapacidade de coagulação. O Instituto Haffkine em Bombaim extrai o veneno dessas serpentes e utiliza quantidades infinitesimais da toxina seca, para tratar de pacientes com excesso de sangramento.

³¹ Localizadas na fronteira entre Canadá e Estados Unidos e alimentadas pelo rio Niágara, elas têm quedas de 50 metros de altura. (N. do E.)

³² O corpo fornece a energia para as viagens dos glóbulos vermelhos através do coração, órgão que merece um livro dedicado exclusivamente a ele. Corações artificiais simples já estão disponíveis, mas eu gostaria de ver um formulário de especificações de projeto do governo para um substituto realmente satisfatório.

OFERTAS ACEITAS PARA:

- Bomba de fluido com uma expectativa de vida de 75 anos (ou 2,5 bilhões de ciclos).

- Não deve exigir manutenção e lubrificação.

- Rendimento: deve variar entre 0,025 cavalo-vapor em repouso, com rápidos arranques de um cavalo-vapor, determinados por fatores como estresse e exercício.

- Peso: não deve exceder 300 gramas.

- Capacidade: nove mil litros por dia.

- Válvulas: cada uma deverá operar de quatro mil a cinco mil vezes por hora.

humano saudável. Cada célula em cada corpo vive pela misericórdia do sangue.

5 Vida

Entre a vida e a morte há uma linha tênue. Quando a vida se vale dos átomos mortos de carbono, oxigênio e hidrogênio, o organismo é a princípio extremamente modesto. Ele tem umas poucas funções. Tem pouca beleza. Crescer é tarefa do tempo.

Mas a vida, não. Ela chega em um átimo. Em um instante estava morta; no momento seguinte passou a viver.

Isso é a conversão, a "passagem", como diz a Bíblia, "da morte para a vida". Aqueles que deram apoio a outra pessoa na hora solene dessa temível expropriação têm eventualmente tido ciência de uma experiência que as palavras não podem expressar — algo como a quebra repentina de uma corrente, o acordar de um sonho.

HENRY DRUMMOND,

NATURAL LAW IN THE SPIRITUAL WORLD

[AS LEIS DA NATUREZA NO MUNDO ESPIRITUAL]

O SANGUE SALPICA AS PÁGINAS da mitologia e da história. Bebê-lo deu força e nova vida aos fantasmas da morte em *A odisséia*,³³ aos epiléticos romanos que se atiravam ao chão do Coliseu para lamber o sangue de gladiadores moribundos, aos membros da tribo dos masai, no Quênia, que ainda celebram seus banquetes tragando o sangue fresco derramado de uma vaca ou de uma cabra.

Nas relações humanas, o sangue tem uma aura misteriosa, quase sagrada. Um juramento tem um significado maior do que a palavra de uma pessoa, mas o sangue estabelece um acordo quase inviolável. Os homens da Antigüidade, sem nenhuma vergonha de traduzir em ação seus símbolos, às vezes selavam acordos se cortando e misturando seu sangue.

Nós, modernos, herdamos estranhos simbolismos do mistério intrínseco do sangue. Por exemplo, uma aliança de casamento é colocada no dedo médio, onde já se acreditou ter uma veia diretamente ligada ao coração; e a brincadeira infantil de se tornar "irmão de sangue", na qual dois participantes, de modo solene e sem higiene, juram sua lealdade eterna um ao outro. Também refletimos conceitos errôneos quando usamos termos como "sangue puro", "sangue misturado", "relações de sangue" ou "sangue quente" e "sangue frio", voltando aos tempos em que se presumia que o líquido carregava a hereditarie-dade e o temperamento.

Até mesmo nos dias de hoje, depois de ter sido centrifugado em laboratórios e desmistificado, o sangue ainda conserva um poder místico, pelo menos pela sensação de constrangimento que sentimos quando o vemos derramado. Há algo horivelmente anormal, até mesmo nauseante, em ver o fluido da vida se esvaír incontrolavelmente de um corpo vivo. Não é de admirar que as religiões ao longo da história tenham considerado o sangue uma substância sagrada. Uma praga arrasadora, uma seca localizada ou, quiçá, um desejo de triunfar sobre os inimigos ou aplacar a ira dos deuses — qualquer coisa de maior importância sugeria um sacrifício de sangue nas religiões primitivas.

Embora os adoradores possam se sentir desconfortáveis com o fato, o cristianismo também é inegavelmente baseado no sangue. Os escritores do Antigo Testamento descrevem claramente sacrifícios de sangue, enquanto no Novo Testamento envolvem-se esses rituais simbólicos com interpretações teológicas. Em seus escritos, os autores escolhem utilizar a palavra "sangue" com uma frequência três vezes maior do que a "cruz" de Cristo, e cinco vezes maior do que o termo "morte". E diária, semanal ou mensalmente (ou em qualquer outra hora, dependendo da denominação), somos chamados para celebrar a morte de Cristo com uma cerimônia centrada em seu sangue.

Como cirurgião, tenho contato com o sangue quase diariamente. Vejo o sangue como uma medida da saúde de meus pacientes. Eu o aspiro da área onde estou cortando. Requisito quantidades higienicamente etiquetadas de sangue de uma geladeira, quando um paciente precisa de suprimento extra. Conheço bem essa substância quente e levemente ácida, que pulsa em cada um de meus pacientes — tenho manchas de

³³ Poema épico de Homero (século IX a.C.?), poeta grego que conta as aventuras de Ulisses em sua volta para Ítaca. É do mesmo autor a *Iliada*. (N. do E.)

sangue em todos os jalecos que uso.

Mas como cristão confesso que costumava recuar instintivamente diante do simbolismo do sangue que envolve nossa religião. Ao contrário de nossos antepassados, não crescemos em um ambiente cultural repleto de misticismo e sacrifícios de animais. Para a maioria de nós, o sangue não é uma metáfora comum ao cotidiano, e, com o passar do tempo, conceitos ligados ao sangue podem perder o significado ou, pior, afastar desnecessariamente as pessoas da fé. Surge um desafio: podemos descobrir novas percepções no simbolismo bíblico do sangue que se encaixem mais naturalmente em nossa cultura, sem deixar de preservar a essência da metáfora?

O sangue funciona como símbolo religioso pelo que ele representa, e, quanto mais conhecermos da natureza do sangue em si, mais compreenderemos suas conotações metafóricas. Já descrevi como o poder intrínseco do sangue me impressionou, de tal maneira que me fez mudar de carreira. Uma vez que sou cirurgião, e não teólogo, limitarei alguns dos próximos capítulos às funções do sangue específicas que encontrei na medicina. Manterei diante de mim o verdadeiro fluido quente e pegajoso, que lavo de minhas luvas todos os dias.

PARA AS PESSOAS QUE PRATICAM a medicina, o sangue representa a vida, e essa característica passa por cima de todos os outros aspectos. Sempre que pego um bisturi, tenho quase um sentimento de reverência pela natureza vital do sangue.

Quando estou realizando uma cirurgia, devo continuamente controlar o sangramento, pois cada tremor do bisturi deixa um fino rastro de sangue. Na maioria das vezes, o sangue vem de alguns milhares de minúsculos vasos capilares, e eu os ignoro, sabendo que se estancarão sozinhos. A cada um ou dois minutos, um esguicho de sangue me diz que uma artéria foi cortada e devo prendê-la ou cauterizá-la com cuidado. O escorrimento lento de sangue escuro indica uma veia perfurada, o que me obriga a prestar ainda mais atenção. Uma veia cortada é perigosa: com muito menos músculos em suas paredes do que uma artéria, ela não consegue se fechar sozinha com facilidade. Para evitar esses problemas, esforço-me por localizar todos os vasos importantes antes de fazer a incisão. Então prendo a veia com uma pinça em dois pontos diferentes e corto entre eles, sem a perda de uma única gota de sangue. Após anos de prática cirúrgica, todo o procedimento se sucede sem me deixar nervoso ou emocionado.

Não obstante todas as precauções, pode ocorrer um nível diferente de sangramento, com o qual nenhum cirurgião nunca se acostuma. Às vezes, por um erro de julgamento ou perda de destreza manual, uma veia realmente grande é cortada ou se rompe e jorra sangue do ferimento. Ele jorra em uma cavidade como o abdome ou o peito, e o sangue encobre totalmente o vaso de onde ele sai. O cirurgião, tateando em um mar de sangue que lhe chega aos pulsos, grita por sucção e gaze — inevitavelmente, é nessa hora que o bocal de sucção fica entupido ou a eletricidade acaba. Nenhum cirurgião passa a sua carreira sem esse tipo de incidente.

Nunca me esquecerei da expressão de horror de um de meus alunos de Londres durante uma experiência dessas. Ele realizava um procedimento de rotina em uma mulher, em nossa clínica ambulatorial, extirpando um minúsculo nódulo linfático de seu pescoço para biópsia. Era um procedimento relativamente simples, realizado com anestesia local, eu estava trabalhando na sala ao lado. De repente, uma enfermeira apareceu em minha porta, suas mãos e uniforme borrifados de sangue. "Venha rápido!", ela gritou, e eu corri para a sala ao lado onde encontrei o residente branco como um cadáver, trabalhando freneticamente em uma mulher cujo pescoço jorrava sangue. Era difícil dizer quem estava mais assustado: se o meu residente ou a paciente.

Felizmente, um maravilhoso professor na Inglaterra me ensinara os reflexos apropriados. Corri para o lado da mulher e, removendo rapidamente todos os instrumentos do corte, segurei seu pescoço e simplesmente pressionei meu dedão contra a veia. Conforme meu dedão fechava a ruptura da parede do vaso, o sangramento parava, e continuei naquela posição até que a mulher estivesse calma o suficiente para eu ampliar a anestesia e fechar a veia. Notei que o interno havia dissecado a área do nódulo e tentava cuidadosamente separá-la de todas as suas raízes. Mas, ao fazer isso, ele inadvertidamente cortou um pequeno pedaço da veia jugular!

Uma situação de emergência com sangue — e isso *irá* acontecer em algum momento — diz a um estudante se ele deve ou não continuar na profissão. Se um jovem cirurgião entrar em pânico, deverá se transferir para outro ramo da medicina, em que seja menor a possibilidade de ocorrer situações assustadoras.

Meu professor de Londres, que tinha o magnífico nome de *sir* Launcelot Barrington-Ward, tentou intensamente preparar seus alunos para emergências como essa. *Sir* Launcelot, cirurgião da família real inglesa, ensinou-me cirurgia pediátrica. Como seu assistente, eu ouvia-o perguntar a cada novo aluno: "No

caso de uma grande hemorragia, qual seu instrumento mais útil?". A princípio, o novato iria propor ferramentas cirúrgicas exóticas, e o professor franziria a sobancelha e balançaria a cabeça. Havia apenas uma resposta correta: "O dedão, meu caro senhor". Por quê? O dedão está prontamente disponível — todo médico tem um — e oferece a combinação perfeita de uma pressão forte com complacência.

Sir Launcelot então perguntaria:

—Qual é seu pior inimigo quando há uma hemorragia? E nós diríamos:

—O tempo, senhor.

E ele perguntaria:

—E qual seu maior amigo? E nós diríamos novamente:

—O tempo.

Sir Launcelot gravou em nós a visão de que, enquanto há sangue sendo perdido, o tempo é o inimigo. A cada segundo, a vida irá se esvaír enquanto o paciente vai ficando cada vez mais fraco, até chegar a um ponto sem volta. O impulso é de entrar em pânico, agarrar os vasos e prendê-los com pinças aqui e ali, causando freqüentemente mais danos.

Mas, uma vez que eu tenha colocado meu dedão no ponto do sangramento, o tempo se torna meu amigo. Não há pressa; posso parar e planejar o que fazer a seguir. O corpo se ocupa em ajudar: formam-se coágulos para fechar a ruptura. Posso tomar o tempo que for necessário para limpar tudo e preparar uma transfusão, ou mandar buscar algum instrumento especial, ou chamar mais um assistente, ou aumentar a incisão para ter uma visão melhor. (Uma vez, segurei um monte de veias em minhas mãos por 25 minutos enquanto removia um baço doente, operando com uma mão e, ao mesmo tempo, segurando o fluxo de sangue com a outra.) Tudo isso pode acontecer se meu dedão estiver pressionando com firmeza a área do sangramento. E por fim, quando estiver tudo pronto, lentamente removo o dedão enquanto minha outra mão e meus assistentes estão prontos para entrar em ação — e descubro que nenhuma ação é necessária. O sangramento parou.

Nesses momentos, na pressa da adrenalina causada pela crise, freqüentemente tenho um sentimento de exaltação espiritual. Sinto-me unido aos milhões de células vivas naquele ferimento, lutando pela sobrevivência. E me dou conta de que, por mais incrível que pareça, o dedão comum é a única coisa entre meu paciente e a morte.

Depois de muitas experiências como essa, na atmosfera eletrizante da sala de operações, todo cirurgião aprende a identificar o sangue com a vida. Os dois são inseparáveis: se você perde um, perde os dois.

Por que, então, o sangue como símbolo cristão parece contradizer o que vejo nesses momentos?

ADMITO, JÁ DE INÍCIO, QUE algumas vezes considero as associações simbólicas do sangue na cristandade detestáveis. Numa manhã de domingo, ligo o rádio enquanto me dirijo de meu hospital em Carville para New Orleans. Um pastor ofegante conduz um culto de ceia, em igreja da zona rural. Ele faz um comentário sentimental sobre a agonia final de Jesus na cruz e descreve de maneira intensa a cena da cruz sendo presa às costas ensangüentadas pelas chibatadas. A congregação murmura quando ele claramente segura um espinho de dez centímetros, demonstrando como os soldados encravaram cruelmente uma coroa desses espinhos na cabeça de Jesus. Todas as vezes que é utilizada a palavra "sangue" (que tem suas duas sílabas lentamente pronunciadas) — quando ele é pregado, o baque da cruz no chão, a lança que lhe perfura o lado — parece que é dado a esse pregador uma revigorante carga de energia.

O tema da "morte" e da constante tristeza paira sombriamente por uma hora inteira. Continuo dirigindo sob o sol brilhante da Louisiana, olhando as majestosas garças, brancas como as nuvens, ciscando por comida nos canais rentes à rodovia. O pastor pede aos paroquianos que pensem em todos os seus pecados recentes, um por um, e contemplem a horrível culpa que levou Jesus a uma morte tão sangrenta a favor deles.

A cerimônia prossegue com o sacramento em si. Minha mente, chocada com o solene culto na rádio, se volta para a natureza do sangue, literalmente — não a substância aquosa roxeada nos copos da ceia, mas a sopa escarlate rica em proteínas e células que mantém meus pacientes vivos. Mais uma vez me pergunto: algo se perdeu através dos séculos, algo fundamental? Teriam a intenção e o significado da simbologia evaporado? O pastor da Louisiana se concentrava exclusivamente no sangue que era derramado — mas o sacramento também não se centra no sangue que é partilhado?

William Harvey, o cientista inglês do século XVI que revolucionou nossa compreensão da circulação e do sangue, afirmou o seguinte fato médico:

O sangue não é apenas a causa da vida de um modo geral, mas também a causa de ela ser mais curta ou mais longa, de se dormir e despertar, da disposição, da genialidade e da força. Ele é o primeiro a viver e o último a morrer.

Medicamente, o sangue significa a vida, e não a morte. Ele alimenta e sustenta cada célula do corpo com seus preciosos nutrientes. Quando ele se escoa, a vida vacila. Teria nossa interpretação moderna do símbolo, como foi exemplificada pela fixação que o pastor da rádio tinha pela morte, se afastado tanto do significado original?

Deveremos achar a indicação decisiva a respeito desse significado não por meio da medicina, mas por Jesus e pelos autores da Bíblia que introduziram esse símbolo. Para eles, derramar sangue podia significar morte ("Da terra o sangue do seu irmão [Abel] está clamando"; Gn 4.10). E, ainda assim, na consciência de cada judeu repousa uma associação fundamental entre o sangue e a vida. O próprio Deus deu ao sangue esse significado. Quando uma nova era da história mundial começou, Deus ordenou em um pacto com Noé: "Mas não comam carne com sangue, que é vida" (Gn 9.4). Mais tarde, no código legal formal dado a Moisés e aos israelitas, Deus reiterou sua ordem como "decreto perpétuo para as suas gerações, onde quer que vivam". Ele explicou o motivo: "Porque a vida de toda carne é o seu sangue" (Lv 3.17; 7.26,27; 17.11,14; Dt 12.23).

Os judeus do Antigo Testamento, acostumados a mortes violentas e a penas de morte, não sentiam náuseas com sangue. Israel não tinha abatedouros assépticos para ovelhas e gado, então todos os judeus devem ter assistido à morte sangrenta de muitos animais. Além do que, toda boa mulher judia checava a carne a ser servida, para se certificar de que não restava sangue algum. A regra era inquestionável: não coma o sangue, pois nele está a vida. A culinária *kosher* se desenvolveu usando elaboradas técnicas para se certificar de que nenhum sangue contaminava a carne.

Essa proibição contra a ingestão de sangue estava tão gravada em sua cultura, que milhares de anos mais tarde, quando os apóstolos chegaram a uma conclusão sobre quais costumes deveriam ser obrigatoriamente honrados pelos novos cristãos gentios, a lista de quatro proibições era composta por duas regras sobre o sangue (v. At 15.29). Embora fossem flexíveis a respeito de costumes antiquíssimos como a circuncisão, os apóstolos proibiram que se bebesse o sangue e se comesse a carne imprópriamente abatida (em animais estrangulados, o sangue não seria drenado).³⁴

Em vista desses antecedentes de rígidas concepções judaicas acerca do sangue, veja a mensagem chocante, quase revoltante, que Jesus trouxe para essa cultura:

Eu lhes digo a verdade: Se vocês não comerem a carne do Filho do homem e não beberem o seu sangue, não terão vida em si mesmos. Todo aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida. Todo aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Da mesma forma como o Pai que vive me enviou e eu vivo por causa do Pai, assim aquele que se alimenta de mim viverá por minha causa (Jo 6.53-57).

Um convite para um ato imoral dificilmente teria perturbado mais gravemente os seguidores de Jesus. Suas palavras, proferidas no ápice de sua popularidade, logo após a alimentação de cinco mil pessoas, significou uma mudança drástica em sua aceitação pública. Os judeus ficaram tão confusos e indignados, que uma multidão de milhares de pessoas que tinham seguido Jesus ao redor de um lago para forçosamente coroá-lo seu rei dispersou-se silenciosamente. Muitos de seus discípulos mais próximos desertaram; seus irmãos o consideraram louco; as conspirações para matá-lo surgiram imediatamente. Dessa vez, Jesus tinha simplesmente ido longe demais.

Pelo menos esses primeiros ouvintes captaram a extensão do que Jesus tinha feito. Ele despojou a palavra "sangue" de quatro mil anos de profundas associações. Nenhum judeu ingeria sangue — apenas os selvagens e os incircuncisos faziam isso. O sangue sempre foi derramado diante de Deus como uma oferta pela vida que pertencia a ele. Ainda assim, para essas mesmas pessoas, Jesus disse: "Bebam meu sangue". É de estranhar que os judeus tenham se indignado, e os discípulos, se dispersado?

Surge uma questão: conhecendo — como ele devia conhecer — a ofensa que suas palavras iriam causar, por que Jesus as proferiu? Por que não traçar um paralelo mais moderado com o sacrifício judeu? Se ele tivesse dito "Comam minha carne e derramem meu sangue"; ou "Comam minha carne e espalhem meu sangue", seus ouvintes não teriam se ofendido. Mas eles não teriam entendido a intenção de Jesus. Em vez disso, ele disse: "Bebam".

Jesus se expressou daquela maneira não para ofender, mas para transformar a simbologia de forma radical. Deus havia dito a Noé: se você beber o sangue de um cordeiro, a vida do cordeiro entrará em você — não faça isso. Jesus na verdade disse: se você beber meu sangue, minha vida entrará em você — faça

³⁴ Curiosamente, até o cristão mais fundamentalista da atualidade ignora essa ordem direta à igreja do Novo Testamento.

isso! Sendo assim, creio que Jesus queria que nossas cerimônias não incluíssem apenas a lembrança de sua morte passada, mas também a percepção de sua vida presente. Não podemos viver sem o sustento que a vida dele nos dá.

A cerimônia que nós chamamos de eucaristia (ou ceia do Senhor, ou Sagrada Comunhão) oficialmente remonta à última noite de Jesus com seus discípulos, antes da crucificação. Ali, no meio de um cômodo malventilado, cheio de seus assustados discípulos, Jesus disse pela primeira vez as palavras que vêm sendo repetidas milhares de vezes: "Isto é o meu sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos, para perdão de pecados" (Mt 26.28). Jesus mandou que seus discípulos tomassem o vinho, a representação de seu sangue. A oferta não foi apenas derramada, mas, sim, tomada, ingerida. Ele repetiu aquelas surpreendentes palavras: "Bebam dele todos vocês" (v. 27).

Naquela mesma noite Jesus usou outra metáfora, talvez para esclarecer o significado do sangue compartilhado: "Eu sou a videira", disse Jesus; "você são os ramos. Se alguém permanecer em mim e eu nele, esse dará muito fruto; pois sem mim vocês não podem fazer coisa alguma" (Jo 15.5; v. um discurso análogo em Jo 6.56). Rodeados pelas vinhas que cobriam as colinas ao redor de Jerusalém, os discípulos puderam entender mais facilmente essa metáfora. Um galho desligado dos nutrientes da vinha atrofia, seca e morre; inútil para qualquer coisa, exceto para arder em uma fogueira. Somente ligado à vinha, ele pode crescer, prosperar e dar frutos.

Até mesmo na atmosfera carregada daquela última noite, na refeição de onde vem o sacramento, a imagem da vida brotou. Para os discípulos, o vinho simbolizava o sangue de Jesus que poderia vivificá-los, assim como a seiva vitaliza a vinha.³⁵

Se li corretamente essas descrições, elas correspondem de forma exata às minhas experiências médicas. Não é verdade que o sangue representa a vida para o cirurgião e a morte para o cristão. Em vez disso, nós também nos sentamos à mesa para partilhar da vida de Jesus. "Pois a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida. Todo aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele" — pelo menos essas palavras fazem sentido. Cristo veio não apenas para nos dar um exemplo de como viver, mas também para nos dar a própria vida. A vida espiritual não é algo etéreo e externo a nós, algo que devemos nos esforçar para conseguir; ela está em nós, impregnando-nos, assim como o sangue que está em cada ser vivo.

O TEÓLOGO OSCAR CULLMANN, em seu livro *Early Christian worship [A adoração dos cristãos primitivos]*, apresenta uma nova interpretação de um acontecimento que tem freqüentemente confundido os estudiosos da Bíblia: o primeiro milagre de Jesus, quando ele transformou água em vinho, em uma festa de casamento em Caná da Galiléia. Cullmann diz que esse milagre ou "sinal", bem como os outros no evangelho de João, aponta para um ensinamento espiritual mais profundo. Baseando-se em frases-chave como "A minha hora ainda não chegou" (Jo 2.4), ele conclui que a história de Cana aponta para uma nova aliança que deverá vir com Cristo. Da mesma forma que o pão em João 6 está ligado ao pão da última ceia, o vinho aqui também pode estar ligado ao vinho da última ceia.

Deixarei que os estudiosos da Bíblia julguem a interpretação de Cullmann. Se for verdade, a situação dificilmente poderia ser mais apropriada para apresentar este grande símbolo: uma festa de casamento, repleta de músicas alegres, a risada dos convidados, o barulho dos pratos, os sons da felicidade de duas famílias que se uniam. Partilhar do vinho que simboliza o sangue de Cristo se encaixa muito melhor nesse ambiente do que no som triste que ouvi no meu rádio em Louisiana. A ceia do Senhor, celebrada em memória à morte de Jesus, é também um brinde se você o desejar; um brinde à Vida, que conquistou até mesmo a morte e que agora é oferecida gratuitamente a todos nós.

6 Purificação

*Você deseja puni-lo feroz e terrivelmente,
com os mais terríveis castigos concebíveis,
e ao mesmo tempo salvar e regenerar sua
alma? Sendo esse o caso, inunde-o com sua misericórdia!
Você verá e ouvirá quanto ele estremecerá e ficará chocado.*

³⁵ Os cristãos primitivos pareciam compreender o significado: suas ceias invariavelmente celebravam o Cristo ressuscitado, lembrando tanto a última ceia como a ceia da Páscoa, quando Jesus partilhou do peixe e do pão com seus discípulos. Obras de arte alinhadas por 160 quilômetros, dos escuros corredores das catacumbas de Roma, ilustram essa questão de forma vivida. Dentre as vinte mil pinturas realizadas por amadores nessas paredes de pedra, nem mesmo uma única delas traz a temática da morte ou da cruz. Sempre que a ceia é retratada, o peixe, o símbolo da vida, está sempre presente sobre a mesa.

"Como poderei suportar essa misericórdia? Como poderei suportar tanto amor?" Será isso que ele dirá.

FYODOR DOSTOIEVSKI, OS IRMÃOS KARAMAZOV

DOBRO A GOLA DE MEU sobretudo de lã e abaixo a cabeça para me proteger do vento úmido. A neve vai gradualmente transformando a cansada e moderna cidade de Londres em um cartão de Natal ao estilo de Charles Dickens.³⁶ Em uma rua deserta, eu paro debaixo de um velho poste de luz e olho para cima. Os flocos de neve caem da luz, como uma interminável ducha de fagulhas elétricas, flutuando e cobrindo os bueiros, a sarjeta, os carros e a calçada com uma camada de branco levemente brilhante.

Ouçõ uma música, tons abafados de metais e o que parece ser vozes humanas sem distinguir de onde vêm. Numa noite como essa? Caminho em direção ao som, a música ficando mais alta a cada passo, até virar a esquina e ver sua fonte: uma banda do Exército de Salvação. Um homem e uma mulher tocam um trombone e um trompete, e estremeço só de pensar em seus lábios contra o metal naquele vento paralisante. Outros três, evidentemente recrutas, cantam vigorosamente um hino baseado em poema de William Cowper.

Somente duas outras pessoas estão ouvindo: um bêbado, que se apóia no pórtico de pedra de uma casa em estilo georgiano, e um homem de negócios, que fica o tempo todo olhando seu relógio de bolso.

As palavras do hino de Cowper me soam familiares:

Há uma fonte sem igual na cruz do meu Senhor; que lava, sim,
de todo o mal o pobre pecador.³⁷

Um sorriso incontido passa por meu rosto ao ouvir essas palavras. Eu acabara de sair do hospital onde sangue de verdade era retirado de algumas veias, transfundido para outras, e zelosamente manchava os aventais cirúrgicos e os uniformes das enfermeiras. Com a formação adquirida em minha igreja, compreendo a origem e o significado desse símbolo cristão. Mas esses dois espectadores, escutando com indiferença — que imagens passam por suas mentes ao escutar aquele hino? Uma frase como "lavado no sangue do Cordeiro" não soaria aos ouvidos do cidadão inglês moderno tão bizarra quanto uma notícia de sacrifício animal em Papua-Nova Guiné?

Além da resistência de nossa cultura à intrusão do sangue na religião, uma barreira ainda maior bloqueia o sangue simbólico de Cowper na mente dos ouvintes modernos. Vejamos a expressão "lavado no sangue": nada na cultura contemporânea corresponde à idéia do sangue como agente de limpeza. Usamos água, com sabão ou detergente, para limpar. O sangue, todavia, suja ou mancha. É algo que tentamos lavar, e não usar para lavar. Qual é então o significado pretendido pelo escritor do hino e pelos escritores bíblicos antes dele?

A característica purificadora do sangue aparece por toda a Bíblia, dos primeiros aos últimos livros. Em Levítico 14, por exemplo, um sacerdote asperge com sangue purificador uma pessoa com doença de pele infecciosa e nas paredes mofadas de uma casa. Os autores do Novo Testamento se referem freqüentemente ao sangue purificador de Jesus (v. 1Jo 1.7), e o Apocalipse descreve uma multidão cujos integrantes "lavaram as suas vestes e as alvejaram no sangue do Cordeiro" (7.14).

Essa freqüente referência ao sangue indica uma alienação do cristianismo primitivo em relação à cultura moderna? Pelo contrário! A ciência médica moderna tem demonstrado que a simbologia de purificação se ajusta intimamente com a função da substância real. Provavelmente, os escritores bíblicos não tinham idéia da fisiologia por trás da metáfora, mas o Criador escolheu um símbolo teológico que possui uma exata analogia com o mundo da medicina. Tudo o que aprendemos sobre fisiologia nos últimos anos confirma a exatidão do vínculo, ainda dissonante, entre o sangue e a purificação. A imagem teológica imortalizada pelo hino de William Cowper também contribui para a boa biologia.

Se você realmente deseja compreender a função do sangue como agente purificador, sugiro uma simples experiência. Consiga um aparelho de medição da pressão arterial e ponha-o no braço. Peça a um amigo que o bombeie até aproximadamente 200 milímetros de mercúrio, pressão suficiente para interromper o fluxo de sangue no braço. De início, você sentirá uma desagradável pressão embaixo do aparelho. Agora vem a parte interessante da experiência: execute alguma tarefa fácil com o medidor no braço. Basta flexionar os dedos e

³⁶ Escritor realista inglês (1812-1870), autor de, entre outros, *Oliver Twist* e *Um conto de Natal*. (N. do E.)

³⁷ *Cancioneiro do Exército de salvação*, hino 80.

fechar o punho por dez vezes seguidas, ou cortar papel com uma tesoura, ou bater em um prego com um martelo.

Os primeiros movimentos parecerão bastante normais, à medida que os músculos obedientemente se contraírem e relaxarem. Então você sentirá uma leve fraqueza. Após cerca de dez movimentos, quase sem aviso, você sentirá uma onda de calor e dor e uma câibra violenta nos músculos do braço. Se você insistir em continuar essa tarefa simples, provavelmente gritará em absoluta agonia. E finalmente não conseguirá continuar; a dor superará suas resistências.

Quando você abrir o torniquete e o ar escapar, assobiando do aparelho de pressão, o sangue correrá pelo braço e uma maravilhosa e reconfortante sensação de alívio inundará os músculos. Vale a pena sentir a dor apenas para experimentar esse forte alívio. Seus músculos passam a se movimentar livremente, e a dor desaparece. Fisiológica-mente, você acabou de experimentar o poder purificador do sangue.

A dor veio porque você forçou os músculos a trabalhar, embora o suprimento de sangue para seu braço estivesse cortado. Como músculos transformam oxigênio em energia, eles produzem alguns resíduos (metabólitos) que normalmente seriam eliminados na corrente sangüínea. Entretanto, em razão do bloqueio da corrente sangüínea, esses metabólitos se acumularam em suas células. Eles não foram *purificados* pelo movimento cíclico da corrente sangüínea, e assim, alguns minutos depois, você sentiu a agonia das toxinas retidas.

O CORPO DESEMPENHA SUAS tarefas de zeladoria com velocidade e eficiência tão impressionantes, que não posso evitar de, ao menos, resumi-las. Mantenha em mente a metáfora teológica da purificação, enquanto me permito uma rápida visita aos processos de purificação do corpo.

A distância entre qualquer célula e um vaso capilar não é superior à espessura de um fio de cabelo, o que evita o acúmulo de resíduos tóxicos, responsáveis pelos mesmos efeitos negativos da experiência com o torniquete. Por meio de um processo químico básico de difusão e transferência de gases, cada glóbulo vermelho flutua por entre vasos capilares, liberando suas cargas de oxigênio ao mesmo tempo que absorve os subprodutos (dióxido de carbono, uréia, ácido úrico etc.) dessas células. Os glóbulos vermelhos então entregam os perigosos resíduos químicos aos órgãos que podem despejá-los para fora do corpo.

Nos pulmões, o dióxido de carbono se acumula em pequenas porções que serão exaladas a cada respiração. O corpo monitora o ciclo da expiração e faz ajustes instantâneos. Se uma quantidade muito grande de dióxido de carbono se acumular, como quando eu queimo mais energia ao subir uma escada, um dispositivo involuntário aumenta a minha respiração para acelerar o processo. (De modo inverso, ninguém pode cometer suicídio interrompendo a respiração — o gatilho involuntário o *força* a respirar.)

Resíduos químicos complexos são deixados para um órgão mais seletivo, o rim. Preciso me conter para não escrever longos e poéticos capítulos sobre o rim. Alguns estudiosos consideram os rins de uma complexidade só ultrapassada pelo cérebro. O corpo obviamente os valoriza imensamente, pois um quarto do sangue de cada batida do coração desce pela artéria renal até os rins gêmeos. A artéria se divide e se subdivide em um bordado de túbulos tão complexos que deslumbram o mais refinado cristaleiro veneziano.

A função dos rins se resume em filtragem, mas com um espaço e tempo diminutos. O rim administra a velocidade enrolando os túbulos em milhões de voltas cristalinas, em que os produtos químicos podem ser recolhidos um a um. Como os glóbulos vermelhos são muito volumosos para essas pequenas passagens, o rim extrai os açúcares, sais e a água do sangue e lida com eles separadamente. Esse processo de separação se compara, grosso modo, com o chefe de uma oficina cujo interior é muito pequeno para entrar com o veículo inteiro. Para consertar o motor do carro, ele o retira e o carrega até a garagem, desmontando e desentupindo separadamente cada válvula, êmbolo e anel; então remonta as centenas de partes sem a fuligem e a corrosão.

Após os rins terem retirado toda a carga útil dos glóbulos vermelhos, a fim de extrair cerca de trinta produtos químicos, suas enzimas imediatamente reinserem 99% do total na corrente sangüínea. O 1% restante, principalmente uréia, é lançado para a bexiga, onde aguardará o momento de ser expulso com todo o excesso de água que o rim considerar dispensável. Um segundo depois, o trovão do coração ressoa por todo o corpo e uma onda de sangue novo preenche os túbulos.

Um círculo restrito de pessoas vê o rim com uma atitude próxima da reverência. Esses são os que não têm os rins ou que dispõem de rins inúteis. Há trinta anos, todas essas pessoas teriam morrido. Hoje, elas têm tempo para contemplar as maravilhas dos rins — muito tempo. Três vezes por semana, por um período de cinco horas, elas se deitam ou sentam imóveis, enquanto um tubo drena todo o sangue por meio de uma irritante e barulhenta máquina, do tamanho de uma mala. A função desse monstro tecnológico, uma máquina de hemodiálise, se aproxima toscamente do complexo trabalho do frágil rim humano, que tem a forma de feijão. No entanto, nosso rim pesa apenas meio quilo, trabalha sem parar e normalmente se conserta sozinho.

Somente para estar seguro, nosso corpo possui um sobressalente — mas um rim faria o trabalho perfeitamente.

Os outros órgãos também entram no processo de limpeza. Um glóbulo vermelho em boas condições mantém a dura rotina de carga, transporte e descarga apenas por cerca de meio milhão de ciclos, até que, desgastado e furado como uma imprestável barcaça fluvial, ele se esforça para chegar ao fígado e ao baço para uma última descarga. Nesse momento, o próprio glóbulo vermelho é completamente picado e decomposto em aminoácidos e pigmentos biliares para reciclagem. O minúsculo coração de ferro, o "ímã" para a importante molécula da hemoglobina, é escoltado de volta para a medula óssea para ser reutilizado em outro glóbulo vermelho. Um novo ciclo de abastecimento e purificação se inicia.

ESSE APARENTE DESVIO DO assunto para observarmos o processo de purificação, na verdade, nos leva de volta ao significado da metáfora. Do ponto de vista médico, o sangue sustenta a vida ao retirar os subprodutos químicos que poderiam interferir — em resumo, purificando. Ao refletir sobre o corpo de Cristo, a metáfora do sangue oferece nova e enriquecedora perspectiva do problema que permanentemente atinge esse corpo: o pecado.

Para alguns, a palavra pecado tornou-se empoeirada, superada e carregada de conotações infelizes. E as metáforas geralmente utilizadas para descrever a relação de Deus com as criaturas pecadoras também foram desbotando. Deus é o juiz; nós, os réus — embora seja biblicamente precisa, a metáfora perde sua força à medida que o sistema legal atual se torna menos confiável e mais inconstante. As metáforas envelhecem com o tempo; como a cultura e a linguagem se alteram, elas às vezes racham, e seus conceitos se esvaem.

No sangue, entretanto, nós temos a analogia perfeita para revelar a natureza do pecado e do perdão com uma estupenda clareza. Os conhecimentos médicos apenas aumentaram nossa compreensão. Da mesma forma que o sangue limpa o corpo dos nocivos metabólitos, o perdão por intermédio do sangue de Cristo nos limpa dos subprodutos, ou seja, o pecado, que impede a verdadeira saúde.

Nós muitas vezes temos a tendência de enxergar o pecado como uma lista particular de injustiças que aborrecem Deus-Pai; e no Antigo Testamento ele parece se irritar facilmente. Mas até mesmo uma lida rápida no Antigo Testamento demonstra que o pecado é obstáculo, uma toxina paralisante que limita a plena compreensão da nossa humanidade. Deus nos deu as leis para nosso bem; não para o dele. Em meio a um debilitante ataque a Israel, registrado no livro de Jeremias, Deus faz este pungente comentário:

Derramam ofertas a outros deuses para provocarem a minha ira. Mas será que é a mim que eles estão provocando? [...] Não é a si mesmos, para a sua própria vergonha? (7.18,19)

O orgulho, egoísmo, luxúria e cobiça são simplesmente venenos que interferem em nosso relacionamento com Deus e com as pessoas. O pecado resulta em separação: separação de Deus, das pessoas e da nossa verdadeira personalidade. Quanto mais nos apegamos a nossos desejos pessoais, a nossa sede de sucesso, à própria satisfação à custa dos outros, mais nos distanciamos de Deus e dos outros.

Os israelitas do Antigo Testamento tinham uma perfeita representação ilustrativa desse estado de separação entre Deus e a humanidade. A presença de Deus repousava no Lugar Santíssimo, em que apenas um homem podia entrar uma única vez por ano (o Dia da Expição), o sumo sacerdote, que se havia purificado mediante um elaborado ritual. Jesus Cristo tornou essa cerimônia obsoleta por meio de um histórico sacrifício, de uma vez por todas. "Isto é o meu sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos, para perdão de pecados" (Mt 26.28), ele disse, à medida que celebrava a última ceia.³⁸

A ceia do Senhor, ou a missa, como é celebrada hoje em dia, traz um forte contraste com a cerimônia veterotestamentária do Dia da Expição. Para ter acesso a Deus, já não precisamos fazê-lo por intermédio de um sumo sacerdote ritualmente purificado; já não precisamos aguardar o Dia da Expição para entrar no Lugar Santíssimo. No dia em que Jesus morreu, o grosso véu da separação se rompeu de alto a baixo. Agora, podemos todos entrar diretamente em comunhão com Deus:

Portanto, irmãos, temos plena confiança para entrar no Santo dos Santos pelo sangue de Jesus, por um

³⁸ O autor de Hebreus explica a mudança teológica que ocorreu: "Quando Cristo veio como sumo sacerdote dos benefícios agora presentes, ele adentrou o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito pelo homem, isto é, não pertencente a esta criação. Não por meio de sangue de bodes e novilhos, mas pelo seu próprio sangue, ele entrou no Santo dos Santos, de uma vez por todas, e obteve eterna redenção. Ora, se o sangue de bodes e touros e as cinzas de uma novilha espalhadas sobre os que estão cerimonialmente impuros os santificam, de forma que se tornam exteriormente puros, quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu de forma imaculada a Deus, purificará a nossa consciência de atos que levam à morte, para que sirvamos ao Deus vivo!" (9.11-14).

novo e vivo caminho que ele nos abriu por meio do véu, isto é, do seu corpo (Hb 10.19,20).

A ceia do Senhor significa que o efeito do sacrifício de Cristo é contínuo e permanente. O vinho é tomado individualmente, simbolizando que o mesmo sangue vital que banha cada célula com os nutrientes da vida também leva para longe a sujeira e o resíduo acumulados. Por seu sangue, somos perdoados, purificados.

A PALAVRA *ARREPENDIMENTO* descreve o processo pelo qual passa cada célula, no mecanismo de purificação. C. S. Lewis nos lembra de que o arrependimento "não é algo que Deus exige de você antes de trazê-lo de volta e do qual ele poderia eximi-lo se quisesse; é simplesmente uma descrição de como é o voltar". O passado que fica pesando sobre nossas cabeças precisa ser lembrado para ser esquecido. Nos termos da nossa analogia, ao arrepender-se, cada célula se beneficia voluntariamente da ação purificadora do sangue. Arrependimento é para o nosso bem; não para nos punir, mas para nos libertar dos nocivos efeitos do acúmulo de pecados. "Este é o meu corpo, partido *por vocês*"... (grifo do autor) *por sua* fofoca, *por sua* lascívia, *por seu* orgulho, *por sua* insensibilidade; partido para remover tudo isso e substituir por sua perfeita obediência.

Por que vamos à igreja e nos sentamos em bancos bastante desconfortáveis, usando roupas engomadas, alinhados em fileiras como numa sala de aula, cantando músicas que não se parecem com nenhuma que tenhamos ouvido ao longo da semana? Não é porque em cada um de nós foi acesa uma faísca — uma esperança de ser conhecido, ser perdoado, ser curado, ser amado? Algo parecido com esse ardente desejo repousa no cerne da cerimônia da ceia do Senhor.

Os símbolos são mais fracos do que a realidade por trás deles. Mas Cristo nos deu o vinho e o pão como prova de que estamos perdoados, curados e somos amados. O símbolo age dentro de nós, tornando-se tanto um alimento material quanto um alimento espiritual, levando sua mensagem a cada célula individualmente, ao longo de cada corpo.

Na eucaristia, somos lembrados do perdão abrangente que foi consumado no sacrifício de Cristo, o qual tornou obsoleto todo o sistema sacrificial judaico. E nós também experimentamos individualmente, célula por célula, a purificação das toxinas que se haviam acumulado e que não perderão facilmente a aderência.

Se quando éramos inimigos de Deus fomos reconciliados com ele mediante a morte de seu Filho, quanto mais agora, tendo sido reconciliados, seremos salvos por sua vida! (Rm 5.10)

Se o pecado é o grande separador, Cristo é o grande reconciliador. Ele dissolve a membrana de separação que cresce todos os dias entre nós e os outros, entre nós e Deus. "Mas agora, em Cristo Jesus", disse Paulo em outro trecho, "vocês, que antes estavam longe, foram aproximados mediante o sangue de Cristo" (Ef 2.13).

Perto do fim de sua vida, François Mauriac, romancista católico francês que recebeu o Prêmio Nobel de literatura, refletiu sobre sua própria história de amor e ódio com a igreja. Ele detalha como a igreja não manteve suas promessas: as insignificantes divisões e os acordos que sempre a caracterizaram. A igreja, ele conclui, tem se afastado dos preceitos e exemplos de seu fundador. E ainda, acrescenta Mauriac, apesar de toda essa falha, a igreja tem pelo menos se lembrado de duas frases de Cristo: "Os seus pecados estão perdoados" e "Este é o meu corpo partido por vocês". A ceia do Senhor reúne essas duas frases em uma silenciosa cerimônia de cura, mediante a purificação individual de todas as impurezas, levada a cabo em cada célula [nós] do corpo de Jesus.

7 Superação

*Ouçã, ouça a sábia e eterna palavra
como o choro de um frágil bebê.
A forma de servo possui o Senhor,
e Deus no berço se deita.*

T. PESTEL

*Se nosso Deus fosse um deus pagão ou o deus dos intelectuais —
o que para mim é praticamente a mesma coisa —, ele voaria*

*para seu mais remoto céu, e nosso pesar o forçaria a descer
à terra novamente. Mas você sabe que nosso Deus veio para
ficar entre nós. Sacuda seu punho para ele, cuspa em seu rosto,
açoite-o e finalmente o crucifique: o que importa? [...] Tudo isso já foi feito a ele.*

GEORGE BERNANOS,
DIARY OF A COUNTRY PRIEST
[DIÁRIO DE UM PÁROCO DE ALDEIA]

A CADA DIA VIVEMOS à mercê de organismos com um trilionésimo de nosso tamanho. O autor e médico Ronald J. Glasser conclui um tanto humildemente:

Não importa como desejemos nos ver, apesar de todas as nossas fantasias de grandeza e controle e de todos os nossos frágeis sucessos humanos, a verdadeira luta [...] sempre foi contra as bactérias e os vírus, adversários nunca maiores do que sete microns.

Guerras, incêndios e terremotos ganham muito mais cobertura jornalística nos dias de hoje do que essa guerra contra os micróbios; mas nem sempre foi assim. A grande praga do século XIV, por exemplo, matou um terço da população da Europa. Mais de um milhão de peregrinos visitaram Roma na Páscoa de 1348; 90% deles voltaram para casa infectados, espalhando o horror e a morte ao redor do mundo.

Navios eram levados pelo vento sem tripulação. Enormes áreas ficaram sem atendimento. O tráfego desapareceu das estradas.

No início do século passado, a "guerra para acabar com todas as guerras" custou o preço mais alto na história dos conflitos humanos: 8,5 milhões de vidas. Mas, no ano do armistício, surgiu uma epidemia de gripe que acabaria por triplicar a carnificina — 25 milhões de mortos ao redor do mundo.

As imagens de uma batalha são especialmente adequadas para descrever o que acontece em nosso corpo que, com uma fileira de defensores e de armas perigosas, simplesmente declara guerra aos invasores. Ao primeiro sinal de invasão, um "Paul Revere"³⁹ químico soa o alarme, e diversos sistemas de nosso corpo se apressam para entrar em ação. Os capilares dilatam-se como túneis infláveis, permitindo que uma multidão de defensores armados entre na zona de combate. Glóbulos brancos de cinco tipos diferentes formam a força de ataque inicial. Transparentes, cheias de armamento e possuindo a habilidade de um mágico para deslizar entre as outras células, os glóbulos brancos são os principais combatentes do corpo humano.

Achatados em uma lâmina no microscópio, os glóbulos brancos se parecem com ovos fritos salpicados com pimenta; cada ponto assinalando uma arma química mortal. A medida que os glóbulos brancos circulam pelo corpo, assumem formas grosseiramente esféricas e assemelham-se a olhos de vidro desbotados que ficam à deriva ao longo dos vasos sanguíneos. Quando um invasor se encosta, elas repentinamente se tornam vivas.

Alguns glóbulos brancos, armados com produtos químicos rudes, atuam como tropas de choque e tentam derrotar os invasores simplesmente por estar em maior número. Outros, com paredes celulares fortemente blindadas, entram com uma munição mais pesada, como se fossem tanques de guerra. As estratégias de ataque também são diferentes. Alguns glóbulos brancos flutuam livremente na corrente sanguínea, atirando a esmo. Alguns se aproximam sorrateiramente dos órgãos vitais, alertas para qualquer invasor que tenha escapado das defesas iniciais. Outros tentam encurralar os invasores em uma glândula linfática semelhante a uma fortaleza, para que sejam executados. E ainda outros, os batalhões sanitários, esperam até que o campo de batalha esteja coalhado de pedaços de células e vazamentos de protoplasma para, então, limpar tudo após o entrevero.

Em períodos saudáveis, 25 bilhões de glóbulos brancos circulam livremente pelo sangue, e outros 25 bilhões esperam nas paredes dos vasos sanguíneos. Quando ocorre uma infecção, bilhões de glóbulos-reserva saltam para fora dos pântanos da medula óssea; alguns ainda não completamente desenvolvidos, como jovens recrutas imberbes, pressionados a assumir o serviço militar. O corpo humano pode mobilizar rapidamente dez vezes o seu número normal de glóbulos brancos; na verdade, os médicos fazem um recenseamento dos glóbulos brancos, como uma forma de diagnóstico do sangue, para avaliar a gravidade de uma infecção.

Precisamos de um grande número de glóbulos brancos por uma razão: alguns linfócitos são defensores

³⁹ Norte-americano famoso por mobilizar durante a noite os soldados americanos contra a invasão inglesa, no início da Guerra da Independência dos Estados Unidos. (N. do. T.)

"específicos", programados apenas para combater um tipo de doença. Em verdade, a batalha em si lembra menos um assalto da infantaria, que uma furiosa dança de acasalamento, na qual os glóbulos brancos se comprimem contra a bactéria ou o vírus, investigando o "ataque" adequado antes de chamar a reserva. Um glóbulo branco comum vive apenas dez horas. Mas poucos escolhidos vivem por sessenta ou setenta anos e preservam a memória química de invasores perigosos, checando de minuto em minuto a glândula linfática onde estão situados. Esses glóbulos brancos especialistas salvaguardam os segredos químicos que lembram ao corpo como reagir a qualquer invasor previamente encontrado.

Um glóbulo branco deve de alguma forma alcançar os verdadeiros invasores, que estão camuflados pela cortina de fumaça da batalha e pelos destroços de células, agentes coagulantes e membranas partidas. Os anticorpos (nome equivocado, tendo em vista que nenhuma substância no organismo é assim tão pró-corpo) guiam os glóbulos brancos através do combate, em direção ao alvo escolhido. Com apenas um milésimo do tamanho de uma bactéria, os anticorpos se agarram ao inimigo, como o musgo a uma árvore, preparando-o para a aproximação dos glóbulos brancos e neutralizando suas destrutivas formas pontiagudas. Um anticorpo isolado protege apenas contra uma doença; por exemplo, anticorpos do sarampo não têm efeito contra a paralisia infantil.

Por causa do incrível número de invasores que confrontam uma pessoa durante a vida, o corpo deve estocar um enorme arsenal de armas. Os imunologistas citam uma pequena piada quando questionados sobre como o corpo pode preparar cada tipo de anticorpo necessário em nosso perigoso mundo: "GOD [DEUS, em inglês]", eles respondem. Neste caso, GOD é a sigla para Generator of diversity [Gerador de diversidade], o que expressa a espantosa habilidade do corpo de produzir qualquer defesa que seja necessária. O dr. Ronald Glasser chama esse processo de "uma mistura de mistério e química [...] uma combinação entre a física e a graça no plano molecular".

Se eu cortar minha mão, anticorpos errantes identificam os invasores conhecidos, ou antígenos, quase imediatamente. Se for localizado um novo invasor, um linfócito circulante o toca, memoriza suas formas e se dirige rapidamente em direção ao nódulo linfático mais próximo. Lá, esse linfócito se transforma numa verdadeira fábrica química e transporta a nova informação adquirida para milhares de outros linfócitos que, por sua vez, produzem bilhões de anticorpos. Uma vez que a linfa tenha produzido um anticorpo, ela conserva permanentemente a sua fórmula, de modo que uma invasão subsequente causará uma repetição acelerada do processo.⁴⁰

Ocasionalmente, aparece um antígeno novo com uma forma totalmente diferente de uma previamente conhecida. As células linfáticas ficam Tateando ao redor para descobrir a combinação exata, tentando e abandonando fórmula após fórmula. Enquanto isso, o invasor misterioso, sem se importar com os aturdidos e ineficientes glóbulos brancos, causa destruição. A grande praga do século XIV foi originada por um recém-chegado dessa natureza. O sangue europeu não tinha nenhuma experiência com aquela doença, a qual migrara

da Ásia.

Ainda hoje, doenças como o sarampo e a gripe, incômodos de menor importância em países desenvolvidos, podem devastar populações de lugares remotos. Gradualmente, no entanto, os corpos acumulam um conhecimento culturalmente partilhado de tais doenças, reduzindo o impacto de surtos sucessivos.

O TEMPO REPRESENTA DE LONGE o maior desafio para o sistema de proteção do corpo. Como as defesas do organismo são exatamente isso — defesas — e por isso sempre contra-atacam, nunca atacam, devemos viver com o arriscado intervalo de tempo entre a infecção e a reação adequada. Os antibióticos apenas acrescentam preciosas horas para a mobilização do próprio corpo. (Os antibióticos massacram indiscriminadamente milhões de invasores, mas alguns sobreviventes sempre conseguirão se esgueirar através da barreira química. E, se apenas uma bactéria sobreviver, um milhão de descendentes podem ser gerados em apenas oito horas. Para vencer, o corpo deve matar 100% dos micróbios invasores, tarefa tão difícil quanto matar todos os mosquitos de determinada cidade. Nenhum antibiótico é capaz de realizar essa tarefa, como é comprovado pelo fato de os antibióticos serem ineficazes nas pessoas com doenças relacionadas à imunodeficiência,

⁴⁰ O corpo encara seu momento mais difícil quando um bebê emerge de um útero esterilizado para um mundo mortal, sem nunca ter sido exposto a germes. Também para esse acontecimento, o corpo fornece um sistema de preservação da vida. Nos momentos que antecedem o nascimento, a placenta da mãe inunda a corrente sanguínea do feto com gamaglobulina, que carrega agentes para lutar contra a escarlatina, a coqueluche, o tifo, a febre tifóide, a pneumonia, a difteria, o tétano, a cata-pora, a caxumba, o sarampo, a poliomielite — na verdade, qualquer doença que a mãe já tenha tido. Outras defesas ainda passam da mãe para o bebê por meio do leite materno, até que a criança comece a produzir os próprios anticorpos.

como a AIDS.)

Durante séculos a humanidade viveu à mercê desse espaço de tempo mortal, do qual algumas vezes resultou a aniquilação de populações inteiras. Mas uma técnica engenhosa resolveu o problema relacionado ao tempo e fez mais para a vitória sobre as doenças do que qualquer outro procedimento médico. Chamada de "vacinação", essa técnica deriva do trabalho brilhante e pioneiro de Edward Jenner,⁴¹ Louis Pasteur⁴² e outros. Doenças que já dominaram nações e espalharam o terror por vilarejos e aldeias são hoje praticamente desconhecidas em países desenvolvidos. Febre amarela, difteria, varíola, raiva, tifo, febre tifóide, sarampo, poliomielite — cada uma dessas doenças matou e mutilou mais pessoas do que uma guerra mundial; hoje, a vacinação nos dá as ferramentas para derrotá-las todas.

Normalmente, o corpo perde horas decisivas enquanto descobre o código de um novo invasor e produz o anticorpo apropriado para combatê-lo. Com a vacinação, uma injeção anterior expõe o corpo ao vírus da pólio ou da varíola em uma forma segura: um vírus enfraquecido, "cansado" ou "morto", com sua parede exterior intacta, para estimular a produção de anticorpos. A imunização dá ao corpo uma vantagem: com anticorpos destinados a combater a pólio ou a varíola, agora estrategicamente dispostos, o espaço de tempo diminui. Quando invadido, o corpo pode inundar a cena com uma variação preparada de anticorpos e rapidamente acabar com os intrusos.

A história da vacinação da varíola, um dos mais magníficos capítulos da história da medicina, tipifica admiravelmente o êxito do procedimento da vacinação. A varíola devastou o mundo e era muitas vezes mais temida do que a Peste Negra,⁴³ a peste bubônica. Thomas Babington Macaulay⁴⁴ escreveu em sua obra *History of England [História da Inglaterra]*:

A devastação da peste tem sido muito mais rápida; mas a peste visitou nossas costas apenas uma ou duas vezes até onde podemos lembrar; já a varíola esteve sempre presente, enchendo os cemitérios de cadáveres, atormentando com um terror constante todos aqueles que ainda não tinham sido contaminados, deixando naqueles cujas vidas eram poupadas os repugnantes vestígios de sua força, transformando um bebê em uma criança deformada, a ponto de a mãe estremecer e tornando os olhos e as faces de uma donzela prometida em objetos de horror para seu amado.

A varíola destruiu a Europa por séculos. Quando penetrava em uma população nunca antes exposta, essa doença se mostrava ainda mais feroz. Um dos soldados de Cortês,⁴⁵ ferido e deixado para trás após um combate, contaminou índios astecas⁴⁶ com varíola. Em dois anos, morreram quatro milhões de pessoas; muito mais do que os que foram massacrados por todos os soldados de Cortês. No Missouri, a tribo indígena mandan, sem nenhuma imunidade natural, foi reduzida de 30 mil pessoas a 30, apenas. Mascates e exploradores incrédulos na época relatavam a ocorrência de populações de aldeias inteiras amontoadas em suas tendas; todos mortos. Extensas pradarias sem nenhum sinal de fumaça no ar, nenhum sinal de vida, apenas cadáveres.

Um homem chamado Edward Jenner, filho de um pastor, mudou tudo isso. Assim como Pasteur era sempre assombrado pela lembrança de um lobo hidrófobo, Jenner carregava consigo as terríveis lembranças do verão de 1757. Naquele ano, com a idade de oito anos, ele foi escolhido para passar por um procedimento chamado "aceitar a varíola", uma tentativa grosseira de se tentar deter a epidemia. Durante seis semanas, o médico da cidade sangrou o garoto repetidas vezes e praticamente o fez passar fome. Então, na farmácia do vilarejo, o médico esfolou seu braço e colocou sobre a ferida aberta a crosta seca de uma vítima de varíola. Para que pudesse ser observado, Jenner foi mantido em um estábulo, cercado de outros garotos em vários estágios da "cura". Após um mês ele se recuperou, para sempre imune à varíola, mas o terror daquele verão nunca o deixou.

O médico de Jenner estava utilizando o que havia séculos era conhecido em relação à varíola: se uma pessoa fosse infectada em um surto mais brando, se tornava imune à doença. Infelizmente, os procedimentos sem assepsia e a virulência do micróbio fizeram com que esse procedimento fosse apenas ligeiramente menos perigoso do que uma epidemia.

Uma partícula da sabedoria camponesa lançou Jenner no caminho da imortalidade científica. Após ter

⁴¹ Médico inglês (1749-1823), é o descobridor da imunidade contra a varíola pela incubação de material do carbúnculo do gado. (N. do E.)

⁴² Químico e microbiologista francês (1822-1895). É o descobridor da vacina anti-rábica. (N. do E.)

⁴³ Oriunda da Ásia, assolou o Ocidente entre 1346 e 1353, matando cerca de um terço da população da Europa ocidental. O bacilo da peste é transmitido ao homem pela picada de pulga de rato. (N. do E.)

⁴⁴ Historiador e político britânico (1800-1859), foi também membro do Conselho Supremo da Índia (1834-1838). (N. do E.)

⁴⁵ Hernán Cortês (1485-1547), conquistador espanhol do México. Cortês impôs a soberania espanhola a Montezuma, imperador asteca, conquistando e destruindo seu povo. (N. do E.)

⁴⁶ Povo autóctone do México que fundou um império no século XV. (N. do E.)

passado vários anos estudando a doença nas Ilhas Britânicas, Jenner topou com uma vendedora de leite que tranqüilamente lhe disse não temer a varíola por já ter tido varíola bovina. A idéia acendeu uma luz na cabeça de Jenner. Seria possível que um caso leve de varíola bovina pudesse de alguma forma tornar uma pessoa imune à varíola? Ele coletou informações, fez experiências (algumas fracassaram), criou o termo "vacinação", aperfeiçoou seus procedimentos e apresentou suas descobertas à Sociedade Real de Londres. Como era previsto, a limitada elite da medicina ridicularizou as conclusões do jovem pesquisador e se recusou a publicar a tese.

Os debates em relação ao procedimento de Jenner perduraram mais de um século. Alguns países o baniram, enquanto outros o tornaram obrigatório.⁴⁷

NO ANO DE 1802, A VARÍOLA SE espalhou entre os índios e os colonos espanhóis em Bogotá, Colômbia. Ciente de que a doença poderia facilmente dizimar uma população desprotegida, o conselho governante de Bogotá apelou para o rei Carlos IV da Espanha. Sua carta descrevia uma cidade paralisada pelo medo da doença, que estava se espalhando como epidemia pelas cercanias.

O rei Carlos (apesar de ser lembrado pelos historiadores como governador incompetente) interessou-se ativamente pela nova técnica de vacinação. Seus três filhos haviam recebido o tratamento, e o rei aprovava as controversas teorias de Jenner. Mas como a vacina da varíola bovina poderia ser transportada para o Novo Mundo? Dentro da Europa, os vacinadores passavam cordões e cerdas nas úlceras da varíola bovina, guardando-as em frascos de vidro para ser entregues em outros países; mas o vírus ficaria desidratado muito antes que um navio pudesse conseguir atravessar o Atlântico.

Finalmente, um dos conselheiros do rei sugeriu um plano ousado e inovador. Por que não montar uma expedição e recrutar voluntários suficientes para garantir que a vacina pudesse ser encubada ao longo da viagem através do Atlântico? O rei hesitou em razão do custo de um plano como esse, até que seu conselheiro o lembrou do impacto econômico potencialmente devastador de uma epidemia nas colônias.

Uma expedição foi criada com o pomposo nome de Real Expedición Marítima de la Vacuna [Expedição marítima real da vacina], liderada pelo médico Francisco de Balmis. Logo, o navio espanhol Maria Pita deixou o porto com uma carga humana de 22 garotos, com idades entre três e nove anos, provenientes de um asilo próximo; assim como algumas vacas que serviam de hospedeiras-reserva. Balmis vacinou cinco garotos antes da partida; os outros formariam uma corrente humana para manter o vírus vivo.

Cinco dias após o início da viagem, vesículas — pequenas crateras com as bordas salientes e com uma depressão no centro — apareceram nos braços dos garotos infectados. No oitavo dia, as vesículas alcançaram seu tamanho máximo: elas eram redondas e protuberantes, vulcões de linfa prontos para entrar em erupção. No décimo dia, a linfa escorria livremente das chagas purulentas — pronta para ser colhida. Balmis aplicava cuidadosamente aquela valiosa linfa nos braços esfolados de dois garotos ainda não infectados. A cada dez dias, dois novos garotos eram escolhidos, vacinados com o vírus vivo e colocados em quarentena até o dia da colheita.

(A política algumas vezes derrota a pura integridade médica. O navio real, com sua carga de feridas purulentas, atracou em San Juan, Porto Rico, em fevereiro, onde seu orgulhoso médico se vangloriou perante as autoridades locais de sua missão de salvamento. Uma pequena disputa irrompeu quando um médico local insistiu com Balmis que sua ilha já havia recebido a imunidade contra a varíola, a partir de uma fonte de vacinação da ilha dinamarquesa de St. Thomas.

Enraivecido por sua expedição estar sendo desvalorizada, Balmis manteve seu navio ancorado por um mês enquanto desafiava o médico a provar a imunidade de sua população. O médico local teve êxito e Balmis, abatido e já no fim de seu prazo, zarpou.)

Quando o Maria Pita chegou a Porto Cabello, na Venezuela, o último garoto estava mantendo a vacina viva. Ele representava a única esperança para que epidemias posteriores fossem evitadas. Balmis escolheu mais 28 garotos da população local e ficou tempo suficiente para vacinar doze mil pessoas. Dali, a

⁴⁷ O seguinte poema apareceu na revista britânica *Punch* em 1881:

Vacinar ou não vacinar, eis a questão!

Será melhor um homem sofrer

as lancinantes dores e as eternas cicatrizes da varíola,

ou expor seus braços ao bisturi do cirurgião

e, sendo vacinado, acabar com elas. Sim!

Vermos esse diminuto ponto e dizermos que eliminamos

o risco de alguns milhares de horríveis cicatrizes

da qual essa carne é herdeira — é um resultado

a ser ansiosamente desejado. Ah! Seja gentil agora,

vacinador! Meu caro senhor, que ao seu redor

sejam meus pobres braços lembrados.

expedição se dividiu. O assistente de Balmis rumou para o destino original, Bogotá, já em uma situação desesperadora devido aos longos atrasos. Houve um momento de pânico, quando seu navio naufragou no caminho, mas os hospedeiros da vacina viva sobreviveram. Todos em Bogotá foram vacinados. Logo a varíola desapareceu, e o assistente seguiu para imunizar o Peru e a Argentina.

Enquanto isso, Balmis rumou para o México, onde lançou uma frenética campanha de vacinação. Após cruzar o país, organizou um novo carregamento de voluntários para a perigosa viagem até as Filipinas. Essas ilhas também foram finalmente protegidas pela contínua corrente humana que remontava desde o orfanato em La Coruna, Espanha. Centenas de milhares de pessoas sobreviveram por causa daqueles 22 órfãos originais.

Eu estive diante do grande monumento de bronze em homenagem a esses garotos, em Bogotá, e fiquei pensando em seu comovente sacrifício. Os livros de história, que dedicam páginas inteiras a guerras insignificantes que destruíram a vida humana, raramente mencionam aquelas 22 crianças ou as milhares de vidas que elas ajudaram a salvar. Ainda assim, a expedição da Vacuna simboliza de maneira notável o maior avanço da medicina: a capacidade de obter as propriedades defensivas do sangue de uma pessoa para ajudar a proteger outras.

Edward Jenner recebeu a maior de todas as honrarias no século XX, quando a Organização Mundial da Saúde decidiu usar uma variação de seu procedimento em uma campanha para acabar com a varíola no mundo. Ao contrário de algumas doenças, a varíola não usa nenhum hospedeiro animal; o contágio deve ser de humano para humano.

Assim, concluíram os funcionários da OMS, se cada pessoa próxima a, uma pessoa infectada fosse vacinada, a varíola desapareceria.

Em um esforço que durou vinte anos, a OMS vasculhou os povoados da Índia e visitou aldeias isoladas na América do Sul e nas florestas da Ásia; montando, em resumo, a maior campanha de saúde pública já vista. A Somália, um país africano, teve o último caso confirmado em 1977 — uma guerra de fronteira foi interrompida para localizar a pessoa infectada.

Oficialmente, a varíola desapareceu. A doença, que já foi a assassina mais temida, tornou-se a única na história a desaparecer. O que um único corpo deve fazer para vencer qualquer doença — destruir todos os micróbios invasores — foi realizado em escala global. A história da luta contra a varíola terminou em triunfo, não graças às drogas ou à tecnologia avançada, mas à adequada aplicação das habilidades das células humanas. As pessoas de todas as etnias aprenderam a dividir suas defesas contra ela.

QUANDO EU ERA CRIANÇA NA Índia, experimentei a grande eficácia da transmissão pessoa a pessoa, dada a forma relativamente rudimentar com que meus pais faziam a vacinação contra a varíola. Meus pais tinham uma quantidade muito limitada de vacinas e nenhum aparato de refrigeração; logo, eles contavam com a mesma fonte que Balmis: seres humanos previamente vacinados. Corredores traziam a vacina montanha acima pelas trilhas e entregavam a preciosa linfa nas mãos de meu pai. Antes mesmo de o corredor recuperar seu fôlego, meu pai quebrava os pequenos tubos de linfa e começava a vacinar a multidão, que estava esperando. Em seguida, de um braço infectado, ele tirava linfa suficiente para vacinar outros dez indianos. Esses dez rendiam o suficiente para vacinar mais cem. O sangue de cada pessoa vacinada guardava a lembrança do vírus da varíola, fazendo com que qualquer contato com ele alertasse um exército de defensores capazes de vencer a ameaça.

Essa propriedade do sangue, que pode ser passada de pessoa para pessoa, dá significado a uma palavra usada na Bíblia que, em outros momentos, me pareceu confusa: a palavra "vencer". Em uma das visões do livro do Apocalipse, o apóstolo João descreve um violento confronto entre as forças do bem e do mal. Satanás é lançado à terra, e os vencedores, pessoas que passaram para a vida eterna, são descritos desta forma: "Eles o venceram pelo sangue do Cordeiro" (Ap 12.11).

Como essa palavra pode ser aplicada com esse sentido em relação ao sangue? Aprendi a aceitar o sangue como um símbolo da vida, e não da morte, e até mesmo aprendi a apreciar as propriedades de limpeza do sangue. Mas essa justaposição de palavras, "venceram pelo sangue", me parece a princípio inapelavelmente absurda. "Vencer" denota força e poder de dominação: um terrorista com uma arma *vence* a tripulação de um avião; um enorme lutador de sumô *vence* seu oponente. Entretanto, "sangue" denota fraqueza e fracasso — uma pessoa, sangrando, *foi* vencida.

Por que o apóstolo usa essa desagradável combinação de palavras? A resposta, creio, está no modelo biológico de como o sangue vence. Ele revela algo do significado cósmico da forma de Deus operar no mundo e também aprimora meu entendimento do sangue como símbolo. Para captar o significado, devemos observar alguns dos usos bíblicos da palavra "vencer".

Em um momento extremamente sensível, na última noite com os discípulos antes de sua crucificação, Jesus disse: "Neste mundo vocês terão aflições; contudo, tenham ânimo! Eu venci o mundo" (Jo 16.33). Naquele momento, essa declaração com seu emocionante tom de vitória seguramente pareceu algo encorajador. No entanto, para aqueles de nós que leram essas palavras em retrospecto, suas palavras têm um tom estranhamente vazio. Pois, no mesmo instante que Jesus as pronunciou, Judas estava fechando seu funesto contrato, e os soldados de Pilatos estavam afivelando suas espadas. Ao refletirmos sobre o momento escolhido por Jesus, poucas horas antes de sua prisão e execução, isso parece quase bizarro. Os discípulos devem ter ficado desiludidos com aquelas palavras de triunfo ao ver o brilho fraco e mortiço de seu pálido corpo na cruz, enquanto se escondiam na escuridão. "Nós esperávamos que era ele que ia trazer a redenção a Israel" (Lc 24.21), relatariam mais tarde dois deles, com grande tristeza no coração.

Quando o poder de Deus se confrontou com o poder do homem, Jesus, que poderia ter pedido reforços angelicais, escolheu se render a um punhado de soldados com seus chicotes e pregos. A diferença entre vencer e ser vencido ficou confusa.

Mais tarde, no livro de Apocalipse, a imagem do Cordeiro aparece repetidas vezes para representar Cristo. Facilmente deixamos escapar a ironia do mais fraco e indefeso animal simbolizando o Senhor do universo — e não apenas isso, mas um cordeiro "que parecia ter estado morto" (Ap 5.6). Isso, então, determina o cenário para a estranha frase "Venceram pelo sangue do Cordeiro".

A visita de Deus ao nosso planeta é principalmente lembrada não por ele ter demonstrado força bruta, mas por ter sido um característico exemplo de sofrimento. Vemos surgir um padrão por meio do fogo purificador do sofrimento: Deus não responde ao mal aniquilando-o, mas fazendo-o servir a um bem maior. Ele venceu o mal ao absorvê-lo, tomando-o sobre si e, finalmente, perdendo-o. Jesus venceu como aquele que nos precede, passando através do centro da tentação, do mal e da morte.

Pense num cientista observando por seu microscópio uma população de micróbios ficar enlouquecida e ameaçar o mundo. Ele anseia por uma maneira de tirar o jaleco, encolher até ficar do tamanho de um micron e entrar no mundo dos micróbios com o material genético necessário para corrigi-los.

No contexto de nossa própria analogia, imaginem Deus, após ter visto com grande pesar o vírus do mal que infectou sua criação, deixando de lado suas prerrogativas para assumir a casca de uma célula vítima daquele abominável vírus, a fim de vacinar a humanidade contra a morte e a destruição que certamente se seguiriam. Uma analogia aponta para a verdade de uma forma não muito convincente; nada poderia ter mais força do que a simples afirmação: "Ele se tornou pecado por nós".

O PROFUNDO SIGNIFICADO simbólico do sangue como agente portador da vitória deve ser filtrado desse tipo de discussão teológica abstrata, para alcançar uma aplicação pessoal sobre a qual eu possa refletir ao receber a eucaristia. Essa cerimônia é, acima de tudo, uma reinterpretação pessoal da realidade teológica da vida e da morte de Cristo. Chego diretamente à mesa do Senhor sem a complicada formalidade especificada no Antigo Testamento. Jesus Cristo tornou essa mudança possível, e o autor de Hebreus resume o que Jesus realizou:

Portanto, visto que os filhos são pessoas de carne e sangue, ele também participou dessa condição humana, para que, por sua morte, derrotasse aquele que tem o poder da morte, isto é, o Diabo, e libertasse aqueles que durante toda a vida estiveram escravizados pelo medo da morte. Pois é claro que não é a anjos que ele ajuda, mas aos descendentes de Abraão. Por essa razão era necessário que ele se tornasse semelhante a seus irmãos em todos os aspectos, para se tornar sumo sacerdote misericordioso e fiel com relação a Deus, e fazer propiciação pelos pecados do povo. Porque, tendo em vista o que ele mesmo sofreu quando tentado, ele é capaz de socorrer aqueles que também estão sendo tentados (2.14-18).

De alguma forma, utilizando os recursos de Cristo, me torno mais bem equipado para enfrentar a tentação. Deixe-me explicar o que acontece, usando a analogia do sangue.

Alguns anos atrás uma epidemia de sarampo chegou a Vellore, e uma de minhas filhas foi seriamente infectada. Sabíamos que ela se recuperaria, mas nossa outra filha, Estelle, que ainda era um bebê, estava perigosamente vulnerável em razão da idade que tinha. Quando o pediatra mencionou nossa necessidade de soro de um convalescente, a notícia de que os Brands precisavam do "sangue de um vencedor" correu a cidade de Vellore. Não usamos realmente essas palavras, mas procuramos alguém que já tivesse contraído sarampo e o tivesse vencido. O soro dessa pessoa protegeria nossa garotinha.

Não me adiantaria de nada achar alguém que tivera catapora ou que tivesse se recuperado de uma perna quebrada. Tais pessoas, embora saudáveis, não nos dariam a ajuda específica que precisávamos para vencer o sarampo. Tinha de ser alguém que já tivera sarampo e tivesse vencido a doença. Localizamos essa pessoa,

retiramos um pouco do sangue dela, deixamos as células se separarem por decantação e injetamos o soro de convalescente. Equipada com anticorpos "emprestados", nossa filha foi bem-sucedida no combate à doença. O soro deu ao corpo dela o tempo suficiente para produzir os próprios anticorpos. Ela venceu o sarampo não pela própria vitalidade ou resistência, mas pelo resultado de uma batalha que já acontecera dentro do corpo de outra pessoa.

Há certo sentido no fato de o sangue de uma pessoa se tornar mais forte e valioso à medida que ela vence numerosas batalhas contra os invasores. Após os anticorpos terem decifrado os segredos para derrotar cada doença, uma segunda infecção do mesmo tipo normalmente não fará mal algum. Uma pessoa protegida tem um "sangue inteligente", para utilizar o termo cunhado por Flannery O'Connor.⁴⁸ Seria possível que esse processo lançasse alguma luz sobre a descrição de Cristo tornando-se "perfeito, mediante o sofrimento" (Hb 2.10)? Relembre a passagem recém-citada de Hebreus: "Porque, tendo em vista o que ele mesmo sofreu quando tentado, ele é capaz de socorrer aqueles que também estão sendo tentados" (2.18). E novamente: "Pois não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação, porém, sem pecado" (4.15).

O sangue de Jesus Cristo venceu. É como se ele tivesse saído de seu caminho para se expor à tentação, para enfrentar a pressão e a tensão que você e eu encontraremos — para obter sangue inteligente em nosso benefício. Desde sua luta pessoal com Satanás no deserto, Jesus pura e simplesmente se negou a usar seus poderes para vencer as tentações e obter sucesso, poder e fuga das limitações da humanidade. No jardim do Getsêmani, essas tentações o levaram a seu teste derradeiro, mas "pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha" (Hb 12.2).

Hoje, quando participamos do vinho da comunhão, é como se nosso Senhor estivesse dizendo a nós: "Este é meu sangue, o qual foi fortalecido e preparado para você. Esta é minha vida, a qual foi vivida por você e pode agora ser partilhada por você. Eu estava cansado, derrotado, tentado, abandonado; amanhã você poderá se sentir cansado, derrotado, tentado ou abandonado. Quando isso acontecer, você poderá usar minha força e partilhar de meu espírito. Eu venci o mundo por você".

Uma arrebatadora e repentina tentação pode atingir até mesmo o mais forte cristão que estiver desprevenido. Precisamos estar preparados, e o símbolo do sangue nos diz como: confiando no sábio e poderoso sangue daquele que nos precedeu.

8 Transusão

*Tu perdoarás aquele pecado onde comecei,
o qual é meu pecado, embora já tenha sido cometido antes?
Tu perdoarás aqueles pecados que tornei a cometer
e ainda cometo, embora eu ainda os lamente?
Quando o tiveres feito, tu não o terás concluído,
pois eu tenho mais.*

*Tu perdoarás aquele pecado pelo qual induzi
outros a pecar? E fiz de meu pecado a porta deles?
Tu perdoarás aquele pecado do qual me esquivei
por um ano ou dois, mas acabei por nele chafurdar?
Quando o tiveres feito, tu não o terás concluído,
pois eu tenho mais.*

*EM peço por temer que, quando tiver extraído
minha última gota de vida, eu venha a perecer na praia;
jura por ti mesmo que em minha morte teu filho
brilhará como brilha agora e brilhou outrora;
e, tendo-o feito, tu o terás concluído,
não temo mais.*

JOHN DONNE,
A HYMN TO GOD THE FATHER
[UM HINO PARA DEUS-PAI]

⁴⁸ Escritora americana (1925-1964) cujas obras aliam a inspiração cristã ao imaginário sulista. (N. do E.)

A HISTÓRIA DA TRANSFUSÃO de sangue, a exemplo da de muitas técnicas médicas, começou perigosamente e logo desandou para o desastre. Em 1492, no mesmo ano que Colombo zarpou, um médico judeu da Itália tentou transfundir sangue de três garotos para o enfermo papa Inocêncio VIII. Os três doadores morreram de hemorragia, enquanto o pontífice, perfurado por três vezes, viveu pouco mais que eles.

Dois séculos mais tarde, o interesse em transfusão ressurgiu especialmente na França, sob a influência de Jean Baptiste Denis, médico pessoal de Luís XIV. Após ter realizado uma transfusão de sangue bem-sucedida de um cachorro para outro, Denis tentou recuperar um garoto moribundo com uma injeção de 250 centímetros cúbicos de sangue de cordeiro. Um segundo receptor desse sangue, de ânimo restaurado, foi para uma taverna celebrar e sem demora caiu morto. Os confusos resultados obtidos por Denis apenas confirmaram o que todo médico com boa reputação já sabia: retirar o sangue e não injetá-lo oferecia a melhor expectativa de recuperação. Afinal, M. Cousinot, o médico real que antecederia Denis, foi curado de reumatismo após 64 sangrias em oito meses. E um eminente médico ficou famoso por toda a França por ter supervisionado a retirada de um total de 9,5 milhões de litros de sangue. Assim, o país rapidamente adotou uma lei que proibia a heresia da transfusão; essa lei permaneceria em vigor por um século.

Médicos italianos e ingleses não desistiram tão facilmente. Um médico italiano estudou um grupo de irmãos siameses que compartilhavam o sistema circulatório: a comida ingerida por um deles de alguma forma nutria o outro. Ele não poderia, da mesma forma, tomar o sangue de uma pessoa para ser utilizado em outro corpo? Naquela época, o sangue não era visto apenas como um agente para a nutrição, mas também como uma essência vital, repleta de "humores" ou características solúveis da personalidade. Algumas pessoas sugeriram que se usasse a transfusão para injetar sanidade em uma pessoa insana ou modificar tipos de personalidades. Seria possível que as brigas con-jugais deixassem de existir, se o sangue de cônjuges antagônicos fosse misturado por meio da transfusão?

Somente no século XIX a medicina alcançou algum êxito com o misterioso processo da transfusão. Na Inglaterra, o dr. James Blundell salvou a vida de onze dentre quinze mulheres que tiveram hemorragia após o parto. As gravuras existentes registram a dramática cena: um solene Blundell assiste a uma mulher que, de pé, libera seu sangue por um tubo diretamente para a veia de uma mulher moribunda. Aquelas gravuras captam de maneira pungente a essência do que há de humano em compartilhar a vida, que se perde nos dias de hoje na formalidade dos bancos de sangue, com verificação de compatibilidade por computador, e nos recipientes esterilizados.

Apesar de seu claro valor, a transfusão de sangue por muitos anos envolveu enormes riscos. Algumas vezes, talvez em um terço delas, o corpo do receptor inexplicavelmente decidia rejeitar o sangue de um doador; uma violenta reação não raro matava os pacientes. Décadas de perplexidade se passaram antes que os pesquisadores classificassem as idiosincrasias fundamentais quanto ao tipo de sangue e ao fator Rh e desenvolvessem as técnicas apropriadas para armazenar e evitar a coagulação.

E por fim, durante a Primeira Guerra Mundial, os benefícios da transfusão de sangue começaram a superar seus riscos. Os médicos carregavam uma caixa de madeira e nela duas grandes botijas do precioso líquido para o campo de batalha. A notícia espalhava-se rapidamente entre as tropas: "Existe um sujeito que bombeia sangue para dentro de você, trazendo-o de volta à vida mesmo depois de morto!".

Um negro americano, Charles Drew, solucionou diversos dos problemas de armazenamento e transporte de sangue, tornando possível uma campanha nacional de doação de sangue na Segunda Guerra Mundial.⁴⁹ Depois disso, surgiu uma complicada rede de armazéns de sangue, bancos de sangue frigorificados, caminhões e aviões — um irônico paralelo tecnológico do sistema circulatório do próprio corpo humano.

A IMPRESSIONANTE EXPERIÊNCIA de assistir a uma transfusão de sangue no Hospital Connaught, em Londres, me levou à medicina. Doze anos depois, já tendo uma formação médica e cirúrgica, eu me encontrei de volta à Índia, no meio de um povo que ainda reagia com medo e repulsa diante da perspectiva de doar sangue.

Cheguei como cirurgião ortopédico na Escola Cristã de Medicina, em Vellore, exatamente na época em que a faculdade estava contratando especialistas estrangeiros. Entre eles estava o dr. Reeve Betts, da Clínica Lahey em Boston, que iria se tornar o pai da cirurgia torácica em toda a Índia. Assim que Betts chegou, teve de enfrentar um obstáculo imediato: a falta de um banco de sangue. Em algumas cirurgias contávamos com um intrincado dispositivo que eu tinha projetado para sugar e fazer circular o sangue do próprio paciente. Mas a cirurgia torácica exigia que houvesse pronto suprimento de cinco ou mais frascos de sangue que, dispostos

⁴⁹ Algumas das barreiras das transfusões, entretanto, ficam além do alcance da ciência médica: em uma das mais cruéis distorções da história da medicina, Charles Drew faleceu após ter-lhe sido recusada uma transfusão de sangue em um hospital da Carolina do Norte por ele ser negro.

em seqüência, configuravam um eficiente procedimento de coleta e armazenamento. Betts tinha a experiência e a habilidade necessárias para salvar a vida dos pacientes que começavam a afluir para Vellore de todas as partes da Índia, mas ele nada poderia fazer sem sangue.

Dessa forma, em 1949, um banco de sangue se tornou minha prioridade. Tive de adquirir os conhecimentos necessários para identificar os tipos sanguíneos, fazer testes de compatibilidade e filtrar os doadores com problemas de saúde. Tivemos de desenvolver formas de conseguir um suprimento de água sem pirogênios e esterilizar os equipamentos reutilizáveis. Na quente e empoeirada atmosfera de Vellore, onde tantas pessoas estão infectadas com parasitas ou com um vírus escondido da hepatite, lutávamos constantemente para tornar nosso sistema à prova de falhas. Por diversas vezes ficávamos angustiados quando uma transfusão, que tinha o objetivo de trazer saúde, prejudicava o paciente. Aqueles que estão acostumados à eficiência regular dos bancos de sangue de hoje deviam parar e agradecer aos pioneiros, que enfrentaram os muitos perigos do processo de transfusão.

Entretanto, a atitude do próprio povo indiano era o maior desafio. Para eles o sangue é vida, e quem pode suportar o pensamento de abrir mão do sangue da vida, mesmo para salvar a vida de outra pessoa?⁵⁰ Tenho lembranças vividas das situações que ocorriam repetidamente, quando o dr. Reeve Betts colidia com preconceitos antigos. "Como alguém pode se recusar a doar sangue para salvar o próprio filho?", ele murmurava de maneira sombria, após sair de uma longa reunião familiar.

Geralmente, uma multidão de parentes acompanhava um paciente que fosse enfrentar uma cirurgia de maior porte, de modo que a família nunca estava ausente para ser consultada; mas um diálogo prolongado com o auxílio de um intérprete do dialeto local exigia uma paciência sem fim. Foi isso que ocorreu no caso de uma garota de doze anos de idade, que tinha um pulmão muito ruim. Reeve primeiro informou a família de que o pulmão teria de ser removido para salvar a vida da paciente. Os membros da família consentiram com a gravidade apropriada. Reeve continuou: a cirurgia exigia pelo menos três frascos de meio litro de sangue, e tínhamos somente um; logo, a família teria de doar mais dois. Ao ouvir essa notícia, os anciãos da família se reuniram e então anunciaram a disposição de pagar pelos frascos adicionais.

Vi Reeve ficar vermelho. As veias de seu pescoço começaram a ficar protuberantes, e sua reluzente careca era um excelente barômetro da tolerância que lhe restava. Esforçando-se por controlar a voz, ele explicou que não tinha nenhuma outra fonte de sangue — isso não poderia ser comprado. Seria melhor que eles levassem a garota para casa e a deixassem morrer. Voltaram a se reunir. Depois de discussões mais vigorosas, os anciãos vieram com uma grande concessão. Empurraram para frente uma frágil senhora que talvez pesasse 45 quilos, o menor e mais fraco membro do grupo. Eles relataram que a família tinha decidido oferecê-la como doadora. Nós podíamos sangrá-la.

Reeve fixou seus olhos nos elegantes e bem alimentados homens que tinham tomado essa decisão, e então sua raiva estourou. A careca ardia. Com um hesitante tâmil, ele xingou uma dezena de familiares acovardados. Poucos podiam compreender o sotaque americano, mas todos captaram a força de sua torrente de palavras enquanto ele movimentava o dedo de um lado para o outro, dos homens robustos para a frágil mulher.

Inesperadamente, com um floreado, Reeve arregaçou a manga e me chamou: "Venha aqui, Paul. Não posso agüentar isso! Não vou arriscar a vida daquela pobre garota somente por que esses covardes

⁵⁰ Somente uma categoria de indianos respondia prontamente a nossa chamada por doadores. Os condutores de riquixá, freqüentemente da casta dos intocáveis, viam a doação de sangue como um modo fácil de ganhar o equivalente ao salário de um dia. Ao notarmos que nossos doadores regulares aparentavam estar cada vez mais fracos, investigamos e descobrimos que alguns também doavam em outros hospitais, chegando algumas vezes a meio litro por semana! Finalmente, para impedir que eles se prejudicassem, tivemos que instituir um sistema de tatuagem para manter um registro de sua freqüência de doação.

não podem se decidir. Traga uma agulha e um frasco e tire meu sangue". A família ficou em silêncio, observando espantada enquanto eu obedientemente passava um garrote no braço de Reeve, limpava a pele e inseria a agulha em sua veia. Um forte esguicho vermelho espirrou para dentro do frasco, e um grande "Ohhh!" correu por entre os espectadores.

Ao mesmo tempo se ouvia todos falando: "Olhe, o médico *sahib* está dando a própria vida!". Pessoas de fora diziam que era uma vergonha para a família. Aumentei o drama ao alertar Reeve quanto a não doar muito daquela vez, pois já tinha doado sangue na semana passada e na retrasada. "Você ficará muito fraco para a operação!", avisei.

Nesse caso, como em muitos outros, a família pelo menos captou a mensagem. Antes que o frasco estivesse pela metade, dois ou três deram um passo à frente, e eu interrompi a doação de Reeve para pegar os braços trêmulos e esticados deles. Com o tempo, eu tive de interromper a rotina que Reeve tinha desenvolvido com absoluta sinceridade, pois, apesar de nunca ter perdido muito sangue de uma vez, ele doava com tanta regularidade que suas células formadoras de sangue eram forçadas para manter o nível. Todavia, sua reputação se espalhou: se a família negasse o sangue, o próprio grande médico contribuiria.

QUANDO REFLITO SOBRE O antigo simbolismo por trás da palavra "sangue" na religião cristã, especialmente de acordo com o que foi sugerido nas afirmações de Jesus, continuo voltando ao moderno procedimento da transfusão de sangue. Obviamente, Jesus e os autores bíblicos não imaginavam um banco de sangue da Cruz Vermelha ao usarem tal palavra. E mesmo assim a transfusão em minhas experiências surge como um tipo de imagem a sintetizar o símbolo cristão, incorporando todos os significados que temos explorado.

Em uma época em que a transfusão de sangue era desconhecida, Jesus escolheu a desconcertante imagem de seu sangue sendo bebido. Desde então os cristãos têm lutado com a teologia da eucaristia. Quem pode descrever o processo pelo qual corpo e sangue de Cristo se tornaram uma parte de mim? Somos trazidos para perto dele; participamos dele; ele nos alimenta — qualquer uma dessas frases apenas dá uma pista do mistério. Jesus usou uma analogia com os ramos enxertados em uma videira. A metáfora mais contemporânea da transfusão de sangue abre os caminhos para que eu compreenda o sentido pretendido.

Jamais me esquecerei da noite em que vi uma mulher ressuscitar diante de meus olhos, ao ser conectada a um frasco de sangue doado no Hospital Connaught. Minhas experiências com a transfusão de sangue, o mais puro exemplo de compartilhamento da vida, me recordam o poder que tem o sangue de dar vida. O culto em que celebramos a ceia me relembra que Cristo não está morto e alijado de mim, mas vivo e presente em mim. Cada célula em seu corpo está vinculada, unificada e banhada pelos nutrientes de uma fonte comum. O sangue transmite a vida.

A infusão de sangue fresco também ajuda a explicar o processo de purificação. Penso nas toxinas acumuladas em todas as células espalhadas por meu corpo e no feliz alívio que experimento quando o sangue lava esses venenos.

Finalmente, imagino o furioso combate intercelular dentro de meu corpo e os efeitos cataclísmicos de uma injeção de soro nessa luta. Jesus, aquele que nos precedeu, obteve "sangue inteligente", o qual ele compartilha livremente.

Desta forma, a ceia do Senhor tornou-se para mim não uma relíquia embaraçosa de uma religião primitiva, mas uma imagem de surpreendente frescor. Posso comemorar a sensação de viver valendo-me do símbolo do sangue de Cristo transfundido em mim. A mulher no Connaught escapou da morte graças aos recursos partilhados por um doador desconhecido; os pacientes de Reeve Betts ganharam nova esperança com a contribuição de indivíduos de suas famílias; da mesma forma, recebo na eucaristia uma infusão de força e energia por me valer das reservas do próprio Cristo.

ALGUMAS PESSOAS PERGUNTAM: "O significado, tudo bem, mas por que a cerimônia? Por que temos de repetir esse ritual?". Robert Farrar Capon responde a tais objeções contra a formalidade com suas próprias perguntas. "Por que ir a uma festa se você pode beber sozinho? Por que beijar sua mulher, já que ambos sabem que você a ama? Por que contar histórias engraçadas a um velho amigo que já as tinha ouvido antes? Por que levar a filha para almoçar no aniversário dela, quando vocês vão jantar juntos de qualquer maneira?" A verdadeira pergunta, conclui Capon, é: "Por que ser humano?". Ou como explicou um teólogo inglês: o sexo é para o casamento o que os sacramentos são para o cristianismo; a expressão física da realidade espiritual.⁵¹

⁵¹ A obra *Incarnation and immanence*, de lady Helen Oppenheimer, é de grande auxílio aqui. Na obra, ela diz: "O rito físico, o partilhar do pão e do vinho, não é um encantamento nem um tipo de pressão psicológica, mas um veículo material para a presença de Deus; efetivamente, sua verdadeira

Sob a antiga aliança, os adoradores traziam o sacrifício — o qual eles *davam*. Na nova, os crentes *recebem* símbolos do trabalho consumado pelo Cristo ressurreto. "Meu corpo dado em favor de vocês [...] meu sangue, derramado em favor de vocês." Nessas frases, Jesus transpõe a distância de Jerusalém até mim, transcendendo os anos que separam o seu tempo do meu.

Quando vamos à mesa, fazemos isso com a respiração suspensa e o pulso fraco. Vivemos em um mundo distante de Deus e durante a semana nos pegamos com dúvidas. Atrapalhamo-nos com nossas falhas, os fracassos contínuos, os pecados imbatíveis, as dores e as mágoas. É nessas condições, fracos e machucados, que somos chamados à mesa por Cristo para celebrar a vida. Experimentamos o gracioso fluxo de seu perdão, e amor, e cura — um sussurro que nos informa de que fomos aceitos e revividos, transfundidos.

"Sou Aquele que Vive", disse Cristo para o boquiaberto apóstolo João em uma visão. "Estive morto mas agora estou vivo para todo o sempre!" (Ap 1.18). A ceia do Senhor resume para nós os três momentos: a vida que foi e morreu por nós, a vida que é e está viva em nós e a vida que será e virá por nós. Cristo não é um mero exemplo de vida; ele é a vida em si.

Jesus Cristo não transmitiu a si próprio geneticamente. Se ele o tivesse feito, os descendentes teriam sido metade Cristo, um quarto Cristo, um dezesseis avos de Cristo, até que em seus distantes descendentes, nos tempos modernos, haveria apenas um débil vestígio de sua linhagem sangüínea. Em vez disso, ele escolheu transmitir a si próprio pessoal e nutritivamente, oferecendo a cada um de nós o poder de sua vida ressuscitada. Nenhuma outra imagem do Novo Testamento, como o pastor, a casa ou a noiva, expressa o conceito do "Cristo em você" tão bem como o sangue o faz.

Lembre-se das palavras que escandalizaram seus seguidores:

Todo aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida. Todo aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Da mesma forma como o Pai que vive me enviou e eu vivo por causa do Pai, assim aquele que se alimenta de mim viverá por minha causa.

Ele é a verdadeira comida e a verdadeira bebida.

A quem não conhece o amor, deixe-o experimentar
e provar daquele suco, que na cruz uma lança
novamente fez jorrar; e então deixe-o dizer
se alguma vez saboreou algo parecido.
Amor é essa bebida doce e mais divina
que o meu Deus sente como o sangue, mas eu, como vinho.

George Herbert, *The agonie [A agonia]*

Terceira Parte Cabeça

9 Caminhos

A terra apinhada de céu,

presença. Afinal, como pode qualquer relação pessoal efetivamente prosseguir sem que haja alguma expressão material dessa natureza? É necessário pronunciar palavras, em voz audível ou no papel, um sorriso ou uma cara de reprovação, mover-se ou ficar parado; mas, acima de tudo, é preciso que haja um aperto de mão ou um beijo, que a pessoa se erga formalmente ou se sente confortavelmente, ou quem sabe se ajoelhe com reverência, para que seja possível expressar ou compreender o que a outra pessoa está tentando transmitir. Talvez seja possível definir o sacramento como um 'ponto de intersecção entre o pessoal e o material', e assim a vida humana é sacramental do começo ao fim; e as coisas materiais são freqüentemente utilizadas como 'elementos'. Anéis de casamento e insígnias hierárquicas, presentes, medalhas e presentes de aniversário não são apenas objetos atraentes por seu próprio valor nem 'meramente' simbólicos como um souvenir 'que apenas detém valor sentimental'. Quando dados no contexto apropriado, são verdadeiramente um tipo de 'meio de graça' humano, trazendo a realidade que simbolizam, seja uma mudança de *status*, um sinal de boa vontade, afeição, honrarias ou o que quer que possa ser...

"Mas o que autentica a contínua dádiva da presença de Cristo no pão e no vinho é sua morte e ressurreição. Ele podia dar o corpo e o sangue porque realmente já tinha dado o corpo e o sangue; e podia lhes dar, conforme sua escolha, os meios materiais para uma refeição sagrada porque, ao ressurgir dentre os mortos, ele demonstrou que era Senhor de todo o universo criado".

*e cada arbusto comum ardendo com Deus,
mas somente ele, que vê, retira os sapatos,
o resto se senta em volta e passa a colher amoras.*

ELIZABETH BARRETT BROWNING

EU ME SENTO EM MEU bagunçado escritório, reclino-me em minha cadeira e fico distraidamente olhando pela janela. Supostamente, cinco trilhões de operações químicas estão ocorrendo em meu cérebro neste segundo. Isso certamente parece não ocorrer em um dia preguiçoso como esse.

Decido me concentrar em meus sentidos, começando com minha visão. A minha volta estão pilhas de jornais, anotações para livros futuros e correspondências não-respondidas, amontoadas de forma irregular e instável. Elas me oprimem, então me aproximo de uma janela. Vejo minha horta e uma ponta de culpa me faz lembrar que não a tenho regado ou fertilizado recentemente. Porém, afastada à direita, a planta que mais me agrada, uma figueira, está dando frutos em pleno esplendor.

Figos pendurados com nuanças de vinho, que vão do verde ao roxo, pendem tão densos de cada galho que toda a árvore se arqueia. A cada ano, quando os figos amadurecem, uma enorme população de perplexas borboletas aparece de repente; todas da mesma espécie, com faixas pretas, laranjas e brancas, num estilo não muito diferente das monarcas. Milhares delas cercam minha figueira em uma coroa de cores que varia constantemente. Lá fora, pode-se realmente ouvir o barulho de suas asas batendo, como papel.

Observo a cena enquanto as borboletas experimentam cada fruto tentador, com uma "língua" de diâmetro menor que uma linha. Elas pousam rapidamente nos figos ainda verdes, demoram-se mais um pouco nos que já começam a ficar vermelhos e sentam-se para se empanturrar com os figos mais do que maduros. Aprendi um método infalível para selecionar os figos perfeitos: colher aqueles que as borboletas ficam rodeando, mas não penetram.

Vários sons insignificantes chegam a meus ouvidos: meu cachorro farejando coisas numa esquina, a leve vibração de um navio no rio Mississippi, o trepidar distante de um cortador de grama, a música clássica que vem flutuando da sala de estar.

O som do cortador de grama acompanha um aroma forte e primaveril de grama cortada. Inclinando um pouco minha cabeça e respirando fundo, também posso sentir o doce cheiro da fermentação dos figos no chão. Ambos os odores são parcialmente estragados por um odor mais penetrante, sulfuroso, que vem da indústria petroquímica logo abaixo, descendo o rio.

Em determinado nível, nada importante acontece hoje. Ainda assim, à medida que presto atenção, percebo que muita coisa está acontecendo. Meu nariz, olhos e ouvidos registraram todas essas sensações antes mesmo que eu atentasse conscientemente para elas. Esses sentidos são tão importantes na formação da visão que tenho do mundo, que cada um merece um breve resumo.

"DEUS DEU AO HOMEM DOIS ouvidos", observou Epicteto, o Estóico,⁵² "mas apenas uma boca, para que ouçamos o dobro do que falamos". Comparados a algumas protuberâncias dos animais, as orelhas humanas parecem pequenas e subdesenvolvidas. Elas captam uma porção menor de frequência sonora do que os ouvidos de um cachorro ou de um cavalo e não chegam nem sequer perto da capacidade desses animais de se expressar com as orelhas — movemos as nossas apenas como um pequeno truque de festa.

Mesmo assim, a habilidade humana da audição é impressionante. Uma conversa normal faz com que as moléculas de ar vibrem e movam o tímpano até dez milésimos de centímetro, mas com precisão suficiente para diferenciar todos os sons da fala humana. A membrana do tímpano tem a flexibilidade para registrar desde a queda de um alfinete até o barulho do metrô de Nova York, cem trilhões de vezes mais alto. Ela dificilmente poderia ser mais sensível; se a sensibilidade aumentasse minimamente, ouviríamos os movimentos das moléculas de ar como um constante zumbido (essa aflição realmente atormenta algumas pessoas, trazendo horríveis efeitos alucinatórios).

Aqueles que sobreviveram à biologia no ensino médio deveriam saber o que acontece depois que o tímpano vibra: três minúsculos ossos, informalmente conhecidos como martelo, bigorna e estribo, transferem essa vibração para o ouvido médio. Já trabalhei com a maioria dos ossos do corpo humano, e nenhum é mais notável que esses três, os menores do corpo. Diferentemente de quaisquer outros ossos, esses

⁵² Refere-se à escola filosófica fundada por Zenão. De acordo com o estoicismo, a virtude consiste em viver segundo a natureza, nem mais nem menos. (N. do E.)

não crescem com a idade — uma criança com um dia de vida já os tem completamente desenvolvidos. Eles estão em movimento constante e incessante, visto que cada som que nos alcança faz com que esses ossos entrem em ação. Trabalhando juntos, eles ampliam a força que fez o tímpano vibrar, até ela ficar vinte vezes maior do que quando entrou.

Dentro de uma câmara de 2,5 centímetros de comprimento, conhecida como órgão de Corti, a força que começou com moléculas de ar e foi convertida em batidas mecânicas termina como uma turbulenta energia hidráulica. A ação desses três ossos provoca ondas de pulsação no líquido viscoso existente no órgão de Corti, que é lacrado. Tudo que reconhecemos como som depende dessa câmara sísmica.

Como consigo distinguir dois sons diferentes, como o zunido de uma mosca voando pela sala e o ronco de um cortador de grama a um quarteirão de distância? Cada som diferente tem uma "assinatura" de vibrações por segundo (um diapasão demonstra claramente o processo; quando tocado, suas pontas visivelmente se movem para frente e para trás). Se você ouvir uma onda de moléculas oscilando 256 vezes por segundo, por exemplo, ouvirá a nota musical "dó". Uma pessoa normal pode detectar vibrações de 20 a 20 mil ciclos por segundo.

Dentro do órgão de Corti, 25 mil células receptoras de som se alinham para receber essas vibrações, como as cordas de um enorme piano esperando para ser tocadas. Visto através de um microscópio eletrônico, as células lembram fileiras de tacos de beisebol,⁵³ juntos em posição vertical. Cada célula é projetada para responder a determinado tipo de som. Algumas dessas células dispararão sinais para o cérebro quando um ciclo de 256 vibrações chegar a elas, e eu vou ouvir um "dó". As outras aguardarão sua própria frequência programada. Imagine o caos que é o trabalho dessas células quando me sento diante de uma orquestra completa e ouço doze diferentes notas de uma só vez, bem como as variedades de "texturas" musicais que partem de instrumentos diferentes. No total, o ouvido humano distingue cerca de trezentos mil tons.⁵⁴

No que diz respeito ao cérebro, o fato mais importante é que a vibração nunca o alcança. O processo faz lembrar uma fita cassete, que absorve o som não como uma vibração mecânica, mas como uma série de códigos elétricos e magnéticos. Uma vez que a vibração tenha atingido a célula sonora apropriada, a força dentro do cérebro muda de mecânica para elétrica. Milhares de fios, ou neurônios, conduzem a porção de 25 mil células até a área do cérebro responsável pela audição. Lá as frequências são recebidas em uma sequência de bipes positivos ou negativos, ou seja, a presença ou ausência de sinal. A forma em que captamos o som depende de qual dessas células transmite seu sinal, com que frequência e com quais outras células. O cérebro junta essas mensagens, e nós "ouvimos".

Após receber os códigos elétricos dos receptores de som, o cérebro então contribui para que eles tenham significado e emoção. Experimentei isso de forma extremamente emocionante em 1983, quando eu e minha mulher comemorávamos nosso quadragésimo aniversário de casamento. O telefone tocou, e Margaret e eu pegamos a extensão simultaneamente. Então ouvimos: "Oi, mãe; oi, pai. Parabéns!". Era nosso filho Christopher, de Cingapura. Então, para nossa surpresa, ouvimos as mesmas palavras novamente, dessa vez de nossa filha Jean, na Inglaterra. E de nossa filha Mary, em Minnesota; Estelle, no Havaí; Patricia, em Seattle, e Pauline, em Londres. Nossos seis filhos conspiraram para fazer uma conferência telefônica global.

Já não sentia uma emoção tão intensa assim havia anos. Isso me levou de volta às cenas ao redor da mesa de jantar quando ríamos e brincávamos juntos. O som de suas vozes instantaneamente trouxe lágrimas a meus olhos e me encheram de alegria. Apesar de separados por milhares de quilômetros, sentíamos-nos como uma família novamente. Todo o calor de meu amor por eles e a história de nossas experiências juntos de alguma forma ressurgiram de uma vez em meu cérebro. Os sons, que começaram como distantes forças mecânicas, tocaram o "eu", a pessoa dentro do computador, o "espírito dentro da máquina".

Observo com admiração ainda maior outro fenômeno do cérebro. Se eu deixar minha mente divagar, posso "ouvir" os quatro estrondosos acordes iniciais da *Quinta sinfonia*, de Beethoven, a melodiosa voz de minha filha Pauline, os estridentes sons de uma sirene de ataque aéreo em Londres, com sua indesejada sensação de ansiedade. Não há nenhuma força, nenhuma vibração de moléculas, nenhum golpe sobre as células receptoras de som, mas ainda assim posso ouvi-los. Minha mente recria os sons exteriores existentes, apenas no complexo de células nervosas comprimidas em cada centímetro cúbico de massa branca.

⁵³ Jogo com uma pequena bola, muito popular nos Estados Unidos, derivado do críquete e disputado por dois times com nove jogadores cada um. O campo, cuja forma lembra um diamante, tem quatro bases, ou seja, quatro posições em que os jogadores se revezam. (N. do E.)

⁵⁴ Na natureza, a sobrevivência deve ter prioridade sobre a estética, e os animais que contam com o som para conseguir comida exibem um grau ainda mais elevado de especialização. Um morcego emite e recebe ondas de radar de 50 mil a 100 mil ciclos por segundo. Até mesmo um cão domesticado pode ouvir melhor e com maior alcance que seus donos. Uma coruja tem a habilidade exclusiva de distinguir os sons provenientes de várias direções ao mesmo tempo: um ouvido aponta para a frente, e o outro, para trás, dando a ela capacidade de localização em 360 graus. Precisa, que uma coruja de olhos vendados pode facilmente localizar um camundongo no meio da palha de um enorme celeiro.

ESCREVO SOBRE A AUDIÇÃO COM sentimento de admiração; mas sobre o olfato, quase com incredulidade. O olfato deixa o mundo da física quantificável beira o mistério.

Consideremos uma mariposa que se depara com apenas uma molécula de feromônio secretado por uma parceira a cinco quilômetros de distância. O macho não comerá nem descansará enquanto não achar a fêmea que o seduz, e uma molécula por quilômetro lhe dá as indicações suficientes para rastreá-la. Ou considere um salmão que sai de um rio próximo a Portland, Oregon, como um mero peixinho e viaja pelo vasto oceano, a milhares de quilômetros de casa. Sem mapa, sem pontos de referência visual, sem nenhuma outra pista a não ser seu olfato — seus receptores são estranhamente espalhados de forma aleatória por todo o corpo escamoso —, o salmão adulto achará o caminho de volta para o córrego de seu nascimento. O porco escava a terra como uma escavadeira mecânica para perseguir uma trufa; o urso derruba uma árvore e enfrenta centenas de ferroadas por uma gota de mel. O besouro tenta acasalar com macias bolas de algodão o dia inteiro, apaixonadamente, quando esses campos foram pulverizados com a fragrância da fêmea. Diferentemente dos outros sentidos, é característica do olfato impelir.

Nós, modernos, desvalorizamos o olfato, e infelizmente uma grande porção de nosso cérebro se atrofia. Esquecemos que o cheiro (e seu sentido companheiro, o paladar) teve papel importante na história da humanidade. Se não fosse o desejo europeu por especiarias e a valente expedição de Colombo à procura de outras rotas para o Oriente, fonte das especiarias, a América teria permanecido desconhecida para os europeus por mais um século. A maioria de nós tem uma capacidade olfativa muito maior do que já chegou a utilizar (com exceção daqueles poucos profissionais cujo sustento depende de provar vinhos, cafês, chás ou de sentir o aroma de incenso ou perfumes). Se fôssemos forçados a viver na natureza e a depender do olfato para a sobrevivência, essa porção adormecida de nosso cérebro despertaria, instruindo a cruel busca por comida e alertando sobre os odores tóxicos da putrefação, venenos amargos e vapores e fumaças ruins.

O olfato funciona por meio de uma reação química direta: minúsculos receptores olfativos realizam elaborados testes químicos em qualquer molécula desgarrada que passa por eles. Em moscas e baratas, esses receptores se localizam de forma repugnante nos pés dessas criaturas; em mariposas, antenas receptoras cobertas de penugem trabalham de forma similar à antena de TV, aumentando a capacidade de recepção; nos humanos, um tufo de tecido receptivo do tamanho de uma moeda pequena se situa no alto de nossas cavidades nasais. Para analisarmos corretamente, devemos inspirar fundo, forçando as moléculas a subir até o ponto sensitivo, então prendendo-as à umidade pegajosa da mucosa nasal. Mesmo com nossos sistemas, que são mais primitivos, podemos detectar uma molécula de alho em meio a cinquenta mil outras moléculas em suspensão.

A quantidade de substância necessária para provocar o odor desafia a fé. Nenhum laboratório DuPont pode fazer uma análise com um centésimo de velocidade e exatidão do nariz de um cão de caça. Um detetive segura uma meia diante do sinistro cachorro. Ele fareja profundamente algumas vezes, separando o cheiro de guimba de cigarro, o odor artificial das palmilhas do dr. Scholl, a complexa história de um pedaço de couro, traços de ação bacteriana e, em algum lugar, fragmentos do homem em si, o criminoso. Ele acha uma trilha pela floresta e rasteja por ela, farejando e estudando. De repente, um latido. Ele farejou mais um fragmento. Os pinheiros, a poeira, os homens a sua volta, os milhares de cheiros do solo da floresta — nenhum desses interfere em sua singular determinação de seguir uma única estrutura molecular gravada em seu cérebro. Ele seguirá aquele rastro por riachos e pântanos, sobre troncos, pelas calçadas da cidade, pelas escadas dos prédios — onde quer que seja — um dia, dois dias e até uma semana após o criminoso ter deixado seus fragmentos reveladores.

Não sei de nenhum laboratório no mundo que concordasse em diferenciar uma pessoa da outra pela análise de fragmentos de duas meias, tendo então que isoladamente rastrear esse cheiro em tais condições.

O nariz também é um órgão de nostalgia. O cheiro do café, o sopro salgado da costa marítima, o fraco e persistente traço de determinado perfume ou o odor de éter do corredor de um hospital podem nos parar como uma bala. Você revive aquele momento num átimo, sendo levado de volta no tempo por uma fragrância guardada no fundo da memória. Passo por isso todas as vezes que visito a Índia, um país que aprecia o sentido do olfato (o destino original de Colombo, no final das contas). Em 1946, sendo ainda um jovem médico, cheguei ao porto de Bombaim depois de 23 anos de ausência. Uma enorme onda de lembranças da infância, há muito tempo esquecidas, me engolfou à medida que as fantásticas fragrâncias daquele país flutuavam pelo mar. Os trens a vapor, os mercados, as pessoas exóticas, as comidas picantes, o sândalo, o incenso hindu — tudo isso passou rapidamente por minha mente, conforme o ar da Índia chegava a meu nariz. Algo parecido acontece hoje em dia, toda vez que desço de um avião e sinto o aroma da Índia.

Apesar disso, alguns dias mais tarde essas avassaladoras sensações se fundem quase imperceptivelmente

ao ambiente. O cérebro reprime fielmente os odores após um período inicial mais intenso — Richard Selzer chama isso de "tédio nasal". O odor é antes de tudo uma advertência, e, uma vez que tenha sido notificado, por que o cérebro deveria ser incomodado em excesso? Os vendedores de peixe, curtumeiros, lixeiros e trabalhadores das fábricas de celulose aceitam gratos essa compaixão da familiarização. "Você acaba se acostumando", eles dizem com absoluta exatidão.

Determinadas frases se tornam recorrentes nos livros que descrevem o olfato: "difícil de explicar", "ainda indeterminado", "ainda não foi inteiramente compreendido". Nós, humanos, temos desconcertantes poderes capazes de diferenciar cerca de dez mil odores diferentes, e ainda assim existe algum sentido ao qual prestemos menos atenção ou consideremos mais natural?⁵⁵ Temos fundações e grupos de auto-ajuda para aqueles que perderam a audição ou a visão, mas não conheço nenhuma Fundação Nacional para Deficiências Olfativas.

LOGICAMENTE, O PALADAR merece ser mencionado como um dos grandes cinco sentidos. "A gastronomia domina por toda a vida", escreveu o epicurista francês, do século XIX, Jean Anthelme Brillat-Savarin. "As lágrimas de um recém-nascido exigem o seio da que o amamenta, e o moribundo recebe com alguma satisfação sua última bebida refrescante." Mas o paladar perde na comparação com o olfato e, na verdade, conta principalmente com o cheiro, como pode atestar qual quer chefe de cozinha ou degustador, com um nariz parado no ar.

Uma varredura com o microscópio eletrônico sobre o denso tapete de papilas gustativas revela estruturas esplêndidas: penhascos e cavernas impressionantes, flores de cactos, aglomerados de talos altos e balouçantes, folhas exóticas. Elas trabalham bem o suficiente para afligir a maioria de nós com apetite excessivo e desejo insaciável. Mas é necessária uma quantidade 25 vezes maior para que uma substância seja registrada por uma papila gustativa do que para ocorrer o mesmo com um receptor de cheiro. E, por alguma misteriosa razão, papilas gustativas duram apenas de três a cinco dias, então morrem, de forma que o único gosto "experimentado" existe apenas na fortaleza do cérebro.

Para que o paladar e o olfato não pareçam meros floreios sem uma precisa função utilitária, considere este assombroso fato: quando um paciente está recebendo a comida diretamente no estômago ou de forma intravenosa, o corpo absorverá mais nutrientes se o paciente "preparar" a comida provando-a antes. Sentir o gosto estimula os sucos gástricos da mesma forma que o cheiro de churrasco ou *bacon* frito desperta em nós uma fome inesperada.

MINHA RÁPIDA DESCRIÇÃO DOS sentidos e de suas conexões com o cérebro estaria incompleta se eu omitisse a visão, o sentido que, mais do que qualquer outro, dá forma a nossa compreensão do mundo (o sentido do tato foi abordado em *As maravilhas do corpo*). Sendo marido de uma oftalmologista, diariamente ouço muito sobre as virtudes dos olhos, responsáveis por apenas 1% do peso da cabeça, e sobre as tragédias resultantes de seu mau funcionamento.

"Quem acreditaria", questionou Leonardo da Vinci,⁵⁶ "que um espaço tão pequeno pudesse conter as imagens de todo o universo? Que processo grandioso [...] que talento pode lograr penetrar uma natureza como essa? Que língua será capaz de revelar tão grande maravilha? Seguramente nenhuma!"⁵⁷

As colorações características dos olhos humanos vêm, é claro, da íris, abrangendo os músculos circulares e radiais que executam a abertura e o fechamento da pupila, dessa forma aumentando ou diminuindo em até 16 vezes a quantidade de luz que entra no olho. A câmara com obturador e regulação do diafragma duplica essa função mecânica, mas nada duplica a adorável textura daqueles músculos delicados que se agitam e se

⁵⁵ Uma pessoa não trata este sentido de forma superficial. Helen Keller escreveu: "O cheiro é um poderoso mago, que nos transporta por milhares de quilômetros e por todos os anos que já vivemos. Os odores dos frutos me levam ao meu lar, no sul, a minhas brincadeiras de infância no pomar de pêssegos. Outros odores, instantâneos e efêmeros, fazem com que meu coração se encha de júbilo ou se contraia à lembrança de uma tristeza. Até mesmo quando penso em odores, meu nariz está cheio de fragrâncias que começam a despertar lembranças agradáveis de verões passados e longínquos campos repletos de frutas maduras".

⁵⁶ Pintor, escultor, arquiteto, engenheiro, cientista, inventor e escritor italiano (1452-1519). Sua arte influenciou toda a história da pintura que se seguiu, colocando o homem no centro da criação. Entre 1482 e 1499 vive em Milão, onde pinta o afresco *A última ceia* (1495-1497). De volta a Florença, pinta a *Monalisa* (1503-1506). (N. do E.)

⁵⁷ Até mesmo o cético David Hume, que jamais aceitou a explicação de que tivesse sido projetado com um propósito, disse: "Disseque os olhos, analise suas estruturas e mecanismos e diga-me, de acordo com seus sentimentos, se a idéia de um mecanismo não lhe invade de imediato, como se fosse uma sensação!". Sem dúvida alguma, Hume se referia especificamente ao olho humano. Igualmente me agrada estudar outros protótipos na natureza: o ouriço-do-mar, com seus ocelos espalhados pelo corpo, ou a vieira, com seus brilhantes ocelos azuis alinhados em sua concha como uma fileira de luzes de aterrisagem; o camarão, que se esfrega ao longo dos manguinhos com os ocelos estudando a superfície de seu abdome, ou a copíla, com sua câmara de TV móvel unicelular, e a mosca comum, com trinta mil unidades de visão autônomas. Os olhos de um molusco funcionam como uma primitiva câmara *pinhole*, enquanto um gavião que voa a grandes alturas tem quatro vezes mais células de visão do que um ser humano — com uma acuidade maior na mesma proporção, extremamente útil para localizar a presa. Todos os animais possuem algum fator visual; até o tropismo instintivo da ameba e das minhocas as afasta da luz.

estendem como as guelras de um peixe tropical. No interior, uma lente de precisão, feita de tecido vivo, é envolta por protetores transparentes e mantida em posição por um líquido cristalino que se renova constantemente para nutrir as células e matar germes casuais. Nas crianças, as lentes possuem uma transparência cristalina sensacional. Com o tempo, acumulam-se depósitos de proteínas que enrijecem e embaçam essas lentes, causando o que se chama de "catarata", pois o efeito lembra a visão que se tem olhando através de uma queda d'água.

A complexidade das células perceptivas ultrapassa a imaginação. Nos humanos, 127 milhões de células, chamadas bastonetes e cones, alinham-se em fileiras, sendo os elementos "videntes" que recebem a luz e transmitem mensagens ao cérebro. Os bastonetes, tentáculos delgados e graciosos que se esticam para a luz, superam em número os cones em forma de bulbos, de 120 milhões para 7 milhões. Essas células bastonetes são tão sensíveis, que a menor quantidade mensurável de luz, um fóton, pode estimulá-las. Sob condições perfeitas, o olho humano pode detectar uma vela a 25 quilômetros de distância. Porém, somente com os bastonetes, veríamos apenas o claro e o escuro, nuanças de preto e de cinza, e não teríamos a resolução focal permitida pelos cones, que são mais complexos.

Espremidos na densa floresta de bastonetes, os cones, que são maiores, tendem a se concentrar exatamente no ponto do olho onde o foco é mais preciso.⁵⁸ Apesar de os cones serem mil vezes menos sensíveis à luz, eles tornam possível a percepção de cores e dos menores detalhes. (A diversidade de visões entre os animais depende em grande parte da distribuição dessas duas células. As corujas possuem uma quantidade muito maior de bastonetes para ter uma magnífica visão noturna. Por sua vez, uma galinha só possui cones, para a detecção de minúsculos insetos; além de determinada distância, a galinha é praticamente cega.) Nossa mistura de bastonetes e cones nos permite enxergar objetos diante do nosso nariz e também estrelas a anos-luz de distância.

Platão erroneamente acreditava que a visão consistia em partículas que espirravam para fora de nossos olhos e atingiam os objetos exteriores. Hoje, aceitamos o contrário: a luz de dado comprimento de onda — se partículas ou ondas de energia, os físicos debatem até hoje — corre pelo céu e ricocheteia no exterior dos objetos, vindo então a entrar nos olhos. Nesse aspecto, o olho opera como uma câmara, com um mecanismo de foco e obturador que admite e registra a luz. Um pequeno orifício que altera seu tamanho deixa que entrem montanhas, figueiras, arranha-céus, uma girafa ou uma pulga. Mas no fundo do olho, em uma superfície com a forma de uma moeda chamada retina, a analogia com a câmara se torna obsoleta, pois a imagem real pára na retina. Daí em diante, é tudo eletricidade. Na verdade, não enxergamos com os olhos, mas com a ajuda deles.

Para uma analogia mais precisa, poderíamos observar naves espaciais que decolam de nosso planeta e se lançam por nosso sistema solar para circundar Vênus, Júpiter ou Marte. Todos já vimos as memoráveis fotos com detalhes de satélites, anéis e vistas dos planetas. Ainda assim, quando lemos o artigo que acompanha essas fotos, aprendemos que não estamos vendo uma imagem gravada em um filme, mas uma transmissão da imagem. A nave espacial tira uma foto e a converte por meio de um programa de computador em milhares de pedaços de informação sobre sombras, formas e cores. Os dados retornam à Terra na forma de mensagens de rádio: bipes e sinais são transmitidos através do sistema solar. Na Terra, os cientistas recebem e traduzem esses códigos, otimizando eletronicamente a mensagem e produzindo uma fotografia que dá a impressão de que a nave apontou uma câmara fotográfica para o planeta e bateu uma foto com um filme de alta resolução. Não "vemos" Júpiter, mas uma reconstrução de pedaços de informação sobre Júpiter.

De forma semelhante, nosso cérebro não recebe imagens fotográficas de nada. Em vez disso, alguns dos 127 milhões de bastonetes e cones são "estimulados" pelas ondas luminosas e disparam mensagens através de um milhão de fibras do nervo óptico, que se enrolam como um espesso cabo de TV em direção ao interior do cérebro. Os impulsos da retina percorrem as fibras do nervo óptico, espalham-se pelo cérebro e finalmente batem no córtex visual, estimulando o milagre da visão.

A tarefa do córtex não é fácil, visto que jorra um bilhão de mensagens por segundo da retina. Somente nos últimos anos os cientistas começaram a ter uma vaga idéia de como o córtex visual separa esses sinais elétricos, ao observar o processo em animais anestesiados, normalmente gatos ou macacos.

Um pesquisador abre a cabeça de um gato, localiza o córtex visual no cérebro e anexa um microeletrodo extremamente delgado a uma única célula do cérebro. Então o pesquisador posiciona uma variedade de formas e padrões de luz e movimento diante dos olhos do animal e registra meticulosamente quais objetos ou padrões estimulam aquela célula em particular. O "campo de recepção" de determinada célula é tão

⁵⁸ O centro de nosso olho se foca em apenas um milésimo do campo visual. Vemos claramente um ângulo de somente quatro graus — menor que o ângulo existente na ponta de um alfinete. Fixe os olhos em uma única palavra nesta página. As outras palavras que estão ao redor saem de foco, transformam-se em um borrão e o resto da página se torna meramente um pano de fundo.

específico, que pode disparar somente quando se põe diante do gato um feixe de luz horizontal com um ângulo de 30". Algumas células são estimuladas por um ponto grande; outras, por um ponto pequeno. Algumas somente são estimuladas na presença de um feixe de luz concentrado na região central do campo de visão; se o feixe estiver inclinado 10° ou 20°, elas não irão disparar. Algumas percebem uma linha brilhante se movimentando num fundo escuro, e outras apenas percebem as regiões no limite entre a luz e o escuro. Algumas células respondem apenas ao movimento.

Um cientista premiado com o Nobel, aquele que pela primeira vez mapeou esses padrões do córtex cerebral, afirmou com humildade: "O número de neurônios que reagem sucessivamente à medida que o olho observa uma hélice rodando lentamente é quase inimaginável". Quando leio reportagens sobre esses cientistas, que passaram a vida mapeando o córtex visual, célula por célula, fico mais impressionado com este fato: quando vejo, estou totalmente inconsciente do processo que envolve células que codificam dados e emitem sinais, os quais são então decodificados e remontados no interior do cérebro. A figueira do lado de fora de minha janela, com seu redemoinho de borboletas, vem à minha consciência não como uma série de pontos e disparos de luz, mas como uma figueira, inteira, inteligível e repleta de significado.

Essa habilidade de trasladar unidades de mensagens — seja a partir dos ouvidos, do nariz, da língua ou dos olhos — para os mais altos níveis de significados é apenas possível por causa das funções internas do solitário cérebro. As células dentro daquela fortaleza de marfim não possuem nenhuma experiência direta com a luz, o som, o gosto ou o odor. Ainda assim, cada partícula de informação transmitida pelos órgãos dos sentidos termina ali. Efetivamente, nenhuma sensação é realmente registrada até que o cérebro a tenha tomado, traduzido e compreendido. A senda dos sentidos agora nos leva para dentro do cérebro.

10 A fonte

*Todos os corpos, o firmamento, as estrelas, a Terra e seus reinos
não valem o mesmo que a mais inferior das mentes,
pois a mente conhece tudo isso e a si própria,
e esses corpos nada sabem.*

BLAISE PASCAL, *PENSÉES* [*PENSAMENTOS*]

*Arrancamos as fantasias mentais para chegar à realidade que
há por baixo, somente para descobrir que a realidade
por baixo está vinculada ao seu potencial de despertar essas
fantasias. Isso porque a mente, a urdidora de ilusão, é também a
única responsável pela realidade, de forma que a realidade
deve ser sempre procurada na base da ilusão.*

SIR ARTHUR EDDINGTON, *NATURE OF THE PHYSICAL WORLD* [*A NATUREZA DO MUNDO FÍSICO*]

EM TODA A MEDICINA, não existe nenhum procedimento mais chocante do que a cirurgia cerebral. Parece uma profanação tão terrivelmente sacrílega quanto invadir o Lugar Santíssimo. Ninguém que abra um crânio humano escapa desse cruel senso de profanação. Por séculos o cérebro humano permaneceu intacto ou esboçado apenas em traços distorcidos — o misterioso órgão intimidou até mesmo o bravo pioneiro Leonardo da Vinci, como podemos ver por seus estudos hesitantes e confusos. (Seu sucessor, Vesalius, teve de solicitar aos executores que as cabeças separadas por decapitação lhe fossem entregues, ainda quentes, para produzir o primeiro bom desenho anatômico do cérebro.)

A primeira vez que recebi uma cabeça humana contendo um cérebro foi na minha formação em medicina, quando escolhi como projeto principal a tarefa de expor os principais nervos em uma cabeça humana. Eu queria traçar o caminho dos órgãos sensoriais até sua fonte.

Os dois anos na faculdade de medicina não me prepararam suficientemente para a experiência de pegar uma cabeça morta, completa e perfeita, ainda que levemente murcha em razão dos produtos químicos. Ela pertencia a um homem de meia-idade, com bastante cabelo e sobrancelhas grossas. Quando puxei para cima

suas pálpebras com os dedos, ele ficou olhando para o nada de forma penetrante. Qual é a forma adequada de transportar a cabeça de um cadáver? Segurar pelas orelhas? Agarrar pelo couro cabeludo como se fosse um gatinho? Os livros não mencionavam tais coisas.

No mês que se seguiu, passei a maior parte do tempo com a cabeça de meu amigo anônimo. Planejei fazer uma dissecação completa dos principais nervos da face, seguindo-os a partir da orelha, dos olhos, da língua e do nariz em direção ao interior do cérebro, dentro do crânio. "Aquele crânio possuía uma língua, e já pôde um dia cantar", escreveu Shakespeare,⁵⁹ e eu tinha de me esforçar para imaginar aquele pedaço de tecido enrugado sobre a mesa cantando, conversando, piscando e sorrindo. Eu me sentia quase grato pelo odor forte do formaldeído que se tinha infiltrado por minha pele e estava alterando o gosto da comida, da pasta de dente e de tudo mais em minha vida naquele mês. Isso lembrava que eu não estava dissecando um homem, mas um espécime de tecido preservado, uma face que já tinha cumprido seu tempo.

Eu sabia como os verdadeiros cirurgiões cerebrais procediam. Eu os tinha visto cortar fatias do couro cabeludo, do músculo, da membrana e então puxá-las para trás a fim de revelar o osso resplandecente interno. Eu tinha assistido, impressionado, àqueles cirurgiões, bufando, inclinarem-se ofegantes cerca de 20° enquanto jogavam todo o peso para forçar uma barulhenta broca, que aos poucos atravessava o revestimento de osso com cerca de seis milímetros. Uma nuvem de fina poeira óssea algumas vezes se formava e pairava na sala. Quando conseguiam ter acesso ao cérebro por uma abertura no osso, após terem furado e serrado suficientemente o crânio, já se podia ver a transpiração em suas faces.

Nada tão bem reforçado pode ser penetrado sem uma pontada de receio. O crânio de cadáver de meu projeto era quase uma esfera inexpugnável de granito que encerrava o cérebro de seu dono, mantendo-o afastado de qualquer sensação, temperatura, umidade ou outras perturbações do mundo exterior. Todavia, paradoxalmente, o mesmo cérebro conteve seu conhecimento do mundo exterior graças aos frágeis nervos brancos aos quais ele se conectava, os nervos que eu agora procurava revelar.

Comecei minha exploração pelas partes que conhecia melhor, as formas familiares do olho, da orelha, do nariz e da língua. Cortei, descascando a pele, a gordura e os músculos até encontrar a estrutura interna com seus nervos que seguiam em direção ao cérebro. Então fui me aprofundando, como um explorador em busca da nascente do Nilo,⁶⁰ seguindo um pequeno filamento branco através de caminhos cada vez mais densos, em direção aos recessos do próprio cérebro. Os nervos resistiam à exposição: o quinto nervo, por exemplo, começa bastante convenientemente no queixo, mas serpenteia maldosamente pela mandíbula antes de desaparecer sob a base do crânio.

Ao contrário do cirurgião cerebral, não pude simplesmente traçar uma linha de corte e começar a serrar. Tive de talhar o esqueleto facial em finas camadas e retirar as lascas, tomando cuidado para não cortar muito fundo e seccionar o nervo. Felizmente, eu tinha trabalhado como pedreiro por um ano inteiro, e, após uma curta prática com a marreta e o cinzel, o processo de raspar camadas de osso da grossura de um papel de seda parecia natural e até artístico. Eu me empenhei em expor os nervos intactos nas posições originais, deixando de lado qualquer sinal de invasão forçada.

A órbita do olho é formada por sete ossos unidos em um encaixe protetor. Tive de cortar cada um deles, abrindo um espaço em torno do lustroso globo ocular, e então seguir delicada e gentilmente o nervo óptico através de seu túnel de volta ao cérebro. Eu me lembro do que mais me impressionou: a vasta gama de texturas. Eu pegava um bisturi para fazer um suave corte através dos músculos e da gordura e, segurando minha respiração, mantinha o lado cego do bisturi para o nervo — um tremor de meu dedo e aquele nervo poderia se romper. Eu então largava o bisturi, pegava o martelo e o cinzel e partia para o osso, duro como cimento, com toda a minha força.

Depois de ter passado algumas árduas semanas dissecando, metade da face estava irreconhecível. Delgados filamentos brancos saíam das orelhas, dos olhos, do nariz, da laringe e dos músculos faciais e desapareciam na cavidade que continha o cérebro. Finalmente, eu estava pronto para entrar no próprio cérebro. Após ter retalhado o couro cabeludo e serrado através do osso, cheguei às três membranas, ou meninges, que envolviam o cérebro. Cortei cada uma delas, lembrando com um sorriso os misteriosos nomes em latim que eu tinha aprendido na aula de anatomia: *dura mater* (mãe durona), *aracnoide* (teia de aranha) e *pia mater* (mãe meiga). A membrana mais interna era ajustada como um filme plástico de embalagem a vácuo, em torno das circunvoluções do cérebro, e quando eu fiz um pequeno furo, um pedaço diminuto do cérebro saiu pelo orifício, formando um pequeno punho. Fiquei olhando para aquilo por cinco minutos inteiros antes de prosseguir.

⁵⁹ Dramaturgo e poeta inglês (1564-1616). É considerado o maior dramaturgo da história do teatro. Entre as tragédias mais importantes estão *Romeu e Julieta*, *Macbeth*, *Hamlet*, *Rei Lear* e *Otelo*. *O mercador de Veneza*, *A megera domada* e *Sonhos de uma noite de verão* são algumas de suas comédias mais encenadas. Sua obra marca o teatro elisabetano e influencia toda a produção teatral posterior. (N. do E.)

⁶⁰ Rio do nordeste da África que nasce no Burundi, atravessa de sul a norte o Egito e deságua no Mediterrâneo. (N. do E.)

A primeira vista, o cérebro, enrolado de forma extravagante e com uma cor que vai do rosa ao cinza, lembra estranhamente os simplórios intestinos. Tinha a consistência de uma pasta ou de um queijo cremoso, fazendo com que o verdadeiro cérebro fosse muito diferente do que se poderia esperar depois de estudar as versões de aspecto sólido nos livros de anatomia. A forma de noz do cérebro causou-me um imenso fascínio enquanto eu seguia com a dissecação. Seus contornos subiam, desciam e davam voltas sobre si mesmo — um mapa topográfico de todas as montanhas no planeta comprimidas em um pequeno espaço. (Essas dobras aumentam a área da superfície 30 vezes.)

Linhas vermelhas e azuis iam e voltavam pela topografia, e eu sussurrava uma prece de agradecimento por estar praticando em um cérebro morto. Um cirurgião, ao operar um paciente vivo, gasta um tempo enorme para evitar os canais vitais de sangue e estancar os vasos seccionados pelo bisturi. Além disso, o formaldeído havia enrijecido o tecido cerebral, e, apesar de ser mais macio que qualquer outro tecido que já tivesse encontrado, eu podia cutucá-lo e movê-lo com as minhas mãos sem dilacerá-lo. Um cérebro vivo sobre uma superfície plana poderia ceder ou talvez se romper com seu peso.

Tinha esperança de poder rastrear os nervos sensoriais até sua fonte, mas o cérebro não se rende facilmente ao mapeamento. Os nervos, ao se esconderem sob a proteção da carapaça do crânio, passam a ter a consistência pastosa do resto da massa cerebral e podem se romper à menor puxada ou empurrão. Seguir uma fina linha branca até um mingau esbranquiçado desprovido de pontos de referência cirúrgicos era como tentar rastrear a confluência de um rio com o oceano: depois de determinado ponto, o rio se torna oceano. Somente em poucos casos consegui achar o destino dos nervos. Em outros, denominei a fonte a partir do que tinha visto nos livros, e não por meio de minhas tediosas explorações. Os caminhos do pensamento e das sensações não estavam sinalizados e eram imperceptíveis a uma dissecação, quase como se a passagem de um pensamento tivesse deixado pegadas invisíveis que somente ele (ou outro pensamento) poderia seguir.

O professor West encantou-se com meu ambicioso empreendimento, insistindo que nunca tinha visto uma cabeça dissecada daquele jeito antes. Ele premiou todo o trabalho realizado na cabeça e mandou que fosse conservada e exposta no museu da Welsh National School of Medicine [Faculdade Nacional de Medicina de Welsh]. Até onde eu sei, ainda existe certo frasco juntando poeira por lá, com seu conteúdo observando de soslaio os turistas com um indefeso e ciclópico olhar. Eu, é claro, tinha fantasias colegiais de vir a ser um pioneiro na cirurgia cerebral. Anos mais tarde, quando por necessidade enfrentei algumas perigosas aventuras na neurocirurgia, eu pensava agradecido em como tinha sido sábio não seguir naquele campo tão desafiador.

EM ALGUMAS CIRURGIAS EM cérebros vivos, o paciente fica acordado, a fim de cooperar com o cirurgião explorador. Por conseguinte, a atmosfera na sala de cirurgia chega a estalar com a tensão velada. O estado consciente do paciente serve para moderar a habitual tagarelice de uma cirurgia, e a mais leve emergência é atendida com uma contida ansiedade. Ficando à parte, assistindo a tais procedimentos, eu reparava nos sons. Os fracos bipes eletrônicos da máquina de monitoramento e o profundo suspiro do respirador faziam acompanhamento de percussão para os sons mais perturbadores da medicina em ação: o chiado agudo da broca, o estalo do cauterizador elétrico e o tinido dos instrumentos sendo passados de mão em mão como talheres no jantar. O objeto de toda essa atenção cintila sob as luzes brilhantes, e se você olhar bem de perto, poderá vê-lo pulsando suavemente. O cérebro está vivo.

Os cirurgias cerebrais enfrentam a implacável ameaça de um sangramento sem controle. Quando outro tecido corpóreo sangra, os vasos podem ser pinçados ou amarrados, mas o cérebro é macio demais para o uso de pinça ou amarra. Mesmo a menor laceração pode liberar sangue suficiente para inundar o local e fazer com que uma análise mais detalhada se torne impossível. Um bico de sucção segue o bisturi do cirurgião como uma cuidadosa dona de casa, sugando todo o sangue para melhorar a visibilidade.⁶¹ Algumas vezes o cirurgião interrompe o sangramento mais rapidamente usando o cauterizador. *Zzzt* — o sangue coagula e o sangramento pára. Em outros momentos, um assistente coloca pequenos quadrados de gaze de algodão, chamados "bandagem", nos vasos que estão sangrando. Uma rápida aplicação do bico de sucção puxará o sangue para dentro da bandagem, incentivando a coagulação. Após uma hora de cirurgia, cinquenta ou sessenta desses quadradinhos usados, presos a alguns longos fios pretos para facilitar a remoção, estarão pontecendo a superfície do cérebro.

Até o mais experiente cirurgião tem dificuldade de orientar-se no cérebro, pois tudo parece macio e branco como uma paisagem ártica. Os cirurgias cerebrais ainda estariam atuando de forma rudimentar se

⁶¹ Todas as sucções devem ser reguladas cuidadosamente; caso contrário, pedaços do tecido cerebral desaparecerão para sempre dentro do depósito central de lixo. "Opa, lá se vão as lições de piano!", pode gracejar um cirurgião se o paciente estiver inconsciente. Felizmente, o cérebro raramente nota pequenas perdas.

não fosse por uma extraordinária descoberta da ciência. Quando um cirurgião insere uma agulha do tipo eletrodo numa porção do cérebro e liga a corrente elétrica, o cérebro responde, indicando que funções aquela área controla. O órgão por si não tem sensação de dor ou tato; então, o paciente dirá algo como "eu sinto uma sensação de formigamento na perna esquerda", caso o cirurgião estimule levemente a superfície de um lóbulo em particular.

Wilder Penfield, cirurgião cerebral de Montreal, registrou alguns estranhos efeitos desse tipo de estímulo. Durante uma tentativa de localizar a fonte de ataques epiléticos, ele descobriu que em certas áreas do cérebro ele podia estimular eletricamente memórias específicas nos mínimos detalhes. Um jovem paciente sul-africano começou a rir, revivendo segundo por segundo um incidente ocorrido em uma fazenda na terra natal. Uma mulher recordou cada nota tocada em um concerto sinfônico, que ela ouvira muito tempo atrás. As lembranças surgiram em detalhes tão vívidos para uma paciente na mesa de operação, que ela se lembrou de estar sentada no cruzamento de uma linha férrea, podendo descrever verbalmente cada vagão conforme ia passando. Outro paciente contou em voz alta o número de dentes de um pente usado em sua infância. Muitas vezes essas memórias do início da infância antecedem as primeiras lembranças conscientes do paciente.

Ao recorrer a tais técnicas e ao estudar vítimas de derrame cerebral, os anatomistas têm sido capazes de desenvolver um mapa cerebral razoavelmente confiável. A maioria dos centros de pesquisa sobre o cérebro se dedica à camada superior do cérebro, o córtex cerebral, muito mais avançado nos humanos que nos animais. Com a espessura da sola de um sapato, o córtex contém neurônios que separam, classificam, combinam e processam as informações que percebemos mediante a visão, a audição, o tato, o comportamento consciente e as atividades mais especializadas do aprendizado e da memória. O grosso da população de células nervosas vive nessa camada de massa cinzenta, a fértil camada superior do cérebro.

O eminente neurologista *sir* Charles Sherrington⁶² dividiu impecavelmente determinadas células nervosas cerebrais em dois grupos: as células "de entrada", ou *aférentes*, que trazem impulsos dos órgãos do corpo para o cérebro, e as células "de saída", ou *eferentes*, que carregam instruções do cérebro para as extremidades. Em todo o cérebro, somente uma em cada mil células traz informações das extremidades: todas as imagens visuais, todos os sons, todos os toques e sensações de dor; todos os cheiros, o monitoramento da pressão sanguínea e das alterações químicas, a sensação de fome, sede e instinto sexual, as tensões musculares — todos os "barulhos" do corpo — ocupam apenas um décimo de 1% das células cerebrais. A cada segundo essas células bombardeiam o cérebro com centenas de milhões de mensagens. Dessas, no máximo, poucas centenas são admitidas acima do tronco cerebral.

Outros dois décimos de 1% das células controlam todas as atividades motoras: os movimentos envolvidos na execução de um concerto de piano, falar uma língua, dançar balé, escrever uma carta ou jogar videogame. E entre esses dois grupos, o "de entrada" e o "de saída", ficam todos os outros: imensas quantidades de células cooperando em uma vasta rede de intercomunicações para permitir os processos que conhecemos como pensamento e livre-arbítrio.

O biólogo cerebral J. Z. Young compara essa rede a dez bilhões de burocratas que estão constantemente trocando telefonemas entre si para falar de planos e instruções para manter o país operando. *Sir* Charles Sherrington, de forma mais poética, compôs uma rapsódia sobre um "tear encantado" com luzes que se acendem e se apagam à medida que as mensagens vão se entrelaçando pelo cérebro.

Ao contrário de uma mesa telefônica que conecta assinantes isolados de forma indireta, por meio de uma estação central de transferência, cada célula nervosa no cérebro possui quase dez mil linhas privadas. Seus dendritos formam conexões com os outros neurônios por todas as partes do cérebro, na verdade conectando cada célula com o que seriam os cabos de uma cidade inteira. Elas "ficam na escuta" de impulsos que estejam dentro de seu padrão de recepção e decidem se devem dar continuidade à mensagem, lançando-a por milhares de outras conexões.

Fisiologicamente, todo o processo mental se resume nesses dez bilhões de células cuspidando irritantes produtos químicos umas nas outras pelas sinapses ou feridas. A teia de células nervosas desafia uma descrição ou representação. Um milímetro cúbico, o tamanho da ponta de um alfinete, contém um bilhão de conexões entre as células; um simples grama de tecido cerebral pode abrigar quase 400 bilhões de conexões sinápticas. Por consequência, cada célula pode se comunicar com todas as outras células na velocidade da luz — como se uma população muito maior que a da Terra estivesse conectada, de modo que todos os habitantes pudessem se falar ao mesmo tempo. O número total de conexões do cérebro rivaliza com o número de estrelas e galáxias do universo.

⁶² Fisiologista inglês fundador da escola neurológica inglesa. Recebeu o prêmio Nobel de medicina, em 1932, por seus trabalhos sobre a fisiologia do sistema nervoso. (N. do li.)

Mesmo durante o sono, a comunidade de células nervosas nunca pára de bater papo. O cérebro é uma turbulenta nuvem de cargas elétricas. Em cada segundo da vida ele realiza cerca de cinco trilhões de reações químicas. Quando estamos acordados, apenas umas poucas atingem nosso nível de consciência, e tão rapidamente, que dificilmente nos damos conta do processo. Decido escrever a próxima frase; num piscar de olhos o cérebro organiza primeiro os pensamentos e em seguida as palavras que usarei. Então ele elabora a coordenação dos músculos, tendões e ossos necessários para digitar as palavras. Antes que eu tenha terminado de digitar, meu cérebro começa a compor a frase seguinte.

STEVEN LEVY RECONHECEU ESSA reação quando deparou com um frasco contendo o cérebro de Albert Einstein:⁶³ "Eu havia me levantado para olhar dentro do frasco, mas naquele momento eu estava afundado em minha cadeira, sem palavras. Meus olhos estavam fixos naquele frasco, enquanto eu tentava compreender o fato de que aqueles pedaços gelatinosos subindo e descendo haviam causado uma revolução na física que provavelmente mudou o curso da civilização. Lá estava ele".

Tenho uma reação similar a qualquer cérebro que eu possa vir a ver. Soljenitsyn uma vez se referiu aos olhos de um homem como "círculos azul-celeste com buracos negros no centro e, por trás destes, todo o espantoso mundo de um ser humano individual". Jamais esquecerei a sensação que me atravessou a primeira vez que escavei através do osso e expus o cérebro de um cadáver em meu laboratório, na faculdade de medicina. Mesmo com todos os vasos sanguíneos, as membranas de revestimento, as cavidades cheias de fluidos e os bilhões de células nervosas especializadas, o órgão mal pesa um quilo e meio. Ainda assim, aquela frágil gelatina cinzenta já conteve toda uma vida.

Do ponto de vista biológico, todo um corpo tinha existido para manter aquele cérebro nutrido e protegido por quarenta anos. O cérebro tinha utilizado até um quarto de todo o oxigênio que o dono tinha inspirado — a falta de oxigênio por cinco minutos teria causado sua morte.

Um nervo havia controlado todos os sutis movimentos de seus lábios, que lhe tornavam possível falar, comer e beijar. Outros tinham trazido todos os matizes de cores e luzes para formar sua concepção visual do mundo.

O cérebro contém a imaginação, o senso moral, a sensualidade, a matemática, a memória, o humor, o julgamento, a religião, bem como um incrível catálogo de fatos e teorias e o bom senso para atribuir-lhes toda prioridade e importância. Na cabeça humana, conclui o prêmio Nobel Roger Sperry:⁶⁴ "Existem forças dentro de forças, dentro de forças, como em nenhum outro meio pé cúbico do universo que conheçamos". Não existe nada assim tão maravilhoso.

E ainda nada tão frágil. Uma bala pode destruí-lo, ou um tombo da motocicleta. Uma dosagem de uma poderosa droga pode arruinar o delicado equilíbrio interno do cérebro para sempre.

Eu talvez já tenha estado dentro do cérebro humano uma meia dúzia de vezes. Todas as vezes me senti sem recursos e incapacitado, um invasor aonde nenhum homem deveria chegar. Quem sou eu para invadir o lugar sagrado onde uma pessoa reside? Se eu trabalhasse diariamente com cérebros, talvez pudesse ficar menos sensível e menos impressionado. Mas acredito que não — os cirurgiões cerebrais que conheço ainda falam de seu assunto de trabalho em voz baixa e quase de modo reverente.

NA ANALOGIA DO CORPO DE CRISTO utilizada na Bíblia, é explicado que o próprio Cristo assume o papel da cabeça. Nos próximos capítulos, exploraremos algumas semelhanças que se aplicam, bem como as limitações dessa analogia, e de qualquer outra analogia, para expressar a essência de Deus no mundo.

Se você já esteve dentro de um cérebro humano, como eu estive, e segurou aquela vibrante substância nas mãos, se observou através de um microscópio uma seção de uma inimaginável rede de células nervosas, se já observou um equipamento de ondas cerebrais registrando apenas um minuto das comunicações entre as células, se já ponderou sobre os intrincados mistérios do cérebro, da mente e da personalidade humana, então acho que você já deve estar preparado, se não para o conceito da analogia, ao menos para sua força emocional. Há toda uma pessoa dentro da caixa craniana, segura, protegida, isolada para as indispensáveis tarefas de gerenciar os cem trilhões de células do corpo humano. A cabeça do corpo é a sede do mistério, da sabedoria e da unidade. Ela é a fonte.

⁶³ Físico alemão radicado nos Estados Unidos (1879-1955). É um dos maiores gênios científicos de todos os tempos. Em 1915 enuncia a Teoria Geral da Relatividade, que apresenta uma nova visão dos fenômenos gravitacionais e, em 1921, recebe o prêmio Nobel de física. Suas teorias permitem a fabricação da primeira bomba atômica. (N. do E.)

⁶⁴ Neurofisiologista americano cujas pesquisas mostraram que o lado direito do cérebro está particularmente associado a certas aptidões lingüísticas. Prêmio Nobel de medicina, em 1981. (N. do E.)

11 Confinamento

*Aquela forma gloriosa, aquela luz insuportável e aquele
extremamente radiante esplandecer de majestade [...]
abriu mão dos palácios do dia que jamais se acaba e escolheu
conosco uma sombria e mortal morada de barro.*

JOHN MILTON, *ON THE MORNING OF CHRIST'S NATIVITY*

[*NA MANHÃ DO NASCIMENTO DE JESUS*]

Ele, que o mundo não poderia envolver, é aquele recostado ao colo de Maria.

MARTINHO LUTERO

COMO VIMOS NO CAPÍTULO anterior, embora possa parecer que nada de mais está acontecendo, quando eu sento em meu bagunçado escritório e olho vagamente pela janela, essa aparente quietude é enganosa. Meu cérebro está zunindo e estalando, realizando cinco trilhões de operações por segundo.

A relação usual de cinco sentidos — visão, audição, tato, paladar e olfato — dificilmente compreende tudo o que está ocorrendo. Outros sentidos vitais me informam sobre a tensão muscular, a pressão sobre as juntas e tendões; sei instintivamente a inclinação da minha cabeça, a curva do meu cotovelo, a posição do meu pé esquerdo. Outros sensores me informam a hora do almoço; meu estômago "se sente vazio". Abaixo do nível de consciência, sistemas automáticos ajustam os componentes químicos do sangue, controlam a pressão do ar em meus pulmões, a pressão sangüínea em minhas artérias e monitoram o alcance dos órgãos receptores. Meu cérebro, isolado em sua espessa caixa de marfim, recebe todos esses sinais em um tipo de código Morse elétrico.

Aparentemente o cérebro necessita desse tumulto incessante. Quando uma pessoa reduz o número de impressões sensoriais, por exemplo, deitando-se num tanque escuro de água quente, o cérebro logo começa a sofrer alucinações e a preencher o vácuo com conteúdos sensoriais imaginários à parte da maioria das sensações. E durante o sono bilhões de células trabalham toda a noite; seu nível de atividade mal diminui em relação aos níveis apresentados durante o dia.

Freqüentemente, a interação entre os órgãos dos sentidos e a base de memórias do cérebro é tão sutil que os dois não podem ser facilmente diferenciados. Vejamos por exemplo o caso de uma sonata de Beethoven para piano. Estando totalmente surdo em seus últimos dias, Beethoven nunca "ouviu" a música que compôs, isto é, o tímpano, os três ossos e as células receptoras de som nunca participaram da experiência. Mas de alguma forma, pela extraordinária habilidade de seu cérebro de reconstruir tons, harmonia e ritmo, ele conseguia ouvir. Nenhuma molécula teve de ser agitada; tudo aconteceu em silêncio, dentro do cérebro, em código.

Hoje, se minha mulher musicalmente talentosa pegar uma partitura da *Sonata pathétique*, de Beethoven, ela reconhecerá a obra quase à primeira vista. Ela poderá cantarolar enquanto lê, confiando no próprio arquivo mental de sons. Ela "ouvirá" a música na cabeça. Ou, se estamos simplesmente sentados em casa e sintonizamos uma estação de rádio, após ouvirmos apenas alguns compassos, já poderemos reconhecer o som como parte dessa mesma sonata.

Quantos bilhões de cálculos cerebrais são necessários para se reconhecer o pedaço de uma música? Todavia, quanto tempo isso demora? Dois segundos? Ou que processo de comunicação entre os neurônios me convence instantaneamente de que o globo vermelho suspenso em uma árvore no meu quintal não é um balão preso em um galho, mas uma estrela localizada a cerca de 150 milhões de quilômetros de distância? Todos esses processos ocorrem a uma velocidade fantástica e com pouco esforço consciente.

Quando você lê esta página, não está consciente de cada uma das letras que forma cada palavra. Você não as soletra uma a uma, reúne-as em uma combinação e então procura em um dicionário o significado dessa combinação — embora sua mente, na realidade, faça tudo isso de forma subconsciente. Tudo ocorre tão rapidamente, que ao dizer algo, usando letras, palavras, gramática e pontuação, posso me concentrar somente no significado do que quero comunicar. Os neurônios, com o conhecimento armazenado, fornecem livremente os elementos individuais, e o sistema nervoso central organiza os sopros através da glote para

criar sons inteligíveis.

O cérebro não me apresenta o mundo em bancos de dados e bipes reducionistas, mas integralmente, conceitualmente e de forma significativa. Eis o grande mistério. A mente que coordena toda essa complexa atividade permanece isolada. O cérebro em si nunca "vê": se eu expusesse um à luz, provavelmente o danificaria irreparavelmente. Ele nunca "ouve": o cérebro, tão protegido e acolchoado, sente apenas os sons mais altos. O cérebro não conhece o toque: ali não existem células táteis ou de dor. Sua temperatura não varia mais do que alguns graus; ele nunca sentiu o calor ou o frio. Ele nunca sofre uma força mecânica; caso seja submetido a alguma, entra rapidamente em estado de inconsciência.

Tudo o que forma a minha pessoa, "Paul Brand", é reduzido a uma sequência de pontos e traços (- . — . - ..—) transmitidos de milhões de estações remotas para uma caixa óssea que nunca experimentou diretamente essas sensações. O gosto do chocolate, a espetada de um alfinete, o som de um violino, uma vista do Grand Canyon,⁶⁵ o cheiro do vinagre — tudo isso chega à consciência por meio de sinais praticamente idênticos. Eu os percebo porque meus minúsculos neurônios em forma de flor lançaram substâncias químicas uns nos outros.

O cérebro, flutuando em sua caixa de marfim numa piscina de líquido cefalorraquidiano, contém a pessoa que eu sou. Todas as outras células em meu corpo envelhecem e são substituídas pelo menos a cada sete anos. Minha pele, meus olhos, meu coração e até meus ossos são hoje completamente diferentes daqueles que eu levava comigo havia apenas dez anos. Sob todos os aspectos, com exceção de um, eu sou agora uma pessoa diferente — a exceção são meus neurônios ou células nervosas. Jamais tendo sido substituídas, elas preservam a continuidade da individualidade que mantém a essência de Paul Brand vivo.

A partir da escuridão e da solidão daquela caixa óssea, entro em contato com a realidade por meio de milhões de fios vivos. Eles crescem a partir do meu cérebro como um broto e se esticam desesperadamente em busca dos impulsos de cheiro, visão, som e toque em um mundo de luz e matéria.

PRIMEIRAMENTE POR UM RÁPIDO exame nos órgãos sensitivos, então pela dissecação da cabeça de um cadáver e agora pelos elementos individuais que colaboram para me dar uma experiência por inteiro, venho apontando para um resumo das funções do incrível amontoado de células que carregamos por aí em nossos crânios. Eu me prolonguei nessa análise biológica com o objetivo de estabelecer uma base para a analogia de Cristo como a cabeça da igreja, título dado a ele por sete vezes no Novo Testamento. Em geral pensamos em poder e autoridade quando imaginamos alguém no papel da cabeça. A metáfora bíblica aplicada a Cristo logicamente expressa um pouco desse significado, mas o trabalho fisiológico real do cérebro esclarece o modo pelo qual essa liderança é exercida.

A analogia com o corpo indica uma escolha fundamental feita por Deus ao interagir com este mundo. A semelhança que iremos explorar, em resumo, é esta: Deus, um espírito sem limites impostos pelo espaço ou pelo tempo, primeiramente se humilhou ao se permitir ser confinado pela matéria e pelo tempo. Ele encarnou. Mais tarde, o corpo de Cristo partiu (ou, mais corretamente, foi transformado), e ele retornou para a posição da cabeça. Hoje em dia, o corpo de Cristo consiste nos milhões de células individuais em sua igreja. Como a cabeça, ele consolida sua presença no mundo por intermédio de pessoas como nós. De modo misterioso, ele optou por fazer de nossas orações, nossas ações e nossas proclamações da sua verdade e justiça o seu principal meio de comunicação com o mundo material.

Por quê? Por que um Deus que é puro espírito aceitaria virar matéria? E por que, na verdade, ele escolheu confiar em seres humanos comuns enquanto se retirava para o isolado papel de liderança na "caixa de marfim"? Ele poderia, se quisesse, tornar a se expressar pela luz e pela fumaça no monte Sinai. A presença dele na terra poderia mais uma vez inflamar uma sarça ou causar um assustador brilho de luz, como aconteceu algumas vezes no Antigo Testamento. Em vez disso, ele escolheu uma maneira autolimitante.

Freqüentemente surgem questões sobre a forma do envolvimento de Deus com o mundo que ele criou. Para os agnósticos, essas questões assumem um tom estridente de acusação: "Se Deus existe mesmo, deixe-o provar isso de alguma maneira! Deixe-o entrar e arrumar a enorme bagunça deste mundo!". Para mim, como cristão, a questão não é "Deus realmente existe?", mas "Por que ele escolheu um tipo de atuação tão velado e indireto? Por que não se mostra de maneira mais clara?".

O termo "autolimitante" pode ajudar a explicar este mundo. Se pudermos aceitar que Deus se limitou a ponto de contar principalmente com agentes humanos, então compreenderemos vagamente por que ele não interfere de modo mais arbitrário — e nem deveria — com aquilo que ele mesmo criou. "Deus, por assim

⁶⁵ Vale profundo do rio Colorado, no Arizona, Estados Unidos. Tem cerca de 2 000 m de desnível entre o leito do rio e a superfície entalhada. (N. do E.)

dizer, se aprisionou em sua própria decisão", disse Kierkegaard.⁶⁶

OBTIVE ALGUM DISCERNIMENTO nas questões por trás da autolimitação quando minha filha de um ano, Pauline, descobriu as tomadas em nossa casa na Índia. As tomadas, comodamente colocadas a quinze centímetros do chão, traziam 220 volts e eram projetadas para plugues metálicos redondos e não achatados — exatamente com a mesma forma e diâmetro dos minúsculos dedos de Pauline. Ela tinha o hábito de chupar dois dedos de cada vez e, como qualquer criança dessa idade, era curiosa, adorava enfiar os dedos nas coisas.

Minha mulher e eu ficamos naturalmente alarmados com o interesse de Pauline pelo tentador par de buracos. Tentamos cobrir as tomadas com fita adesiva, mas ela logo descobriu que podia tirá-la. Ela olhava de maneira travessa por sobre seus ombros para nós, tirava seus dedos molhados e escorregadios da boca e esperava que saíssemos do cômodo da casa.

O que poderíamos fazer como pais? Poderíamos amarrá-la em seu berço ou tentar controlar cada movimento seu. Ou poderíamos de alguma forma convencê-la do perigo. Mas como?

"Pauline, preste atenção! Dentro desses buracos, terminais elétricos estão produzindo a diferença potencial de 220 volts. Você está com os dedos molhados, o que diminui a resistência da sua pele à corrente elétrica. Se você tocar nesses terminais, a corrente irá subir por seus braços, destruindo seus nervos e corrompendo as proteínas dos seus músculos..." Essa explicação, embora verdadeira, não teria significado nenhum para minha filha, que mal começara a emitir os primeiros sons articulados.

Lancei mão de algo que Pauline já havia experimentado. "Pauline!", comecei com voz mais ameaçadora, "se você tocar nesses buracos, sairá fogo! Você vai se queimar!" Ela me olhou, incrédula, certa de que eu estava apenas negando seu acesso à diversão. Mas eu parecia estar falando sério. E ela havia aprendido uma lição muito dolorosa sobre queimaduras, por causa de uma fogueira feita no chão que nossa cozinheira indiana vinha usando. Valia a pena correr o risco?

"E Pauline, se você tocar nesses buracos, vai levar uma palmada." Esse aviso pôs o dedo na ferida. Ela recuou. Ela conhecia aquela ameaça e havia aprendido a temê-la. Os buracos escuros repentinamente perderam o fascínio.

Pauline hoje está formada e provavelmente poderia me ensinar sobre ohms, volts e resistência. Quando ela reflete sobre essa experiência, se é que alguma vez o fez, duvido muito que ela questione a honestidade ou sabedoria de seu pai. Hoje ela sabe que, no sentido literal, aqueles buracos não continham fogo algum. Mas ela também reconhece que a ignorância naquele momento estava na criança e não no pai. Para me comunicar com ela, tive de usar uma linguagem e um conceito que ela pudesse entender.

Em meu trabalho com vários grupos culturais, tenho de adaptar minha linguagem da mesma forma. Por exemplo, dou explicações sobre um microscópio eletrônico para um ansioso estudante por meio de analogias na língua tâmil, aproximando-me de conceitos que lhe sejam compreensíveis, li se eu algum dia descobrisse que um equipamento nuclear estava a ponto de explodir na longínqua Somália, avisaria aos nômades de lá para procurarem abrigo não com uma explicação sobre a mutabilidade da matéria e princípios de fusão nuclear, mas dizendo-lhes algo como "Fogo no céu!" ou "Poeira venenosa!". Devo utilizar palavras que signifiquem algo para a pessoa que as ouve.

Não seria esse o problema que Deus enfrenta para se comunicar com os seres humanos? Como o infinito pode se expressar diante de seres temporais? A analogia da linguagem é esclarecedora. Um conceito pode existir na mente, mas não é real até que seja transformado em um pensamento nem possui potencial comunicativo algum, a menos que possa ser expresso por meio da linguagem. Somente quando o conceito — misterioso como um espírito — se envolve na roupagem da linguagem e adentra o mundo material dos acordes vocais, sopros de ar e riscos de canetas, ele passa a existir em uma forma que qualquer pessoa pode reconhecer.

Jesus, adequadamente, era chamado de a Palavra de Deus. Um Deus infinito, inefável e inexprimível se fez homem. Deus falou da forma mais eloqüente que os homens poderiam suportar: ele se tornou um de nós e "viveu entre nós".

"Já foi muito, que antes o homem tivesse sido feito à imagem de Deus/ Mas que Deus fosse feito à imagem do homem, muito mais", disse John Donne.⁶⁷ Durante 33 anos, Jesus nos deu uma imagem; podemos agora olhar para trás e perceber a verdadeira imagem de Deus. Por intermédio de Cristo, Deus

⁶⁶ Filósofo e teólogo dinamarquês (1813-1855). Segundo ele, a existência humana passa pelas etapas estética, ética e religiosa, sendo a religião (o cristianismo) a etapa mais elevada da existência; é considerado o precursor do existencialismo. (N. do E.)

⁶⁷ Padre e poeta inglês (1572-1631). Educado na religião católica, participou, entretanto, da controvérsia anticatólica, tornando-se com 45 anos o mais estimado dos pregadores anglicanos. (N. do E.)

suavizou sua linguagem para os ouvidos de seus ouvintes. Um exemplo: se você tivesse dito a Isaías "Deus irá tocá-lo hoje", ele teria fugido de medo. Para ele, o toque não era uma característica das comunicações entre Deus e o homem. Com Jesus, tudo isso mudou.

Ainda assim, a encarnação, por maior que tenha sido, não completou os propósitos de Deus sobre a Terra. Cristo retirou-se para o papel de cabeça, a fim de criar um novo corpo; este, composto não por células vivas, mas por milhões de homens e mulheres, todos unidos nele. "Assim como me enviaste ao mundo", disse Jesus ao Pai, "eu os enviei ao mundo" (Jo 17.18). A profunda mudança dificilmente poderia ser expressa de forma mais resumida.

Em certo sentido, a partida de Cristo foi uma ascensão — como ela é chamada no calendário de todas as igrejas —, mas em outro sentido foi mais um ato de descida. Agora Deus "vive" não no Lugar Santíssimo nem em um corpo perfeito, mas em milhões de corpos frágeis e teimosos — alguns mais baixos, alguns mais altos, alguns espertos, alguns estúpidos, alguns sensatos, outros volúveis. Cristo se retirou para a caixa de marfim.

Deus, realmente, não "precisa" de que nada seja feito por representantes finitos. Ele não precisa trabalhar indiretamente no papel de cabeça. Em sua onipotência, ele poderia achar uma forma de nutrir os corpos sem alimentos, alimentar o cérebro sem os glóbulos vermelhos e converter pessoas sem o trabalho missionário. Mas, por alguma razão, ele escolheu esta coisa terrenal, composta de solo, vegetais, substâncias químicas, palavras e vontade para executar seu plano sobre a Terra.

Hoje, somos o meio ambiente de Deus, seu corpo. Quando você olha para mim, nunca vê Paul Brand por inteiro; mas, sim, uma fina camada de células epiteliais, esticada por sobre minha estrutura. O verdadeiro Paul Brand vive no interior, especialmente estabelecido no meu cérebro, isolado do mundo exterior. Isso também ocorre com Deus. Não podemos "ver" Deus; não possuímos órgãos perceptivos adequados para tanto. Em vez disso, vemos Deus de maneira abrangente, na forma de cada um de nós como membros de seu corpo. Deus não tinha como adaptar melhor sua linguagem aos ouvidos humanos e sua forma aos olhos humanos do que habitando dentro dos homens.

DOROTHY SAYERS LISTA TRÊS grandes humilhações a que Deus teve de se submeter deliberadamente. Na primeira, a encarnação, ele se despiu de todas as prerrogativas da divindade e se rebaixou para tornar-se homem. Na segunda, a crucificação, ele se fez pecado por nós, sofrendo a ignomínia da morte. A terceira humilhação, diz ela, é a igreja. Deus se humilhou ao escolher viver em um corpo composto de pessoas como nós.

De certo ponto de vista, Dorothy está absolutamente correta. O fato de a cabeça trabalhar por meio de nós implica um tipo de retrocesso, uma abdicação pela qual Deus opta por deixar de lado a onipotência e assumir um papel invisível, nos bastidores da história da humanidade. Ao fazê-lo, Deus mais uma vez se limita. Ele investe a própria reputação, seu nome, em imperfeitos seres humanos. Em outro tempo, uma nação deu à luz seu nome e o levou à desonra. Nós, que somos seu corpo, temos da mesma forma maculado a reputação de Deus ao galopar em cruzadas sangrentas, quebrando ossos e juntas em dispositivos de tortura, batizando um navio de escravos de "O bom navio Jesus", promovendo o racismo em seu nome. Deus em Cristo, na forma humana, é uma coisa; Deus em nós é outra completamente diferente.

A igreja, seu corpo, é de fato uma humilhação. E mesmo assim, contrabalançando essa humilhação, um tipo de exaltação resplandece mais adiante. Um indício de que talvez desde o começo Deus tivesse planejado que seu corpo e seu nome fossem carregados por pessoas exatamente como nós. Pois, ao recuar deliberadamente a onipotência e ao assumir o papel de cabeça, ele nos permite como membros de seu corpo que participemos na restauração do universo. "A natureza criada", diz Paulo, "aguarda, com grande expectativa, que os filhos de Deus sejam revelados [...] na esperança de que a própria natureza criada será libertada da escravidão da decadência em que se encontra, recebendo a gloriosa liberdade dos filhos de Deus" (Rm 8.19,21).

De que virá recompensa, não há dúvida. C. S. Lewis faz a seguinte afirmação:

Como meras entidades biológicas, cada qual com o próprio e individual desejo de viver e crescer, somos aparentemente sem importância; somos oportunistas. Mas, como órgãos no corpo de Cristo, como pedras e pilares no templo, estamos seguros quanto a nossa auto-identidade externa e viveremos para nos lembrar das galáxias como de um antigo conto.

Em razão de Deus ter arriscado confiar seu reino a incapazes como nós, levamos vantagem ao nos tornar filhos e filhas de Deus. A imagem de Deus está sendo restaurada. "Coisas que até os anjos anseiam observar" (IPe 1.12)

COMO PROFESSOR, ALGUMAS vezes experimentei a peculiar satisfação de um trabalho realizado mediante outros.

Se eu revisasse meus anos na Índia e tentasse calcular o número de mãos que pessoalmente operei, creio que chegaria a algo em torno de dez mil. Em alguns aspectos esse número me parece extremamente elevado e mostra minha avançada idade com um tranco. Mas, conforme vou refletindo melhor, percebo como esse número é insignificante. Estimamos que 15 milhões de pessoas no mundo sofram de lepra, um quarto das quais possui danos nas mãos. Em uma vida na cirurgia, investindo todo o tempo que pude, só fui capaz de ajudar pessoalmente muito menos de 1% das pessoas necessitadas.

Mas incontáveis vezes visitei uma minúscula clínica rural, em um lugar como Bornéu,⁶⁸ e assisti a um jovem médico realizando procedimentos que derivam daqueles que desenvolvemos em Vellore. No Japão, em Cingapura, no Havai, na Etiópia ou em praticamente qualquer lugar onde avança o trabalho com leprosos, você pode achar estudantes que foram treinados em Vellore ou Carville. Nada — absolutamente nada — me dá mais alegria do que ver as sementes das idéias e disciplinas ensinadas por mim germinando na vida das pessoas. Parece quase um milagre quando vejo isso acontecendo. Meu trabalho realizado em uma sala de aula pode multiplicar por centenas de vezes o que eu possivelmente alcançaria por minha conta.

No momento em que eu deixar este mundo, o número de cirurgias de mão que eu tiver realizado não aumentará; nenhum outro paciente será beneficiado diretamente por minhas mãos. Mas os estudantes que deixei para trás continuarão a multiplicar a missão que nós originariamente adotamos em Vellore. Essa compreensão me dá um entendimento a mais da maneira de Deus atuar no mundo.

Um professor amplia a própria obra por meio dos estudantes que deixa para trás. Um cérebro se expressa mediante a obediência das células sob seu comando. E Deus se expressa por intermédio de um corpo, no qual ele atua como a cabeça.

"Aquele que lhes dá ouvidos está me dando ouvidos; aquele que os rejeita, está me rejeitando", disse Jesus certa vez aos seus seguidores (Lc 10.16). A identificação do corpo com sua cabeça é completa a esse ponto. Um pouco depois, na noite anterior à crucificação, Cristo explicou sua morte iminente para seus discípulos confusos e assustados: "E para o bem de vocês que eu vou" (Jo 16.7). Eles não sabiam disso naquele momento, mas a era da liderança estava para começar.

12 A saída

Em The happy hypocrite [O hipócrita feliz], Max Beerbohm conta sobre um dissoluto regente chamado lorde George Hell, pervertido e esbanjador, que se apaixona por uma virtuosa garota; e, a fim de conquistar esse amor, ele encobre suas desagradáveis características com a máscara de um santo. A garota é enganada e se torna sua noiva. Eles vivem felizes até que uma perversa dama, oriunda do maculado passado de lorde George Hell, surge para expor o canalha que ela sabe que ele é, desafiando-o a retirar a máscara. Então, lamentavelmente, não tendo escolha, ele a retira; e olhem! Eis que, por baixo da máscara de santo, havia a face do santo no qual ele se tomara ao vesti-la por amor.

FREDERICK BUECHNER, *TELLING THE TRUTH* [FALANDO A VERDADE]

A CÂMERA DE TELEVISÃO era implacável. Jamais piscava, nem quando a língua da adolescente ficou estendida para o lado, nem quando seus olhos se reviraram loucamente, nem quando ela babou e cuspiu e lutou contra as náuseas provocadas pela própria saliva. Para esse programa científico dedicado à paralisia cerebral, a câmera gravou cada grave manifestação da doença.

Outra pessoa com paralisia cerebral, um rapaz jovem, entrou no quarto de uma garota trazido pela produção do programa de televisão. Ele havia obtido surpreendentes progressos na reabilitação e demonstrou suas habilidades para a jovem prostrada. O rapaz soletrou palavras, uma letra do alfabeto de cada vez, deslizando o seu pé para formar amplos arcos, tão rápido que o "intérprete" teve dificuldade de acompanhá-

⁶⁸ Ilha da Insulíndia dividida administrativamente em vários territórios. A maior parte pertence à Indonésia. (N. do E.)

lo. Ele também digitou com os dedos dos pés, usando uma conexão metálica para fechar um circuito nas teclas. E tinha até aprendido a usar uma máquina que amplificava sua fala glótica e estridente, tornando-a inteligível a um ouvido treinado.

Contudo, a garota não havia recebido nenhuma terapia de reabilitação. Um órgão do estado de Ohio, incapaz de tratá-la de acordo com a boa prática da medicina, internou-a em um manicômio. O programa de televisão enfatizava a dura ironia: tudo estava errado com essa garota, *exceto* sua mente. Por trás da expressão descontrolada, do babar constante e da catalepsia, havia uma mente bela e inteligente aprisionada.

Os funcionários do hospital tinham desenhado um grande cartaz, repartido em oito quadrados que continham frases-chave como "quero" ou "preciso". A garota se comunicava olhando para os quadrados com a frase apropriada, sempre que ela conseguia manter os olhos parados tempo suficiente. Alguém lhe perguntou se ela teria alguma pergunta para o seu "adiantado" visitante com paralisia cerebral. Ela se debatia e tremia, e seus olhos corriam, rolavam e dançavam em todas as direções. Um voluntário observou os olhos dela atentamente, em busca de algum indício revelador. Foram necessários pelo menos cinco minutos para que a garota olhasse para três quadrados de maneira suficientemente coerente e fizesse uma pergunta: "Você... ficava... zangado?".

PARA TODOS AQUELES QUE assistiram àquele programa de televisão, a lição ficaria para sempre: uma mente não é o suficiente. Para se expressar e se comunicar com os outros, a mente precisa de um corpo que coopere.

Pessoas atormentadas por doenças como a paralisia cerebral aguda se defrontam com a frustração constante causada por células desobedientes. Algumas das vítimas possuem mentes magníficas: o inglês Stephen Hawking, por exemplo, um dos mais importantes astrônomos do mundo, sofre de espasmodicidades causadas por ELA, ou "Doença de Lou Gehrig". E mesmo assim essas pessoas são freqüentemente rejeitadas como ignorantes ou retardadas. Elas possuem uma clara divergência entre a mente e o corpo.

Um corpo saudável depende de canais adequados que liguem a mente às partes desse corpo, assim como de um compromisso por parte de cada célula de fazer a vontade da cabeça. Em uma doença que cause espasmos ou paralisia, em alguma parte, normalmente nos filamentos que descem para as células (a "saída"), a comunicação é interrompida. Uma pessoa paraplégica pode ficar deitada em uma cama o dia inteiro planejando como mover o dedo do pé e então *desejar* movimentá-lo com toda a força mental, mas se a conexão estiver rompida, o dedo não irá se mover.

No corpo espiritual, a "saída" descreve as informações enviadas através dos canais da cabeça para cada célula. Da mesma forma que temos acesso a Deus, ele tem acesso a nós. Existe um sentido — um sentido cauteloso, misterioso e inefável, que será analisado no próximo capítulo — com o qual o próprio Deus conta no mundo para liberar mensagens a partir de suas fibras. Mas existe uma noção indiscutível, flagrante, que busca preservar a vida, de que cada um de nós, células, devemos confiar nas mensagens transmitidas ininterruptamente da cabeça para cada um de nós. Uma característica determina se uma célula fará ou não seu trabalho com eficiência: a disposição de obedecer às mensagens da cabeça. E somente a obediência determina a utilidade de cada um de nós no seu corpo.

O corpo de Cristo, tal qual um paciente com espasmos, pode ser criticado em função das partes desobedientes de seu corpo. Quando Dorothy Sayers fez o comentário sobre a igreja ser a terceira grande humilhação de Deus, estava sem dúvida pensando na "reputação" denegrida que demos a nossa cabeça, em históricas demonstrações de egoísmo, cobiça, intolerância e orgulho espiritual. A falha certamente não está na cabeça, mas a humilhação está.

Deus continua a operar por intermédio de desajeitados agentes humanos. Ele não interfere para corrigir conceitos desvirtuados ou invalidar movimentos inoportunos, mas restringe suas atividades a representantes falhos como Davi, o assassino e adúltero; Jonas, o insubordinado; Pedro, o traidor; Lutero, o perseguidor de judeus; Calvino, o executor. Deus tem tomado pessoas como eles — e esses cinco representam alguns dos melhores do grupo — para si. Ele nos deu seu nome e seu Espírito, incluiu-nos em seu corpo e se satisfaz em servir como cabeça. Se a encarnação é um mistério, quanto mais isso?

Pesquisei os quatro evangelhos para observar como Jesus se preparou para a nova fase da liderança, e se nota uma tendência: durante os três anos de seu ministério, Jesus foi cada vez mais entregando sua obra para os discípulos. De início, ele realizava todas as curas, exorcismos, ministério e evangelização. Mas, à medida que o momento da sua morte ia se aproximando, ele se concentrava cada vez mais em treinar aqueles que ficariam para trás. Alguns acontecimentos primordiais se destacam.

"Eu os estou enviando como cordeiros entre lobos", disse Jesus, ao alertar um dos primeiros grupos de seguidores a partir em seu nome (v. Lc 10.1-24). Dessa forma, ele começou a confiar tarefas sagradas a um

heterogêneo grupo de 72 principiantes. Não obstante os severos alertas, todos alcançaram um grande sucesso em sua missão. Eles, exuberantes, relataram: "Senhor, até os demônios se submetem a nós, em teu nome". Jesus reagiu com um entusiasmo sem igual — não conheço nenhuma outra situação que o mostre tão cheio de alegria. Ele irrompe em orações e então pronuncia estas sonoras palavras: "Pois eu lhes digo que muitos profetas e reis desejaram ver o que vocês estão vendo, mas não viram; e ouvir o que vocês estão ouvindo, mas não ouviram". As obras do Reino tinham avançado, mas daquela vez isso ocorreu enquanto o próprio Jesus estava atuando em um papel indireto. Suas exclamações enfatizaram a importância daquele passo.

Mais tarde, já no fim da vida na terra, Jesus deu mais um passo: entregou toda a missão. A transferência ocorreu em uma reunião, a última ceia, que não possui paralelo no Novo Testamento, no que diz respeito a sua intensidade emocional. Naquela noite, Jesus disse: "E eu lhes designo um Reino, assim como meu Pai o designou a mim" (Lc 22.29). Daquele momento em diante, ele passou a se valer principalmente da "saída"; a forma indireta de operar por intermédio das "células" humanas.

Inacreditavelmente, Deus agora depende de nós para fazer sua vontade no mundo. Ele permite que realizemos de maneira desastrada e preguiçosa o que ele poderia realizar de forma instantânea e perfeita. De forma misteriosa, Cristo se colocou a nossa mercê; e a nossa falta de fé pode paralisar suas ações.⁶⁹ Ele, evidentemente, prefere delegar a autoridade a suas criaturas.

Os erros inevitavelmente se insinuam — movimentos espasmódicos, por assim dizer. Não deve ser fácil para a onipotência suportar a humilhação que causamos. (Existiria uma contrapartida divina para a frustração que um paraplégico sente?) Mas, antes de ficarmos muito preocupados com o que a igreja tem feito Deus passar, devíamos nos lembrar de que as grandes e altivas palavras ditas por Paulo sobre a igreja — o corpo de Cristo, a noiva de Cristo, o templo de Deus — foram dirigidas às congregações existentes, visíveis e indubitavelmente pecadoras. Deus, com prazer, recebe o homem pecador como seu filho; da mesma forma, ele depende de membros imperfeitos para realizar o trabalho de seu corpo.

AINDA QUE A CONEXÃO ENTRE A mente e o corpo seja completamente cortada, eliminando totalmente a "saída", a morte nem sempre vem a seguir. Por incrível que pareça, os animais podem manter-se vivos e com algum nível de funcionalidade com a parte superior de seus cérebros removida. As células inferiores, nesse caso, não seguem ordens voluntárias, mas apenas respondem a instintos localizados. *Sir* Charles Sherrington estudou um sapo sem cérebro nadando facilmente através de uma fonte. Ele disse que se podia ter a impressão de tratar-se de uma lesão banal, até se examinar mais detidamente o seu comportamento e verificar que o sapo nadava ao acaso, sem nenhum propósito, apenas dando patadas por reflexo. Não pode haver nenhum "propósito" sem um cérebro.

Os animais superiores são mais afetados pela remoção do cérebro. Um cachorro descerebrado fica de pé numa postura rígida, tal qual uma estátua. Apesar de poder se apoiar nas quatro pernas, parecendo um animal empalhado, ele não pode ajustar sua postura para manter o equilíbrio e assim tombará ao menor toque.

Os seres humanos também podem sofrer uma interrupção nas ligações entre o cérebro e o corpo. Um teste para apurar a ocorrência de danos nesses canais é simples: uma leve pancada no joelho, com aquele martelo de borracha comum. Normalmente a pancada provoca, como todos sabemos, um reflexo do tendão patelar. Quando o martelo golpeia o tendão, o arco reflexo tem a momentânea impressão de que o joelho está se dobrando. Numa rápida resposta, os neurônios *locais* (a mensagem atinge o cérebro superior somente mais tarde) contraem os músculos que esticam o joelho. Em nosso cotidiano, esse reflexo nos impede de cair ao tropeçarmos.

Entretanto, se uma lesão espinhal destruiu a conexão entre o cérebro e a perna de uma pessoa, uma pancada com o martelo produzirá um reflexo completamente diferente, e o médico que estiver utilizando o martelo é que necessitará de reflexos rápidos. Os músculos do paciente sofrerão uma forte contração, e a perna dará um chute com uma força enorme. Essa perna poderá então bater para frente e para trás, com convulsões.

Tais músculos e tendões são saudáveis — demonstram uma força espetacular —, mas perderam o contato com as ordens superiores que vêm da cabeça. O cérebro normalmente restringe os reflexos involuntários (nas palavras de Sherrington, ele "possui uma influência civilizadora sobre as partes primitivas"). Quando esse imprescindível caminho é interrompido, a parte do corpo ainda pode funcionar, mas de forma autônoma, aleatória, irracional e exagerada para aquela parte do corpo.

⁶⁹ "E não pôde fazer ali nenhum milagre, exceto impor as mãos sobre alguns doentes e curá-los. E ficou admirado com a incredulidade deles" (Mc 6.5,6).

As analogias com o corpo espiritual aplicam-se somente de forma parcial, pois esses tipos de disfunções jamais resultam de danos cerebrais. Mas muitas enfermidades nervosas — a paralisia cerebral, por exemplo — ocorrem quando os canais sinápticos abaixo do cérebro são de alguma forma obstruídos. Os venenos, como a cocaína, o *botulinum* e a atropina, também podem interferir na transmissão química através da sinapse.

Temos uma palavra teológica para tais venenos no corpo espiritual: pecado. O pecado entra furtivamente no canal privado entre a cabeça e o membro, interrompendo a comunicação e separando a célula da autoridade superior que coordena e dirige suas ações. A utilidade de uma única célula exige que não haja impedimentos para a comunicação que vem de cima e para uma resposta obediente de quem está embaixo.

O apóstolo Paulo, mestre das metáforas, apresenta uma descrição precisa de uma pessoa que sofre de algum tipo de desconexão, em sua carta aos colossenses. A pessoa que ele descreve tinha errado ao julgar de forma legalista os outros membros do corpo; tinha se concentrado nas outras células, em vez de atentar em receber suas próprias ordens da cabeça.

Tal pessoa conta detalhadamente suas visões, e sua mente carnal a torna orgulhosa. Trata-se de alguém que não está unido à Cabeça, a partir da qual todo o corpo, sustentado e unido por seus ligamentos e juntas, efetua o crescimento dado por Deus (Cl 2.18,19).

Uma vez danificados, os caminhos que ligam a mente e o corpo não se restabelecem facilmente.

O CÉREBRO NORMAL DESIGNA uma área específica para administrar cada dedo da mão ou do pé; cada importante parte do corpo. Se, por exemplo, a área designada representa meu dedo anular, essa porção do cérebro conterá todas as informações sobre o dedo. Ele consegue tocar violão? Firma minha mão quando escrevo? Tem uma cicatriz de um ferimento anterior? O cérebro armazena essas lembranças e habilidades. Se meu dedo tem uma atuação destacada, como quando toca violão, o cérebro terá um crescimento do número de associações com esse dedo.

Como cirurgião, algumas vezes me dedico a interromper esses caminhos associativos para estabelecer novos caminhos. Por exemplo: damos a alguns pacientes de lepra novas sobranceiras (com fim estético), cortando um pedaço do couro cabeludo e puxando-o por baixo da pele da testa até o lugar da sobranceira. Ele é trazido ainda ligado ao nervo original e ao suprimento de sangue do couro cabeludo, de modo que a nova sobranceira do paciente ainda "se sinta" parte do couro cabeludo. Se uma mosca pousar sobre a sobranceira transplantada, o paciente provavelmente dará um tapa em sua cabeça.

Também no caso de um procedimento para transplante de tendão, posso mover um tendão saudável do dedo anelar para substituir outro que esteja fraco ou arruinado no polegar. Para o paciente em recuperação, ele ainda sente que as ordens do cérebro são respondidas pelo dedo anelar. Eu diria "Mexe o polegar", e nada aconteceria. O paciente fica apenas olhando assustado para a mão. "Agora mexa o dedo anelar", e o polegar salta para frente.

Com o tempo, o paciente altera o padrão do cérebro para reinterpretar a sensação de movimento do dedo anelar como se fosse do polegar. Podem ser necessários meses para que os padrões se restabeleçam de forma regular, e muitos pacientes acima dos quarenta anos jamais se ajustam completamente às mudanças.

A imagem das células do polegar, lutando para receber um novo e peculiar conjunto de ordens da cabeça, ajuda a visualizar o mandado de Paulo para que houvesse uma transformação "pela renovação da sua mente". Ele exortou os companheiros, células do corpo de Cristo, a conhecer "a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Rm 12.2).

Em outra parte, Paulo formulou aplicações específicas de como a vontade de Deus deveria se expressar em nossa vida. Ele exortou os filipenses: "Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus" (Fp 2.5), e então definiu o que essa atitude ou forma de pensar deveria ser (2.6-8):

Que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz!

Visualizo esse processo de renovação como um esforço intenso para desenvolver um uniforme e estável fluxo de transmissão entre a célula e sua cabeça, tanto nas fibras ascendentes como descendentes. Ao examinar a imagem ou o modelo estabelecido por Cristo e ao criar um relacionamento com ele, estou na verdade conhecendo a mente de Cristo. Já vi o processo biológico funcionando em centenas de pacientes

meus, e o processo espiritual em muitos cristãos comprometidos.

Alguns cristãos estão reencontrando antigas práticas de fé. Em atos como a meditação, o jejum, a oração, o viver de forma simples, a adoração e a celebração do culto, podemos construir uma comunicação adequada entre nós e a cabeça. Até mesmo a simples prática de repetir as orações do *Livro de oração comum* pode ajudar a disciplinar a mente. Na neurofisiologia, assim como na espiritualidade, a repetição da obediência fortalece as conexões. Um pianista não analisa detalhadamente os movimentos de cada dedo ao tocar um acorde. Em vez disso, a mente de um intérprete focaliza o sentimento, o tempo e a interpretação; os dedos seguem os caminhos fixados pelas horas de prática.

Assim como os músicos e os atletas desenvolvem as habilidades por meio de repetidos exercícios para os caminhos do cérebro às células, os membros do corpo de Cristo podem desenvolver um envolvimento cada vez maior entre eles e a cabeça. Para os cristãos iniciantes, o processo de conhecer a mente de Cristo pode parecer mecânico e desconfortável. O cristão "caminha" como o andar de um bebê, começando com centenas de saídas em falso, tropeços e deslizos. (Paulo alude a "outra lei atuando nos membros do meu corpo, guerreando contra a lei da minha mente" — Rm 7.23.) Ainda que gradualmente, esses músculos e juntas do joelho da perna e do pé aprendem a cooperar de tal forma, que o bebê corre pela sala sem pensar de forma consciente em sequer um único movimento. Todas as tentativas de adquirir uma nova habilidade ou de aprender um esporte começarão de maneira errante e propensa a erros, até que os movimentos se tornem seguros e naturais. Todos os dias, nós, adultos, consideramos esses movimentos algo natural, a menos que alguém que seja deficiente, com paraplegia ou paralisia cerebral, nos comova, fazendo com que nos sintamos gratos.

EM MINHAS LONGAS CAMINHADAS ao ar livre, venho observando um casal de turpiais construir o ninho. Os pássaros são jovens, e esse é sem dúvida nenhuma seu primeiro ninho. A apenas alguns galhos de distância, há outro ninho, construído no ano passado por passarinhos de mais idade; ele havia resistido a uma tempestade de inverno que arrancara alguns galhos da árvore. Mesmo assim, os pássaros jovens nunca dão uma olhada no ninho mais antigo nem o estudam para inovações de projeto. Eles sabem exatamente o que fazer. A urgência de sua tarefa os faz esquecer de comer.

Primeiro eles passam algum tempo escolhendo o melhor local. Eles precisam de uma forquilha bem ampla, sobre a qual tecerão o ninho. O galho tem de ser suficientemente fino para poder inclinar um pouco com o simples peso das folhas, a fim de proteger o ninho dos esquilos. O local deve estar cercado pelas folhas para esconder os filhotes dos falcões e de outros predadores que voam.

Após concordar sobre o local da preferência, os passarinhos procuram determinada folha de grama, apenas de um tipo, que ainda deverá ter certo comprimento e consistência. Um dos pássaros se posta com um pé empoleirado em cada galho da forquilha. Ele segura uma folha de grama sob um dos pés contra o ramo. Então, usando apenas o bico, faz um meio laço ao redor daquele ramo, deixando uma longa ponta balançando. Após ter ido atrás de outra folha, ele faz um meio laço no outro ramo, puxando as folhas sob o corpo. Em seguida, trança outros fios salientes em um cabo grosso. O ninho em si oscilará entre esses cabos. Após vários dias selecionando, tecendo, trançando e entremeando, os dois passarinhos terão um ninho, um lar esférico, forte o suficiente para resistir à força de um vendaval.

Em casa, ao mesmo tempo, minha mulher está tricotando um suéter para mim. Posso vê-la pela janela. Ela é uma boa tricoteadeira, e ficarei orgulhoso de vestir o suéter. A lã exigiu a habilidade e a experiência de pastores, tosquiadores, fiandeiros e tintureiros. Margaret consulta um modelo impresso que combina o talento artístico e os cálculos de uma mestra do tricô. Ler aquelas instruções exige instrução, e segui-las emprega uma habilidade que ela adquiriu através dos anos. O suéter finalmente surgirá; um produto da inteligência associada de muitas mentes durante muitos anos. Se minha mulher tivesse recebido uma ovelha viva e lhe fosse pedido que criasse um suéter sem ajuda externa, ela provavelmente fracassaria.

Mesmo completamente concentrado e com a destreza manual desenvolvida em anos de cirurgia, sei que eu não conseguiria tecer filamentos de grama para formar um globo oco agarrado a um galho em uma tempestade. Tentei uma vez, e ele desmanchou-se, mole e imprestável. Todavia possuo dez dedos, enquanto um turpial possui apenas um bico e seus pés.

Logicamente, o instinto é a chave.⁷⁰ Uma espécie semelhante, o "trigueiro", segue outra instrução gravada

⁷⁰ Mas como desprezamos facilmente esse fenômeno como "mero instinto"! Um código genético embutido no cérebro dos turpiais, célula por célula, alinhando os neurônios com as sinapses apropriadas, de forma que essa disposição surja inevitavelmente algum dia, orienta seus bicos e pés na realização daqueles complexos movimentos. Até mesmo o conhecimento da grama a ser selecionada e do local a ser escolhido foi incluído nas instruções do código genético que antecedeu ao cérebro. O cérebro do turpial é o produto da necessidade do raciocínio, mas um raciocínio anterior antecipou as necessidades daquele cérebro e construiu um código genético que instruiria todas as células do pássaro a cooperar obedientemente, sem

que o conduz através do golfo do México para uma nova terra a 800 quilômetros de distância.

Assisti a pássaros migratórios partirem. Eles pousam em um junco no pântano e olham por sobre uma extensão de água que deve parecer infinita. Felizmente, os pássaros, livres da razão, levantam vôo todas as vezes. Sua sabedoria antecede aos ovos de onde vieram.

Algumas vezes penso sobre o trigueiro e o turpial quando me debato com decisões espirituais. As mensagens de Deus me alcançam ao longo do caminho da "saída". Com minha razão, mesmo quando pondero sobre o que a Bíblia diz, posso facilmente raciocinar meu caminho em outra direção. As ordens são duras; exigem amor, sacrifício, compaixão e santificação, ao mesmo tempo que tenho desculpas que as tornam inexecutáveis para mim a qualquer momento.

Nesses instantes, quando irrompe meu próprio egoísmo e orgulho, preciso de uma força mais confiável que a razão. Essa força faz parte de cada um de nós: a consciência ou o subconsciente, uma lei escrita em nossos corações (v. Rm 2.15). Essa percepção instintiva da nossa responsabilidade com Deus pode ser incentivada e cultivada pelas práticas de fé. Esconder a Palavra de Deus no coração e meditar sobre ela ajudam a consolidar essa força e, dessa forma, a renovar a mente.

Quando chega um momento de escolhas críticas, freqüentemente há pouca chance de uma reflexão consciente, e tudo o que passou influencia o resultado. Penso naqueles pássaros pequenos, o turpial e o trigueiro, e peço que, ao renovar minha mente, Deus imprima em mim suas instruções como se elas fossem genéticas. Peço que ele me envie um incessante fluxo de mensagens, e que eu responda com obediência.

13 A entrada

Eu era um cervo ferido que se separou do rebanho há muito; com algumas flechas profundamente cravadas

*meu flanco ofegante foi atacado, quando desisti
para buscar uma morte tranqüila em sombras distantes
lá fui achado, por aquele que fora
ferido pelos arqueiros. Em seu flanco ele sofreu;
e em suas mãos e pés, as cruéis cicatrizes.
Com uma força gentil, pedindo para si as flechas,
ele as puxou para fora, me curou, e me ofereceu a vida.*

WILLIAM COWPER,
THE TASK, BOOK III [A TAREFA, TOMO III]

*A Deus, na condição de Deus, coube se manifestar, conhecer
e amar a si mesmo, e revelar-se a si mesmo; e tudo isso sem
criatura alguma [...] E, sem a criatura, ele continuaria em seu
próprio eu, como uma entidade ou uma fonte, mas não se
manifestaria ou resultaria em ações. Agora, Deus terá de se
fazer sentir e ser revestido de uma forma [...] e isso não
pode ser feito [...] sem a criatura.*

THEOLOGIA GERMÂNICA [TEOLOGIA GERMÂNICA]

EM UM MOMENTO específico de nossas vidas, normalmente por volta dos doze meses de idade, ocorre uma profunda mudança. A percepção que uma pessoa tem do mundo deixa de depender predominantemente do tato, passando a depender da visão. O toque antecede e ensina a visão, até que as células visuais obtenham noções confiáveis de forma, distância e solidez. Esse processo de aprendizagem ocorre com todas as pessoas — todas, quer dizer, exceto os cegos.

Os deficientes visuais jamais passam por essa transição, a menos que a visão deles seja de alguma forma recuperada. E no começo do século passado esse fato sensacional ocorria com freqüência, graças ao milagre quase perfeito da cirurgia para catarata. Cegos de nascença, que tinham sempre vivido com uma concepção tátil do mundo, de repente conseguiam ver. Quando os olhos se abriam, elas encontravam um mundo extremamente diferente do que haviam imaginado. (Em alguns casos de cegos há muito tempo, a visão

central atrofiou, mas a visão periférica deu a esses pacientes uma primeira vista do mundo.)

Um autor visionário chamado Marius von Senden percebeu uma oportunidade única para observar adultos se adaptando a uma revolução perceptiva, que a maioria de nós vivência ainda em tenra idade. Ele registrou o que aconteceu com 66 pacientes em seu surpreendente livro *Space and sight [Espaço e visão]*.

Von Senden concluiu que as noções básicas de espaço, movimento e forma são incompreensíveis para uma pessoa que acaba de recuperar a visão. Por exemplo, as pessoas que possuem visão aprenderam a deduzir certas coisas sobre a distância espacial. Um prédio que esteja "à vista" está próximo, a uma distância que pode ser percorrida a pé; um destino que exija um ônibus, trem ou avião é obviamente mais longe. Os deficientes visuais, entretanto, julgam a distância pelo seu efeito na tensão muscular. Para eles, chegar a um prédio que fica a um quilômetro de distância requer que sejam dados vários passos, mas um destino que envolva um trem, ônibus ou avião parece mais próximo, pois chegar até lá causa menos tensão muscular.

Uma vez que esses pacientes conseguem enxergar, deparam com um desconcertante mundo de proporções e perspectivas. Anteriormente, tinham um sólido conceito de tamanho: uma laranja tinha mais ou menos o tamanho de uma mão fechada; um rosto, a largura de duas mãos. Em uma chocante inversão, nenhuma dessas regras se aplicava após a cirurgia. "Qual o tamanho de sua mãe?", perguntou um pesquisador a uma garota de 16 anos. A garota mostrou os seus dedos indicadores separados por alguns centímetros, mais ou menos a mesma distância que ela imaginava para o tamanho de um livro. A mãe dela, em pé do outro lado da sala, ocupava aproximadamente esse espaço no seu campo de visão. E o sol? Obviamente seria do tamanho de uma moeda — quem poderia acreditar que o sol era maior do que a Terra?

Gradativamente, por um período que durava meses, esses pacientes tiveram de aprender o significado de espaço, distância e perspectiva. As distâncias verticais permaneciam incompreensíveis por longo tempo, pois as pessoas que haviam acabado de recuperar a visão não tinham um conceito prévio de espaço além do que podiam sentir pelo toque. Arranha-céus e árvores pareciam altos, mas como eles poderiam avaliar alturas superiores a três metros, a altura alcançada por uma bengala? Um paciente, ao observar um movimento interessante na rua abaixo, desceu pela varanda do apartamento no alto de um prédio e morreu. Um avião no céu ou um elevador, que os movimentava sem nenhum esforço muscular, eram mistérios que desafiavam a explicação.

Os cegos também haviam aprendido sobre o movimento em torno de mudanças musculares e não conseguiram percebê-lo rapidamente apenas com os olhos. Um médico agitou a mão na frente do rosto de um garoto de oito anos. "Você pode ver que ela está se movendo?", ele perguntou. O garoto, confuso, olhava fixamente para frente. Ele "via" intervalos de luz e escuridão, mas seus olhos não fizeram nenhuma tentativa de seguir o movimento da mão. "Ele estava claramente tentando entender o significado da expressão 'se movendo' em relação ao gesto", informou o médico, "mas sem obter sucesso; seus olhos não conseguiram seguir os longos movimentos pendulares da mão." Finalmente, depois que lhe foi permitido tocar a mão, o garoto gritou de felicidade: "Está se mexendo!".

Até mesmo as formas comuns se mostraram completamente indecifráveis para aqueles que conheceram o mundo apenas pelo toque. Um pesquisador dispôs uma fileira de frutas sobre uma mesa diante de uma paciente; a fileira correspondia exatamente à fileira de frutas diante dele. "Pegue esta", ele dizia, selecionando uma maçã de sua fileira. A paciente olhava intensamente os objetos diante dela, dando o máximo de si para distinguir visualmente dentre as seis formas. Finalmente, de maneira hesitante, ela escolheu uma ameixa — com certamente um sexto do tamanho da maçã. Quando lhe foi permitido tocar a maçã do pesquisador, ela instantaneamente conseguiu escolher a maçã; mas o estranho mundo de diferentes tamanhos, cores confusas e formas embaçadas era simplesmente demais para compreender visualmente.

Um paciente mentalmente ágil, com vinte anos de idade, normalmente necessitava de quatro semanas de treinamento intensivo para aprender a diferenciar as formas redondas, quadradas e triangulares. Um paciente confundiu uma maçã com uma chave, um pedaço de pão com uma mão. Uma paciente, procurando uma forma de agradar ao professor, se valeu das cores. Ela havia aprendido que uma caixa de fósforos era amarela; daí em diante tudo que era amarelo ela chamava de caixa de fósforos, quer fosse uma banana ou a capa de um livro.

Se várias semanas de tentativas e erros eram necessárias para diferenciar um círculo de um quadrado, imagine a dificuldade de reconhecer um rosto. Um marido que acabara de receber a visão precisou de quatro meses de prática para diferenciar o rosto de sua mulher de qualquer outra pessoa, a menos que ela falasse ou que ele tocasse levemente o rosto dela.

Uma garotinha brincou com um gato de estimação por 21 dias, quatro horas por dia. Então, ao ver uma galinha em um jardim, ela gritou com alegria: "Meu gato!". Afinal era uma coisa pequena, meio cinza e se mexia. A mesma garota confundiu uma estante com um fogão e chamou uma fonte de árvore, "porque ela é

grande e redonda". As visões mais comuns provocavam nela um grande susto: um casaco preto no chão se parecia com a boca de um poço; a coluna de fumaça de uma chaminé parecia dividir o céu em dois; e as pintas pretas em seu cachorro, Muffy, pareciam buracos que o atravessavam.

"Como pode ser que agora eu me sinta menos feliz do que antes?", lamentou confusa uma mulher em meio ao seu treino. "Tudo o que vejo me traz uma emoção desagradável. Ah, eu estava muito mais à vontade com minha cegueira!" Ela não conseguia lidar com um mundo confuso, no qual se esperava que pudesse distinguir uma faca entre uma colher e um garfo sem tocá-los. (Com o tempo, para sua satisfação, ela tornou a ficar cega.) Praticamente todos os pacientes atravessaram períodos de melancolia como esses. Pedia-se a eles que reaprendessem o mundo, como pessoas que tivessem sido colocadas em outro planeta, onde as leis da física não se aplicam.

As pessoas que tinham acabado de recuperar a visão apresentavam dificuldades ainda maiores em dominar conceitos tão avançados como a integridade espacial ou a percepção bidimensional (característica que confundia os artistas até cinco séculos atrás). Após receber a visão, uma garota percebeu que nunca imaginara seu cão como um todo, formado por uma cabeça, olhos e pernas, todos reunidos para formar um animal. Como o famoso cego tocando um elefante, ela jamais tocara todas as partes de uma só vez e, por isso, não tinha imaginado o cão como um ser completo.

A fim de explicar o conceito de profundidade, os pesquisadores conduziam os pacientes a lugares altos. Uma paisagem, a princípio, não significava nada para eles. Uma curva verde (floresta) ou uma faixa azul (rio) não lhes dava nenhuma dica sobre o que eles realmente viam. Eles nunca tocaram nada tão distante; como poderiam compreender? Foram necessários ainda mais meses de esforço para treinar esses pacientes a reconhecer objetos em fotos ou pinturas. A imagem de um rosto, já bem difícil de ser distinguida em carne e osso, não era bem comunicada quando colocada em um quadrado bidimensional de luz e sombra.

É claro que, com o passar do tempo, a maioria dessas pessoas se adaptava ao mundo de cores, luzes, formas e tamanhos e descobria níveis de percepção e beleza que lhes escapavam no passado. Mas em todas as situações o processo envolvia uma alta dose de ansiedade. Durante meses, às vezes anos, os pacientes fechavam os olhos com movimentos mais difíceis, como passar por uma parte da casa que estivesse mais bagunçada, próximo de uma escada. O mundo novo os tinha traído; não era de forma alguma o que eles esperavam. Ou, mais precisamente, seus outros sentidos os tinham traído, ao lhes dar um conceito incompleto de como era o mundo.⁷¹

DENTRO DA ANALOGIA DESTE LIVRO, os relatos de Von Senden ilustram como o cérebro, isolado do mundo real em sua caixa de marfim, precisa interpretar a realidade a partir de indícios parciais, informados pelo resto do corpo. Quando uma condição como a cegueira limita essas informações, o corpo é afetado por inteiro.

De imediato admito que a analogia da percepção não pode ser levada muito longe. A mente ou a cabeça deste corpo — o próprio Deus na pessoa de Cristo — não depende das percepções obtidas por meio dos membros do seu corpo nem é limitada a elas. O seu conhecimento abrange tudo; ele não precisa de nossas frágeis fibras para aumentar sua sabedoria. Entretanto, em outro sentido, graças ao espantoso fato de Deus ter limitado a si mesmo, a analogia da mente solitária se aplica.

Já vimos que Deus autolimita sua atuação (a "saída") ao contar principalmente com falhos agentes humanos. Por caminhos além da nossa compreensão, Deus também escolheu fazer com que sua presença na terra fosse dependente da "entrada", as mensagens enviadas pelos membros, ou células, de seu corpo.

De todos os maravilhosos aspectos do corpo humano, não conheço nenhum que seja tão fantástico quanto o fato de todas as centenas de trilhões de células de meu corpo terem acesso ao cérebro. Muitas células, como aquelas utilizadas na visão, têm conexão direta com os neurônios; outras têm canais imediatamente colocados à disposição quando precisam informar suas necessidades ou situação. E, no corpo de Cristo, não conheço nada tão fantástico quanto o fato de cada um de nós ter contato direto com Jesus, a Cabeça. Surpreendentemente, ele ouve nossa voz, leva em consideração nossos pedidos e, quase literalmente, usa essas informações para influenciar o sentido de suas atitudes no mundo. "A oração de um justo é poderosa e eficaz" (Tg 5.16).

Por meio de nós, que atuamos como suas mãos, ouvidos, olhos e neurônios, Deus permanece "em contato" com este mundo e com as pessoas que vivem nele. Suas ações levam em conta o que lhe comu-

⁷¹ Pesquisadores do cérebro já demonstraram que a imagem que fazemos do mundo depende em grande medida de todas as informações sensoriais do ambiente a que somos expostos. Filhotes de gatos criados em caixas pintadas com faixas horizontais nem ao menos percebem listas verticais a princípio: suas células cerebrais ainda não desenvolveram uma categoria de "verticalidade". E, curiosamente, filhotes de gatos criados em um cilindro pintado com movimentos rotativos constantes não conseguem lidar facilmente com um ambiente onde não há movimento. Eles começam a rodar em círculos, a fim de reproduzir o efeito do cilindro!

nicamos. Há também uma "vantagem" para Deus, por assim dizer. Em diversas e formidáveis passagens, a Bíblia expressa a impressionante verdade de que Deus tem prazer em sua igreja: somos seu "tesouro pessoal", "um aroma agradável", "presentes com os quais ele se alegra". E por mais de trinta vezes o Novo Testamento nos lembra de que somos seu corpo, unidos a ele de forma tão íntima, que o que acontece a nós também acontece a ele. Por mais impressionante que possa parecer, a conclusão é óbvia: Deus quer que sejamos seus companheiros. Ele deseja receber mensagens de seu corpo: a "entrada". Ele nos criou para que pudesse receber nosso amor.

Será que de alguma forma perdemos a revolução que aconteceu no universo? Nas religiões antigas, acreditava-se que as atitudes dos deuses no céu afetavam o que acontecia na terra. As estripulias desses deuses causavam chuvas, terremotos e relâmpagos. Como crianças que jogam pedras das passarelas sobre os carros que passam pelas rodovias, eles derramavam castigos e catástrofes sobre a terra. Agora Cristo reverte a antiga fórmula hermética: "Como o que está em cima, o que está em baixo é" torna-se "Como o que está em baixo, o que está em cima é". A ação humana, como a oração, afeta o Paraíso. A conversão de um único pecador faz com que haja festa nos céus.

Logicamente, orar é o canal principal; é a maneira de "participarmos da dignidade da causa", na frase de Pascal. A oração em si pode ser uma atividade de tempo integral; durante séculos, místicos enclausurados adotaram dessa forma. Repetidas vezes, tão freqüentemente, que os escritores inevitavelmente acabam por repetir as mesmas palavras, a Bíblia nos lembra com veemência de que Deus ouve nossas orações. Por mais incrível que pareça, tem-se a impressão de que Deus sente falta do contato com os diferentes membros do próprio corpo. A falta desse contato e a ausência da fé humana limitam o corpo espiritual, da mesma forma que a falta de um sentido, como a visão, limita todo o corpo físico.

A intimidade ou canal aberto que agora temos com Deus remonta à conciliação ganha por Cristo para nós. Na encarnação, ele assumiu o papel de uma célula, adentrando sua própria criação. E ao longo de todo o seu tempo na terra, Jesus sentiu a necessidade de se retirar para entrar em comunhão com o Pai. Deus falando com Deus — o mistério da Trindade. Por seu exemplo, o Filho de Deus nos mostrou como é imprescindível enviar um fluxo contínuo de mensagens para o Pai.

Em suas considerações a respeito da encarnação, o autor de Hebreus relaciona em três estágios o progresso da intimidade existente entre Deus e as pessoas: a aproximação veterotestamentária a Deus por intermédio de um sacerdote, a visitação de Cristo em pessoa e o corpo mais íntimo que resulta dessa visitação. Ele concluiu:

Pois não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação, porém, sem pecado. Assim, aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça que nos ajude no momento da necessidade (Hb 4.15,16).

Posteriormente, esse mesmo livro alude a verdades profundas que não conseguimos entender completamente: Jesus "aprendeu a obedecer por meio daquilo que sofreu", disse o autor de Hebreus em 5.8. É um conceito inquietante, para dizer o mínimo, afirmar que Deus, onisciente e perfeito, aprendeu pelo sofrimento. E, ainda assim, a encarnação foi uma forma de aprendizado, uma experiência direta de confinamento dentro da matéria. Jesus sentiu a alegria de um casamento e o pesar de um funeral, o amor e a traição de amigos próximos e por fim o flagelo do chicote e o ardor ao ser cuspidor.

Hoje em dia, a principal forma pela qual se estendem os ramos da atuação de Deus neste mundo de matéria é mediante os membros de seu corpo. E ainda mais relevante é o fato de que, em virtude da encarnação, Deus escuta nossas orações de maneira nova, visto que ele mesmo aqui viveu e orou. Temos agora um sumo sacerdote capaz de compadecer-se de nossas fraquezas; cheguemo-nos, pois, a ele com confiança.

O corpo de Cristo tem uma clara vantagem sobre o corpo físico, pois naquele a cabeça está totalmente acessível e receptiva à mais leve mensagem externa. A cabeça do corpo de Cristo nunca precisa ser despertada ou instruída. Nenhuma carência de sabedoria ou de poder limita a ação de Deus no mundo. Em vez disso, a única limitação é a participação das células que são membros em relação à cabeça. Todos os cristãos precisam apenas aprender a entregar a Deus cada emoção, cada atitude e cada experiência de suas vidas.

Davi é um exemplo de humano imperfeito, assassino e adúltero. No entanto, achou favor em Deus, a ponto de ser chamado "homem segundo o coração de Deus". Ao ler os poemas atribuídos a ele, posso perceber por que mereceu essa denominação. Seus poemas contêm não apenas raiva e desespero, mas também alegria e louvor; desamparo e tristeza, mas também força e confiança; dor e vingança, mas também

humildade e amor. Temperamentos claramente contraditórios se digladiam. Suas emoções são tumultuadas. Davi não escondia nada de Deus, fosse bom, fosse ruim. Creio que era isso o que Deus amava. A "célula" chamada Davi levava Deus a sério. Ele relatava diariamente, e às vezes a cada minuto, cada situação de sua vida e esperava — chegando às vezes a exigir — que Deus lhe respondesse.⁷²

A "entrada" e a "saída": ambas essenciais para um corpo saudável. Todo o corpo de Cristo pode ser prejudicado se uma parte não se comunicar com a cabeça. Se uma célula profética se recusar a discernir a verdade e a alertar o resto do corpo, todos poderemos nos desviar do caminho. Como os cegos estudados por von Senden, podemos passar pela vida inconscientes e desinformados. Uma célula intercessora, permanecendo em silêncio, certamente causará danos. E se uma parte do corpo ficar insensível à dor em um dedo ou em um membro, essa parte se deteriorará progressivamente.

Pela "entrada", as células nos órgãos sensitivos, nas extremidades e em outras partes vitais enviam grande quantidade de dados, informando a cabeça sobre suas condições e sobre aquilo que elas captam do mundo exterior. De forma semelhante, as células cerebrais coordenam um fluxo de instruções solicitadas pela "saída". Para caminharmos, precisamos de um "arco de reação" das células dos músculos e das juntas, informando o tônus, a posição e a pressão, além de receber instruções sobre os movimentos apropriados. A movimentação exige um equilíbrio dinâmico das mensagens ascendentes e descendentes. O corpo só funcionará se a "entrada" for precisa e completa e se as células que receberem as mensagens pela "saída" forem obedientes e sensíveis.

Uma cena, mais do que qualquer outra, simboliza para mim o papel da cabeça no corpo humano e da cabeça no corpo espiritual. Ela envolve um cego, um paciente que chamarei de José.

O corpo de José já havia sofrido enormes danos causados pela lepra, na época em que ele veio de Porto Rico para Carville para buscar tratamento. Sua insensibilidade ao toque era tamanha que, quando vendado, não conseguia perceber quando alguém entrava no cômodo e segurava sua mão. As células do tato e da dor tinham silenciado. Em razão disso, cicatrizes e úlceras cobriam as mãos, o rosto e os pés, tornando-se testemunha muda dos maus-tratos não-intencionais que seu corpo havia suportado sem nenhuma sensação de dor. Nada além de cotocos em suas mãos assinalava o local onde costumavam ficar os dedos.

Uma vez que as células de dor em seus olhos já não o alertavam sobre quando piscar, os olhos de José gradualmente se ressecaram. Essa condição, agravada pela intensa catarata e pelo glaucoma, logo o tornou cego. Minha mulher, Margaret (cirurgiã oftalmologista), disse a ele que uma cirurgia corrigiria a catarata, restaurando um pouco de sua visão, mas ela não poderia operá-lo enquanto a inflamação da íris não fosse debelada. Infelizmente, uma terrível desgraça acabou com a última ligação de José com o mundo externo. Em uma tentativa desesperada de deter a lepra resistente à sulfona, os médicos tentaram tratá-lo com uma nova droga. José teve uma rara reação alérgica e perdeu a audição.

Dessa forma, com a idade de 45 anos, José perdeu todo o contato com o mundo. Ele não conseguia ver nem ouvir se uma pessoa falasse. Ao contrário de Helen Keller, ele não podia nem ao menos usar a linguagem dos sinais táteis — a lepra havia entorpecido seu tato. Até o sentido do olfato havia sumido após a lepra lhe ter invadido a mucosa nasal. Todas as suas conexões com o mundo, à exceção de seu paladar, tinham sido rompidas. Com o passar das semanas, assistíamos aos efeitos disso tudo em José, enquanto sua mente começava a aceitar a realidade de ter perdido todo e qualquer contato significativo com um mundo de flores, rios, ilhas e pessoas.

O corpo de José respondeu com um doloroso reflexo do que estava acontecendo por dentro: os membros se retraíram em direção ao tronco, e ele começou a assumir uma posição fetal sobre a cama. Ele podia acordar e esquecer onde estava. Ele não sabia se era dia ou noite, e quando falava, não sabia se alguém o ouvia ou lhe respondia. Mesmo assim, às vezes ele falava, aumentando o tom de voz por não conseguir ouvir o volume e deixando afluir a inexplicável solidão de uma mente condenada ao confinamento solitário.

Em um mundo assim, os pensamentos andam em círculos e espirais, causando medos e suspeitas. A loucura não é a perda da percepção do mundo real? O corpo de José se enrolava cada vez mais sobre a cama. Ele estava se preparando para morrer na mesma posição em que tinha nascido. Todos que fazíamos parte da equipe, ao passarmos por seu quarto, parávamos à porta por alguns instantes, balançávamos a cabeça e continuávamos em frente. O que podíamos fazer?

Margaret visitava José dedicadamente. Incapaz de apenas observar aquele homem — que de outra forma seria saudável — se auto-destruir, ela sentia que devia tentar algum tipo de tratamento radical para recuperar, pelo menos em parte, a visão dele. Ela aguardava impacientemente a melhora na infecção dos

⁷² Muitos dos salmos, escritos por diversos autores, demonstram características divergentes. Como um exemplo, considere a enorme variação de reações humanas existentes em apenas cinco salmos, do 21 ao 25.

olhos de José para poder marcar a cirurgia.

Tentando seguir as regras do governo, Margaret enfrentou um problema quase insuperável. Obviamente, ela devia obter o consentimento do paciente para que a cirurgia fosse realizada. Mas quem assinaria por José? Ninguém podia romper seu isolamento, nem mesmo para lhe pedir permissão para o ajudar. Após uma meticulosa pesquisa, a equipe do hospital finalmente localizou uma irmã em Porto Rico, e o departamento de polícia de lá a visitou com o formulário de permissão. A irmã analfabeta marcou um "X" no papel, e a cirurgia foi finalmente marcada, com pouca esperança de sucesso.

José, é claro, não entendia o que estava acontecendo quando o moveram em uma maca com rodas para a sala de cirurgia. Ele permaneceu passivamente deitado durante toda a operação. Após um procedimento de duas horas, ele foi enfaixado e levado de volta ao quarto para esperar.

Margaret removeu as bandagens alguns dias depois; uma experiência que ela nunca esquecerá. Embora José já tivesse percebido algum movimento impreciso, e provavelmente raciocinado que alguém estava tentando ajudá-lo, nada o havia preparado para o que realmente aconteceu. A medida que os olhos lutavam contra a luz e se focavam lentamente sobre a equipe médica reunida ao redor da cama, o rosto que não sorria havia meses se abriu num enorme riso desdentado. O contato havia sido recuperado.

Naquele longo período de isolamento, o cérebro de José continuava intacto dentro do crânio, completo, com memória, emoções e instruções para comandar o corpo. Mas ficava inútil porque a "entrada" havia sido bloqueada.

Penso em José quando penso no que Deus suporta ao decidir atuar como a cabeça em um corpo composto por seres humanos. O órgão mais magnífico do corpo pode permanecer isolado e inútil, caso não haja a cooperação dos sentidos que lhe informam e das células que lhe obedecem. Deus escolheu essa mesma posição para si mesmo, agindo não a despeito de nós ou contra nós, mas por meio de nós. Essa é a humilhação.

Mas também há um triunfo, e ele surge quando a comunicação é restabelecida. Quando os canais sensoriais de José foram restaurados, repentinamente tudo o que estava isolado e inútil ficou livre para se expressar ao mundo exterior. José deixou claro que queria sua cadeira de rodas parada na porta de seu quarto o dia todo. Ele se sentava lá, quieto, olhando a cada segundo para cima e para baixo os longos corredores do leprosário. Quando via outra pessoa vindo, seu rosto se abria naquele sorriso incontrolado.

Hoje, José tem contato com o mundo. Ele insiste em vir à nossa pequena igreja todo domingo, mesmo não conseguindo ouvir nada do culto. Com o que lhe restou dos dedos, ele mal pode segurar o botão de controle de sua cadeira de rodas elétrica, e o estreito campo de visão faz com que ele colida com os objetos ao longo dos compridos corredores. Mas ainda assim ele vem, independentemente do clima lá fora. Os outros membros aprenderam a cumprimentá-lo inclinando-se, colocando seu rosto diretamente na frente do dele e acenando. O maravilhoso sorriso de José invariavelmente aparece, e às vezes sua alta risada. Apesar de não enxergar direito e não poder ouvir ou sentir absolutamente nada, ele consegue de alguma forma sentir a amizade daquela igreja. Isso é suficiente para ele.

A mente de José já não está mais isolada e sozinha, mas unida às outras células em seu corpo. Tudo aquilo em seu poderoso cérebro tem agora uma conexão com o resto de nós aqui fora. Ele pode expressar a imagem que esteve lacrada dentro dele.

Quarta parte Espírito

14 Respiração

Quando um explorador atinge o petróleo pela primeira vez, freqüentemente ocorre uma violenta erupção que às vezes estoura em chamas e queima por muitos dias antes de ser controlada. Mais tarde não haverá oportunidades para demonstrações dessa natureza. O óleo será bombeado através de tubulações e refinarias até o seu destino, e o desejo de retornar aos antigos fogos de artifício será justificadamente considerado infantilidade. Mas as primeiras demonstrações pelo menos provaram algo; provaram que o petróleo estava lá, e sem isso todas as tubulações e refinarias seriam inúteis.

QUE ÁRVORE PODE COMPETIR com a extravagância da figueira-de-bengala? As raízes não saem somente do tronco, mas também dos galhos; dezenas e logo centenas de musculosas hastes seguem em direção ao solo para desenvolver seu próprio sistema de raízes. Ininterruptamente, uma figueira-de-bengala cresce para sempre, renovando-se nas extremidades mesmo quando seu núcleo central morre de velhice. Uma única árvore pode cobrir vários hectares de terra, transformando-se em uma floresta perpétua, suficientemente espaçosa para abrigar um mercado inteiro (seu nome vem da palavra hindu *baneane*: uma casta de comerciantes).

Você pode ver um majestoso exemplo de figueira-de-bengala em Calcutá hoje em dia, preservada no Jardim Botânico. A grande figueira-de-bengala cobre uma área com 381 metros de circunferência. Ela parece uma gigante e frondosa tenda, sustentada por colunatas de madeira. Em algum lugar no meio desse velutino bosque de troncos e galhos, o tronco central começou a crescer há duzentos anos. Após ter sobrevivido aos danos causados por um fungo e um ciclone, o núcleo interno foi finalmente removido em 1925, mas a árvore exterior continua crescendo.

Para uma criança que gostasse de escalar e balançar nas videiras, a figueira-de-bengala fornecia um divertimento infinito. Com seis anos de idade, tive a oportunidade de explorar uma por vários dias, quando meus pais acamparam sob uma figueira-de-bengala durante um empreendimento missionário. Enquanto eles se ocupavam do trabalho médico e espiritual, minha irmã e eu brincávamos de "A família Robinson" dentro da grande árvore. Os talos que caíam como estalactites dos ramos superiores eram ideais para nos pendurarmos. E, o que era ainda melhor, algumas pessoas prestativas tinham feito laços e amarrado diversos ramos que formavam balanços altos e baixos, além de trapézios.

Eu balançava em um desses laços, por um corredor dentro da árvore, pedindo a minha irmã que me empurrasse cada vez mais alto. Conforme aumentava a altura, pude sentir que outro laço começava a tocar a parte alta por trás de minha cabeça. Eu me abaixei para evitá-lo, mas não consegui fazê-lo novamente quando comencei a descer. O laço me pegou logo abaixo do queixo e me prendeu pela garganta. O balanço parou de uma só vez. Felizmente, a maior parte do meu peso ainda estava sobre o assento, mas a minha traquéia fora totalmente agarrada pelos ramos, e eu não conseguia respirar, falar ou gritar. Fiquei lá pendurado, como se fosse uma marionete enrolada nos fios. A minha irmã, no chão, tentou algumas vezes me puxar de forma frenética e então deve ter corrido em busca de ajuda.

Acordei algumas horas mais tarde, com a minha mãe inclinada sobre minha cama de acampar, suplicando para que falasse com ela. Quando eu disse seu nome, ela caiu em prantos. Ela temia que houvesse danos cerebrais, e minha primeira palavra veio como um providencial alívio para ela.

Com exceção da garganta ferida e de uma ligeira esfoladura na pele, que se assemelhava a uma queimadura de corda, não herdei nenhuma cicatriz daquela experiência; mas por muitos anos carreguei comigo o terror instintivo de me sufocar. Qualquer coisa que me cobrisse a boca e o nariz, mesmo a imersão na água, trazia de volta esse terror, e eu lutava como se fosse por minha vida. Aprendi de forma dura que a falta de respiração não se assemelha à anestesia ou à dormência; é como a morte.

DESDE AQUELA TARDE NA figueira-de-bengala, vi muitas situações médicas que confirmam o terror que senti aquele dia. Emergências de todos os tipos produzem pânico: vítimas de ataques cardíacos agarram o peito; pessoas com danos cerebrais podem se debater violentamente; soldados em uma guerra fitam perplexos o lugar de um membro arrancado. Mas não conheço nenhuma experiência humana que produza um ataque de pânico semelhante à asfixia.

Todos já vimos filmagens de maratonistas cambaleando ao cruzar a linha de chegada com a boca aberta, as costelas pulsando, a cabeça sacudindo tal qual um galo, o corpo inteiro estremeando em um movimento de fole até ser gradualmente preenchido pelo oxigênio, o que reduz a emergência. Todavia, o maratonista não sente pânico, pois havia planejado terminar a corrida com uma deficiência crítica de oxigênio: os olhos esbugalhados, as mãos tentando agarrar freneticamente o espaço vazio e o coração disparado. A carência de oxigênio dá início a um círculo vicioso: a aceleração dos batimentos cardíacos, que tenta distribuir mais depressa o oxigênio existente, consome essa energia e exige ainda mais oxigênio. A espiral descendente começa.

Todos estamos a cinco minutos da morte. A vida depende de nossa habilidade de permanecer em contato

com o imprescindível oxigênio a nossa volta. Quando privado de ar por algum tempo, o paciente fica realmente azul, primeiramente em torno das unhas, língua e lábios, projetando o drama que ocorre por dentro na tela visível da pele. Os estudantes de biologia no ensino médio aprendem o que causa a troca de cor: o sangue azul não recebeu o suprimento de oxigênio nos pulmões, que normalmente o torna vermelho vivo. O reino animal vive na total dependência desse único elemento, o oxigênio.

Alguns dispositivos para a absorção de oxigênio em animais inferiores são inefavelmente belos: as folhas dos vermes marinhos que parecem jóias, as guelras caneladas dos peixes tropicais, a saia em tom laranja brilhante da vieira vermelha. Nossos pulmões têm destaque maior em relação a seu funcionamento, e não a sua forma, mas trabalham bem o bastante para fazer um engenheiro babar. O estudante de medicina iniciante que disseca pela primeira vez o torso de um cadáver obtém provas gráficas da importância dos pulmões. A essa altura ele já estudou o coração, os rins e o pâncreas. Mas os pulmões!⁷³ Eles se comprimem contra todo o resto, escorregando através de cada fenda ou cavidade. Quando o ar é bombeado para dentro, simulando a respiração, eles parecem querer arrombar a cavidade torácica.

Os tubos bronquiais da garganta se bifurcam, estreitando-se à medida que descem e dividindo-se continuamente, soprando em uma árvore de tubos que terminam em trezentos milhões de bolsas chamadas alvéolos. As bolsas, do tamanho de apenas uma célula, são cobertas por uma teia de vasos sanguíneos que canalizam o sangue para os alvéolos, a fim de que ocorra a importantíssima transferência de oxigênio. As dobras e reentrâncias dos pulmões resultam em uma superfície de área quarenta vezes maior do que a pele; uma área grande o bastante para atapetar um pequeno apartamento.⁷⁴

Precisamos do espaço. Em um dia comum, nossos pulmões movimentam para dentro e para fora ar suficiente para encher um aposento de tamanho médio ou encher alguns milhares de balões de festa. Cada respiração suga aproximadamente meio litro de ar, e, se não nos concentrarmos nisso, respiramos cerca de quinze vezes por minuto. A mais leve mudança, como subir um lance de escadas ou correr atrás do ônibus, pode dobrar a capacidade de ar por respiração e também dobrar a frequência de entrada. Centros de recepção espalhados pelo corpo medem constantemente o oxigênio e o dióxido de carbono para determinar a taxa ideal. Todo o processo continua ininterruptamente durante o sono sem nenhum controle consciente, do contrário morreríamos. E a praticidade do corpo nos faz utilizar o mesmo fluxo de ar para ações como a fala, o canto, o riso, o suspiro e o assobio.

Meu caso de amor com a respiração começou depois que meu corpo jovem ficou dependurado na figueira-de-bengala. Eu respirava me sentindo ainda mais grato após ter estudado os mecanismos envolvidos. Desde essa época, tenho visto vários pacientes viverem o drama de problemas respiratórios.

Logo ao chegar à Índia, já como médico, recebi dois telefonemas no mesmo dia, um de Calcutá e outro de Londres, ambos a respeito da situação grave de um jovem jogador de pólo em Calcutá. Ele era inglês, filho único de um abastado lorde, e viera a Calcutá a fim de aprender e praticar operações bancárias internacionais em nome da rede mundial de bancos pertencente a seu pai. Os médicos em Calcutá e seus parentes na Inglaterra insistiam que eu pegasse o próximo voo para Calcutá a fim de examiná-lo, porque um dia após um difícil jogo de pólo ele tinha ficado subitamente paralisado com poliomielite.

Por telefone eu berrava instruções para que o hospital preparasse um pulmão de ferro e fizesse uma traqueostomia, caso ele desenvolvesse dificuldades respiratórias, para evitar o acúmulo de fluidos na garganta. Então corri para o aeroporto de Madras para pegar o próximo voo. Quando cheguei a Calcutá, um carro me levou até onde ele estava internado.

Tenho uma impressão indelével da figura que encontrei naquele quarto de hospital. Uma vida bem nutrida e muitas horas de lazer nos campos de rúgbi⁷⁵ e pólo tinham dado ao jovem um físico soberbo. Era de estatura grande, e seus músculos dos braços e das pernas sobressaíam mesmo em repouso. Entretanto, os

⁷³ O estudante de medicina leva outro choque ao comparar o pulmão de pacientes diferentes. O pulmão de um não-fumante vindo do interior tem um lindo brilho rosado que reflete saúde. Os minúsculos vasos sanguíneos destacam-se claramente em sua superfície. Em um contraste impressionante, o pulmão de um fumante vindo da cidade é completamente coberto de fuligem, quase tão escuro quanto o de um trabalhador de minas de carvão. Talvez, se a pele sobre nosso peito fosse uma membrana transparente semelhante à dos peixes tropicais, de modo que cada pessoa pudesse ver por si mesma esse contraste, assim como a visão repulsiva e fungiforme do câncer de pulmão, a sociedade poderia passar por algumas mudanças significativas.

⁷⁴ Em teoria, poderíamos carregar oxigênio suficiente dissolvido em nosso plasma sanguíneo, dispensando completamente os glóbulos vermelhos — um peixe da Antártica fica com a boca aberta sob a água a 1°C, tragando oxigênio para seu plasma sanguíneo, sem nem ao menos um glóbulo vermelho. Mas um ser humano com essa conformação precisaria de 290 litros de plasma sanguíneo e se assemelharia a uma água-marinha com quatro membros flexíveis e uma cabeça. Ainda assim, o oxigênio dissolvido só seria suficiente para dois segundos e meio; um espirro muito longo seria provavelmente fatal. Felizmente, uma complexa molécula chamada hemoglobina permite que vinte vezes mais oxigênio seja transportado por nosso sangue. A molécula química, que tem a conformação $C_{3032}H_{4812}N_{780}Fe_4O_{872}S_{12}$, dá ao sangue sua característica cor vermelha. No total, 9 508 átomos se estruturam em uma intrincada formação em tomo de quatro átomos de ferro fundamentais. A hemoglobina atrai os átomos de oxigênio que passam por ela como se fossem um ímã, e a forma bicôncava dos glóbulos vermelhos assegura uma máxima exposição ao oxigênio nos pulmões. Cada glóbulo vermelho carrega 280 milhões de moléculas de hemoglobina.

⁷⁵ Esporte parecido com o futebol, mas jogado com as mãos e com bola oval. Jogam dois times, cada qual com 13 ou 15 participantes. (N. do E.)

quatro membros e o tronco estavam paralisados. Ele tinha auferido uma enorme capacidade pulmonar, agora praticamente inútil por si só, tão inútil que fora colocado dentro do pulmão de ferro. A máquina trabalhava com o princípio do fole, empurrando sua caixa torácica para dentro e para fora a fim de forçar a respiração.

A cruel ironia da cena me chocava: aquele corpo maravilhoso enfiado dentro de um horrível cilindro de metal, que ruidosamente forçava o ar para dentro e para fora daqueles pulmões. Pensei rapidamente em uma série de esculturas que havia visto: *Os prisioneiros*, de Michelangelo. Nesses trabalhos, magníficos corpos parecem aprisionados no mármore apesar de seus esforços para se libertar. Agora, diante de mim o hercúleo corpo daquele homem jazia selado pelo aço. As enfermeiras me disseram que ele tivera sintomas de gripe na sexta-feira, mas tinha seguido adiante com o jogo de pólo no sábado, a fim de não decepcionar os colegas. Exercícios físicos no início da poliomielite podem ser fatais.

Para meu horror, verifiquei que o hospital não tinha executado a traqueostomia; então, imediatamente requisitei um anestesista. Eu me preocupava com os fluidos que podiam se acumular já que os músculos que tossiam ou limpavam a garganta não funcionavam. Expliquei ao jovem atleta o que planejavamos fazer. Um assistente que estava a seu lado assegurou-me de que "dinheiro não era problema" e que deveríamos tentar tudo o que pudesse ser feito para ajudá-lo. O jovem respondeu com apenas duas frases. Ele só conseguia falar uma frase por respiração, e isso com grande esforço. Cada som saía com um sibilo quase estridente, expulsando o ar como se estivesse engasgado. Ele disse: "Me... dê... ar", e fez uma pausa. Inclinei-me mais perto para ouvi-lo, apesar do pulsar do pulmão de ferro. E então: "Para ... que... serve... o... dinheiro... se... você... não... pode... respirar?". Olhei para seu rosto com grande tristeza.

Após garantir-lhe que faríamos tudo o que pudéssemos, postei uma enfermeira com uma sucção de garganta a seu lado e desci paia tomar café da manhã. O anestesista ainda não tinha chegado e eu, tendo perdido toda uma noite de sono, procurei me alimentar para melhorar minha concentração. Eu ainda não tinha terminado meu café quando uma enfermeira veio com a notícia de que o paciente havia morrido. Ele evidentemente havia regurgitado algum fluido que obstruiu o fluxo do oxigênio. O dispositivo de sucção não pôde acompanhar, e sua respiração parou; e com ela, sua vida.

EM NOSSO IDIOMA, EXPLICAMOS A respiração como uma sucessão de dois atos: inspiração, expiração... inspire, expire. "Eu expirei" significa que expulsei o ar ou, em sentido definitivo, que estou sem respiração e conseqüentemente morto. "Eu inspirei" significa que puxei o ar para dentro; se levemente alterado para "eu estou inspirado", poderia significar que estou cheio de vivificantes inspirações artísticas ou em, um contexto religioso, tomado do Espírito Santo. Os escritores da Bíblia afirmam ter sido inspirados, ou respirados para dentro.

Já mencionei a tendência das línguas — entre elas o grego, o hebraico, o alemão, o latim, o inglês e o português — em recorrer a palavras como "fôlego" e "vento" para expressar a forma misteriosa de contato entre Deus e o homem. Sendo assim, a palavra hebraica ou grega para espírito na Bíblia, mesmo quando em referência ao Espírito de Deus, é exatamente a mesma palavra usada para respiração biológica ou ainda para as rajadas de vento de uma tempestade.

Os linguistas adoram especular sobre sentidos duplos, tentando adivinhar por que os antigos usaram *tal* palavra para expressar *esse* conceito. A relação entre respiração e espírito é óbvia. Jesus se refere a uma semelhança em sua conversa com Nicodemos: "O vento sopra onde quer. Você o escuta, mas não pode dizer de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todos os nascidos do Espírito" (Jo 3.8). Uma força invisível que vem de longe, vento ou Espírito, tem manifestações visíveis. Uma pessoa de fé sentada ao lado de uma pessoa moribunda provavelmente observará outra relação. Quando uma pessoa à morte dá o último suspiro e *expira*, a vida se vai. Embora o corpo permaneça intacto, respiração e espírito partem de mãos dadas.

Livros inteiros foram escritos para tratar dessas relações abstratas, mas limitarei minha explanação a um aspecto da respiração com o qual lido diariamente. Permanecerei próximo do aspecto biológico da respiração, que me impressionou quando fiquei suspenso naquela árvore aos seis anos de idade e novamente mais tarde, como médico, ao observar o último suspiro de meus pacientes. Para mim, a respiração representa o combustível que sustenta a matéria viva. Qualquer interrupção do suprimento de combustível significa a morte imediata (os venenos mais rápidos, como o curare e o cianeto, atuam na interrupção do transporte e do uso do oxigênio).

A vida depende da habilidade dos organismos de se relacionar com o ambiente. Sobre a mesa diante de mim existe um pote de castanhas: nozes, castanhas de caju e castanhas-do-pará. Servem de decoração e petisco ocasional. Cada uma delas tem em si o potencial de se tornar um organismo bem maior e mais

impressionante que eu, mas nenhuma crescerá a menos que eu as coloque em um ambiente propício, com o solo e a água necessários ao estímulo da vida. As sementes do milho enlatadas em nossa cozinha não germinarão nem crescerão sem um processo similar.

Os animais dependem do oxigênio para a vida, mas cada animal necessita também de órgãos adaptados especificamente para obter esse oxigênio em um ambiente determinado, seja ele a água, seja o ar. A terra oferece uma atmosfera com a qual podemos nos relacionar, e, se nossos corpos deixarem a terra, devemos de alguma forma reproduzir essa atmosfera.

Eu me esforço nessa questão porque, de maneira semelhante, toda a nossa fé começa aqui. Insistentemente nos dizem que a vida eterna não pode consistir apenas de oxigênio, solo, água e nutrientes. Para a vida eterna precisamos entrar em contato com um novo ambiente onde somente o oxigênio não basta. Jesus afirma: "Digo-lhe a verdade: Ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito. O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do Espírito é espírito" (Jo 3.5,6). Na atmosfera alienígena da terra, a natureza espiritual de uma pessoa se assemelha a um desajeitado astronauta na lua, que deve confiar em sua ligação com outra fonte de oxigênio para a própria sobrevivência. O processo respiratório da vida espiritual falhará, a menos que estabeleçamos uma relação com um espírito como o vento, o Espírito Santo.

"Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça", disse Jesus — a minha mente vem a imagem de um corredor ansiando por ar ou um atleta em um pulmão de ferro — "pois serão satisfeitos" (Mt 5.6). Um salmista usou a imagem de uma corça ansiando por águas correntes; "a minha alma anseia por ti, ó Deus", ele disse (Sl 42.1). O Espírito Santo oferece a única solução adequada à "deficiência de oxigênio" descrita nessas expressões.

DEVO CONFESSAR QUE SINTO CERTA hesitação ao escrever até mesmo um parágrafo sobre o Espírito, que se dirá de diversos capítulos. Tenho simpatia pelo apócrifo cavalheiro japonês, citado por Dorothy Sayers, que disse: "Honorável Pai, muito bom; honorável Filho, muito bom; mas, honorável Pássaro, não compreendo de modo algum". Será que alguma doutrina de nossa fé se tornou mais confusa? A própria palavra "espírito", extraída de uma metáfora tão simples como o ar, continua nebulosa e imprecisa. Ela tende a favorecer extremismo de todos os tipos e uma tendência à mistagogia. Sendo eu uma pessoa treinada em disciplinas científicas, acho mais fácil escrever sobre o mundo físico, que posso tocar, ver e com ele interagir. E ainda assim não existe nenhuma fé cristã sem espírito. Como Deus é espírito, somente o Espírito pode comunicar a imagem de Deus na igreja e o corpo de Cristo na terra.

Ele estava lá na origem da criação, o Espírito de Deus que pairava sobre as águas quando a matéria foi criada. Ele inspirou os profetas de Deus ao longo da seca e da escassez espiritual no Antigo Testamento. Ele ungiu Jesus no início de seu ministério e foi transferido aos apóstolos quando Jesus *soprou* sobre eles (v. Jo 20.22). Jesus disse que o Espírito é essencial para o novo nascimento, exigido daqueles que desejam entrar no Reino de Deus.

Em Pentecostes, o Espírito Santo (com "um som, como de um vento muito forte") adentrou de forma dramática e transformou um minúsculo grupo que se tornaria a igreja. Esse acontecimento, acima de qualquer outro, obrigou os líderes da igreja a formular a doutrina da Trindade e a incluir o Espírito como uma pessoa distinta dentro da divindade. Eles não podiam excluí-lo: as provas de sua existência pareciam tão reais e convincentes como as daquela outra pessoa que tinham visto e tocado.

Então, o Espírito Santo permite que a presença do próprio Deus dentro de cada um de nós seja uma realidade. Deus é eterno, mas o Espírito se torna para nós a aplicação da natureza de Deus no presente. Na maravilhosa frase do bispo John Taylor, ele é o Deus personificado, o Deus intermediário. Nossa comunicação com ele nos mantém vivos no ambiente espiritual.

Deus não habita um templo ou um tabernáculo, ou longe nos céus, ou mesmo um corpo físico em Nazaré, mas sim dentro de nós; sendo tão importante para nossa vida espiritual como é a respiração para nossa vida física. No Espírito temos o ponto de contato interno entre o céu e a terra, pelo qual passam ligações com o sustentador do universo.

Infelizmente, a reação da respiração no espírito não é tão instintiva e imediata como no corpo físico. Podemos perder o fôlego e ainda assim não senti-lo. A respiração pode ir sendo lentamente sufocada, despercebida a princípio, até que se manifeste um estado constante de carência de energia. Vi a correspondência física desse processo espiritual em uma paciente que tratei em Londres.

Ela me procurou — uma mulher de meia-idade, viúva e trabalhadora — queixando-se da tendência recentemente observada de deixar cair as coisas. "Minhas mãos tremem", ela disse, "e só nesta semana, duas de minhas melhores porcelanas chinesas se quebraram ao escorregar de meus dedos."

"Devo estar ficando velha", disse ela com um profundo suspiro e a voz trêmula. "Eu fico tão cansada, e agora parece que não consigo controlar as minhas mãos ou os meus nervos." De maneira enfática, eu lhe disse que com cinquenta anos ela certamente não estava velha e que eu faria o que pudesse para determinar as causas físicas de sua enfermidade. Conforme ela ia descrevendo diversos sintomas de nervosismo, comecei a suspeitar de tireotoxicose, uma enfermidade na tireóide que pode causar esses problemas.

Primeiramente verifiquei manualmente se havia algum inchaço na tireóide, mas não encontrei nada. Quando a radiografia torácica mostrou uma sombra por trás da extremidade superior de seu osso peitoral, tornei a examinar sua garganta, desta vez sondando com 08 dedos a base do pescoço enquanto ela engolia. Realmente havia uma obstrução — senti uma protuberância arredondada saltar de seu peito e tocar os meus dedos. Também parecia que a traquéia tinha se dobrado para um lado.

Outra radiografia do tórax superior mostrou que a sombra arredondada tinha comprimido a traquéia, estrangulando-a gravemente. Perguntei:

—Você não sente nenhuma dificuldade em respirar?

—Não, nenhuma — ela respondeu para minha surpresa. — Só fico cansada.

Expliquei que o problema dela poderia estar em um nódulo, que surgira em um local pouco comum de sua tireóide, causando tireotoxicose. O nódulo tinha se estendido pelo tórax e, por causa do risco de câncer, teríamos de removê-lo. Destaquei que, se não o fizéssemos, ela logo teria dificuldade para respirar.

Ajudei na cirurgia realizada por meu chefe. Estávamos preparados para serrar o osso e abrir o tórax pela parte superior, mas após uma leve incisão o nódulo apareceu. Ele era fibroso e robusto, tendo o tamanho de uma laranja. Tinha realmente dobrado a traquéia, comprimindo-a em ambos os lados. Removemos o tumor e fechamos a incisão.

Tornei a ver essa senhora quando ela retornou para avaliação algumas semanas mais tarde. Ela correu para mim e, antes que eu pudesse cumprimentá-la, quase gritou:

— Estou conseguindo respirar!

Fiquei intrigado.

—Você temia que a operação impedisse sua respiração? — perguntei.

—Não, não, você não entendeu — ela disse empolgada. — Agora consigo *respirar* pela primeira vez em vários anos. Posso subir escadas correndo! Eu me sinto como se fosse novamente adolescente. Eu posso respirar!

A história dela foi sendo revelada pouco a pouco. Aquele nódulo deve ter crescido lentamente por quinze anos ou mais, comprimindo gradualmente sua traquéia, como uma jibóia apertando a presa. A mulher havia se adaptado mesmo sem notar. Havia aprendido a parar freqüentemente, a fim de retomar o fôlego. Isso a incomodou no início, mas tendo conhecido pessoas idosas que perderam o fôlego e tinham dificuldade em subir escadas, supôs que também tivesse um coração envelhecido. Ela se limitou a andar devagar e a subir um degrau por vez. Sob seu ponto de vista, ela se tornara prematuramente velha. O tremor nas mãos confirmava essa imagem de si mesma.

Agora, no entanto, ela podia tomar grandes quantidades de ar e subir escadas correndo. Ao longo daqueles quinze anos, ela se esquecera de como era bom respirar profunda e livremente. Ela contava, entusiasmada, que todo o fôlego tinha voltado.

Desde o tratamento dessa mulher no início de minha carreira, observei reações semelhantes entre pacientes de asma que se recuperam de curtos períodos de falta de ar, ou entre fumantes que abandonaram o vício e recuperaram a respiração. Mas jamais me esquecerei da mudança quase milagrosa na postura, na expressão facial e na atitude em relação à vida daquela mulher com um nódulo retroesternal na tireóide. Via-se o mais absoluto êxtase em sua face quando ela inchava o peito e dizia em voz alta: "Eu consigo respirar!".

De vez em quando, tento saborear o prazer das boas dádivas de Deus, como a respiração, imaginando por um momento a possibilidade de perdê-la. Seguro a respiração e finjo que minha traquéia está obstruída. Sinto o pânico crescer por todo o corpo. Visualizo meus glóbulos vermelhos ficando azuis. Ouço uma batida na cabeça. Então repentinamente abro a boca e tomo uma golfada de ar. Expiro o dióxido de carbono e o vapor, então incho o peito e deixo o ar entrar. Sinto uma rápida amostra do alívio e do êxtase experimentado pela mulher com tireotoxicose.

As células de meu corpo precisam respirar oxigênio para sobreviver. Herbert Spencer enunciou o seguinte princípio científico: toda e qualquer quantidade de energia despendida por um organismo, seja da forma que for, é igual à energia capturada do exterior. O mesmo princípio é válido no mundo espiritual. O corpo de Cristo necessita da respiração; inspirar seu Espírito. Precisamos do fluxo de vida que vem de Deus, e somente seu Espírito pode nos fornecer isso. "Não apaguem o Espírito", advertiu o apóstolo (1Ts

15 Entrosamento

Não podemos seguir os movimentos de nossos olhos em um espelho. Podemos, ao virar a cabeça, observá-los nesta ou naquela posição em relação a nosso corpo, mas jamais ao se moverem de uma para outra posição, e nunca no ato de fitarmos algo além do espelho. Dessa forma, a idéia que fazemos de nós mesmos será certamente deturpada, visto que aquilo que parece aos outros nossa parte mais móbil e vivaz dá-nos a impressão de ser artificialmente fixa. O olho é o instrumento com o qual vemos tudo, e por esse motivo é a única coisa que não podemos verdadeiramente ver. O mesmo acontece com relação a nossa capacidade de reagir a um livro ou a qualquer outra coisa [...] Eis por que os livros sobre o Espírito Santo tenderem a ser curiosamente difíceis e insatisfatórios — não podemos realmente ver o movimento do Espírito, simplesmente porque ele é o poder pelo qual enxergamos.

DOROTHY SAYERS,
THE MIND OF THE MAKER
 [A MENTE DO CRIADOR]

EXISTEM POUCOS EREMITAS tanto na humanidade quanto na natureza. Nos níveis observáveis mais inferiores prevalece a cooperação, e não poderíamos nem respirar nem comer sem ela. A produção de oxigênio em que se baseia nossa vida exige a assistência de colônias de bactérias no processo de fotossíntese, e nossa nutrição conta com colônias similares que auxiliam a decompor tudo o que ingerimos.

No mundo dos insetos as espécies cooperam de tal forma, que até mesmo os observadores mais ponderados surgem com frases estranhas como "uma mente comum". Veja a descrição apresentada por Lewis Thomas de uma colônia de cupins em funcionamento:

Quando três ou quatro cupins são reunidos em um espaço, ficam vagando; mas, quando juntamos mais cupins, começam a construir. E a presença de outros cupins, em grupos fechados com um número suficiente de indivíduos, que produz o trabalho: eles coletam os grãos de fezes uns dos outros e empilham esses grãos em colunas perfeitas; quando as colunas estão com a altura correta, são unidas e transformadas nos arcos perfeitos que formam a fundação do cupinzeiro. Nenhum cupim sabe isoladamente como fazer isso, mas, assim que cupins em número suficiente se reúnem, tornam-se arquitetos perfeitos. Sentindo as distâncias entre si, apesar de serem cegos, eles constroem uma estrutura imensamente complicada com seu próprio controle de umidade e ar condicionado.

Essas estruturas dos cupinzeiros, castelos cônicos no estilo rococó, de fezes vermelhas, decoram os desertos da Índia e da África. Nessas torres, você buscaria inutilmente uma mente governante, um arquiteto com plantas que sinaliza os comandos com suas antenas e pernas dianteiras. A cooperação ocorre em um nível mais profundo e primitivo que a simples hierarquia.

Para qualquer lado que olharmos, a comunidade é a ordem do dia. Nossa terra não é o centro do universo, mas, sim, um ponto de poeira em uma ilimitada comunidade de planetas, estrelas e galáxias, todos interagindo e afetando uns aos outros. O minúsculo átomo, que um dia acreditamos ser indivisível, agora se apresenta como um universo em si próprio, com elétrons voadores, mésons, *quarks* e vislumbres de realidade que duram um ínfimo nanossegundo.

A matéria viva oferece novos níveis de imprevisibilidade. A menor unidade viva, a célula, engloba um núcleo abarrotado de cromossomos, bem como um ensopado de diversas organelas: mitocôndria, bolsas, cílios; tudo misturado em uma liberdade quase caótica. E este livro diz respeito a uma comunidade dessas células, 100 trilhões no total, que precisam cooperar para produzir um corpo humano funcional. Em resumo, cada sistema real já conhecido — o átomo, a célula, um organismo, o universo — forma uma subunidade de um sistema maior. A única forma de compreender uma delas é estudando o comportamento do grupo.

O que torna possível esse empreendimento conjunto? Como se comunicam os cupins, ou os elétrons, ou a mitocôndria? Que força misteriosa une as células de meu corpo, de modo que elas ajam como Paul Brand (com umas poucas células revoltosas)! Nenhuma indagação da ciência moderna produz uma resposta tão mista. Eminentemente cientistas (Agar, Dobjansky, Thorpe e Heisenberg) vêem uma "consciência" nas mais primitivas partículas de matéria, enquanto os biosociólogos nem mesmo concebem a liberdade no comportamento humano. Como *sir* Arthur Eddington disse há alguns anos: "Freqüentemente pensamos que, ao termos concluído o estudo de *um*, sabemos tudo sobre *dois*, porque 'dois' é 'um mais um'. Nós nos esquecemos da necessidade de fazer um estudo do 'mais'".

O estudo do Espírito Santo diz respeito a esse "mais". Como Criador, ele busca, nas palavras de Paulo, libertar "da escravidão da decadência" a criação que "geme até agora, como em dores de parto" (Rm 8.21,22). Talvez o próprio Espírito de Deus esteja em ação no nível molecular, como a força que reverte a decadência e conserva a essência da existência. A Bíblia insinua esse papel, mas apenas rapidamente. No entanto, ela comenta sobre outro "mais": o fluxo de mensagens trocadas entre Deus e as células de seu corpo. Em 2Coríntios 13.14, um dos poucos versos a mencionar as três pessoas da trindade, Paulo dá esta bênção: "A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vocês". Em um elegante resumo da essência do Deus trino e uno, ele não diz "o poder do Espírito Santo", ou "a sabedoria do Espírito Santo", ou "a pureza do Espírito Santo", mas, sim, "a comunhão", o companheirismo, a intermediação.

No meu corpo, alguns sistemas extraordinários coordenam as centenas de trilhões de células, aplicando a vontade da cabeça às múltiplas partes que se seguem. Da mesma forma, o Espírito aplica o Deus infinito a seu povo sobre a terra. Não temos comunhão com o Espírito Santo, mas ele *é* a comunhão entre nós e Deus.

Não conseguimos imaginar o invisível. Precisamos de um símbolo, algo que se comunique com nosso mundo de imagens e sensações, e o corpo humano fornece esse símbolo. A respiração só representa um aspecto do papel do Espírito Santo. Quiçá as características de um corpo coordenado e saudável, descritas nos próximos capítulos, venham a nos trazer mais detalhes do mistério de um corpo controlado pelo Espírito de Deus.

As células que formam o corpo humano partilham de uma característica ainda mais básica: um senso quase infalível de entrosamento que as vincula umas às outras. Todas as células de meu corpo sabem, pelo seu DNA, que pertencem a Paul Brand, e o corpo mantém uma constante vigilância contra os intrusos. Equipes de transplantes fazem grandes esforços para frustrar essa defesa precoce. Eles bombardeiam os locais de transplantes com raios X e drogas imunossupressoras a fim de acalmar os guardas, na esperança de entrar com um rim, coração ou enxerto de pele de outra pessoa. Eles sabem, incomodados, que assim que o corpo perceber que foi invadido as células estranhas serão expulsas.

Ocasionalmente nascem crianças sem sistema imunológico. Você vê fotos delas nos jornais: elas passam a vida em uma bolha de plástico, sem ser tocadas por outros humanos e respirando ar purificado. A NASA improvisou uma enorme roupa espacial para uma dessas crianças, que trazia atrás de si um dispositivo do tamanho de um carrinho de golfe que depurava o ar de impurezas. Faltava às infelizes células dessa criança o sentido de entrosamento. Elas aceitavam os invasores, até mesmo as bactérias e vírus que podiam matá-las. (Um problema semelhante está espalhando terror entre os adultos: a condição conhecida como AIDS, a síndrome da imunodeficiência adquirida.)

Em seu nível mais básico, a imagem do corpo de Cristo expressa esse sentido de entrosamento. Nós, os membros, assumimos seu nome e identidade, e ele nos pede o mesmo tipo de união e fidelidade que as células de meu corpo me dão. O Espírito Santo age como seu agente na realização dessa transferência de identidade. O Espírito vive naqueles, e somente naqueles, que pertencem ao corpo de Cristo — o Novo Testamento assume essa verdade de maneira inequívoca (v. Rm 8.9; At 15.8; IJo 3.24, 4.13). Ele dá a nossa vida o sinal fundamental de que pertencemos a Cristo.

Recorrendo a diversas figuras de linguagem, Paulo analisa como o Espírito aplica o próprio Deus à vida de cada fiel. Ele diz, em Romanos 8.15,16, que é o Espírito que nos dá a sensação de sermos filhos, de modo que já não nos chegamos a Deus como servos acudados, mas livremente, como seus filhos, "por meio do qual [o Espírito] clamamos: 'Aba, Pai'. O próprio Espírito testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus". O livro de Efésios usa a palavra "selo" ou "depósito" para descrever o Espírito como um pagamento inicial que Deus nos deu para garantir a redenção futura (v. 1.13; 4.30). Paulo adverte para que não subestimemos esse selo da presença de Deus, pois o poder por trás dele é o mesmo que ergueu Cristo dentre os mortos (v. 1.19,20).

Todas essas referências à ação do Espírito Santo presumem uma unidade entre os dispersos e diversos membros de seu corpo. Trata-se de uma unidade assegurada pela presença do Espírito Santo, e nenhuma

classificação artificial ou limitação doutrinária pode alterar esse fato. Conclamações pela "unidade da igreja", periodicamente difundidas, não têm nenhum significado, a menos que se iniciem com o sentimento básico de entrosamento determinado pelo Espírito de Deus. *Somos* o corpo de Cristo. Cabe a nós aceitar essa verdade ou agir de acordo com essa nova identidade.

O termo "espírito" aparece esporadicamente ao longo do Antigo Testamento, mas as cartas de Paulo dão a entender claramente que algo novo aconteceu no Pentecostes. Deus passou a estabelecer sua presença por intermédio da união dos membros de seu corpo, por seu Espírito. O bispo John Taylor notou essa mudança histórica ao contar 126 referências ao Espírito, de Gênesis a Lucas, mas 196 deste ponto em diante. "Em outras palavras, é somente nas epístolas e no evangelho de João que o Espírito aparece na plenitude que a igreja cristã sempre o conheceu [...] Em um desconcertante lampejo de discernimento, o evangelho de João diz em relação à morte e à ressurreição de Jesus: 'O Espírito ainda não tinha sido dado, pois Jesus ainda não fora glorificado', o que R. E C. Hanson sugere que seria mais bem traduzido por 'Ainda não havia o Espírito', ou poderia se dizer: 'Ainda não existia a fonte'. Para alguém que olhasse para trás do fim daquele incrível primeiro século, é exatamente assim que deve ter parecido. Jamais havia acontecido algo assim no passado, e tudo derivava de Jesus."

Assim como a encarnação dá lugar ao Pentecostes, a partida de Deus em carne abre caminho para a presença de Deus em Espírito viver em muitos corpos. Jesus disse: "È para o bem de vocês que eu vou. Se eu não for, o Conselheiro não virá para vocês" (Jo 16.7). O Espírito Santo traz consigo aquela qualidade de comunicação e intermediação que define o corpo de Cristo, da mesma maneira que o DNA define meu corpo ao imprimir-se em cada célula.

NO CORPO HUMANO, O SENTIDO DE entrosamento se estende em duas direções: todas as células se alinham com as ordens do cérebro, e cada célula reconhece um vínculo inato com todas as outras células do corpo. Logo, também no corpo de Cristo, o Espírito estabelece uma conexão não somente entre cada célula e a cabeça, mas também entre todas as células de seu corpo. Até mesmo a palavra "igreja" significa em grego "os convocados", e por sua própria escolha inicial Deus nos chama para uma comunidade. O Espírito não se aproxima de mim na solidão da minha alma, pois isso me isolaria, deixando-me em desarmonia com meu próximo. Em vez disso, ele me chama para um corpo que me une pelo amor a uma comunidade de células diversificadas. Cada célula individual tem consciência da realidade do todo.

Na sociedade humana, raramente conseguimos uma união assim. As famílias alcançam algumas vezes — é a força da lealdade que me une a meus filhos espalhados pelo mundo. Em uma situação grave, uma cidade ou mesmo toda uma nação pode se unir corajosamente em torno de uma causa comum.

Jesus orou por uma experiência de unidade ainda maior em seu corpo. Ele pediu: "Para que todos sejam um, Pai, como tu estás em mim e eu em ti. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste" (Jo 17,21). Será que vislumbramos a maravilha dessa união na igreja? Não uma unidade baseada na classe social, no interesse de um grupo, no parentesco ou na raça, mas no fato de pertencermos conjuntamente a Jesus Cristo. Já vi isso, raramente, em pequenos e distantes grupos de seu corpo. Essas poucas cenas me dão uma visão inesquecível da imagem de Deus em ação no mundo. Mencionarei somente um exemplo.

John Karmegan, um paciente de lepra em estágio avançado da doença, me procurou em Vellore, na Índia. Havia pouco que pudéssemos fazer por ele, visto que suas mãos e pés já tinham sido irremediavelmente danificados. Entretanto pudemos lhe oferecer um lugar para ficar e um emprego no New Life Center [Centro Vida Nova].

Por causa da parcial paralisia facial, John não podia sorrir normalmente. Quando ele tentava, uma distorção irregular de suas feições chamava a atenção para a paralisia. As pessoas frequentemente respondiam com um susto ou um gesto de terror, e então ele aprendeu a não sorrir. Margaret, minha mulher, tinha suturado as pálpebras parcialmente fechadas para proteger a visão. John ficava cada vez mais paranóico sobre o que as pessoas pensavam a seu respeito.

John causava terríveis problemas de convívio social, talvez em reação a sua aparência desfigurada. Ele expressava sua raiva contra o mundo assumindo o papel de encrenqueiro, e me recordo de muitas situações tensas nas quais tivemos de confrontá-lo com alguma prova de roubo ou desonestidade. Ele tratava os outros pacientes de maneira cruel e resistia a qualquer autoridade, chegando ao ponto de organizar greves de fome contra nós. Na opinião de quase todos, ele estava longe de qualquer reabilitação.

Talvez tenha sido a própria irrecuperabilidade de John que tenha atraído minha mãe para ele, pois ela frequentemente se juntava aos espécimes mais desprezíveis da humanidade. Ela se afeiçoou a John, passava o tempo com ele e por fim levou-o à fé cristã. Ele foi batizado em um tanque de cimento no terreno do

leprosário.

A conversão, no entanto, não abrandou a fúria de John contra o mundo. Ele fez alguns amigos entre os pacientes, mas toda uma vida de rejeição e maus-tratos o tinham envenenado permanentemente contra todos os que não eram pacientes. Certo dia, de uma forma quase audaciosa, ele me perguntou o que poderia acontecer se ele visitasse a igreja tâmil local, em Vellore.

Procurei os líderes da igreja, descrevi John e lhes assegurei de que, apesar de suas claras deformidades, ele tinha passado para uma fase segura da doença e não poria em risco a congregação. Eles concordaram com sua visita. "Ele pode tomar a ceia.⁷", perguntei, ciente de que a igreja usava um copo comum. Eles olharam entre si, pensaram por um momento e concordaram que ele também poderia tomar a ceia.

Pouco tempo depois levei John à igreja, que se encontrava em uma planície, um simples prédio de tijolos pintados de branco com um teto de aço ondulado. Aquele foi um momento tenso para ele. Nós, que assistimos de fora, dificilmente podemos imaginar o trauma e a paranóia que se debate no íntimo de um paciente de lepra que tenta pela primeira vez adentrar um ambiente daquela natureza. Fiquei com ele nos fundos da igreja. A face paralisada não mostrava nenhuma reação, mas um tremor traía sua agitação interna. Orei silenciosamente para que nenhum membro da igreja mostrasse sinal de rejeição.

Ao entrarmos durante o primeiro hino, um indiano sentado ao fundo se virou e nos viu. Devíamos formar uma estranha dupla: uma pessoa branca próxima a um paciente de lepra com partes de sua pele completamente contorcidas. Segurei a respiração.

E então aconteceu. O homem baixou seu hinário, abriu um sorriso amplo e deu uma palmada na cadeira perto dele, convidando John a se juntar a ele. John não poderia ter se surpreendido mais. Hesitantemente, ele foi dando pequenos passos até a fileira e tomou seu lugar. Murmurei uma oração de agradecimento.

Aquele episódio demonstrou ser o momento da virada na vida de John. Alguns anos mais tarde voltei a visitar Vellore e fui rapidamente a uma fábrica instalada para empregar pessoas deficientes. O gerente queria me mostrar uma máquina que produzia pequenos parafusos para máquinas de escrever. Enquanto caminhávamos para a barulhenta fábrica, ele gritou que iria me apresentar a seu melhor funcionário. Tratava-se de um homem que tinha acabado de ganhar um prêmio nacional concedido pela empresa para o empregado com o melhor índice de qualidade e o menor índice de descarte. Quando chegávamos a seu local de trabalho, o funcionário se virou para nos cumprimentar, e vi o rosto inconfundivelmente deformado de John Karmegan. Ele limpou a graxa das rombudas mãos e nos deu o mais horrível, amável e radiante sorriso que já vira até então. Ele tomou para minha inspeção um punhado dos pequenos parafusos de precisão que lhe tinham feito ganhar o prêmio.

Um simples gesto de aceitação pode não parecer muito, mas para John Karmegan demonstrou ser decisivo. Após ser julgado durante toda uma vida por sua imagem física, ele foi finalmente aceito com base em outra imagem. Tinha visto uma reencenação da reconciliação do próprio Cristo. Seu Espírito avisara o corpo na terra para que aceitasse um novo membro, e finalmente John sabia a quem pertencia.

16 Mediador

Se um homem carregar seu tesouro em lingotes ou em uma peça de ouro e não tiver nada cunhado em moeda corrente, o tesouro não o custeará enquanto viaja. A tubulação é um tesouro em sua natureza, mas não se trata de moeda corrente no que diz respeito a seu uso, com a exceção de que por meio dela chegamos cada vez mais perto de nosso lar, o céu. Outro homem também pode adoecer, e adoecer para a morte, e sua aflição pode estar em suas entranhas, como o ouro em uma mina, e não lhe servir para nada. Mas este sino, que me alerta sobre sua aflição, escava para fora esse ouro e o aplica a mim; considerando o perigo que os outros correm, medito sobre o meu, e dessa forma me ponho a salvo ao recorrer a meu Deus, que é nossa única segurança.

JOHN DONNE, *DEVOTIONS* [DEVOÇÕES]

TRATA-SE DE UMA ROTA bem conhecida, a Rodovia Interestadual 10, que liga New Orleans e Baton Rouge. Tinha acabado de chegar de um vôo e fui pegar meu carro no aeroporto. Eu estava mais concentrado que o normal, em razão de uma chuvarada que tinha formado um espelho d'água sobre a pista, e os faróis e sinais tendiam a pregar peças nos olhos. Sem nenhum aviso, uma pequena forma escura saiu em disparada pela estrada — provavelmente um tatu ou um gambá. Mas, antes que eu pudesse refletir sobre a situação, meu pé já havia instintivamente pressionado o pedal do freio.

Pude sentir a desagradável sensação de descontrole de uma derrapagem, conforme a traseira do carro deslizava para a direita. Minhas mãos apertaram o volante com mais firmeza. Em resposta a alguns rápidos movimentos de meus pulsos, o carro rabeou até que finalmente se endireitou. Logo que a direção voltou a ficar sob controle, respirei profundamente e reduzi a velocidade até que minha ansiedade arrefecesse.

Todo o incidente durou possivelmente três segundos. Ao chegar em casa, eu contaria a minha mulher o ocorrido: um animal cruzou uma rodovia coberta pela chuva, e consegui conter uma perigosa derrapagem bem a tempo. Esses eram os acontecimentos externos, simples e sem enfeites. Mas, no resto do caminho até minha casa, ainda aceso pela adrenalina que me percorria o corpo, refleti sobre alguns fatos internos.

Tudo havia começado no cérebro. Quando a imagem do animal alcançou meu córtex visual, um reflexo condicionado dirigiu meu pé para o pedal do freio. Depois disso, o hipotálamo ordenou que substâncias químicas provocassem com a velocidade de um relâmpago uma série de reações destinadas a me pôr em condições de lidar com o alarme.

Poucas partes de meu corpo foram deixadas de lado pela crise. Em primeiro lugar minha visão foi intensificada, e minhas pupilas se dilataram. Todos os músculos ficaram em alerta. Os hormônios do estresse afetaram todo o meu sistema circulatório. O batimento cardíaco acelerou, contraindo-se de forma mais intensa, e até mesmo os músculos vasculares das extremidades relaxaram, a fim de permitir que vasos sanguíneos se alargassem, carregando um fluxo maior de sangue. Os próprios componentes do sangue foram alterados: houve um súbito aumento do açúcar na corrente, fornecendo reservas de emergência para o trabalho dos músculos, e as substâncias coagulantes se multiplicaram, preparando-se para o eventual reparo de um ferimento. Os tubos bronquiais se alargaram para permitir uma oxigenação mais rápida do sangue.

Em meu órgão mais extenso, a pele, a contração dos vasos sanguíneos fez com que minha tez ficasse pálida ("branco como um fantasma"), mas diminuiu os riscos de uma hemorragia superficial em caso de ferimento. Uma circulação reduzida na pele também disponibilizou uma quantidade maior de sangue para a necessidade urgente dos músculos. A resistência elétrica da pele foi alterada para formar um mecanismo de proteção contra possíveis invasões bacterianas. A pele do corpo inteiro ficou arrepiada, ericando milhares de pêlos. Glândulas sudoríparas derramaram seu produto para aumentar a aderência de minhas mãos ao volante.

Nesse ínterim, as funções não-essenciais foram reduzidas. A digestão foi quase completamente interrompida — o sangue designado para lá e para a filtragem nos rins foi redirecionado para necessidades mais urgentes.

Externamente, nada de mais aconteceu. Evitei o animal, corriji a derrapagem, dirigi com o coração acelerado, pupilas dilatadas e um ligeiro tremor em meus músculos. Contudo, dentro do meu corpo, foi travada e ganha uma batalha completa, com o fim de me equipar para as clássicas alternativas de "lutar ou fugir". Um único e unificante mensageiro químico, a adrenalina, conseguiu coordenar toda uma galáxia de células selecionadas.

Nós experimentamos os efeitos da adrenalina todos os dias: quando somos assustados por um barulho alto, quando ouvimos uma notícia chocante, quando dirigimos por uma vizinhança perigosa, quando tropeçamos e quase caímos. As respostas das glândulas supra-renais ocorrem de forma tão suave e simultânea, que nós raramente, quando muito, paramos para refletir em todos os elementos envolvidos. E mesmo assim, a adrenalina é apenas um dos muitos hormônios que trabalham no corpo, reunindo uma reação cooperativa de diversas células.

O INCIDENTE NA RODOVIA OFERECE uma clara ilustração dos dois tipos de comunicação que unem o corpo. A minha primeira reação, pressionar o freio, foi oriunda de um comando direto do sistema nervoso. Há muito tempo, enquanto eu aprendia a dirigir, meu cérebro classificou a sequência de estímulos nervosos necessária para que eu erguesse o pé, deslizasse-o para a esquerda e girasse o volante com movimentos curtos e intercalados. Ao contrário de um principiante, não tive de pensar: "Onde fica o pedal do freio?". Em um momento de pressão, meu cérebro confiou em um banco de memória de reações condicionadas, e enviou ordens expressas pelos nervos. As ordens eram, por assim dizer, específicas para

os pés e para os pulsos.

No entanto, as outras complexas reações — os batimentos cardíacos, as mudanças na pele, as alterações na respiração — ocorreram graças ao sistema hormonal. O meu cérebro enviou uma ordem para que uma glândula, nesse caso a supra-renal, introduzisse um mensageiro químico na corrente sanguínea. O hormônio não entrega uma mensagem de maneira tão imediata, precisa e clara quanto o nervo, mas em poucos segundos pode alcançar cada célula do meu corpo.

Medo, alívio, uma consciência mais clara — senti todas essas sensações, e, pelos trinta quilômetros seguintes, elas me tornaram um motorista muito melhor. Todos os meus músculos, não apenas meus pés e pulsos, estavam prontos para entrar em ação. Eu via melhor e estava mais concentrado nas perigosas situações envolvidas na atividade de dirigir um automóvel.

Esses dois tipos de comunicação, os sistemas nervoso e hormonal, também têm uma analogia com o corpo espiritual. Eventualmente podemos ter um canal de comunicação direto com a cabeça, uma orientação clara para uma ação específica. Segundo a minha experiência, essas situações não ocorrem com muita frequência. Geralmente sinto o impulso de reagir, uma percepção mais aguçada ou uma pontada na consciência sobre alguma orientação de Cristo que deixei de seguir.

A literatura cristã tem dado recentemente grande atenção aos "dons do Espírito Santo". Será possível que tais dons resultassem em sistemas de comunicação alternativos dentro do corpo? Alguns são escolhidos para ser pastores, professores, profetas e administradores. Tanto pelo talento quanto pelo chamado, eles representam um tipo de sistema nervoso central, uma linha direta de comunicação a partir da cabeça. Nós, as células, contamos com eles para nos ensinar e nos guiar em nossas várias funções dentro do corpo e na interpretação delas.

Mas, além disso, o Espírito se move como uma força mediadora entre todas as células, recordando gentilmente a vontade da cabeça e dessa forma permeando e mobilizando todo o corpo.

Até recentemente, os anatomistas acreditavam que glândulas como a supra-renal e a pituitária enviavam suas instruções hormonais de maneira independente. Novas descobertas apontam para uma dependência em relação ao cérebro em praticamente todos os aspectos. As instruções sobre o crescimento e a distribuição dos recursos ou de como agir em uma situação crítica originam-se todas na cabeça, que percebe as necessidades de todo o corpo. As glândulas, as enzimas e as prostaglandinas atuam como agentes da vontade da cabeça, levando sua mensagem a cada uma das células. E o mesmo acontece no corpo espiritual:

Cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. Dele todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função (Ef 4.15,16).

ALÉM DAS MENSAGENS QUE partem da cabeça através dos nervos e dos hormônios, um terceiro sistema de comunicação opera no corpo. Para mim, trata-se do mais impressionante de todos. Ele determina as necessidades de cada uma das células e informa o resto do corpo. Na reação da minha adrenalina à derrapagem do carro, foram enviadas mensagens da minha cabeça para as células, estimulando-as rapidamente em todo o corpo. As mensagens intercelulares fazem o caminho inverso: um alarme que soa em uma célula individual passa para as células vizinhas e assim por diante, até que a mensagem finalmente acabe por alcançar o cérebro.

A medicina criou uma palavra formidável para classificar o estado que resulta desse comportamento cooperativo: homeostasia. Um generoso médico e refinado escritor, o dr. Walter Cannon, apresentou o termo em seu clássico estudo *A sabedoria do corpo*. Ele via o corpo como uma comunidade que procurava de forma consciente as condições mais favoráveis para si. Corrigindo os desequilíbrios nos líquidos e sais, mobilizando-se para curar-se e dispondo dos recursos conforme a necessidade, tudo para manter um confiável *milieu interieur* (ambiente interior), como os franceses gostam de dizer.

Mesmo os atos mais comuns envolvem complexas associações. Já mencionei os monitores que medem a ingestão de oxigênio e regulam a respiração. A carência de oxigênio também dispara mudanças no ritmo cardíaco, e a rede de células que atua como marca-passo é muito mais afinada com as necessidades do corpo do que qualquer dispositivo eletrônico inserido para substituí-la. O marca-passo natural recebe suas instruções do nervo vago, considera as necessidades de oxigênio e também observa qualquer condição especial que possa pedir um aumento dos batimentos cardíacos, como ocorre com a presença de adrenalina. (Walter Cannon descobriu por meio de uma série de experimentos que o marca-passo de um gato pode detectar a presença de adrenalina no sangue à razão de 1 parte para 1 400 000 000 de partes. Uma

quantidade assim tão insignificante poderia acelerar o coração do gato.)

Você pode ver provas vividas da homeostasia nos hospitais modernos, onde os mostradores digitais informam o pulso e as demais funções vitais de um paciente. Tenho uma paciente internada que sofre de pressão alta. Quando entro no quarto, os números vermelhos estão firmes no 82, a sua pulsação, em repouso. Ela nota minha presença e me cumprimenta; o estímulo emocional faz o pulso disparar para 91. Ela estica o braço para apertar minha mão, e o pulso passa de 100. Durante minha visita de trinta minutos, os números sobem e caem de acordo com seu humor e suas ações. Um espirro causa a resposta mais violenta de todas: um pulso de 110. Esse tipo ininterrupto de monitoramento e ajustes ocorre em todo o nosso corpo a cada momento, a fim de manter o fornecimento de oxigênio equilibrado.

Da mesma forma as células comunicam outras necessidades. Do ponto de vista do corpo, o gosto e o apetite são meras técnicas para nos obrigar a fornecer nutrição. Dentro de nossos corpos, sofisticados sensores químicos medem quais são os minerais e sais que estão faltando e, de uma maneira totalmente assombrosa, comunicam o desejo ao nosso apetite. Um cabrito montês viaja por dez quilômetros para lambar um pedaço de sal; uma mulher grávida sente estranhos desejos pelo sabor de determinados alimentos, os quais contêm especificamente as vitaminas e minerais de que ela necessita.

A implacável busca do corpo pela homeostasia nunca termina. Os frágeis rins aumentam ou diminuem o nível de fluidos liberados de acordo com as necessidades que o corpo tem de reservas. Eles podem suspender a excreção de sódio enquanto descarregam potássio abundantemente. Se a pessoa se esforçou além do normal, os rins podem interromper toda e qualquer excreção para evitar a desidratação. Por esse motivo, um maratonista pode não urinar por 24 horas após uma corrida.

Suor. Eu poderia escrever um capítulo inteiro sobre esse incrível aspecto da homeostasia. O que uma lagartixa não daria para ter sangue quente e glândulas sudoríparas! Pela manhã, esse réptil tem de se contorcer até a luz do sol e se aquecer, antes de começar a subir em árvores e pegar moscas. Se a lagartixa superaquecer, ela corre freneticamente para uma sombra. Nos seres humanos, entretanto, um eficiente sistema de refrigeração usa o suor para manter nossos corpos resfriados a uma temperatura interna constante, de modo que os sensíveis órgãos possam manter um *milieu interieur*. (As contrações musculares, ou arrepios, da mesma maneira aquecem o corpo.) Não fosse assim, mal poderíamos sobreviver em um clima em que a temperatura ultrapassasse os 26° C.

O fisiologista japonês Yas Kuno passou trinta anos estudando o suor e, em 1956, publicou o consagrado livro de 416 páginas *Human perspiration [Transpiração humana]*. Ele descobriu que os sistemas nervoso e hormonal são tão sensíveis, que uma alteração de 0,05 grau pode disparar mecanismos que aquecem ou resfriam o corpo. Os seres humanos possuem o mais sofisticado sistema de refrigeração dentre todos os mamíferos; a maioria dos animais tem febre em um dia quente. (Os animais compensam o aumento de temperatura de diversas formas. O cachorro ou o tigre ofegam, criando seu próprio ventilador interno. Um elefante encontra um refrescante poço e entra na água para um banho de mangueira.)

Há mais de cem anos, um alemão detalhista contou 2 381 248 glândulas sudoríparas em um corpo humano — ele não devia ter perdido tempo, já que o total varia de pessoa para pessoa. Não obstante, todos temos glândulas suficientes para fazer o trabalho. Um maratonista pode perder três ou quatro litros de fluidos em uma corrida de três horas, mas internamente sua temperatura quase não oscila.

TODOS ESSES PROCESSOS — O ritmo cardíaco, o controle de fluidos e a transpiração — se adaptam a cada segundo, conforme o corpo procura o melhor ambiente para suas funções vitais.⁷⁶ Mal estamos começando a compreender como as células se comunicam entre si. Dois suecos e um inglês ganharam o prêmio Nobel de medicina, em 1982, por descobrirem algumas das substâncias que controlam essas atividades homeostáticas. Eles identificaram as substâncias chamadas prosta-glandinas (assim denominadas porque primeiro se pensou, erroneamente, que se originavam na glândula da próstata), e atualmente já foram isoladas mais de uma dezena dessas substâncias. Uma diminui a pressão sanguínea, enquanto a outra a aumenta. Uma dilata os brônquios, enquanto a outra os contrai. Uma inicia uma inflamação, enquanto a outra a inibe. As prostaglandinas auxiliam em processos como a coagulação, o controle do ácido gástrico e o controle das contrações uterinas. Esses líquidos mensageiros viajam constantemente de uma célula para outra, percorrendo quase todos os tecidos do corpo, articulando células e órgãos isolados em unidades que reagem de forma coordenada.

⁷⁶ De vez em quando, é necessário algo mais violento para manter a homeostasia. Quando um invasor consegue penetrar, algo irritante ou tóxico, o corpo convoca forças impressionantes para a expulsão. Um espirro produz ventos com a força de um furacão nas passagens nasais e faz o ritmo cardíaco disparar. Tossir ou vomitar exige as forças combinadas de diversos músculos da cavidade torácica e do diafragma, a ponto de nos deixar doloridos. Quando a homeostasia é ameaçada, o corpo não vacila. Sem que cooperemos de forma consciente, seja durante um concerto de música clássica, seja em um vôo comercial, ela nos protege a todo custo.

Esse tipo de comunicação, célula a célula, encontra uma correspondência no corpo de Cristo na terra. Aqui também o Espírito atua como um Deus mediador, que une cada um dos membros do corpo entre si e a Deus. É ele que manifesta para a cabeça as necessidades do corpo, causando em cada membro uma sensação de comunidade. O Novo Testamento menciona diversas vezes o papel do Espírito Santo na comunicação e até mesmo na formulação de palavras de intercessão a Deus. Paulo diz: "O Espírito nos ajuda em nossa fraqueza, pois não sabemos como orar, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis" (Rm 8.26). Em um jogo de palavras que deve ter sido intencional, Paulo usa a palavra "gemido" em outros dois lugares no mesmo capítulo: uma vez para expressar as dores da decadente natureza criada, que geme "como em dores de parto" (v. 22) para ser restaurada, e outra vez para expressar o desejo dos cristãos por um corpo inteiramente redimido (cf. v. 23). O Espírito percebe esses gemidos inexprimíveis e primitivos de decadência, separação e incompletitude e os apresenta diante de Deus em nosso favor. "E aquele que sonda os corações conhece a intenção do Espírito, porque o Espírito intercede pelos santos de acordo com a vontade de Deus" (Rm 8.27).

Uma vez que somos o corpo, nada mais natural que Deus conte com as outras "células" no atendimento de necessidades individuais.

Uma área determinada de meu corpo físico responde rapidamente a um pedido de ajuda; no corpo de Cristo, o Espírito desenvolve a homeostasia ao chamar as partes próximas. O Espírito nos desperta para as necessidades humanas no nosso próximo e nos estimula a deslocar recursos de uma seção onde há abundância para uma seção de escassez.

Charles Williams usa a expressão "co-inerência" para descrever a forma misteriosa pela qual todos nós, células, nos reunimos no corpo. Co-inerência soa como algo etéreo, mas na realidade essas inter-relações podem ser tão rotineiras como partilhar um prato de comida, sentar-se com uma pessoa triste ou limpar um urinol. Pouco tempo após a euforia do Espírito em Pentecostes, a igreja primitiva se viu precisando de orientações em assuntos práticos como a pobreza e a distribuição de suprimentos básicos.

A palavra "outro" significa um tipo de cooperação intercelular, e não podemos deixar essa palavra de lado no Novo Testamento. Ela se mostra como uma temática implacável. A ordem que recebemos é de que "aceitemos uns aos outros" e que "sirvamos uns aos outros", "lavando os pés uns dos outros". Devemos confessar nossos pecados uns aos outros, orar uns pelos outros, perdoar uns aos outros, ensinar e admoestar uns aos outros, confortar uns aos outros e carregar o fardo uns dos outros. E logicamente Jesus nos deixou a ordem mais global de todas: "Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros". Nossa reação obediente e nossa franqueza de um para com o outro são o ponto de contato onde o Espírito opera em nós. Essa comunicação intercelular é o perfeito sinal de sua presença. Cristo está formando seu corpo no mundo, sua presença, por intermédio de um Espírito que nos reúne.

COMO CIRURGIÃO, TENHO A oportunidade diária de ver as células servindo umas às outras no que talvez seja a mais bela demonstração de trabalho pela homeostasia: a cura. No corpo humano, as células chamam pelas mais próximas quando estão feridas — as substâncias químicas do ferimento atraem células de cura —, e o corpo reage no nível local. O processo não depende de instruções da cabeça, mas tem lugar mesmo que a cabeça não seja informada. Meus pacientes de lepra provam isso: se um deles cortar o dedo, a cura começará mesmo que não haja nenhum sistema de dor para informar a cabeça. A cura parece representar uma parte da programação do DNA embutida em cada célula e ocorre em âmbito intercelular.

Em outro trabalho (no livro *As maravilhas do corpo*), descrevi a eletrizante experiência de se sentar diante de um microscópio e observar o que acontece no local de uma lesão. Os fibroblastos tecem suas delicadas teias de coagulação; os glóbulos brancos se apressam para combater a infecção; os vasos sanguíneos se regeneram de maneira mágica e a inflamação se manifesta para ajudar em todo o processo. Na minha carreira como médico, jamais me senti tão impotente e desesperado como certa vez na Índia quando tratei de um paciente desprovido dos mecanismos básicos de cura. Um jovem casal de missionários trouxe a filha recém-nascida, que havia vomitado e mostrava sinais de obstrução intestinal. Eu a operei imediatamente, removendo a seção do intestino que fora afetada e tinha gangrenado. Tratava-se de uma cirurgia de rotina, e Anne, o bebê, saiu-se bem. Os pais foram para casa gratos e satisfeitos, levando Anne depois do período pós-operatório.

Alguns dias depois, os pais retornaram com a filha. A mãe havia notado que suas roupas estavam úmidas. Ao retirar as bandagens, eu percebi o inconfundível odor do líquido intestinal e podia realmente vê-lo escorrer da ferida. Sentindo-me envergonhado, levei o bebê de volta para a sala de cirurgia e reabri a incisão. De forma um tanto peculiar, quando cortei os pontos externos, o ferimento se abriu livremente. Não se via nenhum sinal de cicatrização. Da mesma forma, dentro da cavidade abdominal, encontrei o

intestino vazando e aberto. Ele não parecia enfermo ou infeccionado, apenas poroso. Desta vez cortei as bordas e fechei o ferimento de maneira mais cuidadosa, utilizando muitos pontos curtos.

Em seguida foram necessárias várias operações. Logo ficou claro que a garotinha carecia do processo de cura que coordenava as diversas células. Seu corpo não conseguia estabelecer um processo homeostático na forma mais fundamental. Suturar seu intestino era como suturar um balão de borracha: haveria sempre vazamentos, porque nada estimulava as novas células a selar as perfurações. As suturas duravam alguns dias, até que os pontos rasgassem o tecido.

Orávamos pelo minúsculo corpo de Anne. Eu pesquisava sobre seu problema. Nós a nutríamos e fazíamos transfusões de sangue pelas veias, e até mesmo tentei envolver o corte intestinal com a membrana da dobra do peritônio, que o corpo usa para curar ferimentos acidentais. As abas de pele recusavam unir-se, os músculos se abriram e os sucos intestinais mais cedo ou mais tarde começariam a gotejar por entre os pontos.

A pequena Anne ficava lá deitada com um sorriso doce e confiante enquanto inspecionávamos os danos, e o seu rosto partia meu coração. Ela foi ficando cada vez mais magra. Não creio que ela tenha sentido muita dor; ela simplesmente murchou silenciosamente.

Quando o pequeno e enfraquecido corpo de Anne foi preparado para o enterro, chorei de tristeza e impotência. Até mesmo agora, enquanto escrevo, torno a ver o pequeno sorriso em seu rosto enrugado, com uma pontada de dor.

O corpo de Anne carecia de um mediador, o mecanismo que reage a um ferimento curando-o. Ela contava com novas células e fibroblastos em abundância — seu corpo os estava usando para crescer em todas as direções, formando tendões e tecidos. No entanto, nada os informava de que o corpo estava ferido e de que eles deviam correr ao local do ferimento. Nenhum alarme soou para alertar uma parte do corpo sobre as necessidades de outra.

Felizmente, encontramos na medicina pouquíssimos pacientes como Anne; de outro modo nossa profissão desapareceria. Médicos e enfermeiras não curam; apenas auxiliamos o corpo a se curar. Sem essa capacidade do corpo, nossos esforços seriam inúteis.

O mesmo é válido para o corpo espiritual, composto de vários membros que representam diferentes raças e níveis de *status* e rendimentos; níveis culturais e de inteligência. Quando permitimos que o Espírito de Deus se instale em nós, pairando entre as diferenças e discrepâncias dos vários ferimentos e necessidades, ele pode conduzir o processo necessário à cura e ao crescimento. Algumas vezes, as ordens vêm diretamente pelo sistema nervoso central, às vezes indiretamente pelos hormônios e às vezes por meio do simples contato intercelular. Mas sem esse Espírito, não obstante todas as nossas metodologias, instituições ou técnicas, seremos todos tão impotentes quanto a pobre Anne.

17 Escutando

*Para assegurar maior eficiência no arremesso do arpão, os
arpoadores deste mundo devem começar afastando-se da
indolência, e não do trabalho duro.*

HERMAN MELVILLE,
MOBY DICK

*Apagamos a sarça ardente e não podemos reacendê-la;
somos fósforos acesos sob toda árvore verde. Era costume os
ventos clamarem, e as colinas alçarem suas vozes em louvor?
Hoje em dia, a fala se extinguiu entre as coisas inanimadas da
terra, e as coisas vivas dizem muito pouco a muito poucos. Os
pássaros podem chilrear sua doce algaravia e os macacos
guincham; os cavalos relincham e os porcos dizem, como
recordas, oinc, oinc. Mas as pedras também rugem quando as
ondas recuam, e o trovão corta o ar em tempestades elétricas.
Chamo esses sons de silêncio. Pode ser que, sempre que houver
movimento, haja som; como quando uma baleia emerge e bate
na água — e, sempre que houver quietude, ainda haja uma voz
baixa: o falar de Deus em meio ao vento, a antiga dança e
canção da natureza; o espetáculo que dirigimos da cidade.*

METADE DA POPULAÇÃO humana é dotada do potencial para uma revolução interna de grandes proporções. E, se isso acontecer, atrairá toda a atenção do corpo por bom tempo, normalmente nove meses. Obviamente, falo da gravidez.

A cada mês, determinadas células na mulher tornam a conspirar em um ciclo de atividades que visa à preparação para a gravidez. Elas arrancam a antiga mucosa do útero, no caso de não ter havido nenhuma concepção, e a substituem para o mês seguinte. Então chega o dia em que um óvulo fertilizado adere às células receptivas de um útero com a mucosa recente, e uma nova vida começa. Tudo se transforma.

Primeiramente os fluidos locais nutrem o óvulo fertilizado, mas as células da mucosa rapidamente reconhecem que enfim encontraram aquilo para o que foram criadas. Um órgão mais do que extraordinário, que não pertence nem à mãe nem à criança, começa a se desenvolver: a placenta. As pessoas que só vêem a placenta após ela ter completado sua função, quando é expelida, descartam-na com o infame nome de "secundinas". Na verdade, trata-se de um dos mais ativos e seletivos órgãos na natureza. Ela forja o maior de todos os laços de relacionamento simbiótico.

Profundamente enraizada nos tecidos da mãe, a placenta se integra a uma rede de vasos por membranas tão tênues, que todas as substâncias químicas no sangue da mãe chegam até o filho e todos os dejetos do filho podem ser eliminados por intermédio da mãe. Todavia, não há nenhuma passagem que una os dois, nenhuma célula cruza essa membrana, e tanto a integridade da mãe como a do filho são preservadas. (Frequentemente, os tipos sanguíneos diferem, de forma que qualquer mistura de sangue poderia ser fatal.)

A placenta é um órgão cheio de mistérios. Ela se desenvolve logo após a fertilização, e, do ponto de vista imunológico da mãe, seu tecido é uma substância estranha — mas mesmo assim o corpo o acolhe por nove meses. Além disso, suas células e cada respectivo núcleo se fundem para formar o que é na realidade uma única célula, a maior célula individual na natureza.

Além de nutrir o feto, a placenta tem um importante papel no controle dos intrincados procedimentos da gravidez. Dela, assim como dos ovários e do cérebro, vêm hormônios que organizam e induzem cada fase da reação. Muito pouco distingue esses mensageiros de uma multidão de hormônios semelhantes que vagueiam pela corrente sanguínea; e somente um químico especialista pode diferenciá-los. Mesmo quando as fórmulas estão anotadas, deve-se olhar atentamente para reparar na disposição de uns poucos átomos que fazem diferença, por exemplo, entre o hormônio que forma o macho do hormônio que forma a fêmea.

Os químicos podem ter problemas para diferenciá-los, mas não as próprias células. Substâncias químicas que jamais tinham provocado nada além de reações brandas causam revoluções após a concepção. As células parecem dar ouvidos às mensagens hormonais com uma nova receptividade e prontidão. O hormônio progesterona, por exemplo, visita o útero regularmente em pequenas concentrações, irritando a mucosa e causando indiretamente as cólicas menstruais. No entanto, após se iniciar a gravidez, ele e o estrogênio fazem diversas incursões que estimulam milhões de células em locais afastados.

Dentro do útero, esses hormônios induzem as células uterinas a iniciar um sólido projeto de fortificações, aumentando a espessura das paredes desse órgão e preparando-o para a criança que logo irá abrigar e proteger. As células se amontoam umas sobre as outras, estirando-se, dividindo-se e dispondo-se em camadas. Com o tempo, as paredes do útero adquirem uma espessura cem vezes maior que seu tamanho em repouso.

O volume de sangue da mãe também aumenta da mesma maneira, atingindo 50% durante a gravidez. O excesso protege contra uma perda de maiores proporções durante o parto. O sangue também ajusta automaticamente as propriedades de coagulação, preparando-se para uma provável ruptura vascular. Dessa forma, embora o mesmo hormônio entre em contato com muitos tipos de células, cada grupo interpreta uma mensagem específica de maneira inteiramente diferente.

Esses mesmos hormônios instigam uma resposta contrária em certas juntas e ligamentos. Quando os mensageiros químicos atingem as juntas da pelve, eles influenciam os fibroblastos, os osteoblastos e os osteoclastos: os elementos construtivos da cartilagem e dos ossos. Em vez de aumentarem em força e quantidade, essas células começam a reverter seus procedimentos normais de construção, ficando mais lentas. Os fibroblastos, que dispõem as células para formar os ligamentos que juntam um osso ao outro, alongam suas fibras. Os ligamentos que sempre mantiveram o esqueleto firme, estável e forte agora despre-

zam sua herança. Os ossos da pelve precisam se abrir o suficiente para passar a cabeça do bebê. A perda de tecidos conjuntivos causa dor nas costas e um andar bamboleante, que Shakespeare chamava de "o orgulhoso andar da gravidez".

Felizmente, nem todas as células dos ligamentos seguem essas ordens. Os fibroblastos de outras juntas, embora recebam a mesma mensagem química, reconhecem que essa não lhes diz respeito. Assim, as mulheres grávidas são poupadas de problemas como uma cabeça vacilante, joelhos frouxos e cotovelos que se deslocam facilmente.

A pele também se expande para acomodar os seios e o abdome que se dilatam (um fato que entristece algumas mulheres é a ocorrência de estrias devido a essa dilatação). De modo semelhante, as células dos músculos lisos afrouxam por todo o corpo, e a mulher grávida percebe uma redução da sua regularidade digestiva e urinária. Conforme os músculos lisos relaxam e o corpo disponibiliza menos recursos para a produção de enzimas digestivas como a pepsina, podem ocorrer náuseas. Cada vez mais, o corpo da mulher reorganiza suas prioridades visando à criação de uma nova vida, e não apenas à preservação da que lhe é familiar.

E por fim, no tempo devido, o corpo da mulher se prepara para o parto. Uma complexa interação de enzimas e hormônios entre a mãe e a criança convence o corpo da mãe de que o feto está pronto. Durante meses, os músculos do útero se contraem suavemente em ondas, praticando a ação extrema para a qual ele foi projetado, mas, no caso do primeiro filho, jamais realizou.

Durante o nascimento, tudo dispara de maneira violenta. Os hormônios conduzem um frenesi de contrações e relaxamentos de tal modo radicais como o corpo nunca experimentou antes.

UMA CRIANÇA NASCE. MESMO assim, os hormônios continuam inundando o corpo, em muitos casos causando reações opostas às que ocorreram um minuto antes. O útero já não se dilata, mas se contrai. (Ele é o único órgão capacitado para se dilatar e então encolher.) Os vasos sanguíneos arrancados da placenta são vedados. A própria placenta, que coordenou de forma magistral grande parte de toda essa atividade, sai de forma humilde logo depois e é descartada sem sequer um murmúrio de agradecimento. O cordão umbilical pára de pulsar e começa a murchar. Surgem novas prioridades: cicatrização, restauração e um novo vínculo entre dois indivíduos distintos.

O drama de uma vida independente está se desenrolando. O ar invade os pulmões nunca antes utilizados, mas em perfeitas condições de funcionamento. Toda a congregação de brônquios, os músculos do diafragma e os demais componentes do sistema respiratório devem funcionar sincronizados. O oxigênio agora chega às células sanguíneas pelos pulmões, e não pela placenta.

Até mesmo o coração do recém-nascido deve passar por renovações. Antes do nascimento, apenas um terço do sangue do feto — a quantidade necessária para alimentar os tecidos pulmonares em desenvolvimento — passava pelos pulmões. Uma artéria autônoma, a *ductus arteriosus*, desviava dois terços do volume para o arco da aorta, por onde partia para o resto do corpo. Mas, a partir do nascimento, todo o sangue deve passar pelos pulmões para ser oxigenado. Para que ocorra essa mudança, dá-se algo impressionante. Reagindo a um sinal químico, uma aba desce repentinamente como uma cortina, desviando o fluxo de sangue, e um músculo estrangula a *ductus arteriosus*. Esse músculo se desenvolveu, assim como os outros músculos, mediante um complexo processo de crescimento e divisão celular no embrião. Entretanto, ele é necessário apenas para esse ato solitário. Uma vez que o canal extra tenha sido selado, o coração o lacra permanentemente, e o corpo gradualmente absorve a *ductus arteriosus*.

O feto agora já é um bebê, livre e independente, embora incapaz de sustentar a própria vida. Felizmente, o corpo da mulher já vinha se preparando exatamente para essa situação desde cerca de onze anos de idade. Garotos e garotas mais novos possuem as células da parte superior do tronco quase idênticas, inclusive mamilos semelhantes. Sob a pele, células específicas relacionadas à gordura e à produção de leite repousam em um estado inativo e primitivo. Mas na puberdade determinados hormônios presentes somente nas fêmeas começam a surgir em níveis suaves. Noventa por cento das células do corpo ignoram essas substâncias químicas; as células dos seios, dentre outras, lhe dão atenção. Eles irrompem fabulosamente e assumem a forma perfeitamente simétrica de seios maduros. Uma vez que determinado tamanho tenha sido alcançado, elas simplesmente deixam de se multiplicar. Por vários anos, elas aguardam tranquilas; as células dos seios envelhecem, morrem e são substituídas a cada ano, sem nem sequer produzir o leite para o qual foram destinadas.

Durante a gravidez, a progesterona e o estrogênio, os mesmos hormônios que afrouxam os ligamentos e solidificam as paredes do útero, causando indiretamente as náuseas, passam pelos seios. Células que viviam em descanso, na complacência de estarem na reserva, são convocadas ao serviço ativo. Outros

hormônios passaram flutuando por essas células dos seios, todos os dias do ano, sem nenhum efeito. Elas são verificadas de maneira indiferente e curiosamente suave, como alguém que dá uma olhada na correspondência do vizinho. Mas hoje a mensagem diz respeito à tranqüila célula do seio.

Seria errado chamar de caos aquilo que se segue, porque a atividade transcorre em um espírito de disciplina. Mas em nove meses toda uma fábrica deve tomar forma, edificada sobre as fundações estabelecidas na puberdade. Em primeiro lugar, cada célula convocada é reforçada por meio da reprodução. Ela se divide repetidamente até haver células suficientes para que se estruturem na forma de um tubo. Então o tubo começa a se ramificar, e esses botões e ramos se espalham pela gordura que circunda o tecido do seio.

As células adiposas que estão em torno interpretam diferentemente a mesma mensagem hormonal. Para elas, a mensagem diz: "Preparem-se para ser reduzidas. Você deve abrir mão de sua gordura e de seu espaço, para que haja lugar para os novos canais e células produtoras de leite. Libere seu conteúdo para que ele seja reciclado". De forma paradoxal, os mesmos hormônios impedem a produção de leite, até que tenha chegado o momento adequado.

Ao mesmo sinal, os vasos sanguíneos dos seios se alongam, a pele cresce para abrigar uma forma maior e os músculos peitorais se fortalecem para sustentar um novo peso. Longe dali, as células responsáveis pelo apetite e pelo sabor respondem à mesma mensagem, criando desejos estranhos e desconhecidos, bem como algumas repulsas que o corpo pode não entender, mas que fará bem em obedecer.

Após vários meses, novos hormônios oriundos da placenta descartada dirigem-se ao seio e circulam por entre os grupos de células que agora se reúnem no lugar previamente ocupado por um único duto de células. Esses hormônios anunciam que o momento chegou, e a nova fábrica se agita. As células alinhadas ao longo dos dutos abrem suas paredes celulares para permitir que secreções gotejem para o espaço oco formado pelos tubos. Os próprios tubos, uma voz que nunca carregaram nada no passado, podem se entupir com um material por demais denso para escoar livremente. Se isso acontecer, a mãe sentirá uma dor que a avisará da obstrução, e sua enfermeira, ou talvez sua mãe, lhe mostrará como ordenhar um pouco do leite.

Em meio a essa situação crítica, chega a nova criatura viva. O bebê não tem nenhuma experiência — afinal, ele nunca foi um bebê antes. Ele nunca tinha visto um seio e pode, na verdade, jamais ler aberto seus olhos. Mas um bebê sabe o que fazer quando em contato com o seio de uma mulher.

Um engenheiro observador, sabendo que um fluido escorre de uma área de alta pressão para uma área de baixa pressão, ficaria maravilhado com o mecanismo de sucção empregado. O bebê cria uma área de baixa pressão na faringe, fechando a boca ao redor de um local onde a pele é macia. Então ele contrai os músculos superiores da faringe sem se esquecer de fechar a glote para manter o vácuo de baixa pressão e impedir que se afogue no líquido. Um nutricionista certamente ficaria admirado com a notável sopa de vitaminas, nutrientes, anticorpos e macrófagos que compõe o leite materno. O bebê não pensa em nada disso, mas ele sabe quando e como sugar.

No belo e simbiótico fenômeno da amamentação, a mãe agora precisa do filho tanto quanto o filho precisa da mãe. Os dutos bloqueados e os tubos inundados dos seios não contam com uma alternativa cômoda para se livrar da congestão e da dor. Mas os seios são projetados para servir ao bebê. As derradeiras mensagens da placenta antes de ser expulsa, uma força de sucção e até mesmo o choro do bebê combinam-se para estimular o fluxo de leite.

TORNA-SE DIFÍCIL EVITAR PALAVRAS como "milagre", quando se fala do parto. Ainda assim, o fenômeno ocorre tão freqüentemente, que quatro bilhões de provas de sua eficiência existem neste planeta hoje em dia. Proporcionalmente, são poucos os mensageiros que conduzem o processo, e eles obtêm respostas completamente diferentes das células nos seios, pelve, útero e sangue. Atualmente, no corpo de toda mulher jovem, milhões de células estão em repouso. Elas examinam cuidadosamente as estruturas moleculares de cada substância química que passa por ali, buscando o sinal exato que as impelirá a entrar em ação.

Por mais impressionante que seja a gravidez, o verdadeiro milagre da cooperação é revelado dentro do bebê em crescimento, cujos hormônios regulam o desenvolvimento de cem trilhões de células. Que deficiência física surgiria se a rótula crescesse a uma velocidade 10% mais rápida que os tendões, ligamentos e músculos que a circundam, ou se a perna direita crescesse um pouco mais do que a esquerda? (Eventualmente, por um defeito genético, um dos dois ossos paralelos de um braço pode crescer mais rápido que seu parceiro, contorcendo o ângulo do pulso em uma posição bizarra e quase inútil.) Algumas partes do corpo dobram de tamanho, algumas triplicam e algumas se multiplicam por centenas de vezes.

Ainda assim, com poucas exceções, cada parte do corpo cresce proporcionalmente a sua estrutura de sustentação e é bem suprida com sangue em cada fase do crescimento. O corpo inteiro trabalha unido.

Gosto de imaginar-me como uma célula em um corpo assim, porque de forma análoga essa é a posição de cada cristão no corpo de Cristo. Devo admitir que às vezes me irrita ser somente uma célula. Eu preferia ser o corpo inteiro ou outro tipo de célula com um papel mais importante no corpo. Mas aos poucos aprendi a me ver como uma parte minúscula de um empreendimento maior, que só funcionará se for comandado pelo Espírito de Deus, e não por mim ou qualquer outro grupo de líderes humanos.

Neste corpo, entro em contato com vários mensageiros, semelhantes aos mensageiros químicos que percorrem meu corpo físico. Alguns deles chegam até mim utilizando-se de agentes humanos: líderes espirituais, meus familiares, a comunidade de fé em torno de mim. Alguns vêm diretamente por intermédio da palavra de Deus na Bíblia. Outros ainda, embora sejam poucos, vêm pelo contato direto que cada célula tem com a cabeça. As mensagens chegam em código, e devo examiná-las para definir como influem sobre mim. Elas podem parecer confusas ou até mesmo contraditórias a princípio. Então penso: "Qual é meu papel neste corpo? Como posso discernir o momento de agir? Esta mensagem específica é para mim ou para alguém mais?". No corpo de Cristo, o Espírito Santo realiza a função do motivador. Ele deve coordenar todos os seus membros para assegurar que a obra de Deus siga de acordo com sua vontade. Um membro mais sensível do corpo ouvirá muitos e comoventes chamados para entrar em ação. Alguns descreverão as desesperadas necessidades físicas e espirituais de povos em outras terras. Alguns atentarão para seu vizinho. Alguns enfatizarão uma vida contemplativa, ou se dedicarão a reformar o sistema de justiça, ou atentarão para a necessidade de uma ética pessoal elevada. Todos esses chamados são dignos de mérito, estão fundamentados na Bíblia e se aplicam de certa maneira a cada um de nós. Mas o Espírito Santo instruirá nossas reações *específicas*, e é a ele que devemos ouvir.

Minha reação incluiu passar meu tempo em outra cultura, a Índia, onde as necessidades físicas eram imensas. Todo cristão sensível deveria sentir-se movido pelas necessidades espirituais e humanas nesses países. Devíamos todos reagir, mas a forma de nossa reação varia. Orando, escrevendo para missionários, formando *lobbies* em prol de auxílio humanitário, executando missões de curto prazo, apoiando a obra cristã financeiramente — todas essas são reações apropriadas, tão diversas como as reações das células de meu corpo a um hormônio, mas igualmente válidas se o Espírito tiver dado instruções claras.

Um único mensageiro químico instrui as células do útero a se contraírem, mas também instrui as células cervicais a relaxar durante o parto. Da mesma forma, até mesmo as mensagens bíblicas podem de início parecer contraditórias. Se você ler o livro de Gálatas e 1 Coríntios consecutivamente, poderá se perguntar se o mesmo autor podia ter escrito os dois. Mas Paulo sabiamente compreendia que as partes do corpo precisavam de mensagens diferentes em momentos diferentes. Os galatas, legalistas, precisavam da brisa fresca e refrescante da aceitação pela graça de Deus, enquanto os corruptos e pagãos coríntios precisavam de um empurrão em direção à obediência e à justiça.

Aprendi que o primeiro e talvez mais importante requisito de uma célula leal é aprender a ouvir o código. Devo escutar, esmiuçar a mensagem e entrar em sintonia. O Espírito empregará diversos métodos para falar comigo e me ensinar o caminho a tomar, mas somente se eu escutar sua voz.

NÃO CONSIGO IMAGINAR UMA tarefa mais difícil do que escutar a voz de Deus. Queremos partir para a ação, exercitar a/é de formas grandiosas. Independentemente de nossos motivos, se nossas ações não forem motivadas pelo Espírito, elas não ajudarão no crescimento do corpo. Assim como uma rótula crescendo desproporcionalmente pode demonstrar a própria força, tornando, porém, o resto do corpo deficiente.

Recordemos a ressurreição de Jesus Cristo. Toda a história converge para aquele evento. Na definição de Tolkien,⁷⁷ foi uma "eucatástrofe", um acontecimento de bondade inimaginável. Os discípulos e os seguidores de Jesus mal podiam se conter ao ouvir a notícia de que sua fé no Messias tinha provado estar correta, apesar do horrível fato da crucificação. Porém, mesmo diante dessa "eucatastrófica" notícia, Jesus lhes mandou ficar em Jerusalém e esperar. Eles lá ficaram por quarenta dias. Algo mais era necessário: o batismo do Espírito Santo. Ele é chamado de conselheiro e, em outra parte, de consolador. Ele é o guia, o motivador das ações *desejadas de cada célula*.

Os grandes santos e místicos nos deixaram guias para nos alinharmos à "mente de Deus", e alguns dedicaram a vida à disciplina e ao compromisso, no intuito de achar a mensagem que lhes era destinada. O bispo John Taylor fala de dois tipos de intercessores: aquele que ora em movimento, movendo-se por vários assuntos e trazendo-os à presença de Deus, e o que ora em quietude. O último se concentra profundamente

⁷⁷ John RONALD REUEL TOLKIEN, escritor inglês (1892-1973). Especialista em literatura medieval, é autor da saga de *O senhor dos anéis* (1954-1955). (N. do E.)

para escutar a palavra de Deus enviada para cada célula. Eu me lembro de Elias, desanimado dentro da caverna: a voz de Deus que ele escutou não estava no vento poderoso, nem no terremoto, nem no fogo, mas na brisa suave, na quietude, na voz baixa. Ou me lembro de Jesus, o próprio Filho de Deus. Mesmo ele confessava ser necessário entrar em contato com o Pai por meio da oração e do jejum.

Mahatma Gandhi, um dos mais ativos e famosos homens do mundo, tinha o costume de separar a segunda-feira como um "dia do silêncio". Ele dizia precisar do silêncio para descansar as cordas vocais e para trazer harmonia a sua alma em meio ao turbilhão da vida a seu redor. Tento imaginar o poder que seria liberado se todos os cristãos dedicassem um dia da semana para escutar a voz de Deus e discernir sua mensagem em código para nossas vidas. O conselheiro só pode nos liderar se escutarmos sua voz.

Eu me lembro nitidamente da pessoa que melhor me demonstrou a habilidade de ouvir a voz de Deus: minha avó. Vovó Harris já tinha oitenta anos quando a conheci, e ela viveu até os 94 anos. Jamais a vi andar sem auxílio; a saúde fraca a tinha confinado a sua cama ou à "cadeira da vovó", em seu pitoresco quarto com cortinas de laço e escura mobília vitoriana. Minha irmã e eu visitávamos aquele quarto por cerca de uma hora todos os dias. Descendente dos hugenotes, vovó nos fez ler para ela a Bíblia em francês. Dessa forma ela nos fazia praticar esse idioma, enquanto aprendíamos sobre a Bíblia e a escutávamos falar da passagem que tínhamos lido.⁷⁸

Vovó estava curvada e encarquilhada e sofria de graves dores de cabeça. Ela raramente ria e jamais compreenderia nossas piadas, mas sua paz e tranqüila alegria alcançavam de alguma forma até mesmo nós, que éramos crianças e só pensávamos em brincar. Ela nunca se sentiu mal com nossas visitas diárias a seu quarto. Ela irradiava amor.

Quando vovó não conseguia dormir, algumas vezes ficava deitada quieta por quase metade da noite, recitando capítulos do estoque pessoal de passagens decoradas e orando pelos onze filhos e pela multidão de netos. Minhas tias se revezavam para dormir em seu quarto. Frequentemente, no meio da noite, vovó repentinamente pedia papel, caneta e alguém que pudesse anotar seus pensamentos. Ela, por exemplo, diria: "Sinto que o pastor Smith, em Ipswich, precisa de ajuda neste momento. Por favor, escreva-lhe assim...". Ela então ditava uma carta e pedia que minha tia incluísse um cheque.

Depois de alguns dias, quando o correio trazia uma carta em resposta, vovó ficava radiante de alegria. Invariavelmente, a carta expressava surpresa pelo fato de vovó saber o momento e a quantia exata da necessidade. Ela ria com o mais puro sentimento de satisfação. Nós, crianças, nos maravilhávamos com a cumplicidade e intimidade entre o Espírito Santo e a vovó.

No corpo de Cristo, eu a visualizo como um nervo no sistema nervoso simpático, um sensor a quem Deus confiou a responsabilidade de sentir sua vontade a cada momento. O pastor Smith havia clamado por ajuda à cabeça. Minha avó "ouviu" o impulso transmitido pela cabeça e disponibilizou todos os recursos necessários. Vovó tinha se preparado a vida toda para esse papel. Em sua juventude tivera energia física e beleza. Durante os trabalhosos anos em que educou onze novas vidas, a despeito de ser constantemente requisitada, ela separou um tempo para conhecer a Deus. Ela impregnara a mente com a palavra de Deus, armazenando na memória livros inteiros do Novo Testamento, assim como os salmos. Mais tarde, quando o corpo envelheceu e atrofiou-se, ela se tornou um nítido canal da graça de Deus.

Hoje em dia, mais de cinquenta anos depois, grande parte de meu amor pela Bíblia advém dela. Ela não podia fazer mais do que ouvir o motivador, mas sua fidelidade ainda está produzindo frutos.

No corpo humano, uma diminuta quantidade dos hormônios adequados pode causar uma complexa revolução; a voz baixa e tranqüila de Deus, se reagirmos a ela, pode mudar uma pessoa, uma comunidade e talvez o mundo.

18 O motivador

O computador nos torna fantasticamente mais capazes de calcular e analisar, mas ele não nos ajuda a refletir. Temos os instrumentos que nos possibilitam ver desde as nebulosas até o nêutron—tudo, exceto nós mesmos. Aumentamos imensamente a capacidade de nossa visão, mas não de nosso discernimento. Para isso temos o mesmo equipamento que os

⁷⁸ Vovó não se furtava de usar motivações externas para seus netos. Ciente do que tudo que memorizássemos na infância duraria por toda a vida, quando recitávamos de cabeça um capítulo da Bíblia, ela nos recompensava com uma novinha e brilhante moeda de prata. Aquelas meias coroas e xelins eram como fortunas para nós. Até hoje, quase todos os capítulos bíblicos que tenho na memória são aqueles pelos quais a vovó Harris me recompensou.

profetas do século VIII. Potencialmente o mesmo, mas na verdade muito mais deficiente, pois, enquanto nos esforçávamos tanto para aumentar nosso autoconhecimento e nossa autopercepção, permitíamos que outros aspectos se atrofiassem. Construímos para nós mesmos poderosas estações de transmissão, mas, como aparelhos receptores, somos patéticos.

JOHN V. TAYLOR, *THE GO-BETWEEN GOD [O DEUS MEDIADOR]*

A PRIMEIRA VEZ QUE retornei à Índia como médico, em 1946, viajei de navio. Havia aprendido a navegar muitos anos antes disso, ao passar um verão como parte da tripulação de cinco pessoas de uma escuna, que navegava ao longo da costa da Grã-Bretanha e da França. Na escuna tínhamos usado navegação estimada, na qual nos baseávamos em faróis e bóias, calculando o progresso de uma para a outra. Mas no navio de passageiros, no mar aberto e ilimitado, não tínhamos nenhum ponto de referência pelo qual pudéssemos checar nossos cálculos. Como era possível que o comandante estivesse seguro quanto a nossa localização?

Os navios não tinham nenhum equipamento de radar naqueles dias. Os instrumentos utilizados — sextante, bússola e cronômetro — não eram muito diferentes dos utilizados por Colombo e Magalhães. Fui à ponte e perguntei ao capitão se poderia observar seus métodos de navegação. Ele gentilmente permitiu e me emprestou um sextante, o qual eu já sabia usar. Eu estava ansioso por comparar minhas leituras com as dos peritos.

Um sextante é formado por dois tubos que se assemelham a telescópios, unidos por uma dobradiça. Para medir a altura de uma montanha, por exemplo, você mira o topo em um tubo, enquanto alinha o segundo com o nível de mar. Quando as imagens se encontram na ocular, você lê o ângulo exato no sextante. Usando um pouco de geometria, você obtém a medida da altura. Tudo isso funciona sem grandes dificuldades em terra ou próximo dela, mas o mar aberto é outra história. Lá, você não tem nenhum ponto fixo em que se basear, somente a linha do horizonte. Você também precisa das estrelas.

Logo aprendi o mais importante segredo da navegação baseada nos astros: o momento das medições. Precisávamos de uma visão clara tanto de uma estrela como do horizonte para determinar um ângulo, e somente dois momentos do dia, o nascer e o pôr-do-sol, ofereciam essas condições. Aqueles eram certamente os momentos mais importantes na ponte do navio. Eu acordava cedo todos os dias e partia para a ponte com o sextante na mão, perguntava qual estrela devia focalizar (ela teria de estar listada em nossas tabelas astronômicas) e fixava um dos tubos do sextante sobre ela. Com um olho na estrela através do sextante, eu procurava o horizonte com o outro olho.

A princípio, as estrelas estavam brilhantes e bem definidas, e a linha do horizonte, escura e confusa. Mas, à medida que a borda do horizonte se tornava mais clara na alvorada, as estrelas iam diminuindo seu brilho, tornando-se rapidamente invisíveis. Havia apenas um instante, o qual era ansiosamente aguardado, em que o horizonte era distinguível e a estrela ainda brilhava ligeiramente. Naquele momento crucial, eu marcava em meu sextante o ângulo exato entre a estrela e a terra.

Em sua superfície, a terra gira a quase 1 600 quilômetros por hora, alterando constantemente a posição de nosso navio e nosso ângulo em relação àquela estrela. Por esse motivo, no instante em que obtinha minha leitura, eu apertava o cronômetro e anotava o momento com a precisão de uma fração de segundo. Agora eu podia marcar a posição e a direção do navio, pois somente em um lugar na Terra se podia medir aquele ângulo com aquela estrela, naquele exato momento.

Não havia uma segunda chance; se eu perdesse a mesma leitura e voltasse ao sextante, a estrela já teria desaparecido.

No pôr-do-sol se invertia a ordem de visualização. Eu ficava na ponte com a tripulação, observando o horizonte tão claro e nítido como a borda de uma régua, no aguardo do aparecimento da primeira estrela. Naquela viagem, geralmente procurávamos por Alfa,⁷⁹ Orion⁸⁰ e Betelgeuse.⁸¹ De repente alguém gritava "Lá está!", e todos girávamos nossos sextantes. Focávamos um tubo na estrela e outro no horizonte, virando o espelho que juntava as imagens e travava o sextante. Então, mais uma vez, vinha a luta com o cronômetro.

Aqueles dois períodos do dia — o amanhecer e o pôr-do-sol — delimitavam o tempo transcorrido dentro

⁷⁹ Principal estrela de uma constelação. (N. do E.)

⁸⁰ Constelação da zona equatorial. (N. do E.)

⁸¹ Estrela da constelação de Orion. Trata-se de uma supergigante vermelha. (N. do E.)

do navio. Podíamos ver o mar durante todo o dia e observar as estrelas por toda a noite, mas para navegar tínhamos de juntar o céu e a terra. Outros sofisticados equipamentos de bordo mediam nosso deslocamento à deriva, a velocidade da hélice e as forças das correntes para nos dar uma posição aproximada, e eram especialmente úteis em dias nublados. Mas eles traziam o risco de acumular os erros dos dias anteriores. Para termos exatidão, precisávamos alinhar pontos fixos na terra e nos céus.

UMA PALAVRA EM NOSSA LÍNGUA me lembra de certa forma minhas experiências com a navegação celestial. Ela tem diversas formas: orientar, orientação ou o moderno esporte de mesmo nome — "orientação".⁸² Seu objetivo básico é encontrar o leste (o Oriente), e essa conotação na verdade provém de uma antiga prática religiosa.

Tanto na fé judaica como entre os cristãos primitivos, as igrejas e sinagogas tinham de ficar viradas para o leste, em direção a Jerusalém — que era a única "orientação" aceitável para se adorar a Deus. Essa prática originou-se de uma crença formulada por Salomão, quando ele orou na dedicação do templo, pedindo que Deus ouvisse todo o pedido de ajuda feito em direção ao templo em Jerusalém. Posteriormente, o sincretismo com os adoradores do sol promoveu o estabelecimento da prática de se virar para o leste. Jesus desacreditou a noção de que o local fizesse alguma diferença na oração (como, p. ex., em sua conversa com a mulher samaritana, em Jo 4), mas a tradição sobreviveu e em alguns lugares ainda é praticada.

Essa prática tem um tipo de significado simbólico que me traz à mente os princípios que aprendi em navegação celestial. Ela capta a idéia de estar com os pés firmes sobre a terra, enquanto avisto a linha de uma direção espiritual. Preciso de um momento do dia para me orientar, para unir o céu e a terra. Em meio ao clamor e ao tumulto deste mundo material, devo achar um lugar de tranquilidade para escutar o silêncio, a voz baixa que guia minha vida.

O Antigo Testamento dá um extraordinário exemplo de orientação espiritual ao descrever a atuação de um executor judeu no governo mundano da Babilônia. Para Daniel, virar-se em direção a Jerusalém significou um ato de desobediência civil, punível com o encarceramento em uma cova com leões. Apesar do decreto do rei, Daniel abria totalmente a janela três vezes ao dia e se voltava para Jerusalém em suas orações. Certamente, ao fazê-lo, a realidade da Babilônia — o aroma dos temperos e produtos nos mercados, o estranho emaranhado da arquitetura urbana, a língua estrangeira e o barulhento tráfego — inundava seus órgãos sensoriais. Contudo, quando Daniel se virava para Jerusalém, sua linguagem corporal se alinhava com o Deus representado por Jerusalém. Em uma cultura estrangeira e poluída, ele dependia inteiramente do Deus Jeová.

A orientação, o alinhamento do céu com a terra, tornou-se para mim uma metáfora de minha confiança no Espírito Santo, enquanto vivo em um mundo estrangeiro e material. Já não me viro para uma cidade em minhas orações — Deus não habita em uma estrutura terrena —, mas o simbolismo da oração pouco mudou. Para sobreviver, preciso fazer um intervalo para que possa respirar no poder do Deus vivo, conscientemente dirigindo minha mente para ele.

Por vezes, eu me vejo quase subjugado pela realidade que me pressiona por todos os lados. Minha agenda está cheia de nomes de pacientes que precisam de atenção pessoal. A burocracia do hospital e do governo produz novos projetos, memorandos e relatórios de procedimentos em abundância. Sei que dentro de poucos dias farei uma viagem internacional. Tenho discursos para preparar, livros para revisar e um manuscrito para editar. Nesses momentos, sou fortemente tentado a deixar de lado o tempo que normalmente separo para estar com Deus.

Com o passar dos anos aprendi, com dificuldade, que são exatamente nesses momentos de intensa pressão dos assuntos materiais que mais preciso contar com a orientação do Espírito Santo. Pela manhã e à noite, procuro pelo momento no qual o Espírito pode unir o céu e a terra. Entrego a ele a confusão de meu dia, pedindo que veja os detalhes de minha vida à luz de sua vontade.

Espiritualmente, não posso sobreviver à atmosfera estranha da terra sem ter um contato pessoal com o Espírito Santo. Daniel tomava conta das ruas da Babilônia, mas a mente e a alma dele estavam em Jerusalém. Os astronautas caminharam na fria e ameaçadora superfície da Lua somente porque carregavam consigo os recursos de outro mundo que os mantinham vivos. Preciso exatamente desse tipo de dependência do Espírito de Deus.

SURGE UMA QUESTÃO PRÁTICA. Afinal, em que consiste essa dependência? Será que o Espírito na verdade me ajuda com as pressões e escolhas específicas que enfrento a cada dia? Como Deus, na verdade,

⁸² *Orienteering*: esporte em que se objetiva encontrar, com auxílio de mapa e bússula, um caminho para algum lugar, a pé, o mais rapidamente possível. (N. do E.)

nos guia?

Confesso que em pouquíssimas ocasiões senti a inequívoca e clara orientação do Espírito. Explico-lhe meus dilemas e derramo perante ele as minhas necessidades, mas ele não responde me dizendo o que fazer. E a própria Bíblia contém poucos conselhos sobre técnicas de orientação. (Os exemplos frequentemente citados da lã de Gideão e do chamado para a Macedônia são importantes por sua natureza excepcional; dificilmente poderiam ser encarados como um modelo prático para orientação.)

A Bíblia, no entanto, fala muito sobre manter um relacionamento de amor com Deus. Ele quer uma aceitação consciente e voluntária de sua presença, sempre que eu for tomar uma decisão. Não há nenhum atalho ou passe de mágica, mas apenas a possibilidade de buscarmos intimidade com Deus por toda a vida. Ele às vezes parece próximo e às vezes parece distante. Creio que normalmente Deus nos guia de maneira sutil: colocando idéias em nossa mente, falando por meio de uma perturbadora sensação de descontentamento, inspirando-me a escolher melhor do que de outra forma o faria, pondo a descoberto perigos e tentações veladas. O motivador realmente proporciona ajuda, mas de maneira que não sobrepuje minha liberdade.

Creio que, se alguém me pedisse que traçasse as orientações de Deus em minha vida, eu poderia fazê-lo de forma razoavelmente fácil. Olhando para trás, as circunstâncias de minha vida se encaixam de uma forma que parece proposital. E ainda assim, em determinadas ocasiões ao longo do caminho, o oposto pareceu se dar.

Durante a infância e adolescência, eu queria ser missionário. Meus pais tinham gravado em mim um sistema de valores que colocava o próprio trabalho no auxílio de pessoas na Índia como um dos mais altos objetivos que uma pessoa poderia buscar.

Parcialmente pela influência de meu pai, um construtor, eu decidira seguir carreira nesse ramo. Meu pai tinha erguido escolas, hospitais e casas, e eu sabia que tais qualificações seriam úteis na Índia. Se pudesse aprender aquele ofício, eu certamente acharia uma vaga como missionário construtor. Como já relatei, teimosamente resisti à generosa oferta de meu tio para patrocinar os estudos na faculdade de medicina e comecei a estudar alvenaria, carpintaria e princípios de engenharia. Muitos de meus amigos mais próximos achavam que tudo aquilo era perda de tempo. Eles me propunham dezenas de carreiras alternativas, mas persisti por quatro anos.

Após ter completado o período de aprendizagem, passei um ano na Faculdade de Livingstone, fazendo um curso de primeiros socorros e tratamentos básicos destinado a auxiliar missionários. Lá senti pela primeira vez um estímulo para fazer medicina (principalmente por causa da experiência no Hospital Connaught, já mencionada neste livro). Fiquei imaginando se não tinha cometido um erro não optando pela medicina. Mas, encerrado o curso, deixei esses pensamentos para trás e liguei ansiosamente para o diretor de missões de meus pais. Sentindo algum orgulho, eu lhe anunciei minha vontade de servir na Índia. Um livrete com textos bíblicos aumentara minha determinação. Eu tinha orado pedindo orientação e abrira o opúsculo em seu primeiro texto, e eis o que achei: "Eu te escolhi para o meu reino e minha glória". Tudo me parecia claro: uma segunda geração da família Brand levaria a cabo a obra de Jesse Brand, que tinha morrido a serviço do Senhor.

Mas J. B. Collin não via o assunto sob o mesmo prisma. Ele fez diversas perguntas sobre minha motivação e preparo e então, educadamente, disse: "Não". Ele não discutiu minha vocação, mas me considerou inadequado para o tipo de trabalho que a missão exigia. Ele sugeriu que eu me preparasse mais e somente então voltasse a me candidatar, caso ainda tivesse o mesmo sentimento. Eu estava arrasado. A vontade de Deus parecera tão clara para mim, e agora essa pessoa-chave estava em meu caminho.

Entrei para a medicina de uma forma aparentemente acidental. Eu tinha me matriculado em um curso na Colônia de Treinamento Missionário, uma escola bíblica que também nos preparava para os rigores da vida em lugares remotos. Aprendi a remendar botas, fazer a própria roupa e viver do que podia retirar da terra. Ainda nesse lugar, fiz um curso rápido de medicina, e aquela voz dentro de mim ia ficando cada vez mais alta. Eu me senti irremediavelmente arrastado para o campo da medicina. O sentimento era tão intenso, que me retirei de um curso missionário de dois anos e me inscrevi na faculdade de medicina.

Quando finalmente me matriculei no curso de medicina, os quatro anos na área de construção pairavam sobre mim como uma diversão dispendiosa. Apesar de ter começado tardiamente, eu me saí bem na faculdade e encerrei meu aprendizado já como médico.

Apresentei-me mais uma vez para o serviço missionário, agora treinado em duas áreas distintas: construção e medicina. Novamente fui rejeitado! Desta vez a interferência veio da Comissão Médica Central de Guerra, na Grã-Bretanha. Eles rejeitaram meu pedido para trabalhar em um hospital missionário na fronteira do Nepal e ordenaram que eu me juntasse ao serviço de controle de danos causados por bombas,

em Londres. Aguardando impacientemente que meu tempo se cumprisse durante aquele atraso forçado, estudei em busca de melhor qualificação no campo da cirurgia.

Por duas vezes meus planos virtuosos foram frustrados, uma vez por um sábio e devoto administrador de missões e depois por uma secular comissão de burocratas. Em ambas me senti abalado e confuso. Seria possível que eu tivesse interpretado mal a vontade de Deus para minha vida?

Hoje em dia, ao olhar para trás, posso ver que a mão de Deus me guiava a cada passo. Com o tempo, o dr. Bob Cochrane, da Índia, convenceu a mesma Comissão Médica Central de Guerra a me designar para uma nova faculdade de medicina, em Vellore, Índia. Foi ele quem me desafiou a aplicar os princípios da ortopedia a pacientes de lepra. Em um momento intenso (esse acontecimento é relatado em *As maravilhas do corpo*), ao apertar a mão poderosa, mas insensível de um paciente de lepra, senti um chamado comovedor e inesquecível de Deus. Desde essa época, dediquei a vida ao trabalho com leprosos.

Após décadas, agora olho profundamente agradecido o tempo gasto em construção e engenharia. Difícilmente se passa um dia sem que eu utilize aqueles mesmos princípios na tentativa de aperfeiçoar um equipamento de reabilitação, ou moldar um melhor par de sapatos, ou aplicar a engenharia mecânica a técnicas cirúrgicas, ou criar experiências envolvendo a pressão. E sou da mesma forma grato pela decisão que me compeliu em direção à cirurgia.

Sob o telhado de palha de nosso New Life Center, na Índia, venho refletindo sobre o padrão seguido por Deus em todos esses anos. Observando os pacientes trabalharem com carpintaria na oficina que implantei, sinto-me por um instante em minha carpintaria em Londres; o cheiro das lascas de madeira e os sons ritmados das ferramentas me fazem voltar no tempo. Eu me vejo entre colegas, meus companheiros de aprendizado. Mas rapidamente acordo de meus devaneios e vejo as diferenças. Estes são todos indianos, com mãos reconstruídas e ferramentas adaptadas para protegê-los. Deus tem me permitido a honra de servir a esses pacientes em diversos níveis: como um médico, no tratamento de sua doença; como um cirurgião, ao refazer suas mãos; e como um supervisor de carpintaria, quando os auxilio a moldar uma vida nova para si.

Somente o fato de ter sido orientado a seguir um curso em ziguezague me permite interagir com eles de todas essas formas. Em qualquer momento — se eu tivesse ido mais cedo para a Índia ou tivesse evitado aqueles anos no ofício de construção —, eu poderia facilmente ter me desviado do rumo e, dessa forma, teria sido menos útil. Em retrospectiva, tenho a sensação maravilhosa de que Deus planejou e coordenou os detalhes de minha vida.

NO VERÃO EM QUE NAVEGUEI PELAS costas da Grã-Bretanha e da França, fui o responsável pela condução do barco até o traiçoeiro porto de St. Maio, famoso por ter sido uma enseada de piratas durante séculos. Rochas dentadas escondidas logo abaixo da superfície tornavam o porto inavegável, com exceção de uma rota bastante estreita. Para seguir essa rota e chegar ao porto, eu tinha de contar com dois grupos de luzes de orientação. Eu tinha de estabelecer nosso curso pelo alinhamento do primeiro par de luzes, navegando para sudeste até que as duas outras luzes se alinhassem. Então eu fazia uma curva fechada para estibordo e mantinha o segundo par de luzes alinhado. Nosso barco dificilmente rumaria de forma direta para o porto; tinha de ziguezaguear de acordo com um padrão estabelecido para que obstáculos invisíveis fossem evitados. Eu me concentrava somente nas luzes à minha frente, confiando naquele que conhecia o porto bem o bastante para traçar aquela rota.

Da mesma forma, Deus não nos pede que compreendamos as razões para cada mudança de curso ou para que olhemos frustrados para cada obstáculo aparente. Em vez disso, ele quer que aceitemos as circunstâncias que ele mesmo permite em nossas vidas, e que nossa reação seja de confiança e obediência, mesmo quando essas circunstâncias parecerem confusas e contraditórias. Os acontecimentos fora de meu controle, como a guerra e a burocracia que fechavam as portas diante de mim, serviram para me guiar quando impediam minha passagem. Isso, por sua vez, me fez buscar o auxílio do Espírito Santo para enfrentar novas situações que exigiam nova avaliação e novas estratégias.

Alcanço um grande conforto na promessa encontrada em Romanos 8: "Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito" (v. 28). Deus não promete que só acontecerão coisas boas; nem o versículo diz que tudo o que acontece é enviado por Deus. Busco a sabedoria de Deus principalmente para me guiar, para atravessar ou contornar as circunstâncias que surgirem, indo sempre em direção ao cumprimento de sua vontade. E estou certo de que o resultado de todas as coisas irá mostrar um bom propósito. A obediência ao Espírito em todos os

momentos assegura o cumprimento dessa promessa.

Eu sou, apesar de tudo, uma simples célula do corpo de Cristo. É a cabeça que tem o papel de orientar os outros membros e de coordenar as ações de toda a igreja. Ele apenas me pede lealdade, o compromisso de seguir as mensagens de seu Espírito independentemente da forma que virão, a fim de edificar o corpo como um todo.

19 Proteção

— *Quanta reverência pode ser prestada a um ser supremo que acha necessário incluir a cárie dentária em seu divino sistema de criação! Afinal, por que ele criou a dor neste mundo?*

— *Dor? — a mulher do tenente Shiesskopf apoderou-se da palavra vitoriosamente. — A dor é sintoma valioso.*

A dor nos avisa sobre perigos físicos.

— *E quem criou esses perigos? — protestou Yossarian.*

— *Por que ele não usou uma campainha para nos avisar, ou um de seus coros celestiais? Ou um sistema de luzes neon, azuis e vermelhas, bem no meio da testa de cada pessoa?*

— *As pessoas certamente pareceriam bobas, andando por aí com luminosos bem no meio da testa.*

— *Elas certamente parecem lindas se contorcendo em agonia, não é mesmo?*

JOSEPH HELLER

EM UMA LITOGRAFIA DE Honoré Victorin Daumier,⁸³ um distinto cavalheiro de paletó branco está sentado em um sofá vitoriano de espaldar alto — não, não sentado, mas se contorcendo. Suas pernas estão espetacularmente erguidas e as costas, curvadas, quase assumindo uma posição fetal. Ele está encurvado de dor. Quatro grupos de pequenos demônios com olhares maliciosos estão empoleirados em cada canto do sofá. Metade fazendo um cabo-de-guerra com cabos amarrados ao tronco do homem, e metade brandindo alegremente um serrote de grandes dentes que está partindo o abdome. O rosto está congelado em uma expressão de agonia. Daumier apôs um título simples: *La colique* [A cólica].

Praticamente todos os que vêem a gravura de Daumier reagem com um estremecimento, como que refletindo a angústia retratada. Todos já sentimos pelo menos uma pontada de espasmo muscular, causado por entupimento ou distensão intestinal. A dor é a marca da mortalidade. Adentramos o mundo pelos tecidos estirados e ensangüentados de uma mulher em agonia. William Blake escreveu: "Minha mãe gemeu, meu pai chorou. Para o perigoso mundo eu saltei". Nossa primeira reação é um grito de medo, pesar, ou ambos. Anos mais tarde deixamos o mundo por intermédio do sofrimento, às vezes em um último ataque de dor. Entre esses dois acontecimentos, passamos nossos dias sempre com a dor a nossa porta.

Indústrias enormes existem com o fim de afrouxar os cabos e cegar as lâminas de dor da serra. Uma procissão de modernos charlatães enche os intervalos dos programas de entrevistas, prometendo alívio por meio de um novo método de massagem nos pés ou nas orelhas, acupuntura, ou uma nova maravilha eletrônica costurada sob a pele. A dor é a sensação corrompida: a palavra usada em latim, por exemplo, com o sentido de "dor" e "sofrimento" é *poena*, equivalente ao nosso "pena" "punição", dando a entender que os demônios que manejam a serra não são imaginários.

Ironicamente, passei metade da vida entre pessoas cujos rostos trazem a mesma deformação de punição e tormento, mas pela razão oposta. Os pacientes de lepra sofrem por não sentir dor; anseiam pelos demônios que os alertariam para um perigo iminente.

Suponho que minha relação de amor e ódio com a dor tenha começado na infância. A qualquer lugar que fôssemos nas montanhas do sul da Índia, meus pais levavam alguns pares de fórceps dentais, pois sabiam que a dor de dente era uma das mais insistentes e incontroláveis. Sua reputação de arrancar dentes os precedia até mesmo nos mais remotos vilarejos das montanhas.

⁸³ Honoré DAUMIER (1808-1879), pintor, litógrafo, gravador, desenhista e escultor francês, autor da litogravura *A rua transnonain* (1834). (N. do E.)

Por centenas de vezes, interrompi minhas brincadeiras e fiquei observando, com os olhos arregalados e o coração disparado, enquanto minha mãe ou meu pai extraíam os dentes dos pacientes — sem anestesia. Eu via minha frágil mãe retorcer o fórceps pontiagudo entre a gengiva e o dente do paciente, procurando uma pegada firme para que a coroa do dente não se quebrasse ao ser puxada. Quando tratava um paciente muito grande, ela se agarrava ferozmente àquele fórceps, enquanto os solavancos do próprio paciente faziam com que o dente se soltasse. Os pacientes gritavam, sacudiam-se incontrolavelmente e cuspiam sangue. Apesar disso, mesmo depois de ver essas reações, os espectadores faziam fila para ser tratados. Qualquer coisa valia a pena para se livrar da dor de dente.

De vez em quando, nas vilas que ficavam nas planícies, víamos os impressionantes faquires, religiosos que demonstravam domínio sobre a dor. Alguns enfiavam uma pequena lâmina semelhante a um punhal através de uma bochecha e da língua, saindo pela outra bochecha, e então puxavam a lâmina sem sangrar. Outros se penduravam no ar, puxando uma corda que passava por uma argola fixa em um poste e terminava em ganchos metálicos que eram cravados em suas costas. Calmamente, sem demonstrar nenhum sinal de dor, eles se balançavam como aranhas sobre a multidão admirada. Outros ainda se enfeitavam de forma gritante, com diversas laranjas presas por grandes alfinetes de segurança espetados na pele. Eles riam e dançavam alegremente pelas ruas de palafitas, sacudindo as laranjas no ritmo da música.

Mais tarde, quando eu estudava medicina na Inglaterra, tive o raro privilégio de trabalhar como médico da família de *sir* Thomas Lewis, um dos maiores pioneiros na pesquisa sobre a dor. Eu me lembro bem daqueles dias, pois *sir* Thomas conquistou grande parte de seu conhecimento da dor usando seus alunos como cobaias. Uma perspectiva inesquecível da dor é adquirida ao registrar as sensações enquanto se é amarrado com um torniquete, beliscado ou picado. Lewis reuniu suas descobertas em um livro *Pain* [Dor], que se tornou um clássico, tanto pela sua bela linguagem quanto pela pesquisa médica.

Então, ao retornar à Índia, deparei com o mais amplo espectro da miséria humana: inúmeras vítimas da poliomielite, osteomielite, tuberculose articular, tuberculose vertebral, paraplegia e outras doenças impeditivas. Todas vinham para nosso hospital na Faculdade Cristã de Medicina, em Vellore.

Inexplicavelmente, eu me vi atraído por aqueles que nunca vieram, as pessoas deploravelmente deformadas que pediam esmolas na entrada dos templos, das estações de trens e da maioria dos prédios públicos. Eles tinham mãos deformadas com a ausência de alguns dedos, pés ulcerados, polegares paralisados e todo tipo de defeitos ortopédicos concebíveis. Ainda assim, nenhum ortopedista jamais os tratara, ou mesmo os 15 milhões como eles, companheiros de sofrimento por todo o mundo. Pelo fato de terem lepra, poucos hospitais os admitiriam.

Finalmente, sem dúvida, eu me decidi a passar a vida entre pacientes com lepra e me concentrar em seus problemas ortopédicos. Tenho estudado a dor desde aí, porque a lepra destrói os nervos da dor, deixando o corpo devastadoramente vulnerável a ferimentos. Então lembro-me daquelas criaturas estalando seus cabos como chicotes, na litografia de Daumier, elas são realmente demônios? Sem o tormento, será que o cavaleiro se preocuparia com sua cólica? Toda uma vida entre pessoas em sofrimento deixou essas perguntas em minha mente.

UMA CARREIRA DEDICADA A qualquer sensação irá inevitavelmente distorcer a perspectiva dessa pessoa, fazendo com que o especialista considere que sua sensação é a mais rica e fantástica. Assim, um *gourmet* pagará milhares de dólares para visitar a França com o único propósito de esfregar a comida em suas papilas gustativas, e um enófilo trocará meses de salário por uma garrafa de Bordeaux de excelente qualidade. As nuances de paladar e aroma passaram a ter uma grande importância. Ao longo dos anos, paradoxalmente, desenvolvi uma admiração pelo sistema da dor que beira esse mesmo fanatismo. Devo admitir que não procuro experiências pessoais com a dor, mas meus estudos de suas características têm me causado um grande sentimento de respeito e admiração.

A mecânica da dor se parece com a de outras sensações: assim como o sabor, a visão ou o som, a dor é detectada por uma terminação nervosa formada por células receptoras, traduzida em informações químicas e elétricas que são enviadas para o cérebro, onde recebem significado ou interpretação. Uma parte de meu cérebro recebe impulsos que ele reconhece como a máquina de escrever de meu escritório, enquanto outra área me alerta que o telefone está tocando. Da mesma forma, os neurônios que estão constantemente em fogo me lembram de que minhas costas estão tão tensas que precisam de atenção.

A dor, contudo, é de tal forma eficiente que sua mensagem pode preocupar o cérebro a ponto de abafar todos os outros agradáveis sinais. Ela viaja por um canal de comunicação direto, insistindo em ter prioridade. Além disso, seu impacto pode se espalhar a partir do cérebro e acabar por envolver todo o corpo. No campo muscular, meu corpo reage a minha dor nas costas se contraindo ou ficando tenso. Se não for controlada,

essa reação pode iniciar um ciclo vicioso no qual a tensão causará ainda mais dor ao comprimir o nervo.

Minha corrente sanguínea se altera: a pressão sanguínea reage à dor da mesma forma que reage à ansiedade e ao medo. Posso ficar pálido ou ruborizar ou até mesmo, no caso de um colapso vascular, desmaiar.

A dor pode indispor minha digestão, causando um espasmo nos intestinos e até mesmo náuseas e vômitos. Meu sistema endócrino reage à dor secretando substâncias químicas como a adrenalina. E por fim a dor pode vir a dominar-me psicologicamente. Posso reclamar com meus colegas e família. Talvez cancele viagens ao exterior para dar um maior descanso às minhas costas. Mas isso também trará complicações: sentimento de culpa por decepcionar as pessoas e depressão por não ser capaz de trabalhar.

Surpreendentemente, a sensação de dor, que provoca uma reação tão forte por todo o meu corpo e mente, logo cai no esquecimento. Pense em sua pior experiência com a dor e tente se lembrar da sensação. Você não consegue. Você pode evocar as mais exatas memórias visuais, como um rosto ou um lar da infância, ou um som, como alguns compassos de uma música, ou mesmo a lembrança de um gosto ou um aroma suficientemente saboroso a ponto de provocar salivação. Mas a sensação tirânica da dor, de algum modo, se esvaiu. Você esquecem.

Dominante, subjetiva e efêmera — a dor apresenta um objeto de estudo tão ilusório quanto o *quark*. O que é a dor? Quando ela realmente está lá — e onde? As respostas devem ser alcançadas primeiramente por um estudo de cada neurônio que inicialmente desencadeia a dor. Meu antigo professor em Londres (juntamente com Bishop, nos Estados Unidos, e Von Frey antes deles) trabalhosamente mapeou as sutilezas e complexidades do sistema nervoso reservadas à dor. Tendo estudado com *sir* Thomas Lewis, conheço muito bem os verdadeiros heróis que se sacrificaram para produzir nosso conhecimento: estudantes de medicina cujas carreiras dependiam de sua cooperação voluntária em uma série de testes que amedrontariam até o marquês de Sade. Muitos professores insistiam em se sujeitar aos mesmos testes, pois de outra forma seria difícil interpretar os relatos de seus estudantes.

Aqueles que se sujeitavam a essas pesquisas permitiam que aparelhos de pressão arterial fossem inflados ao redor de um ralador de metal que pressionava o braço, resistiam a gotas de cera quente e, obedientemente, realizavam exercícios isométricos enquanto um torniquete interrompia a circulação do sangue. Os testes de pressão de Von Frey, com pêlos de javali e alfinetes afiados, logo deram lugar a uma nova geração de equipamentos de laboratório: osciladores supersônicos de ondas de som de alta frequência, luzes ultravioleta, fios de cobre ultra-resfriados, dispositivos de calor por radiação, varas de metal lançadas de grandes alturas sobre a pele, lâmpadas de 1000 W intensificadas por espelhos. A eletricidade ofereceu recursos criativos para a criação de máquinas de tortura, incluindo dispositivos que produziam faíscas repetidamente e um maligno equipamento gerador de descargas nas obturações de um dente.

A sofisticada geração de cobaias experimentais de hoje tem potássio espargido sobre bolhas abertas, balões inseridos em seus estômagos, substâncias químicas irritantes aplicadas a sua mucosa nasal e misturas corrosivas como ácido hidrocloreídrico diluído e urtiga esfregadas sobre a pele. Elas enfiam as mãos em água extremamente gelada e depois na água quente; elas têm as bochechas e mãos perfuradas no mesmo instante, para determinar qual dor "sufoca" a outra. Elas ouvem sinos soando e histórias sendo contadas em voz alta, devendo repetir seqüências de números de trás para a frente e de frente para trás; tudo isso enquanto são fustigadas por uma das máquinas de tortura.

Tais métodos exaustivos rendem algumas aferições básicas. Em que ponto ela começa a causar dano (limiar da dor)? É possível crescer acostumado ao calor ou à pressão (adaptação à dor)? Onde dói (distribuição da dor)? A partir de que ponto não se pode mais resistir à dor (tolerância à dor)? As cobaias também devem descrever cada dor verbalmente e tentar diferenciar os níveis de dor "(foram relatados pelo menos 21 níveis).

Os estudantes saem com lesões leves, bolhas e picadas de agulhas, e com um diploma que os dispensa de tornar a servir de cobaia. Os professores saem com gráficos que mapeiam a sensibilidade em cada centímetro quadrado do corpo humano. Essas experiências foram constantes durante cem anos por uma única razão: o sistema nervoso é incrivelmente complexo. Cada pequeno pedaço do corpo possui uma percepção distinta da dor.

Não preciso reproduzir os gráficos aqui; todo o mundo conhece, ainda que inconscientemente, os princípios de distribuição da dor. Um único grão de poeira (ou pior, um cílio) entra no olho, e você reage imediatamente: seus olhos lacrimejam, você os aperta e mexe a pálpebra para tirar a poeira. Uma partícula de poeira como essa pode imobilizar até mesmo o atleta mais bem condicionado, assim como um arremessador de beisebol: a dor é tão grande que ele não consegue continuar arremessando até que a partícula seja removida. No entanto, a mesma partícula no braço do arremessador passa completamente

despercebida. Sem dúvida alguma, milhares de partículas de sujeira se acumularão sobre o braço ao longo do jogo. Por que existe tal disparidade de sensibilidades?

O olho possui algumas rígidas condições estruturais. Ao contrário de seu delicado vizinho, o ouvido, sua superfície deve ser exposta a ondas de luz em linha reta. Um olho deve ser transparente por razões óbvias, o que limita imensamente o fornecimento de sangue (vasos sanguíneos tornariam o olho opaco, bloqueando a visão). Qualquer invasão causa um sério perigo, visto que o olho, privado do sangue, não pode ser facilmente restaurado. Portanto, um bem projetado sistema de dor torna o olho extremamente sensível à menor dor ou pressão.

Cada parte de nosso corpo possui uma sensibilidade própria tanto à dor quanto à pressão, dependendo de sua função. O rosto, especialmente nas áreas dos lábios e do nariz, é acentuadamente sensível a ambos. Os pés, sujeitos às pisadas de cada dia, são mais bem protegidos por uma pele mais grossa e piedosamente insensíveis. O abdome é moderadamente sensível, e as costas ainda menos. As pontas dos dedos são um caso especial: o uso constante exige que sejam sensíveis à pressão e à temperatura, mas relativamente resistentes à dor. Nas junções entre o tronco e os membros, a proteção dos órgãos vitais é a maior preocupação; nessas partes, as células são quatro vezes mais sensíveis à dor do que à pressão. Um leve tapa nos pés nem é notado; na virilha, é doloroso e, no olho, causa aflição.

Conforme estudo a dor por todo o corpo humano, adquire um profundo respeito pela sabedoria do Criador. Eu poderia algumas vezes desejar que a mucosa da traquéia fosse ainda mais sensível à irritação. Dessa forma, provocando mais dor e tosses, ela faria com que a fumaça do cigarro, que destrói os pulmões, fosse intolerável. Mas será que os humanos poderiam sobreviver com uma traquéia hipersensível em uma tempestade de areia ou em meio à fumaça de nosso moderno ambiente poluído?

Voltemos novamente aos olhos. Alguns usuários de lentes de contato desejariam ter uma menor sensibilidade nos olhos, mas a sensibilidade favorece a grande maioria das pessoas e a sua necessidade de preservar a visão. Os olhos reagem ao perigo em uma fração de segundo — dor intensa, uma piscada por reflexo e uma efusão de lágrimas —; isso ocorre diversas vezes no dia, freqüentemente abaixo de nosso nível de consciência.

Cada parte do corpo reage ao perigo que a perturba, podendo assim afetar o corpo como um todo.

A DOR CONTRIBUI DIARIAMENTE para a qualidade de vida de uma pessoa normal, mesmo em atividades tão corriqueiras como uma caminhada. Um paciente de lepra com o tecido epitelial dos pés perfeitamente normal pode fazer uma caminhada diária de dez quilômetros e voltar com machucados nos pés. Uma pessoa saudável que se submeta à mesma tensão retornará sem nenhum machucado. Por quê? Um arquivo em meu escritório contém uma caixa com *slides* que ilustram a razão.

Os *slides* de pés separados por cores mostram que a maneira de uma pessoa saudável pisar muda radicalmente do primeiro ao décimo quilômetro. Se no início o dedão faz a maior parte do esforço, no final os dedos laterais e um lado do seu pé assumirão esse esforço. Mais tarde, o dedão e o calcanhar tocarão o chão ao mesmo tempo. Quando a pessoa realmente começar a aumentar o passo, começará a alternar do dedão para o calcanhar. Mas, quando ela estiver voltando, estará erguendo e baixando o pé como se fosse uma única unidade — todos esses ajustes foram feitos inconscientemente. As evidências fotográficas dessas mudanças são por demais espantosas.

A fadiga muscular não causa as alterações. Na verdade, as células nervosas nos dedos, calcanhares, arcos e ossos laterais vão informando o cérebro de forma intermitente: "Vá com calma! Preciso descansar um pouco". Você prossegue distraidamente, uma vez que seu cérebro atribui essas funções a um controle subliminar; mas cada ponto de seu corpo fala constantemente com você. Mesmo enquanto me sento e escrevo estas páginas, as terminações nervosas de meu quadril e pernas solicitam que eu constantemente altere meu peso de um lado para o outro, e obedeço por reflexo.

A dor utiliza diversas declinações para se comunicar conosco. Ela sussurra nos primeiros estágios da lesão: de forma subconsciente, sentimos um leve desconforto e nos agitamos e viramos na cama. Conforme aumenta o perigo, ela fala conosco: uma mão fica mais sensível e dolorida após um longo período varrendo folhas. E a dor grita conosco quando o perigo se torna sério: irrompem bolhas, feridas e danos no tecido, forçando-nos a mudar de atitude.

Um paciente com lepra, tendo perdido esse incessante zumbido da conversação intercelular, caminhará por dez quilômetros sem alterar o passo ou alternar o peso. A mesma pressão ataca as mesmas células com uma força implacável, e as feridas aparecem.

Um coxo demonstra graficamente e de maneira exagerada os ajustes que o corpo faz para lidar com a dor. Por causa da mentalidade de ortopedista, suponho, sempre observei indisfarçadamente as pessoas que

coxeiam. Aprendo muito com elas. O que podem ver como um defeito embaraçoso vejo como uma maravilhosa adaptação. O corpo de um coxo compensa a lesão em uma perna deslocando o peso e a pressão para a outra, que é saudável. Mas toda pessoa fisicamente comum manca de vez em quando. Porém, infelizmente, pacientes com lepra não mancaram. Suas pernas feridas jamais têm o descanso necessário para se curar.

De uma forma exagerada, essa falta de habilidade para "escutar" a dor pode causar danos permanentes, pois a diligente reação do corpo ao perigo entrará em colapso. Por exemplo, uma pessoa saudável quase sempre cai quando começa a dar um mau jeito no tornozelo, talvez ao pisar em uma pedra solta ou no meio-fio. Quando o tornozelo começa a torcer, seus ligamentos laterais sofrem uma tensão terrível. As células nervosas que detectam a tensão ordenam de forma categórica que o corpo retire imediatamente todo o peso da perna danificada. Os músculos da coxa e da panturrilha ficam momentaneamente flácidos. Mas, se a outra perna, que está saudável, estiver fora do chão, no meio de um passo, você não terá nenhum apoio e cairá no chão. (Os anatomistas dizem que um passo é um tropeção detido a tempo.) O corpo prefere cair a forçar o tornozelo a suportar um peso em uma posição retorcida. Você se levanta sentindo-se um tolo e esperando que ninguém tenha visto, mas na verdade você executou uma manobra brilhantemente coordenada, que o salvou de um tornozelo torcido ou algo pior.

Entretanto, eu me lembro de ter visto uma vítima de lepra torcer o tornozelo sem cair. O paciente pisou em uma pedra solta, torceu seu tornozelo *completamente*, de tal forma que a sola do pé ficou apontando para dentro, e seguiu em frente sem mancar. Ele nem mesmo olhou para o pé que tinha acabado de danificar irreparavelmente, ao romper o ligamento lateral! Faltava-lhe a proteção da dor. Depois disso, sem a sustentação do ligamento que tinha sido rompido, ele torceu o tornozelo repetidas vezes. E, por causa de complicações maiores, acabou por ter de amputar a perna.

20 Conexão

*Um homem pode realizar grandes feitos
e deter uma enorme quantidade de conhecimentos,
e ainda assim não ter nenhuma
compreensão de si mesmo. Mas o sofrimento faz um homem
olhar para dentro de si. Se isso acontecer, então lá, dentro de si,
está o começo de sua aprendizagem.*

SOREN KIERKEGAARD

A compaixão é a principal lei da existência humana.

FYODOR DOSTOIEVSK!

EU ADMITO! Toda uma carreira dedicada a pessoas com lepra, cujo maior problema é a falta de dor, fez com que me tornasse tendencioso a respeito do assunto. Mesmo porque a falta de sensibilidade também é uma forma de sofrimento. No caso de pacientes com lepra, isso pode levar a uma vida de intenso sofrimento.

Quando reflito sobre a dor, prefiro não pensar de forma impessoal em um hipotético sofrimento mundial; em vez disso, eu me concentro no indivíduo com um rosto e um corpo. Em tais momentos, minha mente se recorda das refinadas características de casta superior de meu amigo Sadagopan, a quem chamávamos de Sadan. Aqueles que leram *As maravilhas do corpo* o conhecem como a sofrida cobaia de minhas primeiras experiências com um sapato apropriado para pacientes com lepra.

Quando Sadan chegou a Vellore pela primeira vez, seus pés haviam encolhido pela metade do comprimento natural e seus dedos tinham encurtado e estavam paralisados. Quase dois anos de esforços incansáveis foram necessários para interrompermos o padrão de destruição de seus pés. Nesse ínterim, começamos a reconstruir suas mãos, alocando os tendões mais aproveitáveis aos dedos mais úteis e reeducando sua mente para controlar o novo conjunto de conexões. Ao todo, Sadan passou quatro anos ao meu lado na reabilitação. Ele personificava o espírito indiano gentil e afável. Juntos, nós lamentamos as falhas e festejamos os sucessos gradativos. Passei a amar Sadan como um amigo querido.

Por fim, Sadan decidiu que deveria retornar para o lar e a família em Madras, como um fim de semana de experiência. Ele tinha nos procurado com os pés e as mãos gravemente ulcerados. Agora suas mãos estavam mais flexíveis, e com um sapato especialmente projetado, similar a uma cadeira de balanço, ele podia andar sem sofrer danos. "Quero retornar para onde fui uma vez rejeitado", ele disse orgulhosamente,

referindo-se às cafeterias que o tinham mandado se afastar e aos ônibus que tinham negado a lhe prestar serviço. "Agora que já não estou tão deformado, gostaria de tentar a vida na grande cidade de Madras."

Antes que Sadan partisse, revisamos juntos todos os perigos que ele podia encontrar. Considerando o fato de que ele não tinha nenhum sistema de dor para adverti-lo, qualquer objeto quente ou afiado poderia machucá-lo. Após ter aprendido a tomar conta de si mesmo em nossa oficina e hospital, ele se sentia confiante. Então embarcou no trem para Madras.

No sábado à noite, após um grande jantar que o reuniu com sua família, Sadan foi para o seu quarto, onde não dormia havia quatro anos. Ele se deitou no chão sobre a esteira de palha e deixou-se levar pelo sono, extremamente contente e sentindo uma grande paz. Ele enfim estava em casa e tinha sido totalmente aceito mais uma vez.

Na manhã seguinte, quando Sadan acordou e se examinou como tinha sido treinado no hospital, ele ficou horrorizado. A parte de trás de seu dedo indicador estava mutilada. Ele conhecia o culpado, afinal tinha visto muitos ferimentos semelhantes em outros pacientes. Os indícios eram claros: as deladoras gotas de sangue, as marcas na poeira e, é claro, a massa dilacerada de carne e tendões que havia sido tão cuidadosamente reconstruída alguns meses antes. Um rato o tinha visitado durante a noite e roído o dedo.⁸⁴

Sadan imediatamente pensou: "O que o dr. Brand vai dizer.". He sofreu durante todo aquele dia; pensou em voltar mais cedo para Vellore, mas finalmente decidiu que devia cumprir a promessa e passar o fim de semana. Então Sadan saiu para procurar uma ratoeira que o protegesse naquela última noite em casa, mas foi em vão — as lojas estavam fechadas devido a um feriado. Em vista disso, ele chegou à conclusão de que deveria ficar acordado para impedir ferimentos adicionais.

Durante toda a noite Sadan ficou sentado com as pernas cruzadas sobre a sua esteira, costas contra a parede, estudando um livro de contabilidade à luz de uma lâmpada de querosene. Já perto das quatro horas da manhã, o assunto ficou tedioso e seus olhos pesaram a ponto de não mais conseguir evitar o sono. O livro caiu sobre os joelhos e sua mão escorregou para o lado, contra o vidro quente da lâmpada de querosene.

Quando Sadan acordou na manhã seguinte, viu imediatamente que boa parte da pele das costas da mão direita tinha se queimado. Ele sentou-se na cama tremendo, o desespero crescendo como um tumor dentro dele, e ficou olhando para as duas mãos — uma fora roída por um rato, a outra tinha derretido até o tendão. Ele tinha aprendido os perigos e dificuldades da lepra; na verdade, tinha ensinado isso aos outros. Agora, ele estava arrasado pela visão das duas mãos avariadas. Mais uma vez ele pensou: "Como poderei encarar o dr. Brand, que trabalhou tão arduamente nestas mãos?".

Naquele dia, Sadan retornou a Vellore com ambas as mãos enfaixadas. Quando me encontrou e eu comecei a desenrolar as bandagens, ele chorou. Devo confessar que chorei com ele. Ao desabafar sua angústia para mim, ele disse: "Sinto como se tivesse perdido toda a minha liberdade". E então, ele fez uma pergunta que estava em minha mente: "Como posso ser livre sem a dor?".

SADAN REPRESENTA MILHÕES DE pessoas que sofrem de lepra e de outras doenças que tiram a sensibilidade; reunidas, elas proporcionam uma lição fortemente negativa da verdadeira mensagem da dor. Vista em seu aspecto mais fundamental, a dor funciona como um sinal de que algo está errado; como um alarme de fumaça que dispara um sinal de alerta sempre que o perigo de incêndio atinge certo nível. Sadan quase perdeu as mãos porque não possuía esse sinal.

Além do aspecto da advertência, a dor oferece uma contribuição análoga que é freqüentemente negligenciada: ela unifica o corpo. Na verdade, Sadan sofreu porque o resto do corpo tinha perdido todo o contato com as mãos. Nenhuma sacudidela de dor informou o cérebro que uma coisa terrível estava acontecendo nas extremidades.

Um corpo só possui unidade pelo fato de que possui dor. Uma unha do pé infeccionada demonstra que o dedo é importante; ele é meu, ele precisa de atenção. O cabelo — é claro que importa, mas nós o vemos como decoração. Ele pode ser descolorido, modelado, engomado ou mesmo cortado sem qualquer dor. Mas o que é indispensavelmente meu é delimitado pela dor.

Nada me causa maior aflição do que ver meus pacientes no hospital de Carville "perderem contato" com as próprias mãos e pés. Quando a dor deixa de existir, eles começam a ver seus membros como acessórios colados ao corpo. Falamos metaforicamente de uma mão ou um pé "morto", quando dormimos sobre eles em uma posição inadequada. Os pacientes de lepra parecem considerar que suas mãos e pés estão realmente

⁸⁴ Para evitar essas tragédias, posteriormente tentamos estabelecer uma regra no hospital: todos os pacientes que recebessem alta deveriam levar consigo um gato para protegê-los dos ratos durante a noite.

mortos.

O ferimento mais comum em Carville, a "ferida em forma de beijo", ocorre quando um cigarro queima despercebidamente até o filtro, deixando marcas de cicatrizes iguais e alinhadas na pele entre os dois dedos. Os pacientes pensam em suas mãos como acessórios impessoais, similares a uma piteira de plástico. Um desses pacientes, que estava gradualmente destruindo suas mãos, me disse: "Sabe, minhas mãos não são realmente mãos — elas são coisas, tal qual próteses de madeira. E sempre tenho a sensação de que elas podem ser substituídas, porque não são minhas".

Eu me esforçava, como diretor de reabilitação do hospital, para lembrar os pacientes das partes do corpo de que podiam se "esquecer" em razão da ausência de dor. Passei grande parte da minha vida restaurando as lesões que ocorriam quando os pacientes baixavam sua guarda. Eu daria qualquer coisa para despertar nessas pessoas uma consciência da unidade dos seus corpos, mas superar esse sentimento de separação parece impossível sem a sensação da dor. Assim como a dor unifica o corpo, a perda dela destrói irreversivelmente essa união.

Na Índia tive um grupo de pacientes adolescentes apelidados de "os meninos travessos", pois testavam os limites da paciência dos médicos. Aqueles velhacos competiam para espantar os outros com a sua ausência de dor. Eles atravessavam o dedo ou a palma da mão com um espinho, puxando-o pelo outro lado como se fosse uma agulha de costura. Faziam malabarismos com carvões em brasa ou passavam suas mãos por uma chama. Além disso, eles freqüentemente se feriam, fazendo coisas que os outros garotos não podiam fazer sem sofrer danos, e então tratavam de esconder as feridas de nós. Quando os questionávamos sobre uma ferida nas mãos ou nos pés, eles sorriam maliciosamente e diziam: "Ah, isto deve ter aparecido por conta própria".

Com o tempo, após extenuarem todas as nossas habilidades em psicologia e terapia motivacional, a maioria dos "meninos travessos" adquiria respeito por seus corpos e aprendia a transferir sua criatividade para a tarefa de preservar suas mãos e pés. Ao longo do processo de reabilitação, eu tinha a impressão de que estava apresentando esses garotos a seus membros, forçando-os a dar as boas-vindas às partes do corpo.

Anos mais tarde, quando comecei a trabalhar com animais de laboratório, verifiquei para meu desalento que eles se sentiam ainda mais alienados das partes amortecidas em seus corpos. Se eu desnervasse ratos ou camundongos para uma experiência, teria de mantê-los bem alimentados; do contrário, na manhã seguinte eu encontraria animais com pés e pernas mais curtas. Fui informado de que um lobo ou um coiote, ao perder qualquer sensação por causa do frio ou de ferimento causado por uma armadilha, rói a perna até amputá-la e sai mancando tranqüilamente. Essa única cena me faz reconhecer o que há de pior na ausência da dor: uma pessoa ou animal que não sente dor perde toda a sensação normal de integralidade.

UMA AMEBA, UNICELULAR, automaticamente percebe qualquer ameaça como um perigo para todo o organismo, e este reage como um todo. Mas os organismos formados por mais de uma célula necessitam de algo mais. A dor fornece o vínculo fundamental que mantém um organismo multicelular informado. A cabeça deve sentir as necessidades da cauda.

Anatomicamente, o método de conexão é bastante surpreendente. No sistema circulatório as células são unidas por vasos sanguíneos compostos de milhões de células intermediárias. Mas, no sistema nervoso, uma única célula possui um alcance inacreditável de uma extremidade a outra do corpo. Um minúsculo neurônio liga os dedos do pé à coluna vertebral, ao longo de quase um metro e meio — nenhuma outra célula do corpo abrange essa extensão.

Ao passar da malha de transmissão de dor na biologia para sua analogia no corpo de Cristo, abrangendo todos os fiéis, eu fico mais uma vez impressionado com a importância desse sistema de comunicação. A dor tem um papel vital porque protege e une os membros como um todo, além de guardar as células do meu próprio corpo.

Existem grandes diferenças entre a unidade alcançável em um corpo físico de células interligadas e em um corpo composto de membros autônomos. Não há nenhum axônio real se estendendo de uma pessoa para outra na igreja. Todavia, o corpo de Cristo oferece um canal essencial por onde a dor pode ser dividida com os outros. Na biologia, cada célula deve sofrer juntamente com as outras para que os organismos multicelulares sobrevivam. Os tecidos vivos pedem ajuda quando são danificados, e todos ouvem esse pedido. E nós, no corpo de Cristo — ao amarmos nosso próximo como a nós mesmos —, somos convidados a ter uma empatia ainda maior. Paulo disse: "Quando um membro sofre, todos os outros sofrem com ele" (ICo 12.26).

Profundos vínculos emocionais ligam os seres humanos, assim como determinados dendritos ligam as células de nossos corpos, o que é evidenciado até mesmo em banalidades como eventos esportivos. Observe o rosto de uma mulher nas arquibancadas de Wimbledon, enquanto o marido disputa uma partida pelo

campeonato de tênis. Vínculos de preocupação e afeto os unem tão intensamente, que cada sucesso ou fracasso na quadra pode ser visto no rosto da mulher. Ela estremece a cada jogada perdida e sorri ao menor triunfo. O que o afeta também a atinge.

Ou visite um lar judeu em Miami, São Francisco ou Chicago durante o período de eleições em Israel. Muitos judeus sabem mais acerca da campanha a 20 mil quilômetros de distância do que em relação às eleições locais. Uma rede invisível, um plexo de conexões humanas, os liga a uma minúscula e distante nação de desconhecidos.

Ou lembre-se do efeito em uma nação quando um grande líder morre. Experimentei o efeito unificador da dor de forma mais profunda em 1963, quando fui aos Estados Unidos para pregar na capela estudantil da Universidade de Stanford. Casualmente, o culto ocorreu apenas dois dias após o assassinato do presidente John Kennedy. falei sobre a dor naquele dia, pois não se podia ver nada além da dor no rosto das centenas de estudantes apinhadas dentro daquele edifício. Eu lhes descrevi cenas por todo o mundo, onde eu sabia que grupos de pessoas estavam reunidos para orar e lamentar, compartilhando da dor de uma nação que estava de luto. Jamais senti tamanho espírito de união em um culto de adoração.

Algo similar àqueles vínculos de compaixão deveria nos conectar aos membros do corpo de Cristo por todo o mundo. Quando a África do Sul encarcera destemidos cristãos negros, quando um governo destrói sistematicamente a igreja no Camboja, quando os esquadrões da morte da América Central assassinam cristãos, quando os muçulmanos expulsam uma pessoa de sua cidade pelo crime de ter se convertido, quando meu próximo perde o emprego, enfim, uma parte de meu corpo sofre e devo sentir essa perda. Sou inteirado sobre a dor pelos sinais sutis de solidão, desespero, discriminação, sofrimento físico e autodepreciação.

"Como um homem que está aquecido pode compreender outro que sente frio?", pergunta Alexander Soljenitsyn ao tentar compreender a indiferença para com os milhões de prisioneiros nos Gulag.⁸⁵ Em resposta, ele dedicou a vida fazendo o trabalho de um "neurônio", alertando-nos para uma dor que podemos ter ignorado. Em um corpo composto por milhões de células, as que se encontram confortáveis devem conscientemente atentar para as mensagens de dor. Devemos desenvolver uma baixa tolerância à dor do próximo ao ouvir, verdadeiramente ouvir, aqueles que sofrem. A própria palavra compaixão vem do latim *cum e pati*, palavras que juntas significam "sofrer com".

Hoje, nosso mundo encolheu. E, como um corpo, vivemos cômicos de muitas células: fiéis russos perseguidos, africanos famintos, sul-africanos, e habitantes do Sudeste da Ásia e da América Central oprimidos [...] a ladainha enche os jornais. Prestamos total atenção? Ouvimos seu clamor tão inequivocamente quanto nosso cérebro ouve a queixa de um braço quebrado ou de tensão nas costas: Ou, em vez disso, abaixamos o volume, filtrando os irritantes sons do sofrimento?

E mais intimamente, nos limites de nossa congregação do Corpo de Cristo — como reagimos? Tragicamente, os divorciados, os alcoólatras, os introvertidos, os rebeldes e os desempregados freqüentemente relatam que a igreja é a última organização que demonstra compaixão. Como uma pessoa que toma aspirina ao primeiro sinal de dor de cabeça, queremos silenciá-los, "curá-los" sem tratar das causas.

Alguém certa vez perguntou à mãe de John Wesley: "Qual de suas 11 crianças você mais ama?". Sua resposta foi tão sábia quanto a pergunta fora ridícula: "Eu amo o que está doente até que ele esteja bem e o que está ausente até que volte para casa". Creio que essa é a atitude de Deus para com nosso planeta sofredor. Ele sente a dor daqueles que sofrem. E nós?

Deus nos deu este rápido resumo da vida do rei Josias: "Ele defendeu a causa do pobre e do necessitado, e, assim, tudo corria bem". E então este intrigante remate: "Não é isso que significa conhecer-me?" (Jr 22.16).

Ouçõ muitos clamores pela unidade na igreja hoje em dia; um mundo observador vê a divisão como nossa grande falha. Ouvem-se exortações para que haja uma unificação entre as denominações, ou para que muitas denominações se unam em uma campanha de escala nacional ou mundial. A partir de minha experiência com o sistema nervoso do corpo humano, eu proporia outro tipo de união, uma que se baseasse na dor.

Posso interpretar a saúde de um corpo físico observando como ele "ouve" a dor — afinal, a maioria dos equipamentos para diagnóstico que usamos (para febre, pulso, contagem de glóbulos vermelhos) mede a

⁸⁵ Prisão na Sibéria. (N. do E.)

capacidade do corpo de reagir e se curar. Por analogia, a saúde do corpo como um todo depende de como as partes mais fortes ajudam as mais fracas.

Alguns clamores de dor ouvidos no corpo nos chegam altos e persistentes. Não podemos ajudar, mas podemos reconhecê-los. As dores provenientes de lugares mais distantes me causam uma preocupação maior; extremidades dos membros do corpo de Cristo que de alguma forma silenciemos. Realizei muitas amputações em minha vida, a maioria delas em razão de uma mão ou um pé ter silenciado e deixado de relatar qualquer dor. Também existem membros do corpo de Cristo cuja dor nunca sentimos por termos desnervado ou cortado todos os vínculos que nos conscientizam deles. Eles sofrem, mas silenciosamente, despercebidos para o resto do corpo.

Penso, por exemplo, em meus amigos libaneses. Em Beirute, as crianças cresceram conhecendo exclusivamente a guerra. Elas carregam submetralhadoras tão naturalmente como as crianças americanas carregam pistolas d'água. Elas brincam, não em parques, mas nas ruínas de edifícios destruídos pelas bombas. Os cristãos libaneses, principalmente os armênios, sentem-se completamente abandonados pela igreja ocidental, que se concentra demasiadamente em Israel e considera que todos os outros povos do Oriente Médio são árabes e muçulmanos. Os porta-vozes dos cristãos no Líbano clamam eloqüentemente por compaixão, ou por pelo menos algum sinal de compreensão de seus irmãos e irmãs ocidentais, mas agimos como se as conexões nervosas estivessem cortadas, as sinapses, interrompidas. Poucos escutam sua dor e respondem com amor cristão.

Ou penso na população homossexual espalhada por nossas igrejas e faculdades. Alguns estudos mostram que quase 20% dos homens que estudam em faculdades cristãs se debatem contra tendências homossexuais. A realidade é tão abominável para certos líderes cristãos, que eles simplesmente fingem que o problema não existe. Aqueles que são afetados são abandonados, isolados do contexto e da diversidade do corpo maior e da compaixão que poderia ajudá-los.

Ou penso nos idosos, freqüentemente escondidos pelos muros das instituições que impedem que sejam vistos quaisquer sinais de solidão e tristeza. Ou nas crianças espancadas, que crescem perturbadas, sentindo-se intrusas em seus lares adotivos. Ou nas raças que se sentem excluídas da participação no corpo.⁸⁶ Ou nos prisioneiros confinados por trás de enormes cercas. Ou em estudantes estrangeiros que vivem escondidos em alojamentos baratos, isolados e receosos. Penso até mesmo naquelas pessoas dentro da igreja condenadas por alguma divergência doutrinária de menor importância, pois podem se sentir excluídas, amputadas.

Na sociedade moderna temos a tendência de isolar esses problemas, formando organizações e nomeando assistentes sociais para lidar com eles. Se não tivermos cuidado, surgirá uma forma de caridade institucionalizada que efetivamente isolará os membros feridos de todo contato pessoal com os saudáveis. Nesse caso, ambos os grupos se atrofiam: os que recebem a caridade, que são privados de todo contato e compaixão humanos, e os que fazem a caridade, que pensam no amor como um tipo de operação material.

No corpo humano, quando uma área perde o contato sensorial com o resto do corpo, mesmo que seu sistema de alimentação permaneça intacto, essas partes começam a encolher e a se atrofiar. Na grande maioria dos casos — em 95 de cada 100 mãos sem sensibilidade que examinei — ocorrem graves ferimentos ou deformações. O corpo mal protege o que não sente. E também no corpo espiritual, a perda das sensações conduz inexoravelmente à atrofia e à deterioração internas. Grande parte do sofrimento no mundo reside no egoísmo de um ser vivo que simplesmente não se importa com a aflição de outro. No corpo de Cristo, sofreremos por não sofrermos o suficiente.

Também devo mencionar outro serviço que os membros do corpo de Cristo realizam ao abraçar os sofrimentos dos outros. Digo isto cautelosamente: podemos demonstrar amor quando Deus parece não fazê-lo.

Os magníficos relatos sobre os cristãos que sofreram, começando com o livro de Jó e salmos e prosseguindo pela obra e biografia dos mártires, falam de uma "noite escura da alma", quando Deus parece estranhamente ausente. Quando mais precisamos dele, ele está menos acessível. Nesse momento de aparente abandono, o corpo pode surgir para o que talvez seja seu mais sublime chamado: nós nos tornarmos verdadeiramente o corpo de Cristo, a encarnação de sua realidade neste mundo.

Quando Deus parece irreal, podemos demonstrar sua veracidade para os outros ao revelar seu amor e caráter. Algumas pessoas podem ver isso como uma falha de Deus em corresponder às nossas mais

⁸⁶ Um exemplo terrível de exclusão do corpo de Cristo ocorreu na África do Sul, onde um jovem chamado Mohandas Gandhi, em busca de informações sobre a vida espiritual, tentou ouvir o missionário C. F. Andrews. Gandhi não foi admitido na reunião por causa de sua pele morena. Logo depois, ele rejeitou o cristianismo e assumiu a liderança de cerca de 400 milhões de pessoas professando o hinduísmo. E Stanley Jones concluiu: "O racismo tem de responder por muitos pecados, mas talvez seu maior pecado tenha sido ocultar Cristo, no momento em que uma das maiores almas já nascidas de mulher tinha uma decisão a ser tomada".

profundas necessidades: "Meu Deus! Por que me abandonaste:". Vejo isso como um chamado para o resto do corpo lidar com a solidão e o isolamento e para personificar o amor de Deus.

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai das misericórdias e Deus de toda consolação, que nos consola em todas as nossas tribulações, para que, com a consolação que recebemos de Deus, possamos consolar os que estão passando por tribulações. Pois assim como os sofrimentos de Cristo transbordam sobre nós, também por meio de Cristo transborda a nossa consolação. Se somos atribulados, é para consolação e salvação de vocês; se somos consolados, é para consolação de vocês, a qual lhes dá paciência para suportarem os mesmos sofrimentos que nós estamos padecendo. E a nossa esperança em relação a vocês está firme, porque sabemos que, da mesma forma como vocês participam dos nossos sofrimentos, participam também da nossa consolação (2Co 1.3-7).

UM DE MEUS PACIENTES favoritos em Carville, um homem chamado Pedro, me ensinou a desenvolver uma sensibilidade maior à dor. Por quinze anos ele viveu sem sensação de dor na mão esquerda; entretanto, a mão não havia sofrido nenhum dano. De todos os pacientes que supervisionávamos, Pedro era o único que não trazia cicatrizes nem tinha perdido a ponta de um dedo.

Um colega examinou cuidadosamente a mão de Pedro e teve uma grande surpresa. Um minúsculo ponto na borda de sua palma ainda era normalmente sensível, de forma que ele podia sentir o mais leve toque de um alfinete ou até mesmo de um fio de cabelo grosso. Nas outras partes da mão ele nada podia sentir. Também descobrimos, com a ajuda de um termógrafo, que o ponto sensível era pelo menos seis graus mais aquecido que o resto da mão de Pedro (o que apoiava nossa teoria, ainda sendo formulada, de que as áreas mais aquecidas do corpo resistem aos danos causados pela lepra nos nervos).

A mão de Pedro se tornou para nós um objeto de grande curiosidade, e ele gentilmente cooperou sem protestar, enquanto conduzíamos testes e observávamos suas atividades. Notamos que ele se aproximava das coisas com a borda da mão, tal qual um cachorro que se aproxima de algo farejando. Ele só pegava um copo de café depois de testar a temperatura com seu ponto sensível.

Enfim, Pedro se cansou do nosso fascínio pela sua mão. Ele disse: "Sabe, nasci com uma marca de nascença em minha mão. Os médicos disseram que era um hemangioma e o congelaram com gelo seco. Mas nunca se livraram dele completamente, pois eu ainda posso senti-lo pulsar". Um tanto constrangidos por não termos considerado a opção, verificamos que os vasos sanguíneos da mão eram realmente anormais. Um emaranhado de artérias supria a área com excesso de sangue, causando um curto-circuito entre algumas e enviando o sangue diretamente para as veias sem passar por todos os vasos capilares. Em função disso, o sangue fluía com muita rapidez através daquela parte da sua mão, mantendo a temperatura próxima da encontrada no coração, excessivamente quente para o bacilo da lepra florescer.

Um único ponto aquecido, do tamanho de uma moeda de um centavo e que Pedro via como um defeito, se transformara numa vantagem maravilhosa quando ele contraiu a lepra. A sensibilidade que lhe restava protegia toda a mão.

Em uma igreja que aumentou de tamanho, assumindo as características de uma instituição, oro por pequenos pedaços de sensibilidade. Devemos confiar que os profetas, ou em discursos, ou em sermões, ou na arte, chamem a atenção para os necessitados, proclamando eloqüentemente sua dor.

"Estou arrasado com a devastação sofrida pelo meu povo", bradou Jeremias (8.21). E em outra parte: "Ah, minha angústia, minha angústia! Eu me contorço de dor. O paredes do meu coração! O meu coração dispara dentro de mim; não posso ficar calado" (4.19).

O profeta Miquéias também escreveu sobre sua tristeza pelas condições de Israel:

Por causa disso chorarei e lamentarei; andarei descalço e nu. Uivarei como um chacal e gemerei como um filhote de coruja. Pois a ferida de Samaria é incurável (1.8,9).

Esses profetas são completamente diferentes do insensível Jonas, que se preocupou mais com seu conforto do que com a destruição de toda uma cidade. Os profetas de Israel tentaram alertar toda uma nação sobre a insensibilidade social e espiritual. Precisamos encorajar os Jeremias e Miquéias de hoje e valorizar os membros misericordiosos e sensíveis à dor, assim como Pedro valorizava seu minúsculo ponto de sensibilidade.

Interrompendo a dor, corremos o risco de perder o privilégio de fazer parte de um corpo. E a força de um organismo vivo é medida em sua parte mais fraca.

21 Adaptações

Embora eu ainda não soubesse que tinha câncer, cheguei intuitivamente ao diagnóstico correto quando considerei que o tumor era um acúmulo de "lágrimas engolidas". Essa frase me sugeria que todas as lágrimas que eu não tinha derramado, e as que não tinha desejado derramar durante a minha vida, tinham se reunido em meu pescoço e formado este tumor. Afinal elas não tinham podido cumprir sua verdadeira função, que seria o choro. Logicamente, em termos estritamente médicos, esse diagnóstico poético é irrelevante. Mas, visto a partir do ponto de vista de uma pessoa como um todo, ele expressa a verdade. Todo o sofrimento que eu havia engolido e retido já não podia ser contido dentro de mim. A pressão se tomou grande demais, e a conseqüente explosão destruiu o corpo que armazenava toda aquela dor comprimida.

Fritz Zorn, *MARS [MARTE]*

É UM TÍPICO DIA DE VERÃO na Louisiana. A umidade está tão elevada, que se tem a impressão de que a cada inspiração o pulmão será inundado por gotículas de água. Nos poucos minutos necessários para subir os três andares da escada de incêndio externa do hospital, fico ensopado de suor. Felizmente, o laboratório de pesquisas com animais tem ar condicionado.

Dou uma rápida olhada nas jaulas organizadas em filas de ambos os lados do corredor. Ratos, camundongos, coelhos e tatus — não são exatamente as espécies que você escolheria como animais de estimação, mas cada animal aqui tem contribuído para a pesquisa da lepra. Em uma jaula maior no fim do corredor, posso ouvir Clarence se movimentando de um lado para o outro. Clarence, um macaco, compensa a falta de habilidades relacionais dos outros animais, e eu o cumprimento com entusiasmo.

Desenvolvi um certo apego por Clarence, em parte graças às recordações dos macacos de estimação que tive na Índia e em parte graças a sua disposição amigável. Nós o tratamos bem e somos prudentes em nossas experiências, causando-lhe o mínimo de dor. Em troca, ele nos tem sido útil.

Após brincar com Clarence por algum tempo sobre a mesa, tomo seu braço direito e começo a retirar as ataduras que o cobrem. Os dedos dele são rosados e enrugados, como os de um bebê humano, mas um tufo de pêlos negros cresce nas articulações dos dedos. Somente as pontas dos dedos me interessam. Noto um leve inchaço em dois deles, bem como os primeiros sinais de uma bolha d'água em um terceiro. Com uma lente de aumento eu os estudo de forma mais detalhada, procurando especialmente diferenças relevantes entre os dois primeiros e os dois últimos. Não encontro nenhuma.

Clarence pula um pouco quando toco dois dos dedos. Externamente, eles não parecem mais inchados que os outros, mas são obviamente mais sensíveis. Logo após ter adquirido Clarence, abri suas mãos cirurgicamente e seccionei os nervos que transmitiam as sensações em dois de seus dedos. Desde então, ele tem dois dedos normais de macaco e dois que não possuem a sensação da dor. A minha pesquisa se concentra em sua mão parcialmente entorpecida, que mantenho enfaixada e engessada para evitar que cause danos a dois dedos insensíveis.

As experiências com Clarence — que é anestesiado para a maioria delas — têm trazido grandes revelações sobre as reações do corpo ao estímulo da dor. Mais especialmente, ele tem demonstrado que os dedos insensíveis não sofrem mais danos do que os normais, quando submetidos à mesma tensão. Todos os seus quatro dedos são igualmente vulneráveis. Assim, posso provar a meus pacientes que as lesões não são inevitáveis, e que eles podem, tendo cuidado, evitar danos mais sérios mesmo sem a dor.

O tecido cicatrizado nos dedos insensíveis de Clarence demonstram que seu corpo atuou em prol da cicatrização, mesmo que a mensagem da dor nunca tenha chegado ao sistema nervoso central. Meu bisturi há muito cortou os nervos que teriam carregado a dor para o cérebro de Clarence, e dessa forma ele não sente nada. A reação de cura do corpo em resposta à dor — o inchaço, o incremento do fluxo sanguíneo, o tecido da cicatrização — ocorreu no *local*.

NO CAPÍTULO ANTERIOR, VIMOS a dor como uma valiosa força que une todas as células e, de forma

análoga, o corpo de Cristo. Como membro desse corpo, devo atentar para a dor de um membro que sofre perto de mim. Mas e daí? Qual deveria ser minha reação? As adaptações provocadas pela dor em meu corpo têm muito a me ensinar quanto às reações adequadas das células que estão por perto.

Para compreender melhor o mecanismo de reação à dor, submeti meus dedos aos dispositivos mecânicos que usamos em Clarence: máquinas que pressionam uma vara metálica contra a ponta dos dedos, com força e frequência controladas. Se ponho minha mão sob o minúsculo martelo mecânico, que aplica uma força de exatamente uma libra por um vinte avós de polegada quadrada (um quilo e meio por centímetro quadrado), não sinto dor alguma. Considero isso até confortável, como se fosse um massageador. Mas se deixo a máquina trabalhar durante algumas centenas de batidas, meu dedo fica levemente vermelho, e passo a ter uma sensação desagradável. Após 1500 batidas tenho de puxar o dedo, pois já não consigo suportar a dor. O dedo, agora dolorido ao toque, está claramente mais quente que seus vizinhos. Quando volto à máquina no dia seguinte, não consigo suportar mais do que uns 200 golpes, antes de ter de puxar o dedo. Em um processo misterioso e complexo, meu corpo não avalia a dor somente pelas forças mecânicas envolvidas, mas também leva em conta as condições das células quando a pressão tem início.

A reação de proteção do meu corpo mostra visivelmente uma inflamação, à medida que o sangue aflui para a área afetada e o corpo "forra" o ponto de pressão com líquidos extras. Quanto ao sistema da dor, a inflamação causa uma condição chamada de hipersensibilidade. O dedo que suportou centenas de golpes do pequeno martelo se torna hipersensível a esses golpes, porque, no estado em que se encontra, bastaria mais um pouco de pressão para causar uma bolha ou uma úlcera.

Da mesma forma, um dedo que foi queimado se torna hipersensível ao calor, já que o menor aquecimento poderia causar danos aos tecidos ligeiramente inflamados. (Diversas vezes pus as mãos em uma bacia de água somente para descobrir, surpreso, que elas enviavam sensações confusas. A mão esquerda me diz que a água está quente; a direita que está morna. E então me lembro de um acidente no café da manhã: uma gota de óleo quente saltou da frigideira para minha mão direita. Eu não havia notado isso naquele momento, mas a terminação nervosa que serve àquele ponto baixou sua tolerância e agora considera que a água morna é quente.)

Quem já não sentiu a irritação de ter um dedo dolorido, talvez por causa de uma cutícula inflamada que parece sempre estar "no meio do caminho". Fica resvalando a cada minuto, não importando quão cuidadoso você seja. Essa sensação tem uma sólida base fisiológica: os seus receptores nervosos subitamente se tornaram dez vezes mais sensíveis à dor. Meu dedo se torna de tal modo hipersensível, que já não o submeto imprudentemente a mais pancadas ou à gordura quente. Os receptores nervosos, na verdade, "aumentam o volume". Por meio desse notável processo, a hipersensibilidade ergue um escudo de dor que protege as partes que raramente ficam vulneráveis.

Todos experimentamos o correspondente psicológico da reação da hipersensibilidade. Quando nos encontramos sob uma pressão muito intensa, talvez em razão do acúmulo de pequenas tensões — contas, pressão no trabalho, hábitos irritantes de membros da família —, de uma hora para outra qualquer frustração, por menor que seja, nos atinge como se fosse um duro golpe. Nesse momento nos tornamos hipersensíveis, e nossas mentes nos dizem que precisamos de descanso; com a mesma certeza que a hipersensibilidade dos neurônios adverte o corpo da necessidade de alívio.

Seguindo o exemplo das células no corpo humano, nós, que somos membros do corpo de Cristo, faríamos bem em saber mais sobre o local da hipersensibilidade e sobre a forma de reagir. As células nos meus dedos, embora estejam intactas, abraçam o pedido de auxílio da célula danificada e informam isso à cabeça. Existe lugar para a "dor intercessora" no corpo de Cristo.

Além disso, o corpo faz certas concessões às células feridas. A dor funciona exatamente por ser alta e insistente. Pessoas com dores físicas ou mentais, que se encontram em um estado hipersensível, podem insultar aqueles que tentam ajudá-las. Elas solicitam dos membros mais saudáveis uma aceitação tolerante que entenda as reações passadas como necessidades encobertas.

A igreja cristã, disse um célebre pastor, "é a única unidade militar que fuzila seus feridos". Ele se referia à tendência corrente de se criticar amargamente aqueles que já estão sofrendo emocional e espiritualmente. Não obstante, um corpo saudável fará extensas adaptações para anunciar a dor e certificar-se de que ela foi ouvida. Agentes curativos são convocados para a área da necessidade, como os meus estudos dos dedos desnervados do macaco claramente confirmam.

O verdadeiro amor protege e defende áreas especialmente vulneráveis. Podem nos pedir que apoiemos egos magoados, confrontemos gentilmente uma pessoa insensível ou tomemos sobre nós algumas das pequenas pressões que se haviam acumulado. Como ex-missionário, não sou capaz de enfatizar

suficientemente o papel vivificante das pessoas que ficaram em casa e investiram em mim seu tempo, orando e escrevendo cartas. Essas células especialmente sensíveis foram buscar minha dor e me alimentaram em um momento de necessidade. São essas pessoas dedicadas que fazem a diferença entre um missionário que serve vinte anos e outro que sucumbe após um curto espaço de tempo.

CERTA VEZ TIVE A OPORTUNIDADE de atuar como médico em uma luta de boxe profissional. Eu tinha a função de cuidar dos ferimentos que ocorressem durante a luta. (Aceitei essa tarefa somente uma vez — a visão de dois homens golpeando células vivas até destruí-las ofendeu completamente minha sensibilidade médica.) Uma cena intensa não sai da minha mente. O treinador de um desses lutadores peso pesado correu até seu pugilista, no canto onde eu estava, depois de um *round* especialmente violento. "A sobrançelha esquerda!", ele gritou de maneira frenética, apontando para o próprio olho arregalado para dar ênfase. "Golpeie-o no olho esquerdo! Você já deu uns bons golpes e ele já está inchado. Mais alguns *jabs*,⁸⁷ e você o abre!"

O lutador seguiu as instruções, insistindo implacavelmente no inchaço hipersensível sobre o olho do oponente. Tive de suturar os resquícios de pele e sobrançelha após a luta. Os murros tinham causado os danos a que se destinavam.

Essa cena vinha a minha mente de tempos em tempos, em situações completamente diferentes, como em um jantar na casa de um amigo. Todos estavam comendo e conversando cordialmente, até que o marido disse algo a sua mulher que me pareceu ser levemente agressivo. Por si só, o argumento era inofensivo. Ainda assim a mulher ficou ruborizada, obviamente envergonhada, e o marido aparentando certa presunção. Sem compreender os detalhes, percebi que um murro requintado, mas mortal, fora desferido. O jantar prosseguiu então com algum desconforto após o comentário.

Quando capto esse tipo de intercâmbio ou ouço uma observação levemente dissimulada com humor sobre, por exemplo, a arrumação da casa, alguma diferença do passado, um hábito pessoal, o desempenho sexual ou pessoas aparentadas, torno a ouvir: "Golpeie-o novamente — a sobrançelha esquerda!". Todo parceiro conhece bem os pontos vulneráveis da outra pessoa. A intimidade aumenta a vulnerabilidade da pessoa que ama, deixando-a indefesa perante o ridículo. Nesses momentos, eu gostaria que o corpo de Cristo tivesse a coerência do meu corpo físico em sua reação curativa dirigida a outras células. O amor exige isso.

O corpo humano não é tão indefeso a ponto de apenas emitir um alerta, ficar vermelho e inchado em virtude de um ferimento e fugir da luta. Se eu tivesse de resumir a nobre concepção da dor em uma frase, ela seria assim: a dor é direcional. A dor não tem a função de causar desconforto, mas de exigir uma reação ao perigo.⁸⁸ E a hipersensibilidade não ocorre como parte de um esquema cruel para trazer ainda mais sofrimento ao corpo, mas como uma rápida adaptação para forçar o resto do corpo a dedicar mais atenção à parte vulnerável.

Uma vez que o membro afetado capta a atenção do corpo, ou por mensagens enviadas pelo sistema nervoso central, ou ao alertar as células circunvizinhas com o uso de enzimas, sendo um corpo saudável, ele reagirá imediatamente. Após a hipersensibilidade, ele recorro ao segundo nível de resposta: a distribuição da tensão.

Escavo meu jardim. Repetidamente, enfio a pá no solo duro, o assim minha mão absorve todo o atrito e impacto com o cabo. Durante algum tempo essa ação não causa nenhuma dor, mas aos poucos as células sob a pele clamam por mais sangue, e a pele fica avermelhada (inflamação e hipersensibilidade). A medida que minha mão vai ficando mais sensível, mesmo sem raciocinar sobre isso, distribuo a tensão, alterando minha empunhadura na pá. Dessa forma, a pressão passa a ser suportada por outra parte da pele, e posso continuar cavando.

Passo por um processo semelhante sempre que compro um novo par de sapatos. Apesar de os mocassins demonstrarem ser confortáveis durante os poucos passos dados na loja, ao voltar para casa e caminhar por um ou dois quilômetros, uma parte de meu pé começa a pedir ajuda. Uma área de atrito ou pressão que não tinha sido notada exige atenção. Se eu tiver de seguir caminhando, meu corpo realizará uma redistribuição da tensão em larga escala, de acordo com a proporção do local hipersensível; então eu manco. A nova marcha, embora seja anormal e deselegante, minimiza o esforço sobre a área sensível.

Certa vez fui chamado para atender um astro do basquete da Universidade Estadual de Louisiana. Ele era o cestinha do time da universidade e animava todos os jogos com suas incríveis demonstrações de

⁸⁷ Golpes diretos e rápidos. (N. do E.)

⁸⁸ Acredito que esse princípio se aplica a todas as dores, não apenas à dor física. As dores emocionais e espirituais também são, semelhantemente, sinais direcionais. A culpa "dói" a fim de que a pessoa se arrependa e procure o perdão. A depressão aponta para a necessidade de resolver determinadas tensões. O conflito conjugal apenas expressa a discórdia latente que deve ser solucionada. Em resumo, a dor espiritual e a emocional são, tal qual a dor física, um sintoma e não uma doença. Normalmente, um sintoma não desaparecerá até que a doença seja tratada.

velocidade e habilidade para saltar. Mas ele nunca conseguia completar um jogo. Invariavelmente, surgia no segundo tempo uma grande área sensível na parte da frente de seu pé, onde se formavam bolhas que acabavam estourando e retirando-o do jogo. Nosso remédio para ele foi simples e comprovou oferecer uma cura instantânea: cuidadosamente moldamos uma palmilha de farelo de cortiça e borracha de látex na forma exata do pé, levando em conta os pontos de tensão.

Distribuindo a tensão por uma área maior, nós o deixamos livre para girar, saltar e correr pela quadra durante todo o jogo.

Sem a adaptação da distribuição da tensão, todas as nossas atividades diárias seriam carregadas de perigos. Sei disso, pois já tratei diversos pacientes de lepra que jamais tornarão a andar porque um sistema de dor defeituoso deixou de alertar o sistema nervoso central que, por sua vez, distribuiria a tensão aplicada a apenas um ponto de seus pés. A força em si, que é utilizada na caminhada, não causaria nenhum dano — os pés são projetados para tanto, de forma que tanto as patas de um elefante ou de um rato quanto os pés de um ser humano absorvem a mesma confortável pressão por centímetro quadrado. Mas a pressão constante e repetitiva sobre o mesmo local acabará causando danos.

Não há como escapar desse perigo. Um ato que aparentemente traduz o mais absoluto repouso — dormir — pode destruir. A mais suave pressão pode prender o sangue em determinada área e acabar por silenciar as terminações nervosas naquele lugar. Se o corpo escutar um lamento de dor, ele se vira um pouco, distribuindo a pressão por outras células. Mas sem dor, surgem escaras infeccionadas. Agradeço a Deus os milhões de sensores embutidos em minha pele, que me dizem quando alterar meu peso sobre as nádegas, ou reposicionar minhas pernas ou costas, ou alterar meu passo enquanto caminho.⁸⁹

Quando passo do corpo físico para o corpo de Cristo, vejo a necessidade de adaptações similares. Assim como um corpo saudável sensatamente percebe o atrito e a tensão sobre cada célula, ajustando-a de acordo, também o corpo espiritual, sob a direção da cabeça, deve avaliar constantemente quais células precisam de atenção especial ou talvez até mesmo de relocação. As células externas, que ficam na linha de frente, precisam ser firmes e resistentes. As células internas, por sua vez, precisam ser protegidas e isoladas para que possam levar uma vida de tranqüila contemplação.

Pelo que observo, a igreja tende a falhar nesse princípio de redistribuição da tensão em duas áreas fundamentais. Em primeiro lugar, quando colocamos líderes na linha de frente — pastores, sacerdotes, missionários e outros representantes públicos —, exigimos demais. Exercemos extraordinárias pressões para que eles se encaixem em nossas idéias preconcebidas sobre a espiritualidade. Quando eles fracassam, em vez de aceitarmos graciosamente e perdoarmos, reagimos com rejeição. Não lhes damos uma chance de "mancar". Aconselho os líderes a se cercar de amigos hipersensíveis e a se unir com quem consegue detectar sinais de tensões prejudiciais, viabilizando as mudanças necessárias para redistribuir essas tensões.

Negligenciamos com demasiada facilidade o efeito cumulativo de tensões secundárias rotineiras. Para minha grande surpresa, minha pesquisa provou que as forças sutis e menos espetaculares da tensão *repetitiva* são mais perigosas para meus pacientes que os riscos evidentes de lacerações e queimaduras. Da mesma forma, não devemos ignorar o efeito cumulativo das centenas de tensões diárias na vida dos pastores: telefonemas constantes, um conselho problemático, as pressões financeiras, a sobrecarga de orientações a ser dadas, a solidão, a vulnerabilidade do discurso público, o isolamento social. Esses fatores representam perigos muito maiores do que crises espalhafatosas dentro da igreja.

A igreja poderia aprender uma segunda lição essencial com o corpo humano: determinados membros precisam de proteção em períodos específicos da vida, especialmente durante a infância espiritual. Tenho visto um padrão consistente de novos convertidos glorificados, como atletas, políticos, atores e *misses* ou modelos. Frequentemente, esses novatos entusiasmados captam a atenção da mídia por um curto espaço de tempo. Após tentar representar a imagem que se espera deles — uma imagem que ainda não é real —, eles abandonam sua fé com amargura e aversão. Quando isso acontece, não posso deixar de pensar em uma doença de pele, a sarna.

Uma grave afecção de sarna pode alterar a aparência de uma pessoa de forma mais dramática do que a lepra. Nos casos mais sérios, crostas avermelhadas podem se espalhar pelo corpo, e a pele fica escamada. A doença só possui uma causa: as células epiteliais, que normalmente levam três semanas para chegar à superfície, forçam seu caminho para cima em poucos dias. Essas células imaturas chegam despreparadas

⁸⁹ Os inventores têm tentado solucionar os problemas que causam as úlceras e escaras em pessoas paralisadas ou insensíveis, que não redistribuem a tensão. Assim, foram projetadas cadeiras de rodas e camas que trazem cilindros parecidos com as esteiras transportadoras dos armazéns, que se movem constantemente a fim de distribuir a pressão de maneira mais uniforme.

para as perturbações causadas na superfície pela luz, raios ultravioleta, temperatura e atmosfera. Elas morrem rápida e horrivelmente, escarificando suas pobres vítimas. Não vemos aqui uma lição para o mundo cristão, que insiste em forçar as celebridades recém-convertidas para a luz ofuscante da superfície, antes que tenham amadurecido espiritualmente? A distribuição da tensão inclui proteger aqueles que não estão preparados para nenhum tipo de tensão.

Por algumas vezes, vi o corpo de Cristo reagir com uma notável velocidade e sabedoria na redistribuição da tensão. Nesses casos, os companheiros da igreja podem significar a diferença entre o colapso e a sobrevivência. Eu me recordo de uma mulher divorciada que conheci em uma pequena igreja. Após seu marido deixá-la por outra mulher, ela lutou para preservar sua vida. Assombrada por sentimentos de culpa e rejeição em razão da partida dele, ela também tinha de lidar com quatro crianças, uma conta bancária reduzida a zero e uma casa em más condições de conservação. Para aquela mulher, a igreja local se tornou o único apoio. As pessoas responderam carinhosamente e na prática: tomando conta de seus filhos, pintando a casa, consertando o carro, convidando-a para eventos especiais. A situação dela não mudou; hoje, cinco anos depois, ela ainda "manca" e conta com a igreja para ajudá-la a lutar e vencer. Tenho certeza de que a igreja local a salvou da destruição pessoal. Hoje em dia ela é saudável, porque eles, como as células de um corpo, a cercaram com sua força e aliviaram a pressão que poderia tê-la destruído.

ALGUMAS VEZES, MESMO APÓS diversos alertas, as células continuam enfrentando agentes insistentes e prejudiciais. Mas a área afetada possui um último recurso para encontrar alívio, e um incrível processo entra em ação.

Enfio a pá na terra duzentas vezes. Sinto algum desconforto, mas o solo do jardim deve ser revolvido; então, educadamente, ignoro os sinais de alerta. Por fim, sem contar com minha colaboração voluntária, meu corpo faz uma transformação arquitetônica radical na superfície do meu polegar. A camada superior da epiderme se separa das camadas inferiores e cresce rapidamente a fim de formar uma cúpula perfeita, a qual é sustentada pelo súbito fluxo de líquido amortecedor. Uma bolha.

Minha derme, que estava vulnerável e sendo moída, é agora aliviada da tensão a que estava sendo submetida, à medida que a pressão da minha pá é gentilmente absorvida por essa nova estrutura. Essa adaptação pode ser facilmente menosprezada ou, ainda pior, vista com irritação. Mas se trata de um fenômeno estupendo, que exige a coordenação de milhões de células.

Uma bolha é uma resposta temporária e radical. Ela refresca o local, amortece os impactos e dissipa a tensão — resumindo, ela me faz superar as dificuldades do dia.⁹⁰ No entanto, os seres humanos possuem péssimos hábitos: tendemos a repetir incontáveis vezes as mesmas práticas estressantes que causam inflamações, hipersensibilidade e bolhas. Um jogador de tênis terá de superar cinco bolhas consecutivas antes de convencer o corpo da necessidade de uma alternativa mais duradoura de adaptação. Os ossos engrossam, ficam mais densos, e os músculos se expandem ao lidar com uma tensão regular; a pele transforma as bolhas em calos.

Posso olhar para os pés de um corredor e ter uma boa idéia da distância que ele percorre em uma semana. Com os corredores mais aplicados, as calosidades preenchem as fendas e reforçam os pontos mais fracos. Elas dão ao pé a forma externa do tênis de corrida e, geralmente, acrescentam camadas que o protegem contra tensões impiedosas em corridas de longa distância. Se a tensão continuar por um tempo maior, uma *bolsa* se desenvolverá dentro do corpo: uma cavidade cheia de fluidos, profundamente enterrada sob a camada mais grossa da pele. Essas adaptações localizadas ocorrem com tanta regularidade entre determinadas ocupações, que as classificamos informalmente dentro da medicina: "joelho de faxineira", "lombo de carregador", "joanete de alfaiate" e, meu favorito, "joelho episcopal" (do genuflexório).

O corpo se adapta rapidamente, mas com relutância e raramente sem um sentimento de perda. Como já mencionei, durante um verão enquanto ainda cursava medicina na Inglaterra, eu me juntei à tripulação de uma escuna de oitenta pés [pouco mais de 24 m]. No início, o atrito dos cabos queimava e irritava minhas mãos e dedos, a ponto de esfolar e sangrar. Finalmente, depois de duas ou três semanas, as mãos receberam grossas camadas de calos. Mas para meu desapontamento, ao voltar para a faculdade, descobri que tinha perdido completamente minha habilidade em dissecação. Antes, eu podia sentir a mais leve resistência ao cortar com o bisturi; mas naquele momento eu só sentia a pressão, pura e simples. Entrei em pânico — certamente aquelas grossas almofadas de calos mortos tinham destruído para sempre a minha carreira na cirurgia. Entretanto, no devido tempo, quando o corpo percebeu que eu já não necessitava de proteção extra,

⁹⁰ Em um processo de certa maneira análogo, o corpo reage às pressões mais intensas enviando fluidos para o local a fim de amortecer a pancada. Jogadores de handebol experientes conhecem a importância de dar alguns tapas na bola para se aquecer antes de uma partida. Isso causa um edema: uma camada de líquido amortecedor sob a pele.

ele se desfez daquelas camadas com tanto gosto como um inseto que se desfaz de sua pele. Recuperei a sensibilidade.

O atrito nas relações humanas pode da mesma forma causar calosidades. Para tão somente sobreviver, uma pessoa que se encontre em um ambiente tenso irá criar defesas extras para evitar que a sua psique seja facilmente arranhada. Comparo as minhas excursões às aldeias indianas, onde centenas de pacientes fazem fila para receber tratamento, com a situação em Carville, onde há tantos funcionários quanto pacientes. O ritmo mais calmo em Carville permite que eu reflita mais profundamente sobre os problemas e conheça cada paciente. Mas nas viagens ao interior da Índia, eu tinha de abrir mão da sensibilidade pessoal para me concentrar na grande demanda de procedimentos médicos eficazes. Não havia a menor possibilidade de me envolver pessoalmente com cada um dentre centenas de pacientes.

Da mesma forma as enfermeiras, assistentes sociais e orientadores, que vivem em meio às gritantes necessidades humanas, devem algumas vezes desenvolver uma calosidade protetora. Eles não podem nem pensar em deixar que cada caso de violência infantil, por mais horrível que seja, venha a incapacitá-los. Médicos e enfermeiras mais jovens algumas vezes me pedem conselhos sobre como lidar com as esmagadoras necessidades humanas, sem se tornarem duros e cínicos como alguns de seus colegas mais experientes. Eles andam no fio da navalha, pois logicamente não podem se deixar envolver com os detalhes íntimos do sofrimento de cada paciente e, ainda assim, não podem acabar com todo o interesse pessoal. Portanto, descobri a importância de orar a Deus diariamente, pedindo-lhe que selecione um ou dois pacientes com necessidades especiais. Não posso ser igualmente sensível nem me tornar insensível a todos. Na verdade, preciso do Espírito Santo de Deus para me ajudar a perceber aqueles cujas necessidades vão além de apenas cuidados médicos.

Nós, que exercemos funções de auxílio ao próximo dentro do corpo de Cristo, devemos aceitar a responsabilidade de supervisionar cuidadosamente nossos representantes na linha de frente. Não podemos expô-los demasiadamente à aflição humana. Uma expressão recente, "esgotado", descreve a já conhecida apatia. Essas pessoas dependem de nós para que, a partir de uma perspectiva equilibrada, venhamos a convencê-las a recuar e a descansar, ou mesmo a passar seu ônus para outra pessoa. Os sinais de alerta surgem em forma de hipersensibilidade, cansaço ou trauma emocional. Excesso ou falta de sensibilidade podem imobilizar tanto um corpo físico como um incorporado.

NUNCA VI EXEMPLO MAIS ÓBVIO de estresse contínuo mal-administrado do que o que ocorreu com um trio de cirurgiões brilhantes em um hospital de grande porte no Meio-Oeste. Na primeira vez que os visitei, em 1952, um respeitável senhor, conhecido como um ótimo cirurgião, estava treinando dois assistentes para ocupar seu lugar. Esse senhor já tinha passado da idade da aposentadoria, e seus assistentes, Morris e Bates, estavam na casa dos quarenta anos, já possuindo experiência e habilidade impressionantes. Tanto Morris quanto Bates eram bastante famosos por todo o país; um deles editava uma destacada revista de medicina. Mas aquele senhor não conseguia abrir mão do controle de nenhum de seus pacientes. Ele estava sempre supervisionando os assistentes, corrigindo, aconselhando e dando broncas como se fosse um pai. Para Morris, um excelente cirurgião, ele diria: "Não, não faça esta incisão tão longa!".

Os dois se seguravam, decidindo agüentar firme, até a iminente aposentadoria daquele senhor. Quando os encontrei, pude sentir o veneno que havia crescido dentro deles e ver os ânimos se alterarem quando falavam daquele ancião rabugento.

Dez anos mais tarde voltei àquele hospital. Tanto Morris como Bates tinham falecido. Um havia tido um derrame e ficara completamente paralisado e incapaz de se comunicar por diversos meses antes de morrer. O outro morreu de apoplexia, um tipo de hemorragia. Ambos estavam em perfeita saúde antes de trabalhar para o cirurgião-chefe. E o ancião? Ele ainda estava lá, já avançado na casa dos setenta anos, treinando os médicos mais jovens.

Ninguém considera que o velho cirurgião, sozinho, tenha causado todo o problema. Posso afirmar que a constante e repetitiva aplicação daquela irritação tinha esgotado a saúde física, com a mesma certeza com que afirmo que minha máquina de tensão repetitiva destruiu os tecidos vivos de Clarence, o macaco, e de meu próprio dedo. Esse mesmo cirurgião de idade avançada, que era um modelo de gentileza cristã para sua mulher, que sofria da doença de Parkinson, demonstrava ser totalmente cego para os sentimentos daqueles que trabalhavam tão intimamente com ele.

Fico pensando em todas as pessoas que poderiam ter sido ajudadas se aqueles dois cirurgiões magníficos

tivessem sobrevivido. O que dera errado? Os outros, que estavam no mesmo ambiente, falharam em perceber o problema e em reagir com hipersensibilidade? A direção do hospital deveria ter intervindo, a fim de redistribuir as tensões? Será que Morris e Bates deveriam ter desenvolvido uma camada de calos suficientemente forte para enfrentar o ancião? Ou deveriam ter buscado o recurso divino do purificador poder do perdão? Aparentemente, nenhuma dessas reações aconteceu. Os dois simplesmente absorveram a pressão prejudicial, e seus corpos reagiram com um constante acúmulo de pressão sangüínea.

Também tenho visto esse tipo de destruição ocorrer no corpo de Cristo: uma igreja implicante que faz fofoca de seu pastor, um empregador que hostiliza impiedosamente um empregado bem-intencionado, pais ou irmãos que implicam com uma criança desajeitada. Onde estão a graça que perdoa e o amor que ajuda os mais fracos? Onde está o poder da reconciliação? Todos poderíamos aprender uma lição com as adaptações realizadas pelo corpo humano para lidar com a dor. Paulo disse: "Levem os fardos pesados uns dos outros e, assim, cumpram a lei de Cristo" (Gl 6.2).

22 Dor crônica

*Imagine o que poderá acontecer com uma sociedade
em que determinadas formas de sofrimento
são evitadas de maneira infundada, de acordo com os ideais da classe média.
Estou falando sobre uma sociedade em que um casamento
que é considerado insuportável termina rápida e tranqüilamente;
após o divórcio não fica nenhuma cicatriz; as relações entre as
gerações são desfeitas o mais rápido possível, sem que haja
nenhum esforço para preservá-las, sem deixar nenhum vestígio;
os períodos de lamentação são "coerentemente" curtos; o
doente e o deficiente são rapidamente retirados da casa e os
mortos, da mente. Se a mudança de cônjuges ocorre tão
rapidamente quanto a troca de um carro velho por um novo,
então as experiências adquiridas em um relacionamento
malsucedido foram infrutíferas. De um sofrimento assim
não se aprende nada, e nada deve ser aprendido.*

DOROTHY SOELLE, *SUFFERING [SOFRIMENTO]*

EM RARAS OCASIÕES, encontrei uma dor que desafia a compreensão. Embora não pareça servir a nenhum propósito, a dor domina uma vida a ponto de um paciente não conseguir se concentrar em quase nada. Esse era o caso de Rajamma. Fazia um ou dois anos que eu estava na Índia quando ela me procurou em busca de tratamento. Durante meu treinamento em Londres, sempre que eu deparava com um problema que pertencia a outra especialidade, eu rapidamente enviava o paciente a alguém mais experiente. No sul da Índia, eu não tinha tal luxo.

Rajamma se arrastou até meu gabinete com uma expressão de pavor no rosto. Como se estivesse procurando inimigos, ela espreitou de forma desconfiada a sala, antes de se deixar cair em uma cadeira. Tinha mesmo muitos inimigos: qualquer coisa capaz de alarmá-la, de criar um ruído repentino e mesmo uma rajada de vento que pudesse soprar no rosto. Suas bochechas eram fundas; ela era magra, chegando a aparentar desnutrição. Cicatrizes de queimaduras com um padrão curiosamente circular marcavam sua face; eu as reconheci: era um tratamento feito pelos curandeiros tradicionais. Ela raspava e queimava a pele com tanta frequência, que tinha adquirido uma textura rígida, semelhante ao couro de um animal.

Apresentava-se em Rajamma um quadro de *tic douloureux*, nevralgia na face, em sua forma mais grave. A dor geralmente ataca em espasmos, com uma avassaladora pontada de agonia em um dos lados do rosto. Ela causa uma careta repentina, ou parece ter como causa uma careta e por isso o termo *tic* sugere uma contração dos músculos faciais. Algumas vezes esse quadro surge sem nenhum motivo aparente, e algumas vezes surge em decorrência de uma infecção, como a proveniente de um molar. Embora Rajamma não pudesse se lembrar de nenhum problema dentário, vários médicos tinham extraído todos os dentes de um lado de seu rosto, na esperança de localizar e remover a fonte da dor.

Ao me contar sua história, falando pausadamente, ela mantinha a boca aberta e movia os lábios com cautela, a fim de evitar movimentos súbitos das bochechas. Rajamma vivia em uma choça de barro com o

marido e quatro filhos. Seus filhos já não brincavam perto ou dentro de casa, contou-me ela. Andavam nas pontas dos pés e não riam nem contavam piadas, com medo de causar um dos ataques da mãe. As galinhas (que normalmente ficavam soltas nas casas dos vilarejos) eram mantidas engaioladas, a fim de que não pudessem voar ou assustá-la com o cacarejo. Rajamma tinha obviamente perdido peso em razão do medo de se alimentar. Ela não ousava mastigar; logo, vivia de líquidos, certificando-se de que não estavam nem tão quentes, nem tão frios.

Apesar de todas essas precauções, Rajamma vivia refém de uma dor cruciante. Golpes de dor a atingiam diversas vezes durante o dia e a tinham incapacitado completamente. Por algumas vezes, estando desesperada, ela, ou os "médicos" dos vilarejos, teria aquecido tubos de metal no fogo e queimado bolhas em sua face, numa tentativa de sufocar a dor. A saúde mental dela estava seriamente comprometida.

O marido tentava corajosamente compreender aquela dor que não tinha nenhuma causa aparente, mas a ansiedade da família estava claramente chegando a um estado crítico, quase a ponto de explodir.

Fiz tudo o que podia para localizar a causa, mas não obtive sucesso. Por duas vezes tentei amortecer a área que provocava a dor, que parecia se encontrar na frente do osso de sua bochecha direita. Na primeira vez, a visão de uma agulha se aproximando do rosto causou um de seus piores ataques. A minha segunda tentativa, sob anestesia, não foi bem-sucedida.

Relutantemente cheguei à conclusão de que só havia uma maneira garantida de parar aquela dor incurável: eu teria de abrir o crânio e separar os nervos que atendiam àquela parte do rosto. Protelei essa decisão, pois não estava capacitado para realizar uma neurocirurgia, e na verdade jamais observara um procedimento dessa natureza. Mas não me restavam opções. Felizmente, em meu curso de anatomia, eu tinha dissecado os nervos cranianos e sabia exatamente onde encontrar o gânglio de Gasser dentro das curvas ósseas do cérebro.

Expliquei o procedimento para Rajamma e seu marido, enfatizando dois perigos. Eu poderia falhar em virtude de minha pouca experiência e, ainda pior, eu poderia cortar mais nervos do que o necessário. Nesse caso, tanto o globo ocular quanto as bochechas ficariam insensíveis, o que poderia causar cegueira. Pintei um retrato desolador das conseqüências possíveis.

No entanto, nada do que eu disse ao casal causou a menor hesitação. Os impactos de seu sofrimento eram tão grandes que, se lhes tivesse afirmado que ela perderia um olho na operação, eles facilmente consentiriam.

Na semana seguinte estudei todos os livros que pude encontrar e planejei uma estratégia com a nossa anestesista, a dra. Gwenda Lewis. Como eu queria me comunicar com a paciente durante a cirurgia, optamos por um anestésico que a mantivesse alerta o suficiente para responder às perguntas. E o dia da cirurgia chegou.

Posicionamos Rajamma sentada, a fim de minimizar a pressão das veias na cabeça. Após o anestésico fazer efeito, comecei as incisões. O gânglio de Gasser fica no entroncamento do quinto nervo craniano, em uma cavidade formada por veias cercada pelo osso. Dentro dessa cavidade, as veias e os nervos ficam entrelaçados, formando uma espécie de novelo absolutamente confuso que faz com que seja impossível deter completamente a hemorragia no local. Escavei o osso sobrejacente e penetrei a cavidade, retirando as camadas de tecido uma a uma. Por fim, eu podia ver o fundo da cavidade. Uma rede de tecido nervoso com dois centímetros de largura e um centímetro de espessura brilhava sob a minha luz como uma lua crescente. Por debaixo, finos nervos brancos se dispersavam em direção ao rosto, como se fossem afluentes de um rio.

Um desses nervos era um nervo motor, e qualquer dano paralisaria parcialmente a mandíbula. Tomei cuidados especiais na identificação desse nervo. Entretanto, todas as outras fibras pareciam iguais e estavam tão juntas que eu não podia distingui-las com confiança. Então estimulei eletricamente uma minúscula fibra e perguntei o que Rajamma podia sentir. "Você está tocando o meu olho", ela disse. Gotas de suor surgiam em minha testa, enquanto eu punha aquele frágil nervo de volta ao seu lugar.

Na maior parte do corpo, uma resistente proteção que suporta alguns puxões envolve cada nervo. Mas dentro do crânio os nervos não são projetados para ser tocados ou esticados. Não existe nenhuma proteção, e o menor tremor de minha mão romperia um nervo de forma irreparável.

Eu olhava fixamente para a poça de sangue que se formava, clara e aquosa, em razão da anemia causada pela subnutrição de Rajamma. (Naquela época, não tínhamos um banco de sangue que pudesse enriquecer seu sangue antes da cirurgia.) Enfim, separei duas minúsculas e brancas fibras nervosas e as ergui, afastando-as do sangue. Aquelas duas fibras pareciam as mais prováveis portadoras dos impulsos de dor que tornavam a vida de Rajamma miserável. O que eu tinha de fazer era cortá-las, e tudo estaria acabado.

Levantei as duas fibras com a ponta de minha sonda, e uma inesperada e terrível sensação me invadiu como uma onda. Eu estava petrificado com a importância do pequeno ato que estava a ponto de executar. Nós, cirurgiões, somos treinados para manter determinada distância dos pacientes, a fim de que os sentimentos pessoais não prejudiquem nossas decisões — somos orientados a não operar mulher e filhos por essa razão. Naquele momento, tive uma visão da família de Rajamma reunida ao meu redor, formando um círculo, esperando para saber o que eu iria fazer com a vida dela.

Enquanto eu olhava para aqueles filamentos trêmulos de matéria branca e macia, de diâmetro tão fino como uma linha de costura, achava difícil de acreditar que fossem tão importantes. Eram esses os dois nervos defeituosos: Sabe-se tão pouco sobre a fisiologia dos nervos, que eu possivelmente não reconheceria um defeito. Contudo, esses nervos, contendo centenas de axônios que serviam milhares de terminações nervosas, estavam tiranizando a vida de uma mulher. Nervos exatamente iguais a esses estavam firmando minhas mãos o me permitindo saber exatamente quanta força deveria ser aplicada em meus instrumentos.

Com um estalo, voltei a mim. O devaneio tinha durado apenas cinco ou dez segundos, mas jamais esquecerei a visão que tive por causa de um nervo minúsculo e cintilante. Não tinha como assegurar-me de qual dos dois trazia a dor; logo, teria de sacrificar a ambos. Então, eu os cortei com duas tesouradas, controlamos rapidamente o sangramento e fechamos a incisão.

De volta à enfermaria, após Rajamma ter despertado completamente, mapeamos a área de sua bochecha, que já não tinha nenhuma sensação. E pude relaxar quando nos certificamos de que a insensibilidade não havia incluído o olho. Com alguma hesitação, Rajamma começou a experimentar as coisas que anteriormente provocavam seus espasmos de dor. Ela tentou um ligeiro sorriso, seu primeiro sorriso intencional em anos. E o marido abriu outro radiante para ela. Com um olhar envergonhado, ela arranhou sua bochecha, ciente de que jamais voltaria a sentir nada naquele local.

Depois disso, o mundo de Rajamma foi pouco a pouco voltando ao lugar. Ela voltou a ser uma pessoa meiga e gentil. A ansiedade do marido começou a diminuir. Em casa, as galinhas eram de novo bem-vindas. As crianças recomeçaram a brincar, e então a saltar, e a correr, mesmo quando estavam perto da mãe. Em círculos cada vez mais amplos, a vida foi voltando ao normal para aquela família.

EM TODA A MINHA CARREIRA NA cirurgia, não encontrei mais do que um punhado de pacientes que, como Rajamma, sofriam uma dor bárbara e inflexível, aparentemente impossível de ser vinculada a uma causa física. E por poucas vezes tive de apelar para a cirurgia, a fim de silenciar a dor seccionando o nervo. A medicina considera esse procedimento radical o último recurso. Ele acarreta graves riscos — a possibilidade de que outras áreas sejam desnervadas, o perigo de tornar insensíveis partes do corpo — e, o que é mais misterioso, a possibilidade de persistir a dor mesmo após os nervos terem sido cortados. Por consequência do efeito debilitante que a dor de Rajamma tinha em sua saúde e família, relutantemente concluí que não havia nenhuma outra opção senão essa arriscada cirurgia. As causas físicas de suas condições tinham frustrado minhas pesquisas, e tive de ir contra todo o meu instinto médico para tratar sua dor como um problema em si, e não como um importante sintoma. Essa mudança de perspectiva é o perigo específico da dor crônica: a dor deixa de ser um sinal que aponta para algo mais; ela é um demônio que domina e imobiliza. Aqueles que sofrem de dores crônicas se preocupam somente em interrompê-la.

A dor crônica ocorre com mais frequência nas costas, no pescoço ou nas juntas; embora pacientes com câncer possam experimentá-la em qualquer parte. Enquanto pessoas imunes à dor, como os meus pacientes com lepra, desejam sentir esse sinal de alerta, os que sofrem de dores crônicas ouvem um alarme retumbante e incessante. Muitas pesquisas pioneiras têm se concentrado nos problemas de pessoas afligidas por dores crônicas, e cerca de quinhentas clínicas que tratam da dor nos Estados Unidos são agora especializadas no seu tratamento. Todavia, apesar da natureza obsessiva da dor crônica, a preferência entre os métodos de tratamento está se afastando das antigas técnicas cirúrgicas. Um novo termo, "gerenciamento da dor", está se incorporando ao vocabulário dos especialistas. O diretor de uma das maiores clínicas americanas que tratam de dores crônicas afirma ser necessário lidar com essas dores com uma abordagem médica diferente da remoção cirúrgica usual. Ele observa que talvez devamos considerar as dores crônicas da mesma forma que vemos o diabetes e os distúrbios de colágeno, ensinando os pacientes a viver confortavelmente *apesar* da doença.

Eu poderia encher um quarto de bom tamanho com máquinas de exercício e bugigangas eletrônicas que são vendidas como panacéias para a dor crônica. Os jornais e revistas apresentam regularmente mais alternativas: técnicas de acupuntura, massagem no pé ou na ponta da orelha, técnicas de retrocontrole e auto-hipnose. E catálogos que trazem produtos tão exóticos, como estimuladores nervosos transiú tãneos,

oferecem uma abordagem mais tecnológica (e mais cara). A maioria dessas técnicas de gerenciamento da dor depende da sobrecarga dos circuitos cerebrais com estímulos diversionistas, que abalam os sinais de dor que se aproximam.

(Prefiro métodos mais simples para alcançar o mesmo propósito. Por exemplo: frequentemente prescrevo uma escova de cabelo com cerdas duras para uma pessoa com dor no braço ou no pé. O ato de escovar suavemente a pele irá estimular os sensores de toque e pressão, frequentemente aliviando a dor. Ou, quando minhas dores crônicas ficam mais intensas, saio para caminhar de pés descalços sobre as calçadas ásperas de conchas e cascalho perto da minha casa.)

É lógico que neste livro não posso tentar falar diretamente com aquelas pessoas que sofrem de dores crônicas. Em vez disso, irei me concentrar nas analogias com o corpo de Cristo. O corpo de Cristo também sofre de dores crônicas que não serão saradas, e na igreja temos muito que aprender sobre o gerenciamento de dor.

NA NOSSA ERA, OS FANTASMAS da miséria, da fome e da violência nunca deixam algumas áreas do mundo. Vejamos os impulsos provenientes da igreja em uma região como a África ou a América Central. Não podemos ignorar os sinais de sofrimento crônico. Eles enchem nossas caixas de correio, telas de televisão e o rádio com uma descrição diária das trevas. Jesus reconheceu a natureza crônica desse tipo de sofrimento humano quando observou (em uma declaração frequentemente distorcida de maneira grosseira) que: "Os pobres vocês sempre terão com vocês" (Mc 14-7).

Por ter vivido em um país onde o sofrimento é uma realidade diária e opressiva, conheço bem os dilemas terríveis causados pela dor crônica em grande escala. Eu olhava para as longas filas de pacientes, consciente de que teria de negar tratamento para a maioria e sabendo que outros milhares aguardavam atendimento em áreas remotas. Mesmo nos abastados Estados Unidos, existem bolsões de miséria humana, ainda que em escala diferente.

Costumamos ver os piores sofrimentos de forma indireta, pelos documentários televisivos, e dessa forma a dor nos força a fazer uma escolha. Podemos optar por oferecer nossa ajuda, comida e riquezas, para ajudar a aliviar a miséria humana, ou podemos simplesmente ficar insensíveis à dor crônica, mudando de canal, desviando o olhar de sobre problemas, ou cedendo alguns trocados sem verdadeiramente nos comprometer.

A Bíblia deixa claro que nós, estando no corpo, também temos responsabilidades com os sofrimentos dos de fora da igreja. Os fundos de auxílio internacional, administrados por agências cristãs, têm se proliferado nos últimos anos, indicando que estamos saudavelmente atendendo, em curto prazo, às crises de dor no mundo. Os cristãos ajudaram a conduzir as respostas emergenciais ao fluxo de refugiados da seca no Sahel⁹¹ africano, da crise na Somália e em barcos da Indochina. Centenas de milhões de dólares foram doados para apoiar esses esforços. Nós, que somos fortes, ajudamos aos fracos. Mas ao lidar com a dor crônica, de longo prazo, a igreja parece ainda estar engatinhando.

O dirigente de uma das maiores agências cristãs de auxílio confessou: "Devo evitar sair pelo mundo perseguindo ambulâncias. Quando ocorre um desastre de proporções maiores que captura a atenção da mídia, nossos doadores respondem de forma incrivelmente generosa. Todas as agências recebem milhões de dólares e entram em ação com certo exagero. Quando a crise é 'notícia de última hora', não temos nenhuma dificuldade em levantar recursos. Seis meses depois, os problemas terríveis ainda existem, mas as equipes de reportagem já partiram para outro lugar, e ninguém se importa com sofrimentos demasiadamente longos".

O sofrimento intenso provoca uma repentina enxurrada de auxílio, mas as pessoas logo se cansam de ouvir tudo que envolve condições deprimentes. Em vez de aumentar a sensibilidade, a exemplo do que faz o corpo humano ao reagir a um ferimento, nós a reduzimos. Nosso foco sobre a dor muda do "Como lido com a causa desta dor?" para "Como posso silenciá-la?". Deixando de ser uma motivação e um estímulo a ação, a dor se transforma num burburinho maçante e inútil. Ela nos desgastou.

O campo de atuação dos serviços de saúde representa o quebra cabeça das obras assistenciais. Pessoas doam com entusiasmo para hospitais, drogas e suprimentos médicos.⁹² No entanto, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, 80% de todos os problemas de saúde são oriundos de fornecimentos de

⁹¹ Faixa árida à beira do deserto do Saara. (N. do E.)

⁹² Pex., depois da morte de Albert Schweitzer, seus amigos e patrocinadores lançaram uma campanha para a construção de um hospital simples, concebido como um vilarejo, da maneira que Schweitzer gostaria. A coleta de fundos fracassou de forma desesperadora, até que uma agência profissional convenceu o comitê a construir em seu lugar um enorme hospital, de estilo ocidental, que disporia de todas as tecnologias de ponta. Somente assim os doadores reagiram, e os recursos começaram a entrar.

água poluída. Os esgotos parisienses têm mais impacto na saúde daquela cidade do que cem hospitais. Mas programas de desenvolvimento de saneamento e higiene simplesmente não possuem a mesma força de atração das abordagens mais exuberantes da saúde.

Logicamente, a dor crônica ocorre muito mais perto de casa do que na Somália ou em Sahel. Em períodos de dificuldade econômica, os Estados Unidos e a Europa também ouvem os clamores melancólicos dos povos que não podem suprir suas necessidades básicas. Esse som também se transformou num burburinho maçante, mais fácil de ser desligado do que atendido. No início da década de oitenta, quando o impacto dos cortes orçamentários nos programas sociais começou a afetar os indivíduos das grandes cidades, as igrejas tiveram de lidar com uma enorme carência humanitária. Os pobres começaram a procurar ajuda nas igrejas, e não nos órgãos governamentais.

Em 1982, o prefeito da cidade de Nova York, alarmado com o aumento repentino de pessoas desabrigadas que vagavam pelas ruas, fez uma proposta radical aos líderes de igrejas. Ele disse que existiam 36 mil pessoas vagando pelas ruas nova-iorquinas sem abrigo; se cada uma das 3 500 igrejas e sinagogas da cidade pudesse receber dez deles, o problema dos desabrigados estaria resolvido. O prefeito expôs a todos uma dor crônica que desde muito tempo afligia uma cidade grande.

As igrejas reagiram defensivamente. Um líder protestante pareceu ofendido por ter lido a proposta pela primeira vez nos jornais. "É uma situação bastante complexa, e a solução será complexa", disse outro. "Existem demasiados problemas de implementação." A maioria pediu um prazo para avaliar a proposta. Eles reclamavam que suas casas de adoração eram mal-equipadas para abrigar aqueles que não tinham lar. Somente sete congregações responderam afirmativamente.

Embora a proposta do prefeito tivesse uma magnitude complexa, esse apelo simples à caridade está inteiramente de acordo com a mensagem dos profetas do Antigo Testamento, de Jesus e dos apóstolos. Isaías disse: "[partilhem] sua comida com o faminto, [abriguem] o pobre desamparado". E Jesus exortou os discípulos: "Dê a todo aquele que lhe pedir". Na igreja primitiva, os membros habitualmente traziam vegetais, frutas, leite e mel para distribuir às viúvas, aos prisioneiros e aos enfermos.

Eu de forma nenhuma quis sugerir que a dor crônica fosse arrefecer gradualmente. Ninguém que tenha trabalhado em um país como a Índia poderia simplesmente chegar a essa conclusão. Penso em uma mulher solitária, abandonada pelo marido, deixada sozinha para criar os filhos com recursos insuficientes; penso nos cristãos sob perseguição em alguns países comunistas ou muçulmanos; e penso nos enormes problemas de saúde nos países pobres e em desenvolvimento. Nem os governos, nem a igreja aliviarão todo esse sofrimento. As medidas mais importantes são a atitude e a energia com que enfrentamos essas dores. Será que logo ficaremos entorpecidos e insensíveis? Será que reagimos com entusiasmos impetuosos no apoio a uma causa, que depois arrefece se os resultados substanciais não forem evidentes?

Conservo uma clara lembrança de minha infância, da caridade mensal de minha tia Eunice. Ela mantinha um pequeno livro da Sociedade de Amigos dos Peregrinos Idosos e visitava mensalmente as mulheres daquela lista, sem falhar. Eu com frequência a acompanhava quando ela levava dinheiro, ou alimentos, ou roupas, ou pacotes de Natal, para aquelas senhoras idosas. De sua forma tranqüila e pouco fascinante, a tia Eunice me ensinou a transformar a dor crônica e impessoal em uma experiência pessoal de compartilhamento. Ela insistia em visitar as mulheres, recusando-se a enviar-lhes os pacotes pelo correio; e ela prosseguiu fielmente com esse ministério simples durante anos.

As pessoas com dor crônica, como os tetraplégicos, ou os pais de crianças com problemas mentais descrevem um padrão comum: os amigos e os membros da igreja reagem inicialmente com simpatia e compaixão, mas com o tempo perdem o interesse. A maioria das pessoas vê nisso uma provação que não tem sinal de chegar ao fim, e elas podem até mesmo chegar a se ressentir da pessoa que está sofrendo. Um embotamento similar da sensibilidade pode ocorrer em relação a problemas em escala nacional ou global.

A saúde de um corpo pode ser medida em grande parte por sua reação instintiva à dor crônica e irritante. O gerenciamento da dor requer um equilíbrio delicado entre a sensibilidade adequada, para determinar sua causa e mobilizar uma reação, e a força interior, que deve ser suficiente para impedir que a dor domine a pessoa por inteiro. Para o corpo de Cristo, todo esse equilíbrio é tão delicado quanto fundamental.

23 Dor de Deus

"Agora compreendo tudo", exclamou, "tudo quanto existe! Por que razão tudo na terra se combate mutuamente? Por que razão

*não há neste mundo ser algum, por pequeno que seja, que não
tenha de lutar contra o próprio mundo? Por que uma mosca, uma
borboleta, tem de lutar contra todo o universo?*
*Pela mesma razão por que tive de estar só no horrível concílio dos dias, a fim
de que tudo quanto obedece à lei possa conhecer a glória e o isolamento do anarquista;*
*[...] a fim de que a verdadeira mentira
de Satanás possa ser lançada ao rosto deste blasfemador,
a fim de que, mediante lágrimas e torturas, mereçamos o direito
de dizer a este homem: 'Mentes!'. Não há agonias grandes
demais quando se adquire o direito de dizer a este acusador:*
'Nós também sofremos!...'"
*Virará a cabeça e viu, subitamente, o enorme rosto de
Domingo, que sorria estranhamente.*
"E vós" — gritou com horror — "vós já haveis sofrido?"
*Enquanto fitava, o enorme rosto tornou-se descomunal,
maior ainda que a colossal máscara de Mênnon, que, em
criança, o fazia gritar. Tomou-se cada vez maior, encheu o
firmamento, depois tudo escureceu. Mas, vinda da escuridão,
antes que esta lhe destruísse por completo o cérebro, pareceu-lhe
ouvir uma voz distante, murmurando um lugar comum,
que eleja ouvira em algum lugar: "Sereis capaz de beber
da mesma taça de que eu bebi?"*

G. K. CHESTERTON,
THE MAN WHO WAS THURSDAY
[O HOMEM QUE ERA QUINTA-FEIRA]

COM A IDADE DE QUINZE ANOS, um garoto judeu chamado Elie Wiesel⁹³ suportou horrores indizíveis aprisionado nos campos de concentração de Huna e Auschwitz. Mas há um incidente que ele jamais esquecerá: não um caso de assassinato em massa ou tortura, mas o castigo aplicado em uma única criança. A vítima, com talvez doze anos de idade, tinha sido apanhada enquanto ajudava um holandês a esconder armas dentro do campo. Ele foi condenado à morte.

O garoto tinha um rosto puro e belo, por demais diferente dos rostos esqueléticos e deformados da maioria dos prisioneiros — o rosto, dizia Wiesel, de um anjo entristecido. Executar publicamente uma criança assim, diante de milhares de prisioneiros, não era tarefa fácil, nem mesmo para a SS.⁹⁴ Os prisioneiros que ajudavam os guardas se recusaram a participar daquela vez, de maneira que a SS teve de agir sozinha. Eles construíram três forcas, uma para a criança, e mais duas para outros prisioneiros que estavam condenados.

As três vítimas subiram em cadeiras e a SS colocou a corda no pescoço deles. "Viva a liberdade!", gritaram os dois adultos. A criança não dizia nada.

Mas das filas de espectadores angustiados veio um grito: "Onde está Deus? Onde ele está?"

As cadeiras foram derrubadas. Os corpos sacudiram e ficaram balançando frouxamente nas cordas. Os guardas ordenaram que todos os prisioneiros passassem marchando em frente das três vítimas. Era uma visão terrível. Os dois adultos estavam mortos; a língua já estava para fora, inchada e azulada. Mas a terceira corda ainda balançava levemente. A criança, sendo tão leve, ainda estava viva.

O garoto deve ter levado cerca de meia hora para morrer. Os prisioneiros tiveram de passar por ali, olhando-o no rosto enquanto sua vida se esvaía.

"Atrás de mim", disse Wiesel, "ouvi o mesmo homem perguntar: 'Onde Deus está agora?'."

"E dentro de mim, ouvi uma voz respondendo: Onde ele está? Ele está aqui — está balançando nessas forcas..."

"Naquela noite a sopa teve o gosto de cadáveres."⁹⁵

Aquela pergunta, "Onde está Deus?", assombrou Wiesel e milhares de outros sobreviventes que pediram ajuda em seus infernos humanos e não ouviram nenhuma resposta. A intenção de Wiesel era que sua conclusão fosse compreendida em seu significado mais ateu e verdadeiro: o silêncio de Deus comprovava que ele estava em uma forca, morto, indefeso, impassível, não-responsável. Outros usariam as mesmas

⁹³ Escritor americano de origem húngara. Exilado em Auschwitz aos quinze anos, situou toda a sua obra sob as marcas de sua experiência com o sofrimento e o rancor e o estudo da condição judaica. (N. do E.)

⁹⁴ Guarda especial. Designação de uma das organizações paramilitares da Alemanha nazista de Hitler. Outras: a SA (guarda do Exército) e a Gestapo (polícia política). (N. do E.)

⁹⁵ Elie WIESEL, *Night*, New York: Discus/Avon Books, 1969, p.75-6.

palavras, mas com um significado diferente: Deus linha sofrido ao lado daquela criança, como ele se aflige e sofre com cada dor de seus filhos sobre a terra. Mas, se ele estava lá, balançando na forca, assistindo aos milhares — isto é, milhões — de inocentes marcharem para os fornos, por que não interveio? E por que eles não sentiram a presença de Deus? Ele nunca pareceu tão distante.

EM UMA CARREIRA MÉDICA QUE se estende por quatro décadas, nunca parei de pensar na dor. Ao estudar fisiologia, contemplo a beleza da dor e sua concepção brilhante e observo os efeitos da ausência dela em meus pacientes com lepra. Tenho contemplado sua crueldade ao assistir pacientes morrendo em agonia e tenho dado atenção às famílias traumatizadas pela mutilação causada por um ferimento. Em minhas reflexões teológicas, não importa por onde eu comece, minha mente sempre retorna a esse tópico enigmático da dor.

Por esse motivo, não posso encerrar uma seção sobre a dor e um livro sobre o corpo de Cristo sem abordar a questão da consideração de Deus pelo sofrimento humano.

Se a mensagem da dor é direcional, sendo um chamado para que nos relacionemos em misericórdia com aqueles que sofrem, como a cabeça do corpo se relaciona com esse sofrimento? Como ele "se sente" a respeito dos desempregados, ou divorciados, ou violentados, ou alcoólatras, ou homossexuais, e a respeito dos necessitados na América Central, na África e em outras regiões? O escopo deste livro não me permite questionar "o porquê" das causas. Mas devemos pelo menos avaliar a forma em que Deus vê o sofrimento de suas criaturas. Será que isso o afeta?

Um tema comum tem aflorado ao longo de todo este livro: de que Deus se submeteu a uma série de auto-humilhações — na criação, nas alianças, nas monarquias fracassadas, no exílio, na encarnação, na crucificação e, por fim, como a cabeça de uma igreja demasiadamente humana. E venho dizendo que no papel da cabeça ele pode verdadeiramente, e não de forma análoga ou figurada, sentir nossa dor. todavia, apesar de ter feito essa afirmação, não tenho como ignorar certas questões importantes sobre a natureza de um Deus infinito. Talvez elas estivessem em sua mente, espreitando-o de maneira incômoda enquanto você lia sobre as autolimitações de Deus. Deus não é eterno e imutável? Ele pode ser magoado? Será que de alguma forma solidária ele estava com aquela criança naquela forca em Buna? Essas são questões válidas e inevitáveis.

Documentos tão cautelosos como a *Confissão de fé de Westminster* e da Comunhão Anglicana declaram que Deus "não tem corpo, partes ou paixões". É possível que um Deus que não tem paixões sinta nossa dor? Deve-se admitir que os teólogos ao longo dos séculos têm amplamente concluído que Deus não sente paixões ou sofrimentos. Os primeiros teólogos cristãos se debateram em um ambiente cultural predominantemente grego, o qual sustentava que características como movimento, alteração e sofrimento diferenciam os humanos dos deuses. Deus é *apathos*, ou apático, desprovido de quaisquer emoções perturbadoras.⁹⁶ As passagens bíblicas que descrevem Deus zangado, triste ou alegre são descartadas como antropomórficas ou metafóricas.

Todavia, deparamos aqui com algo curioso: se alguém sem formação em filosofia e teologia simplesmente pegar a Bíblia e começar a ler, irá se defrontar com um quadro surpreendentemente diferente. A Bíblia enfatiza de forma extremamente clara o envolvimento apaixonado de Deus com sua criação. É praticamente um catálogo de suas emoções para com a humanidade. A partir da criação, Deus se posiciona como um pai apreensivo que deixou os filhos andarem sós.

Cada importante acontecimento do Antigo Testamento fala de um Deus que compartilha da dor (ou, com menos frequência, dos sucessos) do seu povo. Ele ouviu o clamor dos cativos no Egito, Durante 38 anos ele montou a sua tenda entre as dos nômades no Sinai, acompanhando os israelitas no castigo de estabelecer seu tabernáculo no meio deles. "Em toda a aflição do seu povo ele também se afligiu", concluiu o profeta Isaías (63.9).

Os profetas parecem competir na descrição da profundidade do apego emocional de Deus com o seu povo. Os livros de Jeremias e Oséias estão repletos dos clamores de um Deus magoado. O Senhor declara: "Não é Efraim o meu filho querido? O filho em quem tenho prazer? Cada vez que eu falo sobre Efraim, mais intensamente me lembro dele. Por isso, com ansiedade o tenho em meu coração; tenho por ele grande compaixão" (Jr 31.20). (Lutero traduz a penúltima frase da seguinte forma: "O meu coração está partido".)

Em Oséias, Deus declara: "O meu coração está enternecido, despertou-se toda a minha compaixão" (11.8). Ele frequentemente pergunta: "Por que me abandonaste?". Ele lamenta: "O meu povo me esqueceu".

⁹⁶ Clemente, por exemplo, exortava o povo a se esforçar por se libertar das paixões, tornando-se semelhante a um Deus indiferente. Ele os orientava a eliminar a coragem, o medo, a jovialidade, a raiva, a inveja e o amor pelas criaturas. Um preconceito semelhante contra a paixão e as emoções perdurou na filosofia e na teologia até a época do romantismo. Spinoza chamava as emoções de "idéias confusas", e Kant recomendava "o dever pelo bem do dever".

Em Isaías, a mais ousada figura de linguagem já utilizada por qualquer profeta compara Deus a uma mulher em trabalho de parto:

Fiquei muito tempo em silêncio, e me contive, calado. Mas agora, como mulher em trabalho de parto, eu grito, gemo e respiro ofegante (42.14)

Obviamente, os acontecimentos despertam em Deus tanto a alegria como a tristeza, o prazer assim como a ira. O Antigo Testamento retrata um Deus que não é "estranho" nem distante, mas envolvido com a criação. Ele vai com o seu povo para o exílio, para o cativo, para a fornalha de fogo ardente, para a sepultura.

Uma frase como "O meu coração está partido" é certamente metafórica — quando aplicada a Deus ou a um ser humano. Mas um escritor se utiliza de metáfora para chegar à verdade, e não o contrário. Abraham Heschel, teólogo judeu, conclui: "As declarações a respeito de emoções não são uma concessão — uma maneira de adaptar conceitos superiores à compreensão humana, que se encontra em nível inferior. Elas são mais exatamente adaptações das palavras a conceitos superiores".

Seria possível que os pais da igreja, preocupados em proteger a Deus de alguma deficiência em seu ser, tivessem deixado escapar uma possibilidade óbvia: a de que Deus tivesse se colocado voluntariamente numa posição em que pudesse ser afetado pela criação? Amar implica generosidade; e Deus, em sua plenitude, só tem a si para doar. Ele seguramente não sofre por uma falha em seu ser, como ocorre com suas criaturas, mas pelo amor que transborda de si. Na verdade, é desta maneira que os evangelhos definem o amor: "Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito".

A linguagem pictórica chinesa combina os dois conceitos, amor e dor, em um expressivo simbolismo. No ideograma que expressa o mais elevado tipo de amor, os símbolos do amor e da dor são pintados na parte de cima um do outro, para formar uma palavra semelhante a "doer-amar". Assim, uma mãe "se aflige com/ama" seu filho. Ela entrega todo o seu ser em benefício da criança. Em essência, Deus demonstrou "se afligir com e amar" a criação, ao se esvaziar e juntar-se a ela na encarnação.

QUALQUER DEBATE CRISTÃO SOBRE o efeito que o sofrimento humano causa em Deus deve se concentrar na encarnação, quando Deus viveu entre nós. Nas descrições do evangelho, Jesus se opôs à enfermidade e ao sofrimento sem exceção. No início de seu ministério, ele anunciou que a cura de doenças era um de seus principais objetivos (v. Lc 4.18) e se valeu disso como prova de sua identidade messiânica, quando foi questionado por João Batista (v. Lc 7.22). Os evangelhos não registram nenhum exemplo de Jesus recusando-se a curar quando solicitado, ou aconselhando a um enfermo: "Alegre-se na sua doença!" ou "Tão-somente suporte a dor da morte de seu filho". Quando o amigo Lázaro faleceu, Jesus chorou. Deus, revelado em Cristo, não tem nenhum prazer no sofrimento de seus filhos; em vez disso, ele lamenta.

Quando Jesus enfrentou o sofrimento, não demonstrou estar resignado com o martírio. No Getsêmani, aceitou a dor quase como um último recurso. Por três vezes orou: "Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice". E na cruz, não suportou a dor em silêncio, mas com um clamor desamparado de abandono: "Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?". A própria salvação da cruz foi um milagre que ele se recusou a realizar.

"O que posso dizer que já não tenha sido dito [...] falado diversas vezes e repassado continuamente? [...] O que esses lugares lhe podem acrescentar, se você não pode ver com os olhos de sua mente [...] o terrível dia da morte na cruz, dentro dos muros de Jerusalém?" Partilho dos mesmos sentimentos de Nikolai Gogol,⁹⁷ sempre que tento falar da cruz. O que mais poderia ser dito? Ainda assim, não tenho como discorrer sobre a dor de Deus, sem me deter diante desse momento tão comovente; foi ali que Deus tomou para si os gemidos e as dores de parto de toda a criação.

Afinal, o que há de tão especial naquela morte em Jerusalém? Por que aquele dia é chamado de "o dia que abalou o mundo" e o "maior acontecimento da história"? Como ele transformou a cruz, de um sim bolo de maldição, em um símbolo de adoração religiosa?⁹⁸ A questão do sofrimento físico de Jesus não foi relevante para a importância daquele dia; não foi tão diferente do sofrimento de Estêvão, Pedro ou mesmo Sócrates.⁹⁹

⁹⁷ Escritor russo (1809-1852), introduziu o realismo em seu país. Entre suas obras, destacam-se *O inspetor geral* e *O diário de um louco*. (N. do E.)

⁹⁸ Charles Williams escreveu: "Quando Paulo pregou em Atenas, o mundo eslava abarrotado de cruzeiras. Elas se espalhavam pelas periferias das cidades, e em todas havia homens que morriam lentamente. Quando Agostinho pregou em Cartago, o mundo também estava abarrotado de cruzeiras, mas já então se espalhavam pelo centro das cidades; freqüentemente em procissões ou sobre altares, decoradas, cobertas de jóias e tendo em si a imagem da identidade do homem que morria. Mesmo o Coliseu, o imponente lugar onde ocorreram tantos espetáculos sangrentos, foi finalmente coroado com uma cruz e com uma única palavra: *Benedictus*".

⁹⁹ Filósofo grego (469 a.C.-399 a.C.) que, por opção, nunca escreveu seus pensamentos. O método de investigação filosófica empregado por Sócrates é a dialética — por meio do diálogo, dois ou mais interlocutores buscam esgotar um tema, aproximando-se ao máximo de sua essência. (N. do E.)

Nem foi relevante o fato de se tratar de uma punição injusta, aplicada a uma pessoa inocente de um crime; Sócrates também era inocente, assim como Soljenitsyn e os judeus descritos por Elie Wiesel. Nem mesmo a forma da execução foi tão portentosa; O *livro dos mártires de Fox*, por exemplo, retrata torturas muito mais terríveis que a crucificação.

Como é possível que um homem obscuro, executado como qualquer outro em um distante ponto do império e praticamente ignorado pelos historiadores seculares de seu tempo, reivindique o centro da história e influencie tudo o que ocorreu antes e depois de sua vida? Zombadores chamam isso de "o escândalo da particularidade", e a questão se agiganta diante de nossa fé. A resposta seria logicamente absurda, se não fosse a aceitação de uma crença — de que o homem executado era o próprio Deus, incógnito na história. A cruz expressa o sofrimento do próprio Deus. Ele se juntou à humanidade entrando na história e permitindo que o vissemos humilhado, despido e sofrendo.

Nesse ponto, a doutrina da Trindade se torna tão assombrosa que as outras religiões não conseguem acompanhá-la. Será que o Deus todo-poderoso simplesmente permitiu que seu Filho sofresse por nós, ou foi ele que sofreu, em Cristo, para nosso benefício? Os muçulmanos acreditam que Deus, incapaz de permitir que prosseguisse a execução de seu profeta, Jesus, acabou substituindo-o por outra vítima no último instante. Um argumento judeu, contrário à condição de Filho atribuída a Cristo, diz aproximadamente isto: "Se Deus não pôde suportar ver o filho de Abraão ser assassinado, ele certamente não permitiria que seu filho morresse". Será possível ignorar mais a verdade do evangelho além disso? Na fé cristã, Deus abriu mão de seu Filho Jesus exatamente porque não podia, em virtude de seu amor, ver aqueles como Isaí que sofreriam. "Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não nos dará juntamente com ele, e de graça, todas as coisas?" (Rm 8.32).

E ainda hoje, não compreendemos completamente. A personalidade da TV americana Phil Donahue, ao explicar por que se desiluiu com o cristianismo, perguntou: "Como é possível que um Deus que tudo sabe e que é amor tenha permitido que o seu filho fosse assassinado numa cruz pelos meus pecados? Se Deus é realmente 'amor', por que ele mesmo não desceu e foi ao Calvário?". Logicamente, a resposta é que, de alguma forma que não compreendemos, foi o próprio Deus que veio à terra e morreu. "Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo" (2Co 5.19).

Quando contemplo a dor de Deus no sofrimento de Cristo no Calvário, não posso evitar de voltar a uma passagem de Isaías, o mais expressivo dos profetas. Ele capta a dor de Deus na descrição do Servo Sofredor em Isaías 53, a passagem que os autores do Novo Testamento associam a Cristo.¹⁰⁰

Foi desprezado e rejeitado pelos homens, um homem de dores e experimentado no sofrimento.

Como alguém de quem os homens escondem o rosto, foi desprezado, e nós não o tínhamos em estima.

Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças; contudo nós o consideramos castigado por Deus, por Deus atingido e afligido.

Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados.

Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho; e o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós.

Ele foi oprimido e afligido; e, contudo, não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado para o matadouro, e como uma ovelha que diante de seus tosquiadores fica calada, ele não abriu a sua boca.

Com julgamento opressivo ele foi levado. E quem pode falar dos seus descendentes? Pois ele foi eliminado da terra dos vivos; por causa da transgressão do meu povo ele foi golpeado.

Foi-lhe dado um túmulo com os ímpios, e com os ricos em sua morte, embora não tivesse cometido nenhuma violência nem houvesse nenhuma mentira em sua boca (v. 3 -9).

A ENCARNAÇÃO TORNOU POSSÍVEL outro aspecto da dor de Deus; um aspecto que influencia diretamente a nossa analogia com o corpo humano. Fico pensando em minhas inúteis tentativas de desenvolver um sistema de dor artificial. Todos os meus pacientes compreendiam a dor intelectualmente,

¹⁰⁰ Os intérpretes judeus freqüentemente aplicam a simbologia do Servo Sofredor a si mesmos, como um povo. Seria esse o motivo, pergunta o teólogo japonês Kazoh Kitamori, pelo qual os judeus atraem tão poucos prosélitos pelo mundo? Nenhuma raça sofreu mais do que os judeus. Mas a dor humana, não importa sua intensidade, é infrutífera e inexpressiva, a menos que se tome um símbolo da dor de Deus partilhada ali — a menos que Deus realmente estivesse presente naquela força com aquele garoto, em Buna.

reconheciam o seu valor como um sinal de alerta e detestavam os machucados e feridas em seus pés e mãos insensíveis. Entretanto, enquanto eles não tivessem "sentido" a dor por si, dentro de seus cérebros, eles não teriam sofrido.

Parece impróprio pensar em uma "consciência em desenvolvimento" quando nos referimos a Deus, mas algo semelhante a um progresso se desenrolou, como podemos deduzir a partir da misteriosa frase de Hebreus 2.10: "tornasse perfeito, mediante o sofrimento". Imaginar a dor é uma coisa — Deus, sendo o Criador, certamente compreendeu suas limitações e valores fisiológicos. Entristecer-se por causa da dor, sentir juntamente com o seu povo, sofrer com a humanidade, tudo isso também liga Deus ao homem. No entanto, ainda faltava alguma coisa.

Enquanto Deus não tomasse sobre si o suave tecido da carne, juntamente com suas células nervosas, tão precisas e sujeitas a maus-tratos como as nossas, ele não havia realmente experimentado a dor. Ao enviar o seu Filho para a terra, Deus aprendeu a sentir a dor da mesma forma que nós a sentimos. Nossas orações e gemidos de sofrimento passaram a ser extremamente importantes, porque agora sabemos que elas são compreendidas por ele. Instintivamente, não queremos um Deus que apenas conheça a dor, mas que seja afetado por nossa dor e dela partilhe. Ao olharmos para Jesus, nós nos damos conta de que temos um Deus assim. Ele tomou sobre si as limitações de tempo, espaço, família, dor e tristeza.

Cristo agora subiu aos céus e em seu novo papel de cabeça ele recebe mensagens de dor provenientes de todo o corpo. Meu cérebro não sente algo infligir dor às suas células — protegido dentro do crânio, ele não necessita de células de alerta. Todavia, ele sente desesperadamente a dor das outras células do corpo. Nesse aspecto, Jesus agora se colocou como a parte que recebe a nossa dor, efetivamente consciente da dor que suportamos.¹⁰¹

No entanto, Cristo não se contentou em conhecer e partilhar o que experimentamos. Tenho-me concentrado na cruz, mas na ressurreição que se seguiu ele transformou a natureza da dor. Ele derrotou os poderes deste mundo quando primeiro permitiu que o pecado desse o pior de si, então transformou-o no que havia de melhor. O mais absurdo de todos os atos, a sua morte inocente, tornou-se o mais significativo.

O apóstolo Paulo explorou essa mudança no fim de Romanos 8. Ele diz que ninguém pode nos condenar por causa de Cristo Jesus que morreu, ressuscitou e agora está presente com o Pai. Agora, nada pode nos separar do amor de Cristo; nem as dores das tribulações, angústias, perseguições, fome, nudez, perigo ou espada. Não. Paulo conclui dizendo que somos mais do que vencedores por meio de Cristo, que nos amou. E então ele apresenta esta conclusão:

Pois estou convencido de que nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro [tempo], nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade [espaço], nem qualquer outra coisa na criação será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor (v. 38,39).

Então, essa é a conclusão acerca da dor. Deus tomou sobre si a grande dor da morte de seu Filho e a utilizou para absorver em si todas as dores menores de nossa limitada vida terrena. Toda dor sem sentido é absorvida.

O próprio Jesus mandou seus discípulos "pegarem uma cruz" e segui-lo, e "beberem do cálice" que ele bebia. Paulo foi ainda mais longe, aludindo a uma "participação em seus sofrimentos" e a um processo de completar em seu corpo "o que resta das aflições de Cristo" (Fp 3.10; Cl 1.24). Ele raramente perdia a oportunidade de utilizar termos como: "crucificação com Cristo", "união com a sua morte" e "partilhar de seus sofrimentos". Em uma passagem ele disse explicitamente: "Trazemos sempre em nosso corpo o morrer de Jesus, para que a vida de Jesus também seja revelada em nosso corpo" (2Co 4.10). Todos esses fragmentos de mistério me falam do milagre que ocorreu. Deus absorve a nossa própria dor, de modo que o que suportamos se torna uma parte do que ele sofreu e se tornará uma parte do que é ressurrecto triunfantemente e transformado em algo bom. Seguindo um raciocínio similar, o apóstolo Pedro conclui alegremente: "[São] coisas que até os anjos anseiam observar" (Ipe 1.12).

Em duas passagens profundamente sugestivas, Cristo se identifica com as pessoas que sofrem de forma tão completa, que ele assume o lugar e suporta a dor dessas pessoas. Mateus 25.35-40 mostra Jesus aceitando a caridade feita ao faminto, ao sedento, ao enfermo, ao que não possui roupas, ao errante e aos prisioneiros, como se fosse feita a ele. Em Atos 9.4, durante a ofusca manifestação divina no caminho de

¹⁰¹ Teria sido muito mais fácil e agradável para Deus ter simplesmente abolido toda a dor, em vez de partilhá-la. A dor não existe como prova da falta de preocupação de Deus, mas porque ocupa um lugar na criação, importante a ponto de não poder ser removida sem grande prejuízo. Evidentemente vejo todos os dias os efeitos desse prejuízo em meus pacientes de lepra. Por esse motivo, se eu tivesse em minhas mãos a capacidade de eliminar toda dor humana, não exerceria esse direito. O valor da dor é imenso. Em vez disso, emprego todas as minhas energias para ajudar quando a dor se transforma em sofrimento.

Damasco, Jesus pergunta: "Saulo, Saulo, por que você me persegue?". Os chicotes e pedras usados contra os cristãos perseguidos tinham atingido o próprio Jesus. Nesses casos, parece no mínimo inadequado perguntar: "Por que Deus permitiu o seu sofrimento?". Seria mais adequado perguntar: "Por que Deus se permitiu sofrer?". A sua empatia com a nossa dor chega a esse ponto.

Elie Wiesel estava correto: de certa forma, Deus foi pendurado naquela forca com o corpo do garoto que se debatia levemente. Ele é martirizado em nossas forças particulares e em nossas dores pessoais. Ele tem estado pessoalmente aqui, cumprindo uma sentença por um crime que não cometeu; ele ainda está aqui, recebendo cada sensação e tornando-a sua.

A PARTE DA ANATOMIA HUMANA na qual me especializei é a maravilhosa criação chamada mão. No meu conceito, nada em toda a natureza rivaliza com a mão, em sua combinação de força e agilidade, tolerância e sensibilidade. Nossas maiores realizações — arte, música, escrita, cura, toque — são realizadas pelas mãos. Logo, é natural que, ao pensar na encarnação e na dor de Deus, eu visualize as mãos de Jesus Cristo.

Tenho dificuldades de imaginar Deus tomando a forma de um bebê, mas ele um dia teve as minúsculas e trêmulas mãos de um recém-nascido. Teve suas unhas em miniatura, pequenas rugas nas articulações e uma pele macia que jamais tinha conhecido a abrasão ou a aspereza. "As mãos que fizeram o Sol e as estrelas", disse Chesterton, "eram muito pequenas para alcançar as grandes cabeças do gado". E muito pequenas para trocar as próprias roupas ou levar comida à boca. Deus também experimentou a fragilidade da infância.

Uma vez que já trabalhei como carpinteiro, posso facilmente imaginar as mãos do jovem Jesus quando ele aprendeu a trabalhar na oficina de seu pai. Suas mãos devem ter desenvolvido calosidades, com umas áreas mais ásperas e outras mais macias. Lenho certeza de que ele era grato à dor. (A carpintaria é uma profissão perigosa para meus pacientes de lepra, que não possuem o alerta da dor que lhes permitiria usar ferramentas com pontas afiadas e empunhaduras ásperas.)

E então lá estavam as mãos de Cristo, o médico. A Bíblia nos diz que elas emanavam poder quando ele curava as pessoas. Ele escolheu não realizar milagres *em massa*, mas individualmente, tocando cada pessoa que curava. Ele tocou olhos que desde muito tinham secado, e eles de repente passavam a captar luz e cor. Ele tocou uma mulher com hemorragia, ciente de que pela lei judaica ela o tornaria impuro. Ele tocou pessoas com lepra — pessoas que ninguém mais tocava naquela época. Ao fazê-lo, as pessoas podiam sentir o poder divino vindo sobre si. Com uma atuação íntima e pessoal, suas mãos iam consertando o que tinha sido corrompido em sua amada criação.

A mais importante cena da vida de Jesus também envolveu as suas mãos. Essas mãos que tinham feito tanto bem foram tomadas, uma de cada vez, e perfuradas com um cravo grosso. A minha mente se nega a visualizar isso.

Passei toda a minha vida fazendo incisões em mãos, delicadamente, com lâminas de bisturi que cortavam uma camada de tecido por vez. Dessa forma eu expunha o maravilhoso complexo de nervos, vasos sanguíneos, ossos minúsculos, tendões e músculos. Tenho me envolvido em verdadeiras caçadas ao tesouro, dentro de mãos abertas. Procuro por tendões saudáveis que possam ser reatados, a fim de libertar dedos que estiveram inúteis por vinte anos. Sei o que uma crucificação pode fazer com uma mão humana.

Os executores daquela época enfiavam os cravos nos pulsos, diretamente através do canal cárpico, que abriga os tendões que controlam os dedos e o nervo mediano. É impossível forçar um cravo ali sem paralisar a mão na forma de uma garra. Jesus não dispunha de anestésico. Ele permitiu que suas mãos fossem deformadas, aleijadas e destruídas.

Em seguida, o seu peso foi suportado por elas, rasgando mais tecidos, aumentando a hemorragia. Não pode haver cena mais indefesa do que a de Deus paralisado em uma trave. "Cure a si mesmo", zombava a multidão. Ele tinha salvado outras pessoas — por que não a si mesmo? Os discípulos, que esperavam que ele fosse o Messias, encolheram-se de medo e se dispersaram. Seguramente tinham estado equivocados — aquela figura não podia ser Deus.

Finalmente, em um último estertor de humanidade, Jesus disse simplesmente: "Pai, em tuas mãos eu entrego o meu espírito". A humilhação da encarnação se consumara. A sentença fora cumprida.

Mas esse não é o último vislumbre que temos das mãos de Deus nos registros bíblicos. Ele aparece novamente, em um recinto fechado, onde Tomé ainda duvida daquela história improvável, que ele pensava ter sido tramada por seus companheiros. As pessoas não ressurgem dos mortos, ele escarnece. Deve ter sido um fantasma, ou então uma ilusão. Naquele momento, Jesus levantou as mãos inconfundíveis; as mesmas que os discípulos tinham visto realizar milagres. As feridas comprovavam a quem elas pertenciam, aquele que tinha morrido na cruz. O corpo estava mudado — podia passar por paredes e portas fechadas para se

juntar a eles. Mas as feridas permaneciam. Jesus convidou Tomé para tocá-las com os dedos.

Tomé respondeu simplesmente: "Meu Senhor e meu Deus!". Essa foi a primeira vez, segundo o que sabemos, que um dos discípulos de Jesus o chamou diretamente de Deus. Significativamente, a afirmação vem em resposta às feridas de Jesus.

Por que Cristo manteve suas feridas? Ele podia ter tido um corpo perfeito, ou então nenhum corpo, ao retornar aos céus. Em vez disso, ele carregava consigo as lembranças de sua passagem pela terra. Como um lembrete do tempo que passou aqui, ele escolheu suas feridas. É por isso que digo que Deus compreende nossa dor e até mesmo a absorve — porque ele manteve aquelas feridas como uma representação eterna da humanidade ferida. Ele esteve aqui; ele suportou a sentença. A dor do homem se tornou a dor de Deus.